

ابن مروان

IBN MARUÂN

Revista Cultural do Concelho de Marvão

ابن مروان IBN MARUÂN

Revista Cultural do Concelho de Marvão

*Câmara Municipal de Marvão
Edições Colibri
Dezembro de 1996*

Ibn Maruân nº 6 - 1996

Director: Jorge Oliveira
Presidente do Conselho de Redacção: José Luís
Murta Ruivo (Vereador da Cultura)
Conselho de Redacção:
António Moura Andrade
Carlos A. L. Abafa
Carmen Balesteros
Eliseu Dias da Silva
Emília Silva
Felicidade Tavares
Hernani Sarnadas
João Vidal
Jorge Oliveira
José Caldeira Martins
Manuela Andrade
Edição e Propriedade: Câmara Municipal de
Marvão - 7330 Marvão
Capa, Projecto Gráfico e Edição Electrónica:
Carlos A L Abafa

Impressão: Colibri, Artes Gráficas
Tiragem: 1300 exemplares
Depósito Legal nº 73235/93
ISSN 0872-1017

Colaboraram neste número: António Moura
Andrade, António Bilou, António Gonçalves,
Amélia Alexandre, Carlos A. L. Abafa, Carlos
Marques, Carmen Balesteros, Emília Machado,
Fernanda B Correia, Filomena Mimoso, Isabel
Cristina Fernandes, João Liberata Machado,
Jorge de Oliveira, José Olivio Caeiro, Manuel
Inácio Pestana, Maria Olívia Diniz Sampaio,
Mena Teles, Miguel Turnino, Ruy Ventura,
Sandra Abafa, Sérgio Gorjão, Simone
Saveressig, Vasco da Câmara Pestana, Xana,
Antonio Trinidad e alunos do Instituto de
Enseñanza Secundaria de Valência de
Alcantara, Rosa Maria Nabais Morgado e os
alunos da Escola Básica Integrada de Santo
das Areias.

- 9 *editorial*
11 *nota de abertura*

temas

- 15 CIDADE DA AMMAIA — MARVÃO
 Jorge de Oliveira; Isabel Cristina Fernandes, José Olivio e outros
23 ALGUMAS LENDAS DA SERRA DE S. MAMEDE
 Ruy Ventura
43 INVENTÁRIO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PARQUE NATURAL
 DA SERRA S. MAMEDE
 Jorge de Oliveira; Carmen Balesteros;
63 ELEMENTOS PARA O INVENTÁRIO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE MARVÃO
 Jorge de Oliveira
75 TESTAMENTOS DO CONCELHO DE MARVÃO EXISTENTES NO ARQUIVO
 DISTRITAL DE PORTALEGRE (SÉC.S. XVII-XIX)
 Manuel Inácio Pestana
109 O CONTRABANDO NA ZONA DE VALÊNCIA DE ALCANTARA
 Vários autores

vária

- 139 MARCAS DE SIMBOLOGIA RELIGIOSA JUDAICA E CRISTÃ — *Para um*
 levantamento prévio em povoações da raia portuguesa e espanhola (I)
 Carmen Balesteros
153 NÚCLEO DOCUMENTAL DO MUSEU DA AMIEIRA DO TEJO (NISA)
 Sérgio Gorjão e João Liberata Machado

gente nossa

- 163 MEMÓRIAS DE CONTRABANDO — *Testemuhos de João Gonçalves da Mata*
 Carlos Marques

tempo de escrita e grafismos

179 AS LINHAS NA PELE DO VIAJANTE

Simone Saverssig

187 POEMAS

António Manuel Vaz Gonçalves

205 INSÓNIA

Pedro Cuadrado

206 LISBOA, LISBOA

Pedro Cuadrado

207 A MARVÃO

Joaquim Casa Nova

209 POESIA POPULAR

Recolha de José Garraio Afonso

215 SEVER (Grafismos)

Vários

memórias

241 AIROPLANO FARMAN

Jorge de Oliveira

247 ÍNDICE CRÍTICO DOS TEMAS INCLUÍDOS NA REVISTA IBN MARUÁN DE
1991 A 1995

Carlos Marques

*Os artigos assinados são da inteira
responsabilidade dos seus autores.*

*A Direcção da Revista não se compromete
com a publicação dos artigos não solicitados.*

*Solicita-se permuta. On prie
l'échange.*

*Exchange wanted. Tauschverkehr
erwünscht.*

NOBRE E REAL VILA DE MARVÃO

Pela tua deslumbrante beleza
parece que uma "fada"
tocou aí com a sua
"varinha de condão"
e te transformou
na rara fortaleza
e Vila de Marvão!...

Ao vaguear pelas
tuas ruas branquinhas
deparei no Largo do Calvário
com a extraordinária
Capela do Calvário!...

E no Largo de Camões
admirei e bem uma porta antiga
e bem artística
e ao centro uma grande árvore,
que nos dias de calor
serve para nos sentarmos
à sua roda e refrescarmos!...

Na Praça do Pelourinho
lá está o pelourinho bem,
bem artístico de granito.
Tanto sangue, dores...
que aqui houve
em tempos d'outrora.

Nesses tempos afligia
e bem olhar p'ra lá,
pois aí era o local
de castigo dos criminosos.

O encanto sonhador
do Crepúsculo a bater
na fortaleza, Igrejas, Arcos...
de ti Nobre e Leal Vila de Marvão!...

Maria OLÍVIA DINIZ SAMPAIO

A exemplo do que tem vindo a acontecer desde o ano de 1991, procedendo anualmente à publicação de um exemplar da IBN MARUÁN — Revista Cultural do Concelho de Marvão, é com enorme prazer que anunciamos a publicação de mais um número da nossa revista prosseguindo, deste modo, os objectivos que pretendíamos alcançar quando nos propusemos dar continuidade a esta iniciativa com regularidade que, em nossa modesta opinião, ela merece.

Em reunião da Câmara Municipal de Marvão, levada a efeito em 6 de Novembro de 1996, foi deliberado por unanimidade, nomear novo Director desta revista o Professor Doutor Jorge Manuel Pestana Forte de Oliveira considerando que desde o início tem sido este professor a suportar a maior responsabilidade em quase tudo o que concerne à sua organização.

Apelamos mais uma vez a todas as pessoas que colaborem connosco, para que seja possível dar continuidade a esta obra, que consideramos de fundamental importância para a cultura do nosso Concelho agradecendo, igualmente, a todos os colaboradores o apoio que nos tem sido dispensado ao longo destes anos.

O Presidente da Câmara



(António Moura de Andrade)

Entendeu a Câmara Municipal de Marvão nomear-me, a partir deste número director da Ibn Maruán. Não poderia deixar de aceitar essa responsabilidade.

A esta revista, da responsabilidade da Câmara Municipal, me encontro ligado desde o primeiro momento. Foi em 1990, numa das muitas conversas com o Sr. Presidente da Câmara, Sr. António Andrade e com o Sr. Vereador da Cultura, Sr. José Murta, que nasceu a ideia de se editar uma revista cultural, essencialmente dirigida para e sobre este concelho.

Acordou-se que a direcção desta iniciativa editorial seria da responsabilidade do Presidente da Câmara e que a mim me caberia a tarefa de coordenar os trabalhos conducentes à recolha e organização das matérias a publicar. Cinco números foram publicados, atingindo-se, completamente os objectivos propostos. A aceitação por parte do público parece ter sido total. Perante todos os números esgotados e face aos constantes pedidos de reedição é esta a conclusão. Assim, embora o nome do director possa mudar, a revista deve manter-se com a mesma estrutura e com os mesmos objectivos. Esta parece-me ser a melhor forma de homenagear o trabalho, interesse e dedicação do anterior director. Como cidadão e como homem ligado às coisas da cultura ao ex-director desta revista, o meu Amigo e Presidente António Andrade, faço a minha vénia por ter conseguido provar que um concelho, afastado dos grandes centros e com reduzidos recursos humanos e financeiros consegue, anualmente, editar uma revista cuja qualidade por todos é reconhecida.

Ao assumir a direcção da Ibn Maruán, comprometo-me, naturalmente com a ajuda de todos os nossos tradicionais e novos colaboradores, a manter e, se possível, a melhorar este espaço onde a cultura desta região tem encontrado forma de expressão.

Jorge de Oliveira



CIDADE DE AMMAIA MARVÃO

Jorge de Oliveira; Isabel Cristina Fernandes, José Olívio S.Caeiro e outros

RELATÓRIO DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS EM 1995



CIDADE DE AMMAIA — Lageado. S.Salvador da Aramenha - Marvão

Os vestígios da cidade romana de Ammaia localizam-se na Freguesia de S. Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, distrito de Portalegre. Ainda que sem uma delimitação precisa dos testemunhos arqueológicos eles parecem dispersar-se por uma área superior a vinte hectares, concentrando-se as ruínas mais notáveis na Quinta do Deão e na Tapada da Aramenha.

O edifício da Quinta do Deão possui as seguintes coordenadas U.T.M. obtidas sobre a Carta Militar de Portugal, 1/25000,

Folha nº 346 de 1967: x-3912 y-5931 e implanta-se a uma altitude de 534 metros.

Após a realização do levantamento topográfico de pormenor das duas propriedades, Quinta do Deão e Tapada da Aramenha, procedeu-se à quadriculagem destas propriedades e áreas envolventes com quadrados de 5X5 metros. Esta quadriculagem organizou-se a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respectivamente a Norte-Sul e a Este-Oeste geográficos. Procurou-se que o ponto de intersecção dos dois eixos se localizasse num local central em relação ao posicionamento dos vestígios conhecidos. Este ponto localiza-se a 20



Aspecto da escavação da Praça da Porta do Arco

metros para Sul do podium do provável templo. Para maior facilidade de referência, a partir dos dois eixos criaram-se quatro sectores, A, B, C e D, assim denominados em função da rotação dos ponteiros do relógio tendo como referência o eixo Norte-Sul geográfico. Cada quadrado de 5X5 metros, dentro de cada sector recebeu um número. A partir do levantamento topográfico construímos pilares de alvenaria cujos topos possuem cotas absolutas que funcionam como pontos de suporte dos níveis e teodolitos para estabelecimento das leituras altimétricas. Cada quadrado de 5X5 metros possui um separador em L, com uma largura de 1 metro destinado às leituras estratigráficas. A localização planimétrica dos

materiais é feita por coordenadas geográficas.

Os trabalhos realizados durante o ano de 1995 decorreram ao longo de todo o ano em três zonas distintas.

Na Tapada da Aramenha, sobretudo na segunda quinzena de Abril, procedemos à limpeza de uma estrutura rectangular que se eleva acima do solo numa altura máxima de 2,50 m e parece corresponder ao podium de um templo. Actualmente possui um comprimento de 17,30 metros por 9 de largura. Nestes valores não estão incluídos os relativos à provável escadaria de acesso. Os trabalhos efectuados nesta estrutura resumiram-se à extracção das pedras que



Aspecto da entrada nascente da Cidade

ao longo dos séculos foram sobre ele depositadas durante as fainas agrícolas. Foi possível reconhecer que o provável podium apresenta um aparelho em opus incertum e um enchimento de terra argilosa. Exteriormente o podium teria sido revestido com blocos de granito, provavelmente rusticados, dos quais ainda um se conserva, ainda que desanexado do aparelho. Este revestimento parece ser descontínuo a avaliar pelos negativos ainda bem visíveis em todo o perímetro do edifício. Na parte superior um muro transversal separa, em dois espaços o podium, podendo corresponder, respectivamente, à cella e ao pórtico. Se considerarmos que o acesso se faria pelo lado nascente o espaço da cella é o que se apresenta mais destruído, denotando-se, igualmente uma profunda violação no enchimento de argila compactada. Esta violação foi efectuada, ainda não há muitos anos, quando alguns populares aí procuravam um lendário tesouro. Durante os trabalhos de limpeza identificaram-se duas tijoleiras rectangulares (40X30cm), in situ, que poderão determinar a altura máxima do piso do pórtico. O pórtico apresenta um comprimento de 7,80 metros e a cella 9,50 metros.

Na extremidade NE do podium procedeu-se à abertura de uma sondagem de 4X2 metros destinada a avaliar a potência de solo. Atingiu-se uma profundidade máxima de 0,60 m que revelou uma estrutura de opus incertum que se adossa directamente ao podium podendo tratar-se dos alicerces da escadaria que daria acesso ao templo. A cerca de dois metros da extremidade NO deste edifício, quando se procedia à remoção das terras aí depositadas pelo arado, identificou-se um grande bloco de granito em forma de paralelepípedo

fortemente implantado em opus signinum e que poderá fazer parte de outra estrutura envolvente do templo. Como os trabalhos efectuados neste local se destinavam, para já, a avaliar o estado de conservação do edifício e à sua limpeza superficial, procedeu-se, unicamente, à cobertura do piso identificado na parte superior do podium com plástico e areia, reservando-se para data posterior, quer o alargamento da sondagem, quer a consolidação e levantamento dos muros envolventes do enchimento de argila que forma a interior do edifício.

Durante o Verão de 1995 procedeu-se à escavação do compartimento utilizado como cozinha do edifício da Quinta do Deão. Justificou-se esta intervenção, quer pela necessidade de avaliar o estado de consolidação dos muros deste edifício antes da sua recuperação, quer por se constatar que o corpo central da casa da quinta se elevava em cerca de 1,50 m, no lado nascente, em relação às restantes divisões, observando-se, ainda do mesmo lado, uma soleira e parte de dois umbrais entaipados. Após o levantamento do piso formado por lajes de xisto verificou-se um enchimento irregular de fragmentos de cerâmica de construção romana misturado com pedra informe de calibre médio e grande aí depositados, até uma profundidade que corresponde ao nível da soleira da porta entaipada. Neste nível identificaram-se restos de uma calçada muito destruída, uma estrutura de forma rectangular com 1,20 X 0,90, adossada à parede Oeste, delimitada por blocos de granito aparelhados e encimados por tijoleiras quadrangulares e uma conduta de água formada por blocos de granito e coberta irregularmente por lajes

de xisto e por uma base de coluna em granito. Verificou-se que os muros que formam a actual cozinha assentam sobre uma estrutura inferior, com as mesmas dimensões, mostrando um aparelho mais regular e bem conservado. Pelos poucos materiais identificados e pela técnica de construção dos muros, parece tratar-se duma edificação originariamente romana sobre a qual, em época ainda indeterminada, foi levantado o actual edifício da Quinta do Deão. A sondagem efectuada neste compartimento mantém-se aberta até que o projecto de recuperação do edifício esteja concluído, por forma a ser estudada a forma de valorização deste espaço.

Durante o ano de 1995 continuámos os trabalhos já iniciados em 1994 na área junto à torre que emergia dos depósitos de pedra aí colocada durante as fainas agrícolas. No ano anterior iniciámos a extracção dos entulhos começando-se a revelar a presença de duas estruturas circulares. Na continuação desses trabalhos concluímos em 1996 a limpeza das estruturas e iniciámos a escavação em área na zona envolvente. As estruturas circulares vieram a revelar-se como o arranque de duas torres que ladeavam uma das portas da cidade. As torres adossam-se directamente à muralha que envolveria a cidade e da qual ainda são visíveis troços significativos. Com



Vista da Torre antes dos trabalhos arqueológicos

um diâmetro externo de 6,30 m as torres afastam-se entre si, igualmente 6,30 metros, o que corresponde às dimensões do portado romano levado para Castelo de Vide nos inícios do século XVIII, hoje já destruído mas, do qual se conserva a memória fotográfica. Parece, assim provável, que tenha sido deste lugar que o Governador da Praça de Castelo de Vide, Manuel de Azevedo Fortes, tenha mandado extrair as cantarias que foram utilizadas na construção da chamada Porta da Aramenha e que se localizava na cortina defensiva a poente do Forte de S. Roque, no local onde hoje se encontra o Hotel Sol e Serra.

Alargando-se a área de escavação, para o interior do espaço urbano da cidade de Ammaia, a uma profundidade que raramente ultrapassa os 0,80 m detectou-se o que pode ter sido uma praça pública, pavimentada com blocos de granito muito regulares. Esta praça ladeava um dos eixos principais da cidade, que projectando-se em linha recta parece dirigir-se à zona onde se situa o podium acima descrito. A praça identificada possui do lado direito de quem entra na cidade um comprimento de 21,10 metros e uma largura de 10,80 metros. Do lado oposto da rua o estado de conservação do pavimento da praça apresenta-se muito destruído, contrastando com a surpreendente conservação do lajeado inicialmente posto a descoberto. Esta praça é formada por lajes de granito de forma próxima do quadrado com medidas que variam entre os 100 e os 85 centímetros de lado. O lajeado foi assente sobre uma preparação regularizadora constituída por argila muito avermelhada e compactada. Afastam-se os dois lajeados em 4 metros, correspondendo estes à largura da rua, provavelmente o *decumanus maximus*. Entre o perímetro externo das

torres e o lajeado distam 11 metros, dos quais 6,30 correspondem ao diâmetro das torres e os restantes parecem corresponder a edifícios que ladeavam a praça. Para além do arco da porta este espaço teria sido coberto, como deixam adivinhar a espessura dos muros que acompanham a entrada. Da calçada que pavimentaria a rua, hoje já poucos vestígios se conservam. Estes encontram-se, especialmente no espaço entre torres, onde também foram detectadas as peças que constituíam a soleira da porta. A soleira é formada por três peças graníticas, encontrando-se uma delas *in situ*. As outras duas, especialmente a que apresenta o relevo do batente foram levantadas, provavelmente na mesma data em que a cidade foi obrigada a reforçar a fortificação, o que poderá ter ocorrido durante o século IV. Dessa mesma época deverão datar, quer o estrangulamento da entrada da cidade com a utilização de peças arquitectónicas que se encontram tombadas junto à porta, quer o fecho, claramente precipitado dos postigos que dão acesso às torres circulares. Se atendermos ao posicionamento estratigráfico dos materiais, quer cerâmicos, quer numismáticos encontrados no interior das torres, poderemos, com alguma segurança, reconhecer que em meados do século IV, a cidade deverá ter sido obrigada a rever a sua estratégia defensiva.

Tratando-se de uma escavação em desenvolvimento torna-se prematuro, no estado actual dos trabalhos, descrever pormenorizadamente aspectos relacionados com técnicas de construção, ou cronologias. Os materiais exumados, para além de mais de uma centena de moedas, maioritariamente bronzes dos séculos III e IV, são

compostos essencialmente por fragmentos de cerâmica comum e sigilatas balizáveis entre os finais do século I e o século IV, duas peças de marfim torneado, provável fuso e cossoiro, um anel de bronze e fragmentos de peças de ferro e vidros muito fracturados. Dois cachimbos, um de cerâmica e outro de

xisto foram recolhidos nos níveis superficiais e poderão ser relacionados com a presença das gentes de Ibn Maruán que também ocuparam esta região. Os materiais guardam-se no gabinete de trabalho sediado no edifício da própria Quinta do Deão onde decorre o registo e o tratamento provisório.



Trabalhos arqueológicos no podium do Templo

Ficha Técnica:

Direcção de escavação:

Jorge de Oliveira (Coordenação)

Fernando Branco Correia (Arqueologia Medieval)

Isabel Cristina Fernandes (Arqueologia Romana)

José Olívio da Silva Caeiro (Arqueologia Romana)

Técnico de Arqueologia:

António Bairinhas

Colaboração:

Maria Alexandre Canhoto (Geologia)

APOIOS:

IPPAR • FUNDAÇÃO CIDADE DE AMMAIA • BEVIDE • HOTEL GARCIA
d'ORTA • CÂMARA MUNICIPAL DE MARVÃO • CENTRO DE EMPREGO E FORMAÇÃO
PROFISSIONAL • UNIVERSIDADE DE ÉVORA • JUNTA DE FREGUESIA DE S.S. DA
ARAMENHA • INSTITUTO DA JUVENTUDE • PARQUE NATURAL DA SERRA DE S.MAMEDE

ALGUMAS LENDAS DA SERRA DE SÃO MAMEDE

Recolha, apresentação e notas de RUY VENTURA

BREVE INTRODUÇÃO

O propósito do trabalho que aqui se apresenta é o de reunir num só espaço algumas lendas produzidas ou fixadas na região da Serra de São Mamede. De entre as recolhidas, poucas são inéditas; temos no entanto a certeza de que muito existe ainda por explorar no campo da literatura tradicional desta zona. Esta pequena colectânea não pretende senão contribuir para um conhecimento global e profundo do imaginário tradicional desta região do nordeste alentejano.

À VOLTA DA LENDA

Há já bastantes anos dizia aos seus discípulos o conhecido antropólogo John Silverman: "Nunca se esqueçam. O povo raramente fantasia; tenta apenas ajustar, integrar nas suas estruturas mais profundas aquilo que, devido aos seus condicio-

nalismos, ele não consegue interpretar. A mentalidade tradicional joga profundamente com o símbolo, com o princípio da analogia, num jogo cósmico quase sempre inconsciente". Por sua vez o sociólogo Guy Rocher define a mentalidade da sociedade

tradicional em função de alguns princípios que aqui resumimos:

—Empirismo: conhecimento experiencial da natureza e do meio;

—Conservantismo: a mudança e a inovação são vistas como ameaça;

—Pensamento mítico;

—Semiotização da realidade, numa importância efectiva da revelação simbólica, a qual assegura ao indivíduo quer a compreensão do mundo quer a integração psicológica dos diversos elementos do real consciente e transconsciente (cf. ROCHER, 1971: 10 - 14).

É neste campo que se desenvolve a lenda: narrativa quase sempre localizada tanto no espaço quanto nas suas personagens, dotada de características que a individualizam na sua estruturação semântica e semiológica. Etimologicamente a lenda estrutura-se enquanto "legenda", isto é, enquanto meio, nave de transporte, de conhecimento e descodificação da realidade, dos factos. Pretende explicar, mais do que promover um simples relato de acontecimentos e/ou tradições. É uma via de elaboração do conhecimento, via indirecta, quase sempre analógica, dada a codificação que sofreu ao longo dos séculos. Dentro da lenda existem dois níveis de compreensão: o puramente linear, factual, que nos leva ao entendimento de um relato mais ou menos perdido na noite dos tempos, produto da imaginação popular que, em torno de um acontecimento preciso, construiu uma narrativa mais ou menos fantasiada; e um outro que deverá entrar sempre pelo caminho do símbolo (hoje em dia quantas vezes inconsciente), produzido ao longo de séculos por uma re-ligação profunda à natureza e ao cosmos, elementos que (ao longo do tempo) se foram reflectindo nas

estruturas profundas dos indivíduos e das sociedades, construindo aquilo a que Jüng convencionou chamar "inconsciente colectivo".

O símbolo que se inscreve nas lendas realiza exemplarmente o papel de catalizador das várias zonas do real; unifica, integra, numa única matéria contribuições vindas das mais diversas experiências do ser humano. É um ponto fulcral da maturação do indivíduo, maturação que o conduz ao conhecimento.

A lenda, essa, tendo sido obviamente produzida por um ser individual, é propriedade de um ser colectivo: "Alguém começava por contar o episódio a que assistira ou de que fora mesmo protagonista. Depois, a narrativa ia colhendo novos elementos pelo caminho e, muitas vezes, (...) chegava a apresentar notáveis alterações de narrador para narrador" (MARQUES, 1962: X). Pertence ao património da sociedade tradicional, dado que é, na sua essência, um ponto de estruturação da realidade, um elemento de individualização (quantas vezes religiosa, religadora) do espaço, do tempo e do ser humano.

APRESENTAÇÃO DA PRESENTE COLECTÂNEA

Como forma de facilitar a leitura e a organização das lendas por nós recolhidas, principalmente junto de textos já publicados, mas também junto de informantes que nos

forneceram alguns textos inéditos, resolvemos avançar com um esquema classificativo, que dividimos em cinco itens:

1. Lendas sobre a fundação de localidades ou edifícios

2. Lendas sobre topónimos

3. Lendas de encantamentos

4. Lendas de tesouros escondidos

5. Lendas de tema religioso

Nenhum dos compartimentos é fechado, dado que, como se verá, muitos dos textos situam-se (ou poder-se-iam situar) em mais do que uma categoria. A classificação feita serve para permitir ao leitor ter uma perspectiva integrada e globalizante das lendas que circulam ou circularam pelas serranias de São Mamede.

1. LENDAS SOBRE A FUNDAÇÃO DE LOCALIDADES OU EDIFÍCIOS

LENDA DA FUNDAÇÃO DA ALDEIA DAS CARREIRAS (PORTALEGRE)

A aldeia das Carreiras foi feita pelos moradores da cidade da Aramenha¹. Há muitos, muitos anos, quando aquele povo foi arrasado pelos mouros, as pessoas tiveram que abandonar as suas casas: umas fugiram para Marvão e lá fundaram a vila; outras vieram para este lado da serra e aqui fundaram a nossa terra. Diziam os antigos que tiveram que vir *às carreiras* (a fugir), e por isso deram à aldeia o nome que hoje tem.

INFORMANTE: Ana Fernandes Martins, nascida em 1913

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

CONTEXTO: Ouviu contar às pessoas antigas

COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

LENDA DA PONTE DOS MOUROS (PORTAGEM)

Diz a lenda que amofinados porque o **Sever**, aqui ainda simples Ribeira de Marvão, durante as quadras, outonal, invernal e primaveril, não dava fácil passagem a vau, obrigando a largos rodeios, os habitantes da região assentaram

de, à custa de sacrifícios embora, construir uma ponte.

Discutia-se acaloradamente os meios mais próprios de efectivar tão útil empreendimento, quando um cavaleiro desconhecido, mas revelando no traje e no séquito a opulência dos seus recursos, se prontificou a fazer pronta e seguramente a ponte.

Apenas punha uma condição, a seu ver, de pequena monta — a entrega das almas de toda a população que nada sofreria nesta vida, aplanadas todas as dificuldades por D. Belzebut, o cavaleiro que assim peremptoriamente se revelara.

Crentes fiéis da região de Mafoma, os habitantes pouco hesitaram na sua resolução. É que, predecessores duma seita que Loyolla devia fundar séculos mais tarde, eles assentaram com tácito assentimento dos seus sacerdotes ou coisas que o valha, que a mentira é lícita quando dela nos advenham grandes lucros. E Satanás, lá se deixou embair mais uma vez, aceitando a condição de que a paga, estipulada para o seu enorme trabalho, só seria devida se a ponte se

iniciasse e completasse desde o pôr ao nascer do sol consecutivo.

Como homem de recursos, Lúcifer desenvolveu uma extrema actividade e trazendo para ali todos os seus potentes e maravilhosos servidores conseguiria triunfar se Mahomet, constantemente assediado pelos seus crentes, cuja lamúria crescia à medida do rápido progredimento da obra, se não resolvesse a intervir, extraviando a pedra que falta e impedindo que antes do nascer do sol a ponte estivesse de todo pronta.

Ficaram livres as almas e em preito ao fazedor do milagre tão espaventoso, nunca a lacuna foi preenchida, apesar de longos séculos que sobre a ponte vão correndo, respeitando a sua vetustez como de coisa milagrosa.

LOCALIDADE: Portagem, Salvador da Aramenha (Marvão)

COLECTOR: ? (in COSTA, 1982: 33-34)

LENDA DO CASTELO DE MARVÃO

[V]indo (...) a Medóbriga um mouro de África e vendo ali certa senhora portuguesa muito fermosa, se enamorou dela, e cometendo de tratar casamento, ela lhe respondeu que, se ele levantasse ãa fortaleza no alto daquelas rochas que pareciam, se casaria com ele, parecendo-lhe cousa impossível. O mouro, vendo-se tam preso da sua galhardia e fermosura, prometeu de a fazer dentro de ãa noite. E quando ao outro dia amanheceu, as torres da fortaleza estavam parecendo. A senhora, vendo-se convencida e obrigada pela palavra, se deitou de ãa varanda abaixo e

se matou, por não se ver casada com um mouro.

INFORMANTE: "ãa velha"

LOCALIDADE: Galegos (Marvão)

CONTEXTO: "assi lho haviam contado seus antepassados, e que vinha esta fábula de uns em outros"

COLECTOR: Diogo Pereira Sotto Maior (SOTTO MAIOR, 1984: 40)

LENDA DA MAIA (PORTALEGRE)

[D]epois de em vão procurar um recanto onde pudesse acabar os restos da tormentosa vida que levava, Lísias, filho ou capitão de Baco — alguns querem também que fosse Lísio ou Líseo, filho de Sumule — já de avançada idade, ali foi ter 1300 anos a.C. e, achando-o do seu agrado, a este local se acolheu e com a sua gente o povoou, edificando-lhe um forte e templo, consagrado a Dionísio ou Baco, seu deus, e dando à serra o nome de uma sua filha chamada Maia. Ali vivendo em paz e liberdade, apascentando os gados e cultivando os campos, de cujas sementes e frutos se alimentava, acrescenta [Frei Amador Arrais] ter sido Lísias quem aos companheiros ensinou a fazer cerveja de cevada (...). Estava o referido templo no local onde actualmente se ergue a ermida de S. Cristóvão, a cujo sopé corre um arroio, que pelas gentes é conhecido pelo ribeiro do Baco. Ora reza a tradição que nas margens deste pequeno ribeiro se encontrava a malhada da pastora Maia — filha de Lísias — que pela sua bondade e formosura era adorada por todos quantos a rodeavam. Levava uma vida alegre e pacífica, guardando o rebanho de brancas

ovelhas e encontrando-se diariamente em Tobias, que idilicamente e junto a ela se quedava horas sem fim, tocando na flauta pastoril. E, assim, feliz e descuidadamente decorria o viver dos dois jovens, até que Dolme, um miserando que por ali vagabundeava, embalado pelos toques maviosos da flauta de Tobias e entusiasmado pelos dotes físicos da linda Maia, numa tarde primaveril interrompeu os dois pastores, amedrontando-os com a sua aparição. Foi Tobias esconder-se atrás de um rochedo, enquanto que, levantando-se como que envergonhada, Maia fixa no chão os seus formosos olhos. Mas levada a isso pela doçura do seu coração e, possivelmente, para assim quebrar os instintos maus que adivinhava no intruso, desce para a borda do ribeiro, enche a sua cabacinha e bondosamente lhe oferece a beber a cristalina água que nela recolhera. Finge Dolme aceitar a gentil oferta mas, ao recebê-la, propositadamente deixa cair a cabaça e em seus musculosos braços tenta enlaçar a jovem que, estupefacta com tal gesto, aflitivamente chama por Tobias. Acorre ele e com Dolme trava sanguinolenta luta, que só termina quando este crava no peito do pobre rapaz o machado de pedra de que vinha munido, arremessando-o já moribundo de encontro aos rochedos. Horrorizada pretende Maia fugir mas não o consegue, pois Dolme a agarra e só a larga depois de ser cadáver. Deixou a noite nas abas daquela serra e Maia não voltara à malhada, pelo que, tardando-lhe o regresso, o velho pai a procura por toda a parte. Sobe aos outeiros vizinhos e chama-a repetidas vezes, mas o seu chamamento fica sem resposta. Assustadamente corre à malhada e, acendendo um toco de pinho, vai em procura da desaparecida. Passados instantes o cão uiva lugubrememente junto do cadáver

da formosa Maia e o pobre pai, correndo para o pé do animal e deparando com a filha descomposta e morta, mede a grandeza da tragédia havida e instantaneamente perde a razão. Durante sessenta luas por ali arrasta a sua triste vida, acorçado junto à malhada, onde julga ver aparecer a filha guardando as ovelhas, agora sem pastora. E, durante esse espaço de tempo, não pronuncia senão o nome de Maia, ele a quem os viandantes passaram a tratar pelo louco de Baco. Ao cabo de tão tormentoso sofrimento, ao velho ancião se afigura certo dia o aparecimento da filha que, sã e escorreita, lhe estendia os braços e, então, num fugidio lampejo de alegria, exclama: "Maia, minha filha, morro feliz".

LOCALIDADE: Portalegre

COLECTOR: ? (in **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, vol.II:551)

LENDA DA FUNDAÇÃO DE PORTALEGRE

[U]m Vespéraldo, nobre cavaleiro e fidalgo, que era de nação inglês, ou de Bretanha, veio a estas partes da Lusitânia e, chegando a este sítio, se apousentou em o alto de um outeiro, por cima do mosteiro de Sam Francisco, onde agora está S. Cristóvão, e neste lugar edificou ãa fortaleza que não devia ser muito pequena, conforme o mostram suas ruínas, porque ainda parecem pedaços de muros e esquinas de torres.

Ali dizem que edificou aquela ermida e nela fez muita penitência, e dizia que este foi o primeiro edifício que houve nesta cidade.

LOCALIDADE: Portalegre

COLECTOR: ? (SOTTO MAIOR, 1984: 45)

2. LENDAS SOBRE TOPÓNIMOS

LENDA DOS AMORES DE D. MARTIM GIL DE VIDE

Outono. Um Outono dos primeiros anos da Nacionalidade. Manhã ainda, Rui Nunes das Astúrias², depois de conferenciar largo tempo com sua esposa D. Elvira, mandou que sua filha Guiomar viesse à sua presença. Um tanto atemorizada, pois calculava o melindroso assunto que iriam tratar, a "Bela Viúva"—como já lhe chamavam—veio à presença de seu pai. A sua voz saiu sem cor.

— Desejais falar-me?

Rui das Astúrias não respondeu logo. Examinava o rosto pálido da filha. Por fim ordenou:

— Sentai-vos, Guiomar. O que tenho a dizer-vos é de extrema importância para mim e para vós.

Guiomar sentou-se. As suas mãos tremiam ligeiramente. Conseguiu, contudo, aparentar serenidade.

— Falai, senhor meu pai. Estou aqui para escutar-vos.

D. Rui não gostou do à-vontade, que julgou verdadeiro. A sua voz soou dura.

— Pois vou direito ao fim, sem mais rodeios. Sei de fonte segura que amais D. Martim Gil³ e se fala em novos esposais de minha filha Guiomar!

Fazendo forças da própria fraqueza, D. Guiomar voltou:

— Senhor! na verdade sou viúva, mas deveis concordar que ainda muito jovem...

— E depois...

— Depois... achais bem que me amortalhe num luto por toda a vida?

— Guiomar, vosso defunto esposo amava-vos! Nunca o deveis esquecer!

— Sempre o respeitei, senhor meu pai! Fui esposa exemplar, apesar de ter casado ainda criança! Mal tive tempo de conhecer o esposo que a vossa vontade me destinou. Mas não cheguei a dar-lhe o meu coração! [...]

D. Rui olhou pela janela a paisagem, que não o interessava. Guiomar voltou a falar:

— Senhor meu pai! O meu primeiro casamento fi-lo por obediência. Mas, agora que encontrei o amor, permiti que olhe a vida de frente e abrace a felicidade que julguei perdida!

D. Rui não alteou a voz. Pensava, talvez, numa conciliação.

— Guiomar! Na verdade imaginei que não tornásseis a casar. No entanto... se essa é a vossa vontade... podeis fazê-lo, mas com outro homem que não seja D. Martim Gil!

Guiomar perdeu a calma aparente.

— Porque não poderei casar com Martim Gil?

— Porque somos adversários! Verdadeiros inimigos. Se o não sabeis, ele não o ignora! Já vedes que todos o poderão servi-vos, menos a esse homem a quem odeio!

[...]

— Não é intenção minha ofender-vos Mas devo lembrar-vos que tenho direito ao meu quinhão de felicidade, quando ela própria, generosamente, mo oferece!

A cólera de D. Rui subiu ao auge. Aproximou-se da filha como um louco.

— Ficai sabendo, Guiomar, que casardes com esse homem será o mesmo que matardes o vosso pai!

Ela afligiu-se. A sua voz traiu-a.

— Senhor!

Ele ganhou novo ânimo.

— Tenho o meu nome comprometido.

Já vedes que não poderei ter ligações de qualquer espécie com esse homem!

Ela lamentou-se:

— Tudo isso, afinal, vale para vós mais do que eu!

— O nome que uso é vosso também!

[...]

— Senhor! Tende piedade...

Chorava, a pobre viúva. Mas D. Rui, vendo-a ceder, voltou a encher-se de força. Gritou:

— Se não jurardes [que não ireis com ele], amaldiçoar-vos-ei!

Ela gritou também, estarrecida:

— Não!... Isso não!

— Pois jurai que ireis despedir-vos esta tarde desse homem!

Guiomar soluçava baixinho. D. Rui voltou a impor a sua voz sonora:

— Jurai, Guiomar!

Absolutamente dominada, a jovem cedeu.

— Juro, meu pai! Juro que despedirei D. Martim Gil, matando assim todas as minhas ilusões de felicidade!

[...]

[...] Embora com os olhos embaciados de lágrimas, distinguiu o garboso cavaleiro ao longe. Desceu apressada, o coração batendo, as fontes latejando, sentindo na boca o amargo da agonia.

Em baixo, no terreiro, ele parou surpreendido por vê-la tão a descoberto. Saltou do cavalo para a cumprimentar, mas logo notou a sua expressão de angústia.

Perguntou com ansiedade, enquanto lhe beijava os dedos delicados:

— Senhora, que tendes? Estais doente?

Ela murmurou com os olhos rasos de lágrimas:

— Tudo morreu para nós, agora! Sofro, neste momento, a minha verdadeira viuvez!

D. Martim Gil apertou as mãos febris da amada.

— Delirais, Guiomar? Porque me falais de viuvez, se venho buscar-vos para nos casarmos?

— Tudo acabou, afirmo-vos! Tudo quanto dissemos e desejámos terá de morrer!

Ele prescrutou-lhe o rosto empalidecido, os olhos magoados, a expressão dolorida.

Perguntou:

— Que aconteceu? Pareceis-me doente e dizeis-me coisas sem nexo...

Ela mordeu os lábios antes de responder:

— Não vos poderei acompanhar, D. Martim Gil! É forçoso que me esqueçais!

Ele voltou a segurar-lhe as mãos com força.

— Guiomar, pedis-me o impossível! E porque hei-de esquecer-vos? Amo-vos e sei que também me quereis. Sou livre e livre sois agora! Porque não me acompanhais?

As lágrimas retidas durante tanto tempo começaram a correr pelo rosto da jovem.

Murmurou:

— Não poderei ir convosco!

—Porquê? Sem vós, juro que não partirei!

Ela suplicou:

— Não jureis, que jurais falso!

— Tal desonra jamais me tocará! Jurei que vos levaria e levar-vos-ei!

— Também fui obrigada a jurar a meu pai...

— Que jurastes?

— Não consentir em acompanhar-vos e pedir que me esqueçais!

Martim Gil sorriu, aliviado.

— Pois firmai vossa jura, que eu firmarei a minha!

As lágrimas deixaram de molhar o rosto bonito de Guiomar. Perguntou, perplexa, vendo-o agarrá-la pela cintura:

— Que fazeis, D. Martim?

— Levo-vos comigo à força!

Ela assustou-se.

— Martim!

Ele acariciou-a.

— É um rapto que nos livrará de um prejuízo! E sereis minha!

E montando a cavalo, com Guiomar à garupa, D. Gil deu de esporas e sumiu-se na distância.

Quando Rui Nunes foi informado do rapto da filha, já esta galopava junto àquele que era o seu maior rival. A sua exaltação foi tal que esteve três dias doente. Mas acabou por compreender que nada pode o homem quando manda o amor.

Quando Guiomar, no seu novo palácio, abraçada a D. Gil, olhava extasiada a paisagem em redor, ele observou:

— Querida, em que pensais?

Ela envolveu-o num olhar de ternura.

— Com tudo isto é lindo!

Ele beijou-a.

— E é nosso! Esta terra que começamos a povoar deu-ma el-rei D. Afonso II.

— E como se chama esta terra?

— Sabei que hesitei durante algum tempo em dar-lhe um nome. Todos me pareciam indignos da sua beleza. Mas, um dia, um dos meus súbditos deu-me a ideia.

Enlaçou-a, e acrescentou:

— Reparaí em toda esta verdura... nestas vides...

— Vejo. Esta que trepa junto à fortaleza é tão grande... São enormes os cachos...

— Pois um servo que trabalha na vinha chamou a isto Terra de Vide. Achei bem, e assim começámos a chamar-lhe. E esta fortaleza há-de ser castelo, e Portugal inteiro há-de conhecê-lo.

Guiomar sorriu, enleada.

— Por enquanto é a morada de um valente que foi forçado a raptar a mulher que ama para com ela casar e a conservar junto de si! Seremos dois cachos pendentes da mesma vide!

O Sol, no ocaso, tornou quase rubros os cabelos castanhos-dourados da jovem senhora. E D. Martim Gil, vendo-os tão belos, pousou os lábios nesses cabelos sedosos e ficou olhando as pinceladas fortes desse fim de tarde de um Outono ainda quente.

LOCALIDADE: Castelo de Vide

COLECTOR: Gentil Marques (MARQUES, 1966: 289-295)

LENDA DA ESCUSA

[Diz-se que] S. Tiago [...] viera [ao Porto da Espada] com os Cristãos perseguir os Mouros, e ao passar pela Escusa de hoje, tivera dito:

— "Ali se *escusa* de ir."

LOCALIDADE: Porto da Espada, Salvador da Aramenha (Marvão)

COLECTORA: Maria Tavares Transmontano (TRANSMONTANO, 1979: 16)

LENDA DE MARVÃO

[Q]uando Medóbriga fora conquistada e destruída por Cássio Longino, que muita parte da gente fugira com mulheres e

mininos pera aquelas rocas e penedias e, como a subida é tão agra, (e ainda naquele tempo seria pior, pois não era tam frequentada) iam caindo, uns por ãa parte, outros por outra, fugindo da morte e dos perigos que a guerra, com suas pressiguições traz consigo. E assi começaram a bradar uns pera os outros dizendo: "Malvão, Malvão". E daqui, mudado o l em r, se chamou Marvão^{4, 5}.

INFORMANTES: "uns velhos"

LOCALIDADE: Galegos (Marvão)

COLECTOR: Diogo Pereira Sotto Maior (1984: 40)

LENDA DO PORTO DA ESPADA

[D]iz a lenda que, em tempos idos, se travou [no Porto da Espada] batalha entre Mouros e Cristãos. Tendo os últimos chegado ao sítio do Porto, disseram:

— "Aqui se puxa da espada".

Há ainda outra versão:

— Desde o Porto da arrancada, até ao desembainhar da espada"⁶.

LOCALIDADE: Porto da Espada, Salvador da Aramenha (Marvão)

COLECTORA: Maria Tavares Transmontano (TRANSMONTANO, 1979: 16)

LENDA DO RIO SEVER

Em distante e já remota época, numeroso e escolhido cortejo de damas e cavaleiros, de longada para as bandas de Castela, resolve descansar das fadigas da jornada junto às margens do rio e no sítio onde mais fácil se torna a passagem a vau. Ao pretender, porém, recomeçar a viagem,

quando as damas se preparavam para compor os seus vestidos e alisar os cabelos desgrenhados pelos solavancos da travessia através dos ásperos córregos e do pedregoso trilho dos rústicos caminhos viram, com desconsolada surpresa, que em nenhuma das escouradas arcas de bagagem se encontrava um espelho, objecto tão necessário às mais novas e tafús e que haviam esquecido na azáfama confusa da partida. Compreender-se-á o desespero em que esse facto lançaria as entristecidas e contrariadas damas, tão ávidas de bem parecer e para as quais o espelho é o mais dilecto, necessário e indispensável companheiro.

Diz-se mesmo que em algumas delas tal contratempo se denunciava por mal contidas e furtivas lágrimas que não passaram despercebidas ao olhar atento e enamorado de um gentil moço e garboso cavaleiro da comitiva. Pressuroso e cortês acudiu este procurando remediar a contrariedade das aflitas damas, lembrando-lhes que não havia, em verdade, motivo para se entristecerem pois que, para substituir o espelho tinham elas ali bem perto um belo rio de **se ver**.

Para comemorar a gentil lembrança do moço fidalgo e como prémio e agradecida homenagem à sua tão feliz e oportuna ideia puseram, então, as damas ao sítio onde haviam estado a pentear-se o lindo e romântico nome de "Porto dos Cavaleiros", nome que ainda hoje lá se conserva e que a tradição liga a esta lenda tão perfumada de cortês e graciosa galantaria.

LOCALIDADE: (Marvão)

COLECTOR: Possidónio Mateus Laranjo Coelho (COELHO, 1967 in COSTA, 1982: 49-50)

3. LENDAS DE ENCANTAMENTOS

LENDA DA COVA DA MOURA

Em tempos que já lá vão, em vésperas de manhã de S. João, chegou à porta duma mulher que morava perto da Cova da Moura, um homem que lhe pediu pousada.

Como a mulher lhe a cedesse, depois de cear, pendurou o bernal que trazia numa estaca de madeira na parede interior da chaminé, foi deitar-se, e logo adormeceu.

O mesmo não sucedeu à dona da casa, que cheia de curiosidade, logo que a ocasião lho permitiu, levantou-se e abriu o bernal. Como nele estavam três bolos, quis prová-los, cortou um, tendo o cuidado de o pôr sob os outros. À madrugada o cavaleiro levantou-se, pegou no bernal, e dirigiu-se à Cova da Moura onde estavam três irmãs encantadas:

À primeira deu-lhe o bolo que se transformou num cavalo, que partiu a galope levando-a para a Mourama.

À segunda aconteceu o mesmo que à primeira, e à terceira, cheio de surpresa, deu-lhe o bolo partido que se transformou num cavalo coxo que a não pode levar com rapidez antes do sol nascer para junto das irmãs, e por isso ali ficou eternamente encantada, esperando em cada manhã de S. João o cavaleiro que nunca mais apareceu!...

LOCALIDADE: Porto da Espada, Salvador da Aramenha (Marvão)

COLECTORA: Maria Tavares Transmontano (TRANSMONTANO, 1979: 25)

LENDA DOS FORTIOS (PORTALEGRE)

Dizem que um moço, ao voltar do namoro, passou por uma velhinha com um tabuleiro de passas, que lhe disse:

— "Tire uma passinha".

Ele recusou, ela insistiu, e ele tirou duas passas. Quando já tinha andado um bom bocado de caminho, lembrou-se de comer uma passa, mas ficou espantado ao encontrar duas moedas de ouro. Voltou ao sítio onde tinha encontrado a velha, e ali encontrou o tabuleiro com meio braço humano. Pensando no ouro levantou o meio braço, e então ouviu tantos gemidos e tão fortes, que faziam tremer o chão.

Largou-o cheio de medo.

LOCALIDADE: Fortios (Portalegre)

DATA DE RECOLHA: 1984

COLECTORA: Maria Tavares Transmontano (TRANSMONTANO, 1992)

LENDA DA SERRA DE FREI ÁLVARO

Na serra de Frei Álvaro está uma serpente verde muito velha que é um encantamento. Quem conseguir quebrá-lo encontrará um tesouro.

LOCALIDADE: Ribeira de Nisa (Portalegre)

COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura

LENDA DA FONTE DO CAPITÃO (RIBEIRA DE NISA)

Nas hortas ao pé da Fonte do Capitão anda de há muito uma moura encantada. Em dias certos aparece ao povo com um tabuleirinho de passas, mas nunca ninguém as quis comer. Só no dia em que isso acontecer é que ela será desencantada.

LOCALIDADE: Ribeira de Nisa (Portalegre)

LENDAS DO CONVENTO DA PROVENÇA (RIBEIRA DE NISA)

Na manhã de S. João, aparecia ao pé da fonte uma menina com um tabuleiro de nozes, que as oferecia a quem a visse. Como ninguém aceitasse partir uma só noz, ela permanece encantada até que alguém numa manhã de S. João lhe quebre o encanto. Se acaso ninguém a visse, deixava na terra as suas pegadas.

LENDA DA SERRA DO MATA AMORES⁷

Dizem que na Serra do Mata Amores, Freguesia dos Fortios — Portalegre, há uma princesa encantada. Aparece a vender passas na manhã de S. João. Quem entrar na sua casa de pedra fica encantado.

LOCALIDADE: Fortios (Portalegre)
COLECTORA: Maria Tavares Transmontano
(TRANSMONTANO, 1992)

LENDA DA PENHA DE PORTALEGRE

Conta-se que nesta Serra, muito próximo da cidade, um feiticeiro encantou uma princesa moura e a transformou em rochedo. À noite ela sai, e do alto brada pelo pai.

Quem conseguir entrar pelo buraco, sem que a cobra que a guarda o veja, casa com a princesa, que dizem chamar-se Catarina.

LOCALIDADE: Portalegre
COLECTOR: Maria Tavares Transmontano
(TRANSMONTANO, 1992)

Que também ao pé do tanque um homem viu uma serpente que procurava lamber-lhe as mãos, para assim se desencantar.

Também no velho convento, dentro de uma pedra que tinha letras que ninguém entendia, havia um encanto. Para quebrarem esse encanto, foram três homens, os quais riscaram no chão um quadrado, acenderam três velas, e começaram a ler o livro de S. Cipriano. O que aconteceu ao lerem o primeiro capítulo, não se lembrava a pessoa, mas ao lerem o segundo, o mato começou a crescer dentro da casa, e as velas apagavam-se e acendiam-se por si. No último capítulo ouviram um barulho medonho vindo do interior da pedra, bem como uma voz que dizia:

— “Não tenteis tirar o encanto, senão morrereis.”

Os homens não fizeram caso, mas o barulho cresceu como se fossem montanhas a cair, e eles fugiram cheios de medo.

LOCALIDADE: Ribeira de Nisa (Portalegre)
COLECTORA: Maria Tavares Transmontano
(TRANSMONTANO, 1989: 37 - 38)

LENDA DA MOURA DO REGUENGO

Ao lado da ermida de S. Mamede, nasce um ribeiro chamado da Azenha Queimada. Desce de socalco em socalco, até despenhar-se de cascata em cascata, sobre uma massa rochosa, com metro e meio de profundo, um de largura e dois de comprimento.

A lenda diz que está ali uma moura encantada.

As mulheres diziam com convicção que em certos dias viam olhos de azeite e bocadinhos de alface à superfície da água.

Certo dia, um homem, que vinha dos lados da Ermida, passou junto à cova da moura, e viu uma jovem duma beleza que nunca tinha visto. Tão surpreendido ficou, que mal lhe disse: — “Deus te salve”.

A jovem disse-lhe:

— “Sei que és boa pessoa, e a tua mulher também. Leva-lhe este cinto para ela usar”. O homem agradeceu, e pôs-se a

caminho. Ao entrar no souto da Quinta da Relva, deparou com um castanheiro que tinha uma pernada quase a tocar o chão. Resolveu pôr o cinto em volta dela, para ver o efeito que iria causar, quando a mulher o pusesse. De repente, o ramo onde tinha posto o cinto, partiu-se. E o homem repetiu: — Meu Deus, se o tivesse posto à minha mulher!

Imediatamente ouviu a moura dizer:

— “Ingrato, que dobraste o meu encanto”!

O homem fugiu cheio de medo.

Diz a lenda, se o homem tivesse levado o cinto e a mulher o tivesse posto, nesse momento quebrava-se o encanto da moura, seguindo ela o seu destino.

Assim, ficou novamente a moura encantada, até que se lhe depare nova oportunidade.

LOCALIDADE: Reguengo (Portalegre)

COLECTOR: Manuel António Sequeira
(TRANSMONTANO, 1992)

4. LENDAS DE TESOUROS ESCONDIDOS

LENDA DO TESOURO DA IGREJA DE SÃO DOMINGOS (FORTIOS)

[M]e deixaram alguns velhos daqueles montes que se tem por tradição antiga haver naquele lugar (aquém os mouros chamam S. Domingos da Penha) o maior tesouro junto que há no mundo, porque afirmam estarem dous sinos muito grandes enterrados ao pé de ãa figueira alvar, cheios de ouro amoadado (...).

LOCALIDADE: Fortios (Portalegre) COLECTOR:
Diogo Pereira Sotto Maior (SOTTO
MAIOR, 1984: 42)

LENDA DO TESOURO DA SERRA DE S. MAMEDE

[C]onta [-se] também que há na Serra um sino de ouro, que já tem o pé gasto das cabras lhe passarem por cima.

COLECTORA: Maria Tavares Transmontano
(TRANSMONTANO, 1994: 80)

LENDA DO TESOURO DA IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO
DAS CARREIRAS

Segundo a lenda, junto à porta principal d[a] igreja de São Sebastião das Carreiras, estão enterrados, lado a lado, dois potes: um cheio de ouro, outro cheio de veneno. Segundo o povo, quem, ao tentar desenterrá-los, encontrar primeiro o que

contém o dinheiro em ouro, ficará rico, caso contrário morrerá imediatamente.

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)
COLECTOR: Rui Pedro Biscainho Ventura
(VENTURA, 1993)

5. LENDAS DE TEMA RELIGIOSO

LENDA DO MONGE ARREPENDIDO

Há muitos, muitos anos, nos começos do século X, existia ainda uma povoação chamada Portelas⁸, situada no Alto-Alentejo, e que era habitada, ora por mouros, ora por cristãos. Andavam portanto sempre em guerra. A povoação estava um pouco isolada, junto à serra⁹, e era por vezes assaltada por verdadeiras legiões de bandoleiros. Daí, o desassossego dos habitantes, que viviam em permanente vigilância.

Certa noite, uma das casas mais ricas de Portela foi assaltada pelos bandoleiros. Travou-se combate rijo. Os criados do senhor de Portelas receberam os assaltantes com saraivadas de setas, pondo-os em fuga. Mas um deles não passou do pátio. Caiu, torcendo-se numa agonia dolorosa. Como os donos da casa eram cristãos, mandaram que recolhessem o ferido e o tratassem. Em breve, porém, os vieram informar que o ferido pouco tempo teria de vida. Afligiu-se, a senhora da casa. E correu, acompanhada pelo marido, a visitar o moribundo.

Ao chegar ao quarto onde este se debatia com a morte, aproximou-se dele e perguntou:

— Quereis confessar-vos?

O homem olhou a mulher que assim falava como se a ouvisse já no outro mundo. Quis responder-lhe, mas não conseguiu dizer mais do que uma simples frase:

— Sou maldito por Deus!

A dona da casa insistiu em chamar um padre. Mas ele recusou. Recusou num berro de horror, repudiando a oferta da boa senhora. Então, o senhor da casa levou com ele a mulher, dizendo-lhe:

— Já cumpriste com o vosso dever de cristã. Não consinto que possais ser desfeiteada por um bandido, nem mesmo à hora da sua morte!

Ficou só com a sua atroz agonia, o ladrão assassino. Escurecia. Ao longe soou uma oração. Talvez a da senhora da casa, acompanhada de todos os seus criados. De súbito, no quarto do moribundo alguém surgiu. Era uma jovem de aparência tímida,

bela e simples. Vestia à maneira judaica. Abeirou-se do agonizante e chamou-o pelo nome:

— José!

O homem olhou a jovem. Fitou-a, perplexo:

— Como... sabeis... o meu nome?

— Sei de ti mais do que pensas!

Tratava-o por tu, o que admirou mais ainda o moribundo que, todavia, encontrava novas forças para falar. Perguntou:

— Quem sois?

— Sou aquela a quem dantes pedias sempre que não te deixasse morrer em pecado mortal¹⁰.

O ladrão assassino abriu os olhos num espanto e começou a soluçar, gritando:

— Não! Não pode ser!... Sou um grande pecador! Eu fui religioso numa Ordem de Itália... e depois de ter recebido as ordens sagradas... saí do convento... e cometi grandes sacrilégios... Assaltei casas e viandantes... matei inocentes... desonrei donzelas... violentei mulheres casadas... matei muita gente e reneguei a Cristo! Sou um maldito! Um maldito!

E chorava alto, como uma criança. Sorrindo sempre, a donzela de manto azul sobre a cabeça e sobre os ombros declarou:

— Sei quanto te aconteceu. Por isso te lembro que deves confessar as tuas culpas a um padre da mesma Ordem a que pertenceste. Deus pôs um deles no teu caminho. Está alojado aqui perto, e amanhã virá a esta casa dizer a Santa Missa. Deves confessar-te!

O homem continuava chorando:

— Ele não me dará a absolvição!

Sorriu, de novo, a jovem.

— Deus é Misericórdia infinita! E sei que estás arrependido!

— Sim, estou! Mas... não mereço a Vossa presença... nem a Vossa palavra!

— Só Deus sabe aquilo de que somos merecedores. A força do teu remorso é superior à força dos teus pecados! Isso ser-te-á levado em conta para a tua salvação.

O ex-monge continuava chorando. Depois ergueu os olhos inchados e rezou, cheio de unção, a oração que outrora dirigia diariamente à Virgem¹¹. As lágrimas inundavam-lhe o rosto e encharcavam o lençol. Cerrou as pálpebras. Quando voltou a abri-las viu a seu lado o dono da casa. Já lá não estava a donzela. O dono da casa perguntou:

— Que tendes? Choráveis tão alto!

O moribundo murmurou, já despido de toda a rebeldia:

— Não mereço... o que Ela fez por mim!

Julgando referir-se ao pedido da esposa, o dono da casa animou-o:

— Sois pecador, é certo! Mas a minha mulher é cristã e gostaria que vos confessásseis antes que a morte vos buscasse!

O renegado sorriu. Sorriu por entre as lágrimas. Sorriu no meio da agonia. Não poderia dizer que se tinha referido, não à intervenção da dona da casa, mas à intervenção da própria Mãe de Deus! Julgá-lo-iam doido. Completamente doido! E não o estaria, de facto? A medo, perguntou:

— Existe aqui algum padre beneditino¹²?

O dono da casa olhou-o estupefacto e declarou:

— Sim. Chegou aqui ontem. Veio cá dizer missa na ermida e volta amanhã. Como o sabeis?

O homem não respondeu. Murmurou qualquer coisa em latim que o dono da casa

não compreendeu. E declarou, já mais calmo:

— Amanhã, quando ele chegar, dizei-lhe que preciso confessar-me!...

O outro interrompeu-o:

— E... não achais melhor chamá-lo ainda esta noite? Podeis não ter tempo...

Serenamente, o ex-monge murmurou:

— Não o incomodeis agora! Não mereço tanto!

Saiu o dono da casa ao encontro da esposa para comunicar-lhe o sucedido. Ambos resolveram chamar o beneditino, que não se fez esperar. O frade, posto ao corrente do sucedido, ficou só com o ex-monge. Este fez uma confissão completa dos seus pecados, deixando horrorizado o confessor, que exclamou:

— Deus me guarde! São tão graves os teus pecados, que nem sei se me atreva a dar-te a absolvição. Terás de recorrer a quem possa dar-te penitência condigna!

O outro exclamou:

— Não te esqueças de que fui clérigo. Sei, portanto, que as Sagradas Escrituras prometem que sempre que o pecador se arrependa e deteste os seus pecados, a Misericórdia de Deus os apagará, por maiores que eles sejam! Tem, pois, a caridade de impor-me uma penitência!

O frade ficou pensativo. Murmurou:

— Espero em Deus que não morras ainda esta noite. Ficarei em oração e dir-te-ei o que Deus me inspirar!

O moribundo suspirou fundo. Depois, como seguindo um pensamento súbito:

— Ouve, irmão! Absolve-me que eu próprio me imporei a penitência.

— Qual?

— Dois mil anos de Purgatório, antes que o Senhor me chame para a sua Glória!

— Seja! E pedirei à Congregação que reze missas por tua alma. Deus te aliviará! E já agora, irmão, antes de deixares este mundo diz-me: tinhas, antes, alguma devoção especial?

— Sim, tinha! Rezava à Virgem uma oração para que não me deixasse morrer em pecado mortal!

O frade sorriu e disse:

— Compreendo agora! Quando orava à Virgem, uma senhora que eu nunca tinha visto veio dizer-me que um moribundo esperava por mim nesta casa para que o confessasse. Quando eu ia a sair, chegou um criado vindo daqui com o mesmo recado. E ninguém conhecia a senhora que me foi visitar.

Com voz quase extinta, o monge perguntou:

— Levava um manto azul a cobri-la?

O frade olhou o moribundo de um modo estranho:

— Sim... levava! Como sabes?

— Passou por aqui antes de visitar-vos!...

Uma lágrima deslizou-lhe pelo rosto. A última lágrima do monge arrependido!

Retirou-se o frade, depois de encomendar o corpo. Antes de sair pediu ao dono da casa:

— Levai até ao fim a vossa caridade. Enterrai em lugar santo este homem que foi monge e saiu do caminho de Deus. Porém, mercê da sua devoção à Virgem Nossa Senhora, esta trouxe-lhe o arrependimento, e com ele a Salvação!...

LOCALIDADE: Portalegre

COLECTOR: Gentil Marques (MARQUES, 1965: 172 - 177)

LENDA DAS SANTAS DA ARAMENHA

Teve esta cidade rei em tempos que os Romanos senhoreavam a Espanha. Um se chamou Catélio e sua mulher se chamava Cálgia, da qual nasceram nove filhas, todas de um ventre; que, enfadada sua mãe com tantas filhas, como era gíntia, as mandou deitar no rio por uma criada sua que, compadecida da piedade natural, que faltara na mãe que as havia parido, as deu a criar em um bairro onde vivia gente cristã, e foram baptizadas e instruídas em nossa santa fé católica. Foram depois santas e mártires; os nomes destas santas traz o Martirológio Romano, e são os seguintes: Genebra, Liberata, Vitória, Eumélia, Germana, Márcia, Basília, Quitéria, Gema; as quais todas foram martirizadas em diversas partes.

COLECTOR: Diogo Pereira Sotto Maior (SOTTO MAIOR, 1984: 37)

LENDA DE SÃO SEBASTIÃO DAS CARREIRAS

Diziam as pessoas antigas que há muitos séculos um cabreiro achou entre umas rochas (no local onde hoje são as Carreiras) uma imagem do Mártir Santo em pedra. Como morava lá para o pé do Veloso, onde era antigamente o povo, resolveu colocar aí o santo. Só que, no dia seguinte, ele estava de novo entre as pedras da serra. O cabreiro tentou levá-lo de novo, mas ele voltava sempre. Então as pessoas fizeram uma

ermida a São Sebastião no local onde a sua imagem tinha aparecido.

Anos passados, começaram a construir casas neste sítio, e assim nasceu também a aldeia¹³.

INFORMANTE: Ana Fernandes Martins, nascida em 1913

LOCALIDADE: Carreiras (Portalegre)

DATA DE RECOLHA: 1992

COLECTOR Rui Pedro Biscainho Ventura

LENDA DE NOSSA SENHORA DA ESTRELA DE MARVÃO

[C]onta-se que em certa noite uma estrela de extraordinário brilho e grandeza atraía os olhares de um pastor que guardava o seu gado nas cercanias. Deslumbrado por tão estranha aparição afoutou-se o pastor a subir até ao alto do monte onde depois se edificou o convento, sempre guiado pela luz intensa dessa estrela, descobrindo então a imagem em um recanto das penedias que ali se acumulam.

Esta imagem [de Nossa Senhora da Estrela] esteve exposta à veneração e culto dos fiéis durante muitos anos no seu primitivo esconderijo, em uma rústica e improvisada capela formada com as próprias brenhas (...)^{14, 15}.

LOCALIDADE: Marvão

COLECTOR: Possidónio Mateus Laranjo Coelho (COELHO, 1988. 328 - 329)

Notas:

- ¹ A informante refere-se à cidade romana da Ammaia, cujos vestígios se podem observar naquela localidade.
- ² Nota do colector: "Era casado com D. Elvira Gonçalves de Palmeira, filha do rico-homem D. Gonçalves Rodrigues de Palmeira. Desse casamento nasceu D. Guiomar Rodrigues, a qual casou muito nova e cedo enviuvou de Pedro Fernandes Nino".
- ³ Idem: "D. Martim Gil, que tomou também o apelido de Vide, 'de origem geográfica', raptou D. Guiomar Rodrigues, com quem casou, indo habitar a Terra de Vide, doada por D. Afonso II e a qual repovoou. Deste casamento nasceram D. Berenguela Martins e D. Pedro Martins de Vide, que casou com Teresa Afonso.
- ⁴ Gentil Marques, nas suas Lendas de Portugal, publica uma versão romanceada desta lenda (cf. MARQUES, 1963: 161-170).
- ⁵ De acordo com estudos recentes, nomeadamente através do artigo de Abel Sidarus publicado no nº 1 da IBN MARUÁN (cf. SIDARUS, 1991: 13-26), o topónimo Marvão deriva do nome do caudilho "muladi" do séc. IX 'Abd ar-Rah.mā:n Ibn Marwā.n Ibn Yu:nus al-Jillī:qi, fundador da vila, o qual se celebrou pela sua liderança de uma revolta contra o emir de Córdova.
- ⁶ Numa outra versão desta lenda, recolhida por nós no lugar do Carvalhal (Salvador da Aramenha, Marvão) junto de Ângela Gonçalves, de 78 anos, inclui-se a seguinte produção em verso: "Se tu viesses o que eu vi,/Fugias como eu fugi./Desde o Porto da arrancada/Até o puxar da espada/Cem homens mortos eu vi"
- ⁷ "Mata Amores" é a corruptela popular de Mata-Mouros, título dado pelo povo ao apóstolo Sant' Iago.
- ⁸ "Portelas" ou "Portelos" foi, segundo alguns estudos e tradições, o nome primitivo de Portus Alacer, agora Portalegre.
- ⁹ Trata-se da Serra de Portalegre, ramificação da de S. Mamede.
- ¹⁰ Nota do colector: "É muito antiga a **oração à Virgem** para ganhar a Salvação Eterna, e que diz assim: Virgem Santíssima, não permitais/ que viva nem morra em pecado mortal./ Em pecado mortal não hei-de morrer,/ Que a Virgem Santíssima me há-de valer!"
- ¹¹ Ver nota anterior
- ¹² A Ordem dos Beneditinos foi fundada por S. Bento em Itália, no século VI. Ao que parece, desde cedo existe notícia da presença de frades desta congregação no território hoje portugueses. Segundo uma velha tradição o convento de S. Mamede foi fundado por monges beneditinos.
- ¹³ Sobre este tipo de lenda, será interessante vermos o que nos diz Juan Atienza: "Dá-se a circunstância de, muito amiúde, os lugares significarem mais como sede de cultura que os próprios santos que lá se veneram. Este facto costuma converter-se, na mente popular, em lenda milagrosa, mas encerra uma motivação que excede a crença cristã". "A presença constante dos pastores na pretensa descoberta das imagens (...) não é coincidência nem pura invenção popular. (...) a figura do pastor é uma representação simbólica do mestre secular que, de certo modo, **ensina e apascenta** o seu rebanho de adeptos." (ATIENZA, 1981: 25 e 226)
- ¹⁴ ver nota anterior
- ¹⁵ — Sobre esta lenda de Nossa Senhora da Estrela, existe um romance tradicional bastante interessante; por isso deixamo-lo nas duas versões até hoje conhecidas:

Nesta lapa de pedra dura,
Stavas bela formusura
Há tantes anes metida.
Dai-me graça singular
P'ra qu'ê possa contar
Os milagres qu'obravas nela.
Virgem Senhora da Strela,
No tempo da môraria
Qu'assentiava c'uma bela devoçã.
'Ma nô't'um pastor,
co sê gade recolhendo,
Baxô ma strela e disse:
— Vem cá, datose varã.
Vem à vila de Marvã,
Cá me vem fazer' ma casa d'oraçã.
Lá cançõs de finades,
Braces e olhes pintades,
Pessoas que saem tristes e descon-
[solades
Que esta Santa casa vehim
Todes há-de ir remediades.

INFORMANTE: Maria Tomásia Baptista, de 70
anos.

LOCALIDADE: Escusa, Salvador da Aramenha
(Marvão)

COLECTORA: Cândida S.C. Baptista (BAPTISTA,
1967 in GALHOZ, 1988: 717)

Oh Virgem, oh Estrela pura,
De tão bela formusura.
Em lapa de pedra dura
Uma estrela se parou,
Clara luz s'alumiou,
A Senhora apareceu.
Aondes vaes tu, oh Pastor?!
Aonde vaes tu, oh Verão?!
Vae à vila de Marvão
E pede com devoção
Que me venham neste sítio
Fazer casa d'oraçã.
Quem estes versos disser,
Um ano inteiramente,
Saberá bem certamente
Qu'à hora que há-de morrer
A Senhora há-de aparecer.

LOCALIDADE: Marvão

COLECTOR: Possidónio Mateus Laranjo Coelho
(COELHO, 1988: 328 - 329)

Referências Bibliográficas

- ATIENZA, Juan G. (1981) — *A meta secreta dos Templários*. Lisboa, Litexa.
- COELHO, Possidónio Mateus Laranjo (1988) — *Terras de Odiana*. (2ª Edição revista e anotada por Diamantino Sanches Trindade), Lisboa, Câmaras Municipais de Castelo de Vide e Marvão.
- COSTA, Alexandre de Carvalho (1982) — *Marvão, suas freguesias rurais e alguns lugares*. Câmara Municipal de Marvão.
- GALHOZ, Maria Aliete Dorez (1988) — *Romanceiro Popular Português*. Volume II. Lisboa, INIC.
- MARQUES, Gentil, (1962 a 1966) — *Lendas de Portugal*. (4 volumes), Porto, Editorial Universus.
- ROCHER, Guy (1971) — *Sociologia Geral*. Lisboa, Presença.
- SIDARUS, Adel (1991) — "Amaia de Ibn Maruán: Marvão". *Ibn Maruán - Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1, Novembro: 13 - 26.
- SOTTO MAIOR, Diogo Pereira (1984) — *Tratado da cidade de Portalegre*. (Introdução, leitura e notas de Leonel Cardoso Martins) Lisboa, INCM/C.M. de Portalegre.
- TRANSMONTANO, Maria Tavares (1979) — *Subsídios para a Monografia do Porto da Espada* (...). Viseu, Junta Distrital de Portalegre.
- IDEM (1989) — *Subsídios para a Monografia da Ribeira de Nisa* (Concelho de Portalegre). Portalegre, Edição da Autora.
- IDEM (1989) — "Subsídios para a Monografia de Portalegre — Lendas". *O Distrito de Portalegre - Portalegre*, de 16.10. a 11.12
- IDEM (1994) — "Serra de São Mamede" *Sol XXI - Revista Literária*, Lisboa, nº 11, Dezembro; 77 - 81.
- VENTURA, Ruy (1993) — "Notas Histórico-Etnográficas sobre a Freguesia das Carreiras - A igreja paroquial". *O Distrito de Portalegre, Portalegre*, de 1.1 a 22.1.

INVENTÁRIO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PARQUE NATURAL DA SERRA DE S. MAMEDE

Jorge de Oliveira, António Bairinhas e Carmen Balesteros



Lapa dos Gaivões —Esperança (nº 6)

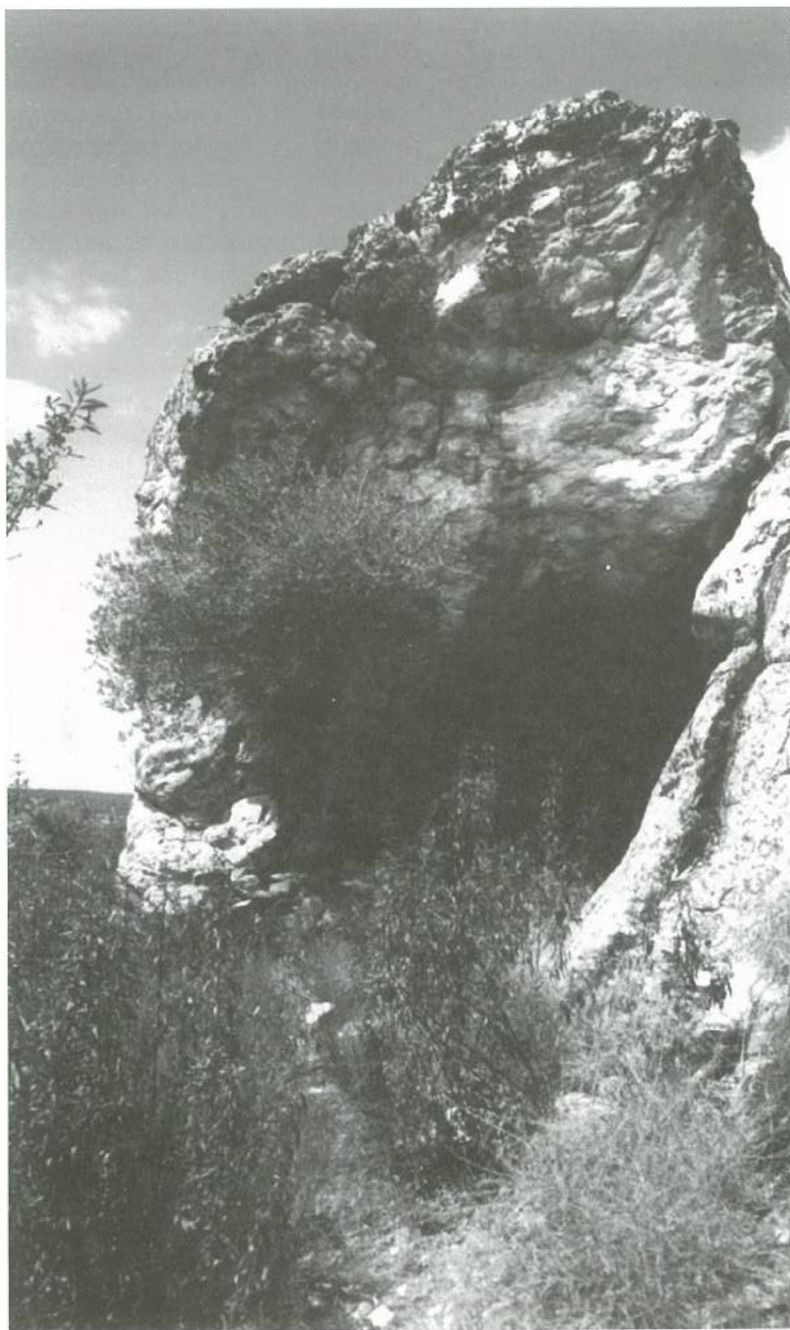
O presente artigo tem por objectivo dar a conhecer, ainda que em forma de resumo, os resultados obtidos no levantamento arqueológico por nós realizado na área abrangida pelo Parque Natural da Serra de S. Mamede.

Trata-se de uma primeira divulgação, em apresentação abreviada, dos resultados obtidos aguardando-se, para breve, a publicação, em livro, do estudo completo, encomendado pelo Parque Natural da Serra de S. Mamede. A esta instituição, especialmente ao seu Director, Dr. Rui Correia, proprietária do levantamento efectuado, queremos manifestar os nossos agradecimentos por nos autorizar a presente divulgação.

O levantamento dos vestígios arqueológicos existentes no perímetro do Parque Natural da Serra de S. Mamede, como em qualquer levantamento arqueológico, nunca pode ser considerado terminado. Os seus resultados ficam sempre limitados por factores diversos, sobretudo os relacionados com o tipo de coberto vegetal, fase de arroteamento em que a região prospectada se encontra, grau de povoamento actual, maior ou menor acessibilidade dos locais e visibilidade dos solos. Importa ainda reconhecer que, por norma, sobretudo quando muito antigos, os vestígios materiais da presença humana não são detectáveis à superfície, originando, que, através de um levantamento de superfície,



Decalque de pinturas na Lapa dos Gaivões (nº 6)



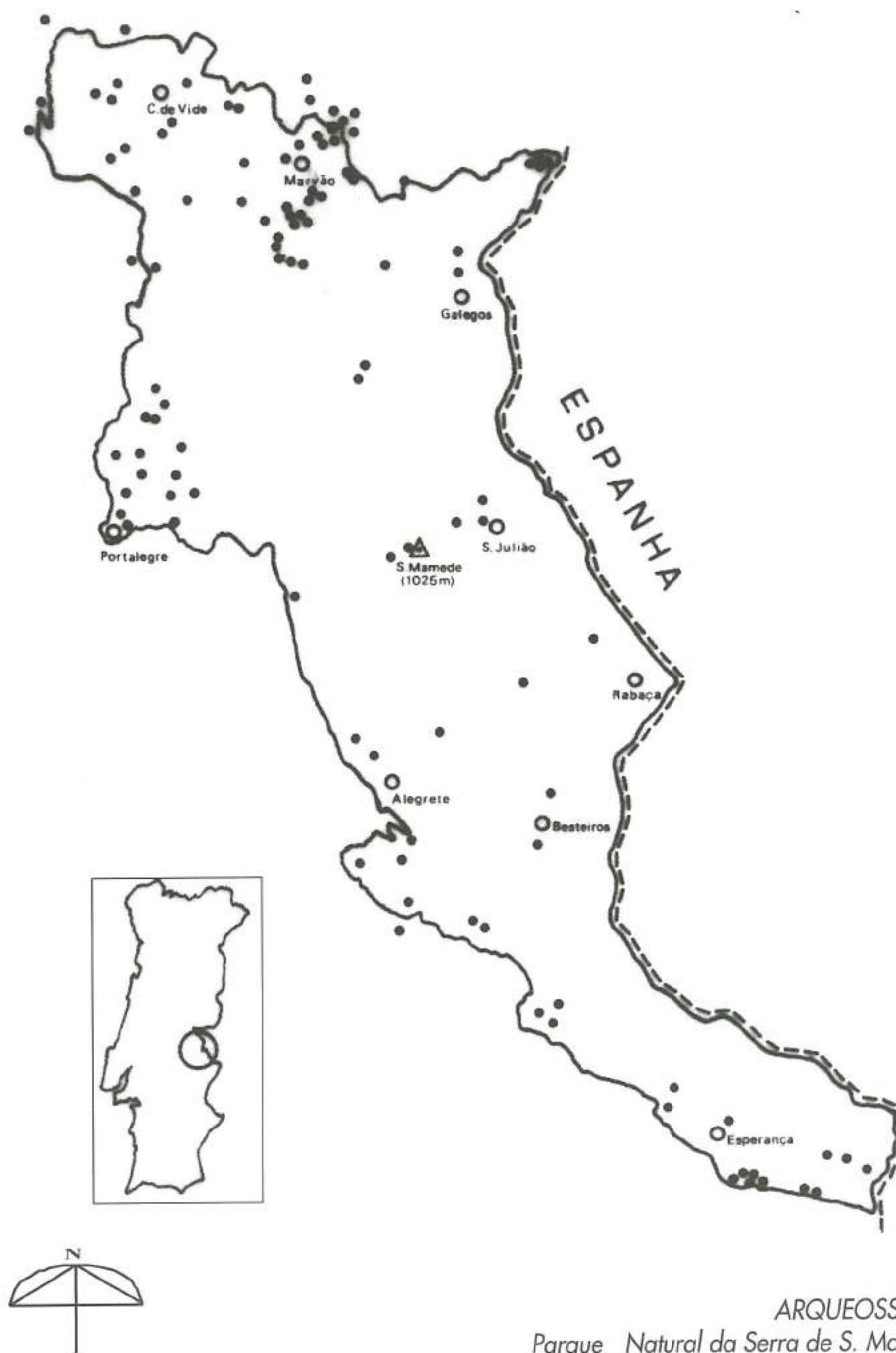
*Igreja dos
Mouros (nº 9)*

como o agora efectuado, sem recurso a qualquer movimentação de solos, alguns arqueossítios não tenham sido detectados. A actualização de qualquer estudo deste género revela-se sempre frutuosa, evidenciando, por norma, novas estações não registadas anteriormente. Não raro é porém o inverso. A revisão, mesmo que não muito distante no tempo, de um qualquer levantamento arqueológico proporciona, regra geral, a constatação da ausência de arqueossítios anteriormente cartografados. Se mesmo entre os mais monumentais testemunhos do passado esta situação ocorre, ela é frequente em vestígios de

estruturas de habitat de curta duração, ou em pequenas necrópoles pouco evidentes na paisagem. Factores múltiplos contribuem para esta flutuação da paisagem arqueológica, sendo de destacar os resultantes da normal actividade agrícola, sobretudo em locais onde a densidade humana é mais significativa. A área abrangida pelo Parque Natural da Serra de S. Mamede é uma das áreas onde esta densidade tem maior expressão em todo o espaço alentejano onde se insere, contribuindo, assim, para que os índices da flutuação da paisagem arqueológica apresente maiores variações. É condicionado



Pego do Inferno (nº 18)

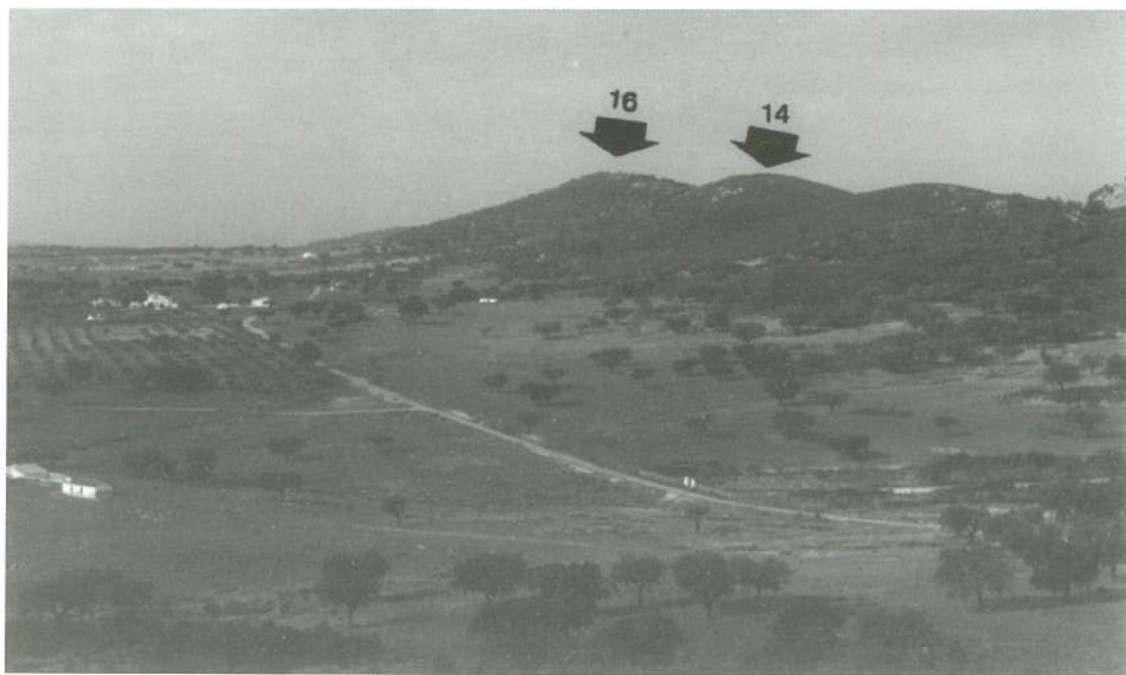


por estes factores que o resultado do estudo que agora resumidamente apresentamos deve ser compreendido.

Pela bibliografia foi possível reunir informações referentes a sessenta e quatro locais, que, segundo os respectivos autores corresponderiam a estações ou sítios de interesse arqueológico. Contudo, ao proceder-se à confirmação no terreno verificámos que apenas cerca de 50% destas informações eram confirmáveis. Para além das causas acima referidas, outras podem ser apontadas para esta tão significativa diferença, salientando-se, de entre elas, as destruições causadas pelas florestações industriais da

maior parte da Serra de S. Mamede, a expansão não controlada dos espaços urbanos e algumas incorrecções cometidas por anteriores investigadores. De entre estes merece especial destaque João de Almeida que cartografou várias atalaias e castros na área compreendida nos limites do actual Parque Natural da Serra de S. Mamede e dos quais, se alguma vez existiram, deles não chegou até hoje o mais pequeno vestígio.

A imprecisão na localização de alguns sítios arqueológicos referidos por autores do século XIX e anteriores, poderá contribuir, igualmente, para a não identificação de sítios que, pela descrição pareciam incluir-se na



Nave Fria (nº 14); Rei Santo (nº 16).



Povoado do Sapoio (nº 51).



Ponte da Ribeira das Trutas (nº 76).

área em estudo, mas que, na verdade, se encontram fora dele, ou, então, já não existem.

Conforme o sugerido pelo IPPC/IPPAAR para a elaboração de cartas arqueológicas (Plano Nacional de Cartas Arqueológicas) e acordado no início do presente levantamento, apenas foram considerados neste estudo os testemunhos materiais anteriores à fundação da nacionalidade. Contudo, considerando que alguns vestígios de épocas posteriores possuíam, ou grande interesse científico e monumental, ou reflectiam particularidades regionais foram igualmente incluídos neste levantamento. Por motivos idênticos foram

também registados alguns arqueossítios situados já fora do perímetro do Parque Natural da Serra de S.Mamede mas, não muito distantes da linha delimitadora.

Tratando-se de uma região fortemente humanizada, sobretudo após os finais do século XV é natural que os vestígios de épocas anteriores se encontrem muito diluídos o que de alguma forma poderá comprometer as leituras apresentadas.

Embora sujeitos a todos estes condicionalismos foi possível efectuar cento e oito registos, referentes a outros tantos arqueossítios que formam o presente levantamento arqueológico.



Ara em Moinho na Portagem (nº 97)

Observando a distribuição geral dos arqueossítios identificados na área do Parque, facilmente se nota que, nas cotas mais altas e na zona mais enrugada os vestígios da presença humana mais antiga estão praticamente ausente. Várias hipóteses poderão ser colocadas tendo em vista a explicação desta ausência. Em primeiro lugar importa referir as profundas movimentações de solos para florestação efectuadas em grandes áreas da Serra na década de setenta e oitenta sem qualquer acompanhamento arqueológico que, conseqüentemente, provocariam a destruição irremediável de todos os arqueossítios que aí pudessem ter existido. Para explicar a pouca frequência de arqueossítios na zona central da Serra não

será também de excluir o rigor climatérico dos invernos que se faz sobretudo sentir nas cotas mais elevadas, justificando que em épocas de menor pressão demográfica, os vales abrigados e melhor drenados tenham sido preferidos em detrimento das cotas elevadas que caracterizam a paisagem central do Nordeste Alentejano onde este parque se insere. O diminuto número de testemunhos da presença humana de épocas mais recuadas na zona interior da Serra poder-se-á também explicar pela forte densidade que o coberto florestal espontâneo apresentava nesta região até aos finais do século passado o que de alguma forma contribuiria, igualmente, para a rejeição desta região pelas comunidades humanas.



Anta das Castanheiras (nº 97)

Observando a distribuição cartográfica dos arqueossítios denota-se que a maior presença de testemunhos se situa, maioritariamente, ou nos vales abrigados, ou nas linhas de cumeeada da periferia da Serra, sobranceiras à peneplanície que dominam. Os primeiros, parecem corresponder, sobretudo, a casais agrícolas romanos e alto-medievais, enquanto que os segundos foram ocupados por comunidades da pré-história recente, que aí procuraram abrigo enquanto exploravam agrícola e cinegeticamente as áreas limítrofes da serra e patamares envolventes.

O vale mais fértil do perímetro do Parque, o Vale da Aramenha, foi eleito pelos romanos para aí edificarem, provavelmente de raiz, a cidade de Ammaia. Esta,

paralelamente com o conjunto de arte rupestre da Esperança, os povoados pré-históricos da Nave Fria, do Rei Santo, S. Paulo, Monte das Santas, Pego do Inferno, da Cabeça, do Pico, da Crença, do Carvalhal Barbudo e os monumentos megalíticos identificados, poderão ser considerados os arqueossítios mais notáveis reconhecidos na área do Parque. Se estes são testemunhos que justificam estudos de pormenor, a ausência de investigações sobre habitats alto-medievais, que em número significativo ocorrem na Serra de S. Mamede, merecem, igualmente, uma atenção muito especial. De entre estes importa destacar o habitat da Água da Cuba, o do Frei Álvaro, o dos Vendavais, o da Fonte do Souto e o do Ribeiro do Lobo. Particular interesse, ainda que fora do Parque, merece o conjunto



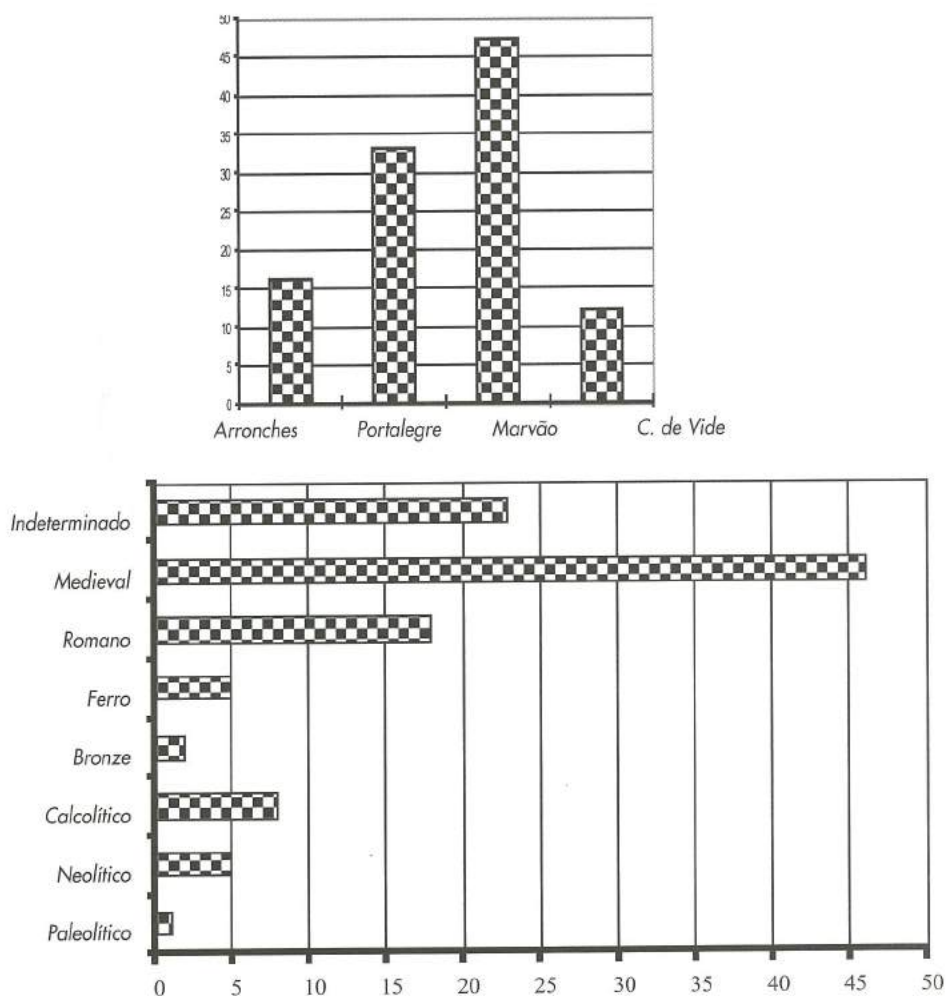
Ammaia — Peristelo (nº 78)

edificado do Vale Monteiro, justificando, de imediato uma campanha de salvamento da documentação epigráfica aí existente. Conjunto igualmente sensível e justificativo de consolidação urgente são as ruínas da Provença.

Em conclusão, pode dizer-se, que o Parque Natural da Serra de S.Mamede,

sobretudo na orla periférica e nos vales mais férteis e abrigados foi local eleito para o estanciamiento de comunidades humanas desde os tempos mais recuados, reconhecendo-se que, desde o Paleolítico até aos nossos dias, o Homem e a sua cultura fazem parte integrante da paisagem do Nordeste Alentejano.

DISTRIBUIÇÃO DOS ARQUEOSSÍTIOS POR CONCELHOS E ÉPOCAS



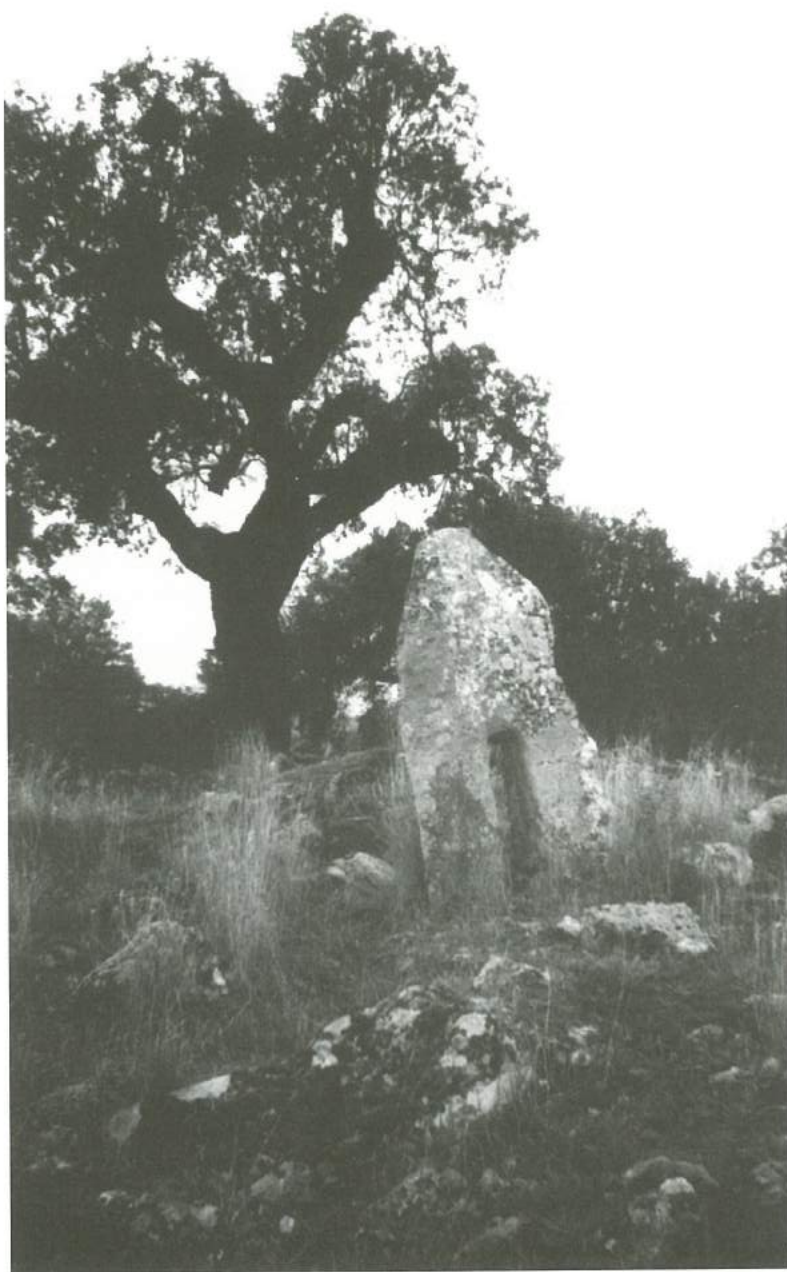
PARQUE NATURAL DA SERRA DE S. MAMEDE **ARQUEOSSÍTICOS CARTOGRAFADOS**

INVENTÁRIO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PARQUE NATURAL DA SERRA DE S. MAMEDE
Jorge de Oliveira, António Bairinhas e Carmen Balesteros

N.º	TOPÓNIMO	CONCELHO	C.M.P.	UTM - X	UTM - Y	ARQUEOSSÍTIO	CRONOLOGIA
1	Regato do Algarve	Arranches	373	660 82	335 80	Estruturas habitacionais	Romano
2	Vale da Brava 1	Arranches	373	659 30	335 96	Estruturas habitacionais	Romano
3	Vale da Brava 2	Arranches	373	658 90	335 94	Estruturas habitacionais	Romano
4	Vale de Junco 1	Arranches	373	657 72	334 68	Necrópole (?)	Romano
5	Vale de Junco 2	Arranches	373	657 66	334 88	Estruturas habitacionais	Romano
6	Lapa dos Gaiões	Arranches	373	658 20	335 14	Abriço com pinturas	Pós Paleolítico
7	Serra dos Louçães	Arranches	373	657 50	335 36	Habitat	Idade do Ferro
8	Lapa dos Louçães	Arranches	373	657 56	335 26	Abriço com pinturas	Pós Paleolítico
9	Igreja dos Mouros	Arranches	373	657 20	335 22	Abriço com pinturas	Pós Paleolítico
10	Povoado dos Louçães	Arranches	373	657 44	335 28	Habitat	Pós Paleolítico
11	Praias	Arranches	373	656 40	336 32	Estruturas habitacionais	Calcolítico
12	Abriço P. Monteiro	Arranches	372	654 68	336 60	Abriço com pinturas	Romano
13	Serrinha	Arranches	372	654 46	336 00	Estruturas habitacionais	Pós Paleolítico
14	Nave Fria	Arranches	372	652 38	337 54	Habitat	Medieval/Moderno
15	Marlim Filho	Arranches	372	652 70	337 86	Habitat	Idade do Ferro
16	Rei Santo	Arranches	372	652 18	337 74	Habitat	Calcolítico
17	Monte dos Santos	Portalegre	372	648 26	340 24	Habitat	Bronze/Ferro
18	Pego do Inferno	Portalegre	372	648 02	340 50	Habitat	Calcolítico
19	Boilheira	Portalegre	372	646 54	341 52	Atalaja	Ferro/Romano
20	Terrenha	Portalegre	372	645 20	341 66	Habitat	Medieval/Moderno
21	Vale de Monteiro	Portalegre	372	646 52	340 96	Estruturas habitacionais	Bronze/Ferro
22	Serra da Mina	Portalegre	360	649 52	343 82	Mina	Vária
23	Nasce Água	Portalegre	360	650 24	345 56	Mina	Indeterminada
24	Tapada do Marvarejo	Portalegre	360	647 10	342 72	Estrutura habitacional	Indeterminada
25	Cubos	Portalegre	360	646 80	343 14	Estrutura habitacional	Medieval/Moderno
26	Pico	Portalegre	360	643 68	348 30	Habitat	Romano
27	Silto do Azenha	Portalegre	360	644 16	344 90	Mina	Idade do Ferro
28	Moinho de Baixo	Portalegre	360	646 34	346 14	Mina	Indeterminada
29	Muralha do Carvalhal	Portalegre	360	646 60	350 24	Habitat	Indeterminada
30	S. Mamede	Portalegre	348	641 50	353 04	Estruturas habitacionais	Calcolítico/Bronze
31	Cabresos	Marvão	348	644 76	353 60	Muro	Romano/Moderno
32	Montinho	Marvão	348	646 20	353 80	Forno de cal	Indeterminada
33	Areiro de Cima	Portalegre	347	634 56	352 90	Sepultura escavada na rocha	Medieval
34	Pedra de Ouro	Portalegre	347	635 36	353 16	Estruturas habitacionais	Medieval/Moderno
35	Cabeça do Mouro	Portalegre	347	635 64	352 90	Estruturas habitacionais	Medieval/Moderno
36	Boi de Água	Portalegre	347	635 30	352 30	Calçada	Indeterminada
37	Marrada Alta	Portalegre	347	632 06	352 26	Base de coluna	Romano
38	Marrada Alta	Portalegre	347	637 12	352 46	Esla	Medieval
39	Quinta do Mealheiro	Portalegre	347	637 56	352 68	Tampa de sepultura (?)	Indeterminada
40	Enxames	Portalegre	347	635 56	353 38	Estruturas habitacionais	Indeterminada

Indeterminada	Neolítico
Menir	Medieval
Habitat	Neolítico
Anta	Neolítico
Anta	Medieval
Habitat	Medieval
Habitat	Medieval
Habitat	Medieval
Calçada e habitat	Medieval
Calçada	Indeterminada
Habitat	Calcolítico
Muralha (?)	Calcolítico (?)
Habitat	Medieval
Habitat	Medieval (?)
Calçada	Medieval
Anta	Medieval (?)
Chafarizão	Medieval (?)
Chafarizão	Medieval (?)
Pegulura escavada na rocha	Medieval
Segulura escavada na rocha	Medieval
Necrópole	Medieval
Habitat	Calcolítico
Jogo gravado	Medieval
Alagoeira	Medieval/Moderna
Ponte	Romana
Calçada	Medieval
Fornos de cal	Várias
Mina	Indeterminada
Habitat	Medieval
Necrópole	Medieval
Calçada	Medieval
Habitat	Medieval
Habitat	Medieval
Terraco	Medieval
Ponte	Paleolítico
Torre	Medieval
Ponte	Medieval
Acúde	Medieval
Cidade de Ammaia	Romana/Medieval
Habitat	Romana
Ponte	Romana (?)
Ponte (destruída)	Romana
Necrópole	Medieval (?)
Púlpito	Indeterminado
Habitat	Medieval
Altalão	Medieval (?)
Lagar	Medieval (?)
Lagar	Medieval (?)
Capela	Medieval (?)
Lagar	Medieval
Necrópole	Indeterminada
Forno	Medieval

92	Pomarinho do Meio	C. de Vide	335	631 12	363 86	Calçada	Medieval
93	Vendavais	C. de Vide	335	634 02	362 56	Habitat	Medieval
94	Provença	Portalegre	347	635 08	354 94	Inscrição	Romana
95	Laranjeira	Portalegre	347	636 44	354 08	Peso de lagar	Indeterminada
96	Frei Álvaro	Portalegre	347	635 34	355 64	Habitat	Medieval
97	Portagem	Marvão	348	639 02	360 14	Ara em moinho	Romana
98	Portagem	Marvão	348	639 88	360 74	Marco de ordem religiosa	Medieval
99	Portagem	Marvão	348	639 48	360 98	Ruínas da capela de S. Silvestre	Medieval (?)
100	Esturçadas	Marvão	335	638 66	363 74	Habitat	Medieval
101	Carvalhal Barbudo	Portalegre	360	641 10	347 66	Habitat	Calcolítico
102	Atalaia	Portalegre	359	636 24	350 84	Atalaia (?)	Medieval (?)
103	Quinta de S ^{te} António	Portalegre	359	635 90	351 70	Lagar	Medieval (?)
104	Portagem	Marvão	348	639 42	360 78	Ponte com materiais romanos	Moderna
105	Olhos de Água	Marvão	348	639 68	359 34	Forno de cal	Medieval (?)
106	Prado	Marvão	348	638 94	360 68	Forno (?)	Indeterminada
107	Murta Nova	C. de Vide	335	631 12	362 70	Menir (?)	Neolítico (?)
108	Melriça	C. de Vide	335	629 02	366 10	Anta	Neolítico



Apoio de vara de Lagar — Lagar dos Frades (nº 47)

Principais Referências Bibliográficas

- ALARCÃO, Jorge de, «Vidros Romanos de Aramenha e Mértola», *O Arqueólogo Português, Série III, Vol. 5*, Lisboa, 1971.
- ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano, «História Mundi», 33º Vol.*, Editorial Verbo, Lisboa, 1973.
- ALARCÃO, Jorge de, «Sobre a Romanização do Alentejo e Algarve», *Arqueologia*, nº 11, Porto, 1985, p. 99 ss.
- ALMEIDA, João de (General), *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Edição do Autor, Lisboa, 1948.
- ARRAIS, D. Frei Amador, *Diálogos*, Introdução e Revisão de M. Lopes Almeida, Lello e Irmão Editores, Porto, 1974.
- AZEVEDO, Pedro A. de, «Extractos Archeológicos das Memórias Paroquiais de 1958», *Arqueólogo Português, Série I, Vol. 2*.
- AZEVEDO, Pedro A. de, «Notícias Várias», *O Arqueólogo Português, Série I, Vol. 11*, Lisboa, 1906.
- BALBI, Adrien, *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d' Algarve Comparé aux Autres États de L'Europe*, Tome II, Chez Rey et Gravier, Libraires, Paris, 1822.
- BORRALHO, Maria Leonor; Caria Mendes, António José, *Vestígios Romanos ou Proto-Cristãos na Serra de S. Mamede - Portalegre*. (Nota Prévia), in *1ª Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*. Actas. 85., Comissão Regional de Turismo de S. Mamede e outros, 1987.
- BREUIL, Henri, *Les Peintures Schématiques de la Péninsule Ibérique, II Bassin du Guadiana*, Imprimerie de Lagny, Lagny sur Marne, 1933.
- BREUIL, Henri, «Quelques Observations sur les Peintures Schématiques de la Péninsule Ibérique», in *Actas do 1º Congresso do Mundo Português, Vol. I*, Porto, 1940.
- BRITO, Frei Bernardo de, *Monarquia Lusitana*, Tradução de A. da Silva Rego, Notas de A.A. Banha e M. dos Santos Alves, Livro Quinto, Parte Segunda, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1975.
- BUENO RAMIREZ, Primitiva, *Los Dolmenes de Valência de Alcântara*, Ministério de Cultura, Madrid, 1988.
- CARDOSO, P. Luiz, *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica etc.*, Tomo II, Lisboa, 1751.
- CARIA MENDES, J., «Notas Acerca das Origens de Portalegre. Uma Questão de Geografia Humana», in *Actas do 1º Encontro de História Regional e Local de Portalegre*, Portalegre, Centro de Recursos e Animação Pedagógica da E.S.E.P., 1990.
- CARIA MENDES, António José de Sousa, Borges, Artur Goulart de Melo, «A Lápide Árabe da Serra de S. Mamede - Portalegre», Ibn Maruán, *Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1, Novembro de 1991.
- CAROLINO, Luís Miguel, «A Gravação das Carreiras - Portalegre - e Tradições Lúdicas no Alentejo», Ibn Maruán, *Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 4, Dezembro de 1994.
- CASTRO, Luís Albuquerque e ; Ferreira, Octávio da Veiga, «As Pinturas Rupestres Esquemáticas da Serra dos Louçães», *Conimbriga*, Vol. II-III, 1960-61.
- CHAVES, Luís, «Influências Religiosas na Formação da Antroponímia e da Toponímia», *Arqueólogo Português, Série II Vol. III*, Lisboa, 1959.
- CORREIA, Virgílio, «Pinturas Rupestres da Sra. da Esperança (Arronches)», *Terra Portuguesa*, 5, Lisboa, 1916.

- COSTA, Alexandre de Carvalho, Marvão - Suas Freguesias Rurais e Alguns Lugares, Edição da Câmara Municipal de Marvão, 1982.
- CRESPO, Marques, Estremoz e o seu Termo Regional, Edição do Autor, Estremoz, s/d (1880 data provável).
- DIAS, Ana Carvalho; Oliveira, Jorge Manuel, Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão, Portalegre, Edição da Assembleia Distrital de Portalegre, 1981.
- DIAS, Maria Manuela Alves, «A Propósito da Inscrição Funerária de L. Marius Caprarius», O Arqueólogo Português, Série IV, Vol. 1, Lisboa, 1983.
- ENCARNACÃO, José d', Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Faculdade de Letras de Coimbra, 1984.
- FERREIRA, Octávio da Veiga, «Pinturas Rupestres em Portugal», Revista Engenho, (17), 1, Jan-Março, Lisboa, 1962.
- FERREIRA, Octávio da Veiga, «Pinturas e Gravuras Parietais do Paleolítico Superior», Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores, (12), 1, Jan-Março, 1957.
- FIGUEIREDO, Borges de, «A Archeologia nos Lusíadas», Revista Archeologia, Vol. IV, nº 8, Agosto, Lisboa, 1890.
- FIGUEIREDO, Mesquita de, «Informações Archeológicas Colhidas no Dicionário de Cardoso», O Arqueólogo Português, Série I, Vol. 2, Lisboa, 1896.
- GOMES, Mário Varela, «Arte Rupestre e Contexto Arqueológico», Almansor Revista de Cultura, nº 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1989.
- GOMES, Mário Varela, «Abrigo Pinho Monteiro - 1982», Informação Arqueológica, nº 5, I.P.P.C., Departamento de Arqueologia, 1985.
- HELENO, Manuel, «A Villa Lusitano-Romana de Torre de Palma», O Arqueólogo Português, Série II, Vol. IV, Lisboa, 1960.
- HERNANDEZ-PACHECO, Eduardo, «Pinturas Prehistóricas y Dolmenes de la Région de Albuquerque según Datos y Dibujos de Aurélio Cabrera», Boletín de la Real Sociedad Española de História Natural, Vol. XIV, 1916.
- HERNANDEZ-PACHECO, Eduardo; Cabrera, A., Pinturas Prehistóricas y Dolmenes de la Region de Albuquerque (Extremadura), Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Nota num. 8, Madrid, 1916.
- HUEBNER, Emílio, «Notícias Archeológicas de Portugal», in Academia das Ciências, Lisboa, 1871.
- JALHAY, Eugénio, «Epigrafia Ammaense», Brotéria, XLV, Lisboa, 1947.
- JORGE, Vítor O.; Serrão, Eduardo da C., «Materiais Líticos da Jazida Pré-Histórica do Porto da Boga (Curso Superior do Rio Caia)», in Actas do Segundo Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. 1, Coimbra, 1962.
- LAMBRINO, Scarlat, «Les Inscriptions Latines Inédites du Musée Leite de Vasconcelos», O Arqueólogo Português, Série II, Vol. III, Lisboa, 1959.
- Idem, «Les Inscriptions Latines Inédites du Musée Leite de Vasconcelos», O Arqueólogo Português, Série III, Vol. I, Lisboa, 1967.
- LARANJO COELHO, Possidónio Mateus, Terras de Odiana-Medobriga. Ammaia. Aramenha. Marvão., 2ª Edição Revista e Anotada por Diamantino Sanches Trindade, Odivelas, Câmaras Municipais de Castelo de Vide e Marvão, 1988.
- LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho, Portugal Antigo e Moderno — Dicionário Geográfico, Estatístico etc., Vols. Vários, Lisboa, 1873.

- LEÃO, Duarte Nunez de, *Descrição do Reino de Portugal*, Of. de Simão Thadeo Ferreira, Lisboa, 1758.
- LEISNER, Georg und Vera, *Die Megalith Graeber der Iberischen halbinsel der Westen*, Berlin, Walter de Gruyter e Co. 1959.
- LEITE DE VASCONCELOS, J., *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, 1913.
- IDEM, «Localização da Cidade de Ammaia», *Ethnos*, Vol. I. Lisboa 1935.
- IDEM, «Antiguidades do Alentejo», *O Archeólogo Portuguez*, Vol. XXVIII, 1927-1929.
- MACHADO, João L. Saavedra, «Subsídios para a História do Museu Etnológico», *O Arqueólogo Português*, Série II, Vol V, Lisboa, 1961.
- MENA, Emília, «As Caleiras da Escusa», *Ibn Maruán*, Revista Cultural do Concelho de Marvão, nº 2, Dezembro de 1992.
- MONIZ, Manuel de Carvalho, «Marvão - Achegas para a sua História», *o Arquivo de Beja*, XXVIII-XXXII, Beja, 1971-75.
- NEVES, Josefa da Conceição, «Uma Colecção Particular de Materiais Romanos de Aramenha», *Conimbriga*, XI, Coimbra, 1972.
- OLIVEIRA, Jorge, *Povoado do Veloso - Carreiras (Portalegre) campanha 1/85, Relatório de Trabalhos Arqueológicos Aprovado pelo I.P.P.C.*
- OLIVEIRA, Jorge; Dias, Ana Carvalho, «Menir da Água da Cuba - Notas de Escavação», *A Cidade Revista Cultural de Portalegre*, nº 5, Junho, 1982.
- OLIVEIRA, Jorge, «O Menir da Água da Cuba» in *1ª Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano. 85. Actas*, Comissão Regional de Turismo de S. Mamede e Outros, 1987.
- PAÇO, Afonso do, *Populações Pré e Proto-Históricas do Concelho de Marvão*, Lisboa, 1952.
- PAÇO, Afonso do, «Inscrição Cristã do Monte-Velho (Beirã-Marvão)», *Conimbriga*, XLIX, Coimbra, 1972.
- IDEM, *Carta Arqueológica do Concelho de Marvão, Separata Subsidiada pelo Intituto de Alta Cultura e Câmara Municipal de Marvão*, Lisboa, 1953.
- PAÇO, Afonso do; Almeida, Fernando (D.), «Duas Incrições Romanas Inéditas do Museu de Marvão», *Revista de Guimarães*, Vol. LXXII, Guimarães, 1962.
- PESTANA, Manuel Inácio, *Arte Rupestre. Do Conjunto Pictórico dos Louções ao da Serra do Cavaleiro - agora descoberto, Separata de A Cidade - Revista Cultural de Portalegre*, nº 3, Março de 1983, Câmara Municipal de Arronches, 1984.
- PESTANA, Manuel Inácio, «Arte Rupestre da Freguesia da Esperança (Concelho de Arronches)», in *1ª Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano. 85. Actas*. Comissão Regional de Turismo de S. Mamede e outros, 1987.
- PINHO LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de, *Portugal Antigo e Moderno Dicionário*, Lisboa, Vol. I e V, s/d, (1ª ed. 1840).
- PINTO, Rui de Serpa, «O Abrigo Pré-Histórico de Valdejunco (Esperança)», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 5, (3), Porto, 1932.
- RESENDE, André de, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, A Lucio Andrea Defendeo Olim Isschoari e a Iacobo Messoetio Vafconcelos Recognit Ato Abfoluti. Excubedat Martinus Burgensis Academia Typographis, Liberi Quator, Ebore, Anno 1593.
- RODRIGUES, Maria da Conceição, *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Por Ordem da Junta Distrital de Portalegre, Lisboa, 1975.
- SANTA-MARIA, Agostinho (Frei), *Santuário Mariano*, 3º Tomo, Livro IV, Título III, Oficina de António Pedrozo Gabrane, Lisboa, 1758.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim R., «Arte Rupestre», in *Actas do I Congresso do Mundo Português*, Vol. 1, Porto, 1940.

- SIDARUS, ADEL, «Ammaia de Ibn Maruá», *Ibn Maruán, Revista Cultural do Concelho de Marvão*, no 1, 1991.
- SILVA, António Carlos, «Parques Naturais - Uma certa Apatia», *Diário de Notícias, Lisboa*, 16 de Setembro, 1993.
- SOTTO-MAIOR, Diogo Pereira de, *Tratado da Cidade de Portalegre, Introdução Leitura e Notas de Leonel Cardoso Martins, I.N.C.M. - Câmara Municipal de Portalegre, Vila da Maia, 1984, (reedição da edição de 1619).*
- VIU, José de (D.), *Estremadura Coleccion de sus Inscripciones y Monumentos, Tomo I, Madrid, 1852.*
- BROCHURA, S. Mamede - *Parque Natural, Parque Natural da Serra de S. Mamede, 1991.*
- BROCHURA, *Pela Serra de S. Mamede - Nove Passeios à Descoberta do Parque Natural, Bevide - Turismo Ibérico de Castelo de Vide S.A., 1993.*

ELEMENTOS PARA O INVENTÁRIO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE MARVÃO

Jorge de Oliveira

Guarda-se, ainda que em fase de organização, no edifício da chamada Câmara Velha de Marvão um precioso conjunto documental que a breve trecho espero que se possa vir a transformar na Biblioteca e Arquivo Municipais de Marvão.

É completamente impossível neste momento avaliar, ainda que abreviadamente, quer os fundos, quer o estado de conservação do importante espólio documental que em quatro compartimentos se conservam nos antigos Paços do Concelho. Em diferentes estádios de organização a documentação que aqui se guarda passou por várias vicissitudes salvando-se da destruição, certamente que por acaso. Recordemo-nos que Marvão é uma praça fronteiriça e que foi palco de todos os episódios que opuseram os espanhóis e portugueses. Queixam-se os vizinhos de

Valência de Alcântara de não possuírem um arquivo histórico por o mesmo ter sido destruído pelos portugueses. Por motivos semelhantes se deverá a ausência de documentação anterior ao século XVII no arquivo de Marvão. Contudo, não deixa de ser interessante recordar que alguma documentação municipal de Valência de Alcântara que se considerava destruída pelos ataques dos portugueses tem vindo ultimamente a ser encontrada em casas particulares como seja o caso das Ordenanzas del Concejo de Valencia de Alcantara.

No acompanhamento que temos vindo a fazer às esforçadas técnicas da Câmara Municipal de Marvão tendo em vista a organização do Arquivo Municipal identificámos dois documentos que se revestem da maior importância para o conhecimento do património arquivístico municipal ainda existente no século XIX.

Os dois documentos, embora próximos cronologicamente, o primeiro foi redigido em 3 de Janeiro de 1868 e o segundo em 4 de Setembro de 1886, mostram-nos já algumas diferenças no que ao espólio documental diz respeito. O primeiro documento elaborado pelo escrivão da câmara Lucio Maria Dias Inchado dava cumprimento ao Decreto do Ministério do Reino de 10 de Dezembro de 1867, que no parágrafo 1º do Artº 7º determina que "entregarão por inventário os arquivos às camaras municipaes dos concelhos a que as sédes dos concelhos suprimidos ficarem pertencendo". Este decreto especificava o que não tinha ficado claro no publicado em 26 de Junho do mesmo ano que se destinava a reformular a administração civil do País, ponto de partida para a posterior supressão de alguns

concelhos, entre os quais se viria a incluir o de Marvão.

O segundo documento parece resultar da tomada de posse do novo escrivão da câmara, Luiz Pinto de Sousa Junior, por aposentação de Lucio Maria Dias Inchado e trata-se do inventário do património municipal que se encontrava à sua guarda.

O valor do segundo documento apresenta-se acrescido pela descrição de outros bens pertencentes à Câmara que não são referidos no primeiro manuscrito. Como facilmente se constata, se exceptuarmos a referência ao foral manuelino, toda a documentação parece ser posterior a 1600. Resta-nos aguardar que esteja concluída a organização da futura biblioteca e arquivo de Marvão para que se possa confirmar esta informação.

CAMARA MUN. DO CON. DE MARVÃO

INVENTÁRIO DOS LIVROS E MAIS PAPEIS QUE EXISTIÃO NO ARCHIVO DA SOBREDITA CAMARA NO DIA 3 DE JANEIRO DE 1868, E QUE FORAM ENTREGUES Á CAMARA MUNICIPAL DE CASTELLO DE VIDE NA FORMA ORDENADA NAS INSTRUÇÕES REGULAMENTARES DO MINISTÉRIO DO REINO DE 10 DE DEZEMBRO DE 1867, QUE FAZEM PARTE DO DECRETO DA MESMA DATA.

Nº dos massos	Livros e Papeis que os Compoem
1	Tem seis livros d'accordãos da Camara desde 1845 até 1867.
2	Tem 14 livros d'accordãos da Camara desde 1820 até 1845.
3	Tem quatorze livros d'accordãos da Camara desde 1801 até 18019.
4	Tem 35 livros d'accordãos da Camara desde 1752 até 1800.

5	<i>Tem 16 livros d'accordãos desde 1600 até 1700, todos muito velhos.</i>
6	<i>Tem 30 livros d'accordãos desde 1700 até 1750, todos muito velhos.</i>
7	<i>Tem 18 livros , sendo 5 de vistorias da Camara desde 1781 até 1860; 2 da matricula dos jurados de 1845 até 1852; 2 de notas da Camara; 2 de recenseamentos; o Tombo velho, dito em principio; 1 das contas do thesoureiro; 1 dos termos de obrigações e fiança; 2 de ferros e sinais dos gados; e um do afelamento dos pezos e medidas.</i>
8	<i>Tem 11 livros, sendo, 6 do lançamento do cabeção desde 1828 até 1833; 5 do registo dos fogos deste Concelho e dos individuos que compunhão as 5 companhias das ordenanças neste Concelho em 1828; 2 massos de mandados da despeza dos bens do Povo de 1826 e 1828; e 3 autos de avaliação e divisão da espiga das folhas dos annos de 1827, 1829 e 1831.</i>
9	<i>Tem 7 livros, sendo 4 dos assentos dos Expostos desde 1810 até 1850; e 3 das contas da despeza com elles desde 1811 até 1833.</i>
10	<i>Tem 8 livros, sendo, 5 d'arrematações dos bens do Concelho e 3 do povo, desde 1776 até 1850.</i>
11	<i>Tem 33 livros de receita e despeza do Concelho desde 1706 até 1803, todos muito velhos.</i>
12	<i>Tem 8 livros de receita e despeza do Concelho desde 1809 até 1850.</i>
13	<i>Tem 12 livros de receita e despeza do anno de 1600 em diante; todos muito velhos.</i>
14	<i>Tem 18 livros do lançamento da receita e do quinto desde 1820 até 1833.</i>
15	<i>Tem 7 livros de receita e despeza dos bens do Povo desde 1780 até 1838.</i>
16	<i>Tem 20 livros, sendo 7 de receita e despeza do real d'agoa até 1834; e 13 dos da receita do novo sello ou papel sellado desde 1811 até 1834.</i>

17	<i>Tem 12 livros, sendo, 2 de registos dos recenseamentos militares, 1 do Tombo novo dos bens do Concelho; 1 do compromisso desta camara com a de Valença, o foral dado a esta Villa; 1 livro de registo das contribuições municipais até 1867; 3 livros de registo de licenças; 1 dos annais do municipio; 1 dito das pessoas vaccinadas em 1861, 1864 e 1866, 1 dito das actas da commissão agricola, e 1 dito das estivas dos generos.</i>
18	<i>Tem 12 livros, sendo, 2 de registo de mandados de pagamentos, e dos conhecimentos findos; 1 da correspondencia recebida; 4 da correspondencia expedida da Camara; 1 da conta corrente do Thezoureiro com a Camara findo; 1 modelo B da escripturação diaria da receita e despesa do municipio findo; e 3 ditos findos da escripturação diaria do Thezoureiro do Municipio.</i>
19	<i>Tem 8 livros, sendo, 3 das sessões da Commissão do recenseamento; 3 do recenseamento dos eleitores e elegiveis para Deputados e cargos publicos; e 2 de registos das Leis, Decretos, Alvarás e outros documentos mais.</i>
20	<i>Tem 4 livros, a saber; 1 da conta corrente do Thezoureiro com a Camara, outro caderno B da escripturação diaria da receita e despesa; um de registo de mandados e folhas de pagamento; 1 das dividas activas e passivas do Concelho que servião em 1867, e as Instrucções impressas que regulão a escripturação e contabilidade municipal.</i>
21	<i>Tem 4 livros, sendo, 3 das ordenações do Reino, e 1 das Posturas velhas.</i>
22	<i>Conthem as circulares do Governo Civil expedidas às Camaras desde 1855 até 1867.</i>
23	<i>Tem os officios do Governo Civil e de outras auctoridades expedidas à Camara de Marvão desde 1855 até 1867.</i>
24	<i>Circulares e officios do Governo Civil e mais documentos que lhe respeitão expedidos à Camara de Marvão desde 1839 até 1854.</i>
25	<i>Conthem as folhas dos sallarios das Amas dos expostos desde 1854 até 1867, e diversos orçamentos e documentos de despesa das Juntas de Parochia deste Concelho.</i>

26	<i>Contem as relações dos documentos de cobrança entregues ao Thezoureiro do Concelho desde 1850 até 1867, actas de eleições municipais, Parochiais e de Deputados, 4 copiadores da correspondencia da Camara, orçamentos e documentos de despesa das Juntas de Parochia.</i>
27	<i>Conthem os recenseamentos militares e mais documentos que lhe respeitam desde 1856 até 1867.</i>
28	<i>Conthem os autos de venda das casas da Praça a Francisco de Paula, a conta da receita e despesa do remanescente da Capella da Senhora da Estrella, o Inventario do antigo Cartorio dos Orfãos, o Codigo de Posturas Municipais em vigor, o arrolamento da contribuição do trabalho para as estradas dos annos de 1866 a 1867, e de 67 a 68, os mappas das obras municipais, as contas da receita e despesa, os mappas das contribuições municipais, as contas gerais da renda dos annos de 61 a 67, o processo sobre as imigrações, o codigo Administrativo e as Instruções sobre as Contribuições Prediais, Individual e pessoal.</i>
29	<i>Conthem 19 traslados de Escrituras de feiras, 6 ditos de despesas de foros que possui o concelho em 31 de Dezembro de 1867, e mais 2 ditos, 1 da fiança do Thezoureiro Antonio Simões e outro da compra das casas da rua de sima para acomodação das Escolas.</i>
30	<i>Conthem a legislação encadernada dos annos desde 1837 até 1848.</i>
31	<i>Legislação encadernada dos annos de 1849 até 1854.</i>
32	<i>Conthem a legislação encadernada dos annos de 1855 até 1859.</i>
33	<i>Tem a legislação encadernada dos annos desde 1860 até 1866.</i>
34	<i>Conthem os mandados da despesa do Concelho e Povo dos annos de 1823 até 1841.</i>
35	<i>Diarios do Governo de 1850.</i>
36	<i>Ditos do anno de 1851.</i>
37	<i>Ditos do anno de 1852.</i>
38	<i>Ditos do anno de 1853.</i>

39	<i>Ditos do anno de 1854.</i>
40	<i>Ditos do anno de 1855.</i>
41	<i>Ditos do anno de 1856.</i>
42	<i>Diarios do Governo do anno de 1858.</i>
43	<i>Ditos do anno de 1859.</i>
44	<i>Ditos do anno de 1860.</i>
45	<i>Ditos do anno de 1861.</i>
46	<i>Ditos do anno de 1862.</i>
47	<i>Ditos do anno de 1863.</i>
48	<i>Ditos do anno de 1864.</i>
49	<i>Ditos do anno de 1865.</i>
50	<i>Ditos do anno de 1866.</i>
51	<i>Ditos do anno de 1867.</i>

Marvão 3 de Janeiro de 1868
O Escrivão da Camara
O Escrivão — Lucio Maria Dias Inchado

**INVENTÁRIO DOS LIVROS E MAIS PAPÉIS EXISTENTES NO ARCHIVO
MUNICIPAL D'ESTE CONCELHO NO DIA 4 DE SETEMBRO DE 1886.**

(doc. 2)

Camara Municipal do Concelho de Marvão

Nº dos massos	Livros e papeis de que se compõem
1	Conthem 15 livros d'accordãos da Câmara desde 1600 até 1700, todos muito velhos. (Alguns incompletos).
2	Conthem 27 livros d'accordãos da Câmara desde 1700 até 1750, todos muito velhos. (Alguns incompletos).
3	Contem 35 livros d'accordãos da Câmara desde 1752 até 1800.
4	Tem 14 livros das sessões da Câmara desde 1801 até 1819.
5	Tem 14 livros das sessões da Câmara desde 1820 até 1845.
6	Tem 10 livros das sessões da Câmara desde 1845 até 1883.
7	Tem 3 livros de registo desde 1802 até 1886.
8	Tem 3 livros de registo dos recenseamentos militares desde 1856 até 1880.
9	Tem 6 livros de escripturação diaria da receita e despesa escripta pelo Thezoureiro do concelho desde 1850 até 1883.
10	Tem 7 livros de escripturação diaria da receita e despesa realisada pelo Thezoureiro do Concelho desde 1850 até 1883.
11	Tem 3 livros da conta corrente do Thezoureiro com a Câmara Municipal desde 1850 até 1885.
12	Tem 6 livros da correspondencia expedida pela Câmara desde 1850 até 1882.
13	Tem 9 livros de registo dos mandados e folhas de pagamento desde 1850 até 1884.

14	<i>Tem 11 livros de recenseamentos eleitorais e dos gados, desde 1850 até 1886.</i>
15	<i>Tem 5 livros das actas das sessões da comissão do recenseamento eleitoral desde 1852 até 1886.</i>
16	<i>Tem 4 livros de nottas da Câmara desde 1835 até 1885.</i>
17	<i>Tem 13 livros, sendo 3 de registo de licenças; 2 de matriculas de jurados; 1 dos afillamentos; 1 das pessoas nacionadas; 1 da entrada da correspondencia; 1 dos termos de fiança; 1 das contas particulares; 1 das actas da comissão agricola; 1 de ditas dos annaes do municipio; e 1 das posturas velhas.</i>
18	<i>Tem 10 livros, 4 de tombos dos bens do Concelho; 1 do foral; o compromisso de Valencia com esta Câmara, 1 de expropriações, 2 dos ferros e signaes dos gados; e 1 das dividas activas e passivas do concelho.</i>
19	<i>Tem 6 livros de autos de vistorias da Câmara desde 1781 até 1886.</i>
20	<i>Tem 4 livros de registo de minas desde 1868 até 1886.</i>
21	<i>Tem 4 livros de contribuições municipaes desde 1854 até 1884.</i>
22	<i>Tem os papeis pertencentes à Comissão do recenseamento eleitoral deste Concelho.</i>
23	<i>Tem as contas da receita e despesa desde 1861 até 1885, e mapas das contribuições municipaes, ditos das obras municipaes, ditos das carnes verdes, o auto da venda das casas da Praça, a conta da capella da Senhora da Estrella, os codigos municipaes de 1860 e 1875, e o inventario do antigo cartorio dos orphãos.</i>
24	<i>Tem os roes das contribuições de viação desde 1865 até 1882.</i>
25	<i>Tem 5 livros de receita e despesa do anno de 1600 em diante, todos muito velhos.</i>
26	<i>Tem 32 livros de receita e despesa do Concelho desde 1706 até 1803, todos muito velhos.</i>

27	<i>Tem 8 livros de receita e despesa do Concelho desde 1809 até 1850.</i>
28	<i>Tem 7 livros de receita e despesa dos bens do povo desde 1780 até 1838.</i>
29	<i>Tem 8 livros, sendo 5 d'arrematações dos bens do Concelho, e do povo desde 1776 até 1850.</i>
30	<i>Tem 7 livros, sendo 4 dos assentos dos expostos desde 1810 até 1850; e 3 das contas da despesa com elles desde 1811 até 1833.</i>
31	<i>Tem 20 livros, sendo 7 da conta da receita e despesa do real d'agua até 1834; e 13 ditos da receita do novo sello ou papel sellado desde 1811 até 1834.</i>
32	<i>Tem 18 livros do lançamento da decima e do quinto desde 1820 até 1833, de cavalgaduras e jinettes.</i>
33	<i>Tem 11 livros, sendo 6 do lançamento do cabeção desde 1828 até 1833; 5 do registo dos fogos deste Concelho e dos individuos que compunham as 5 companhias das ordenanças neste mesmo Concelho em 1828; 2 massos de mandados da despesa dos bens do povo de 1826, e 1828; e 3 autos de avaliação e divisão da espiga das folhas dos annos de 1827, 1829 e 1831.</i>
34	<i>Tem os mandados da despesa do Concelho e Povo dos annos de 1823 inclusivé até 1842.</i>
35	<i>Conthem as circulares e officios do Governo Civil e mais documentos que lhe respeitam expedidas a esta Comarca desde 1839 até 1854.</i>
36	<i>Contem as relações dos documentos de cobrança entregues ao Thezoureiro desde 1850 até 1885, actas de eleições municipaes, parochiaes, deputados, 4 copiadores de correspondencia, orçamentos e documentos de despesas das Juntas de Parochia.</i>
37	<i>Contem os orçamentos e documentos das despesas das Juntas de Parochia deste Concelho desde 1853 até 1878, e copia do tombo velho.</i>
38	<i>Contem os recenseamentos militares e documentos que lhe respeitam desde 1856 até 1885.</i>

39	<i>Tem as folhas de sallarios das amas dos expostos desde 1850 até 1882.</i>
40 até	<i>Tem os officios do Governo Civil expedidos a esta Câmara desde 1855 até 1880.</i>
41	<i>Tem os officios de diversas auctoridades expedidas a esta Câmara desde 1855 até 1885.</i>
42	<i>Contem as circulares e officios do Governo Civil e Comissão Executiva da Junta Geral, expedidas a esta Câmara desde 1855 até 1885.</i>
43	<i>Contem 6 escripturas, sendo, 5 de foros que a Câmara recebe ao presente; e 1 dita da compra das casas e quintaes das escolas desta villa.</i>
44	<i>Contem 13 tratados de escripturas, sendo, 11 dos capitaes mutuados e registados; 1 da fiança do Thesoureiro do Concelho; e 1 da compra do terreno da casa escolar da Escusa.</i>
45	<i>Tem os mapas da frequencia dos allunos nas escolas deste Concelho desde 1881 até 1886.</i>
46	<i>Contem os projectos, orçamentos e mais papeis das estradas municipaes deste Concelho.</i>
47	<i>Contem os processos das contas d'esta Câmara desde 1842 até 1870.</i>
48	<i>Contem os processos das contas d'esta Câmara desde 1870 até 1882.</i>

Existem mais no archivo

A legislação encadernada dos annos de 1836 até 1884.

As ordenações do Reino em 3 volumes.

O livro da população de Portugal segundo o senso no 1º de Janeiro de 1878.

Um livro de registo muito velho sem principio nem fim.

Os diarios do Governo desde 1865 até 1885, menos d'alguns annos que faltam.

As sessões da Câmara dos deputados desde 1869 até 1885, menos d'alguns annos que faltam.

As sessões da Câmara dos Pares desde 1869 até 1885, menos d'alguns annos que faltam.

Os livros que servem actualmente das sessões da Câmara; da correspondência expedida; o da conta corrente do Thesoureiro com a Câmara; o da escripturação diaria da receita e despeza; o das dividas activas e passivas; o do registo dos mandados de pagamento; o do recenseamento militar; o das expropriações, o das contribuições municipaes; o da estiva dos generos; as instruções sobre a contabilidade municipal; o de exames perante o Jury; 12 livros; 2 cadernos e mais papeis que servem actualmente para a escripturação dos expostos; o codigo civil; dito administrativo de 1842; dito de 1878; dito das leis de 2 de Maio de 1878 e 11 de Junho de 1880 sobre a instrução primaria, relatorios da Junta Geral, e diversas obras impressas.

O estandarte da Câmara de damasco encadernado com galão e franja dourada que tem as armas da Câmara e a effigie de S. João Baptista.

Mais existem nas casas da Câmara no referido dia 4 de Setembro de 1886 que foram entregues ao novo escrivão da mesma Luiz Pinto de Sousa Junior, os seguintes moveis:

A mesa grande com duas gavetas na sala das sessões da Câmara.

Mais quatro mezas de madeira de castanho, entrando a que está na sala das audiencias do julgado.

Sete cadeiras de palhinha, onde se sentam o Presidente e Vereadores da Câmara, em uso.

Seis cadeiras de palhinha mais pequenas na mesma sala, já usadas.

Mais seis cadeiras com assentos de bunho, usadas.

Dois bancos de madeira, oleados de encarnado, que estão na sala das sessões da Câmara.

Mais dois bancos de madeira de castanho, que estão na sala das audiencias.

Cinco varas que levam os vereadores às festividades e procissões, que têm pintadas as armas reaes.

Outras cinco oleadas de preto.

Uma braseira de cobre, já usada, com sua caixa de madeira.

O marcão de madeira ou craveira para medir os recrutas.

Uma caixa de madeira com 3 fexaduras e suas chaves.

Um jogo de medidas de madeira, celindricas, que serve para padrão da Câmara, que é um hectolitro, meio hectolitro, dois decalitros e um decalitro.

Outro dito de latão de 5 litros, 2, 1, meio, 2 decalitros, 1, meio dito e um centilitro.

<i>Um metro de metal amarello.</i>	<i>3 urnas de lata.</i>
<i>Outro dito de madeira.</i>	<i>Pesos na casa de pezo</i>
<i>Outro dito de ferro.</i>	<i>7 pezos de 20 kylos cada um.</i>
<i>Uma cadeia de agrimensor.</i>	<i>2 pezos de 10 kylos cada um.</i>
<i>Um jogo de medidas de lata, toleradas para liquidos, desde um centilitro até um decalitro.</i>	<i>2 pezos de 5 kylos cada um.</i>
<i>Peso de metal amarello.</i>	<i>2 pezos de 2 kylos cada um.</i>
<i>2 pesos de 2 kylos cada um.</i>	<i>2 pezos de 1 kylo cada um.</i>
<i>1 de um kylo.</i>	<i>1 de meio kylo.</i>
<i>1 de meio kylo.</i>	<i>Uma balança de ferro de braços iguaes com duas conchas.</i>
<i>1 de 2 hectogrammas.</i>	<i>Marvão 4 de Setembro de 1886</i>
<i>1 de 1 hectogramma.</i>	<i>O escrivão aposentado da Câmara</i>
<i>1 de meio hectogramma.</i>	<i>Lucio M^a Dias Inchado</i>
<i>1 de 20 grammas.</i>	<i>Recebi do Snr. Lucio Maria Dias Inchado, escrivão aposentado da Câmara Municipal d'este Concelho os livros e papeis do archivo municipal, o estandarte da Câmara e todos os mais objectos constantes d'este inventario, que estavam a seu cargo.</i>
<i>1 de 10 ditos.</i>	<i>Marvão, 6 de Setembro de 1886</i>
<i>1 de 5 ditos.</i>	<i>O escrivão da Câmara,</i>
<i>1 de 2 ditos.</i>	<i>Luiz Pinto de Sousa Junior</i>
<i>1 de um dito.</i>	
<i>1 de um decigramma.</i>	
<i>1 de um centigramma.</i>	

TESTAMENTOS DO CONCELHO DE MARVÃO EXISTENTES NO ARQUIVO DISTRITAL DE PORTALEGRE (SÉCS. XVII-XIX)

Manuel Inácio Pestana

1 . Reconhecendo-se a importância dos testamentos, quer pelo seu conteúdo intrínseco, quer pela interveniência dos diversos factores a tais documentos ligados, sejam eles testamentários, tabeliães ou testemunhas, a verdade é que nos parece de grande utilidade para efeitos de pesquisa histórica, a relação que decidimos apresentar. Não será demais salientar quanto vale recolher informações no âmbito da genealogia, da vida económico-social de uma região do interior, tal como algo se poderá concluir das oscilações demográficas que o número de testamentos mencionados nos permite avaliar em estudo quantitativo e qualitativo mais desenvolvido e aprofundado que pretendêssomos fazer ao compulsar um a um, todos os processos, trabalho evidentemente de grande envergadura, impraticável de momento¹.

É precisamente neste sentido de servir a investigação histórica que esta publicação se poderá justificar. De salientar o precioso apoio — desde já reconhecido com gratidão —, que nos prestaram os responsáveis do Arquivo Distrital de Portalegre (ADP), entidade que em tempo oportuno e de conformidade com a legislação aplicável, recebeu da Comarca de Castelo de Vide, a que pertence o Concelho de Marvão, todo este precioso material arquivístico para conservação, salvaguarda e conveniente tratamento técnico.

2. No âmbito cronológico e demográfico, topográfico e genealógico, este conjunto de testamentos — públicos ou cerrados, já que dos nuncupativos não fica registo escrito — os 1298 processos aqui mencionados, abrangem os seguintes períodos e distribuem-se do seguinte modo:

Séc. XVII (de 1636 a 1700)	19
Séc. XVIII (de 1701 a 1800)	801
Séc. XIX (de 1801 a 1829)	478
	1298

3. Outro apontamento curioso, de importância para conhecimento e avaliação demográfica é o que corresponde à toponímia da região, abrangendo para além dos lugares que ainda hoje o concelho tem os da sua antiga freguesia de S. Julião².

Aí temos, por exemplo, topónimos como: Escusa — Santo António da Areias — Porto da Espada — Galegos — Barretos — Reveladas — Pitaranha — S. Salvador da Aramenha — Cabeçudos — Portagem — Fazendas — Carvalhas — Ramila — Bardos — Carreiras — Ranginha (Arranginha) — Lagoinha (Alagoinha) — Montinho — Teixeira e Rabaça, além dos focos mais notáveis que eram Marvão e S. Julião. Carreiras, freguesia do concelho de Portalegre, surge aqui esporadicamente, talvez por motivo de confrontar os seus limites geográficos com o concelho de Marvão e a testadora ser eventualmente moradora naquela freguesia ou seus limites, ou ainda por ser livre de fazer o seu testamento onde mais comodamente lhe conviesse.

É de admitir que os testamentos feitos em Marvão sejam na sua quase totalidade, públicos por estar na sede do concelho instalado o serviço de notas dos tabeliães, e que os dos restantes lugares, com mais comodidade para os interessados, fossem cerrados, uma vez que estes eram redigidos pelo próprio quando o faziam por vontade própria e em perfeito estado de compreensão e lucidez. Estes testamentos, aliás, ainda que escritos pelo próprio ou por pessoa a seu rogo, ficavam sujeitos à aprovação do tabelião, conferida perante cinco testemunhas. Quanto aos testamentos públicos, lavrados nos lugares dos tabeliães e perante estes, só eram conhecidos publicamente após a morte do testador, perante o testamenteiro e interessados, tornando-se então testamentos abertos.

4. Também estes instrumentos de justiça envolvem um aspecto onomástico pelos antroponímicos que são os nomes completos dos testadores, conhecendo-se assim quais as famílias e os apelidos mais representados e representativos da região, alguns dos quais, diremos mesmo bastantes, ainda presentes nos registos actuais, apesar de decorridos mais de dois séculos.

A título de exemplo e para facilidade de confronto, citamos os seguintes:

Alfaia
Alpalhão
Aparício
Álvares
Antunes
Belo
Bicho
Biscaia
Bonacho
Borregos
Botelheiro

Branco
Cáceres
Calixto
Carapeto
Cardoso
Carrilho
Castanho
Casado
Cavaco
Carvalho
Ceia
Colaço
Cordas
Cordeiro
Da Estrela
Delicado
Dias
Dourado
Durão
Estaço
Fajardo
Ferro
Folgado
Forte
Gaio
Gamboa
Garcia
Garção
Gavana
Gavancha
Gil
Gonçalves
Guedelha
Janeiro
Leitão
Magro
Marchão
Marouco
Marques
Martins
Matos
Meira

Mendes
Miguéns
Mil-Homens
Miranda
Morgado
Mota
Mourato
Mouro
Mouzinho
Nogueira
Nunes
Oliveira
Panasco
Pelegão ou Peleão
Pires
Picado
Pinto
Ramilo
Raposo
Reia
Rico
Rodrigues
Roma
Rolo
Roxo
Ruivo
Salgado
Salgueiro
Sanches
Sarzedas
Semedo
Serigado
Serrano
Silveira
Soares
Solano
Tavares
Torres
Velez
Videira
Viegas
Vaz
etc.

5. Como observação final queremos dizer que não procedemos a quaisquer alterações no levantamento recolhido, mantendo, inclusivamente, a ordenação cronológica "retrógrada" para respeitar a logística das cotas atribuídas no ADP aos processos desta importante série arquivística.

¹ Em 1876 o concelho de Marvão, excluindo já a freguesia de S. Julião, totalizava 4907 habitantes, enquanto S. Julião tinha entre 1160 a 1190 h. na mesma altura.

² Em 1840 esta freguesia pertencia ao concelho de Alegrete, este, por sua vez, extinto por força do Decreto de 1855, Out., 24, integrado assim todo o termo de Alegrete, incluindo, portanto, S. Julião, como freguesia rural de Portalegre.

TESTAMENTOS DO CONCELHO DE MARVÃO EXISTENTES NO ARQUIVO DISTRITAL DE PORTALEGRE

ADP	Cota	Data	Testadores	Lugares
1	8	27/Set./1861	Maria da Estrela	Escusa
2	"	22/Nov./1860	Maria da Estrela	Escusa
3	"	7/Set./1849	João da Silva Torres	Marvão
4	"	12/Set./1840	Margarida Rosa	Marvão
5	"	16/Mar/1837	José Ant ^o Soeiro e Catarina Maria	Marvão
6	"	8/Nov./1836	Antonio Antunes	Marvão
7	"	30/Out./1836	Catarina Teresa	Escusa
8	"	17/Set./1836	Maria da Conceição	Escusa
9	"	22/Mai/1836	Maria Pinheiro	Marvão
10	"	12/Nov/1835	José Carrilho	Marvão
11	"	15/Out/1835	Catarina Teresa	Escusa
12	"	2/Ago/1835	Cecilia da Conceição Calado	Marvão
13	"	23/Jun/1835	Joaquim António da Silva	S ^o Ant ^o Areias
14	"	22/Fev/1835	Manuel Luis da Inácia	Marvão
15	"	11/Jul/1835	Cecilia Maria e João Ramilo	Porto da Espada
16	"	23/Jun/1835	Angela Rosa	Escusa
17	"	20/Dez/1834	Julião António	Marvão
18	"	29/Nov/1834	Maria Martins	Marvão
19	"	21/set/1834	João de Matos Monteiro	Marvão
20	"	6/Ago/1834	Rosa Carrilho	Escusa
21	8	31/Mai/1834	Maria da Estrela	Marvão
22	"	10/Abr/1834	Manuel Raposo	Marvão
23	"	8/Abr/1834	D. Maria Teresa de Magalhães	Marvão
24	"	9/Fev/1834	Rosa Maria de Torres	Marvão
25	"	1/Jan/1834	Carlos José Cabral	Marvão
26	"	12/Dez/1833	Francisco Eusébio Roxo	Marvão

27	"	1/Ago/1833	Maria da Graça	Galegos
28	"	10/Nov/1833	Manoel Gonçalves Meira	Marvão
29	"	16/Jun/1833	Maria Teresa	Marvão
30	"	21/Nov/1832	Tomé Marques	Marvão
31	"	3/Nov/1832	José Cipriano Durão	Marvão
32	"	23/Out/1832	Maria Catarina	Marvão
33	"	23/Out/1832	Teresa de Jesus	Marvão
34	"	3/Out/1832	José Cipriano Xurão	Marvão
35	"	13/Set/1832	José Mourato Bonacho	Marvão
36	"	22/Abr/1832	Maria do Amparo	Marvão
37	"	17/Fev/1832	Ana Angelica	Porto da Espada
38	"	14/Fev/1832	Domingos Pires	Marvão
39	"	29/Jan/1832	Bartolomeu Martins	S. Julião
40	"	9/Nov/1831	Veríssimo Antunes	Lugar dos Barretos
41	"	29/Out/1831	Veríssimo Antunes	Lugar dos Barretos
42	"	31/Set/1831	João Ribeiro	Marvão
43	8	29/Ago/1831	Bartolomeu Martins	S. Julião
44	"	29/Jun/1831	Maria Martins	Marvão
45	"	2/Mai/1831	José Martins	Alagoinha
46	"	20/Out/1830	Manuel Carvalho	S. Julião
47	"	22/Jul/1830	Joaquim Lopes Serpa	Marvão
48	"	30/Abr/1830	Mariana Jacinta Salgado	Marvão
49	"	17/Fev/1830	Leonor Carvalho	Marvão
50	"	8/Jan/1830	Manuel Gonçalves	
			Ruivo Ferreira	Marvão
51	"	22/Dez/1829	Maria da Estrela	Escusa
52	"	27/Nov/1829	Teresa Clara Garçoa	Marvão
53	"	25/Nov/1829	José Cipriano Magro	Marvão
54	"	24/Nov/1829	Joaquina Maria	Alagoinha
55	"	12/Nov/1829	Catarina Viegas	Marvão
56	"	10/Set/1829	João Martins Carvalho	Marvão
57	"	8/Jul/1829	Manuel dos Santos Compadrinho	Escusa
58	"	5/Jul/1829	Joaquim Martins Cabaço	Marvão
59	"	20/Mai/1829	Isabel Vaz	S. Julião
60	"	2/Abr/1829	António Manuel Belo	S. Julião
61	"	25/Mar/1829	Catarina Carrilho	Porto Espada
62	"	5/Mar/1829	João da Costa Ferreira	Escusa
63	"	2/Mar/1829	José Lourenço	Stº Antº Areias
64	"	21/Jan/1829	Rosa da Cruz	Marvão
65	"	1/Dez/1828	Joaquim Rodrigues	Marvão
66	8	9/Set/1828	Boaventura Dias Leitão	Marvão
67	"	22/Ago/1828	Manuel Belo	S. Julião
68	"	11/Mai/1828	João Viegas Mourato	Barretos
69	"	10/Dez/1827	João da Reya	Marvão
70	"	28/Nov/1827	Catarina da Mata	Marvão
71	"	12/Nov/1827	José António Serpa	Marvão
72	"	12/Out/1827	Teodora Maria	Revelados

73	"	16/Set/1827	José Batista Neves	Marvão
74	"	28/Ago/1827	Francisco Martins	S. Julião
75	"	25/Ago/1827	Catarina Maria	Barretos
76	"	18/Mai/1827	Joana Batista	Pitaranha
77	"	11/Fev/1827	Isabel Teresa	Marvão
78	"	20/Jan/1827	Joana Rita	Galegos
79	"	30/Dez/1826	Manoel Pereira	Porto Espada
80	"	12/Nov/1826	João Gonçalves Castanho	S. Julião
81	"	11/Nov/1826	José Carvalho	S. Julião
82	"	27/Out/1826	Vitorino Dias Inchado	Marvão
83	"	21/Set/1826	Teresa de Jesus	Escusa
84	"	7/Set/1826	José Rodrigues Anselmo	S ^{te} Ant ^o Areias
85	"	5/Set/1826	Antonio José Leitão	Marvão
86	"	19/Jun/1826	Francisco Nunes Carapeto	Marvão
87	"	15/Mai/1826	João Rodrigues Raposo	Marvão
88	"	12/Mai/1826	Miguel Gonçalves Castanho	Pitaranha
89	8	20/Mar/1826	Vicente Carvalho	Montinho
90	"	4/Fev/1826	Inácio Franco	Arranginha
91	"	22/Jan/1826	Joaquim Nunes Morgado	Galegos
92	"	5/Jan/1826	Inácio Franco	Arranginha
93	"	1/Dez/1825	José Lourenço da Silva (Capitão)	S ^{te} Ant ^o Areias
94	"	16/Set/1825	Isabel Vaz	S. Julião
95	"	10/Set/1825	Antónia Maria	S. Julião
96	"	22/Jul/1825	Joaquim Marcos da Cruz	Marvão
97	"	27/Jul/1825	António Dias e Teresa Maria	S. Julião
98	"	21/Jul/1825	José Florêncio	Marvão
99	"	9/Jul/1825	Antonio José Leitão	Marvão
100	"	2/Jul/1825	João Folgado	Marvão
101	"	5/Jun/1825	Padre Pedro Fernandes Inácio	S ^{te} Ant ^o Areias
102	"	3/Mai/1825	João Rodrigues Raposo e Francisca Mourato	Marvão
103	"	30/Abr/1825	Joaquim Rosa	S. Julião
104	"	15/Mar/1825	Maria de Jesus	Marvão
105	"	12/Mar/1825	Ana Angéica	Marvão
106	"	19/Fev/1825	Catarina da Mata	Arrajinha
107	"	2/Jan/1825	Joana Maria	Barretos
108	"	9/Dez/1824	Francisco Vaz	Galêgos
109	"	18/Nov/1824	Teresa de Jesus Inchado	Marvão
110	"	17/Nov/1824	João Carrilho Ribeiro	Escusa
111	"	13/Nov/1824	Vicente Viegas	Barretos
112	8	7/Set/1824	Joaquina de Jesus	S. Julião
113	"	4/Set/1824	José Gomes Queijo	Escusa
114	"	29/Ago/1824	Inácio de Matos Bonacho e Maria Mourato	Marvão
115	"	26/Ago/1824	Maria de Jesus	Marvão
116	"	12/Ago/1824	Manuel Martins	Alagoinha
117	"	10/Abr/1824	Ana Joaquina	S. Julião

118	"	28/Abr/1824	Isabel Maria	Marvão
119	"	19/Mar/1824	João António	Marvão
120	"	21/Jan/1824	Francisco Vaz	Galegos
121	"	08/Jan/1824	João Batista Mouro	Marvão
122	"	06/Jan/1824	Maria Viegas	Marvão
123	"	28/Nov/1823	Joaquina Maria	S. Julião
124	"	14/Nov/1823	Catarina Maria	Escusa
125	"	08/Out/1823	José Gonçalves Gavana	Marvão
126	"	05/Set/1823	Desidéria Maria	Marvão
127	"	22/Ago/1823	António Semedo	Marvão
128	"	26/Jul/1823	João Pires Raposo	S. Julião
129	"	24/Jul/1823	Maria Teresa	S. Julião
130	"	04/Jun/1823	Tereza Clara Garçoa	Marvão
131	"	16/Jun/1823	Maria do Rosário	Barretos
132	"	28/Mai/1823	Tereza de Jesus	Marvão
133	"	24/Mai/1823	Mateus Viegas	Barretos
134	8	23/Mai/1823	Isabel Garçoa	Marvão
135	"	15/Mai/1823	Barbara Maria	Marvão
136	"	17/Mar/1823	Maria da Encarnação	S. Julião
137	"	20/Jan/1823	Maria da Encarnação	S. Julião
138	"	30/Dez/1822	Isabel Graçoa	Marvão
139	"	07/Dez/1822	João Antonio Soeiro	Marvão
140	"	26/Out/1822	Violante Jacinta Cabral	Marvão
141	"	08/Out/1822	Joana Jacinta	Marvão
142	"	09/Set/1822	Francisco Ribeiro Casado	S. Julião
143	"	14/Ago/1822	Francisco Lourenço	Marvão
144	"	02/Ago/1822	José Fernandes Antunes e Jacinta Teresa	Marvão
145	"	23/Jun/1822	Maria da Encarnação	Galegos
146	"	22/Jun/1822	Manuel Pires Gaio	S. Julião
147	"	09/Jun/1822	Maria de Jesus	Marvão
148	"	08/Mai/1822	Maria de Jesus	Marvão
149	"	18/Abr/1822	Teresa de Jesus	Marvão
150	"	13/Abr/1822	Joaquina Viegas	Marvão
151	"	05/Abr/1822	Diogo Garcia	Marvão
152	"	02/Abr/1822	Jacinta do Rosário	Marvão
153	"	23/Fev/1822	Miguel Gonçalves Castanho e Maria Pires	Pitaranha
154	"	14/Fev/1822	Manuel Pires Pinto	Marvão
155	"	07/Dez/1821	Bartolomeu Gonçalves Mouzinho e Jerónima Joaquina	Marvão
156	8	27/Nov/1821	João Batista Mouro	Escusa
157	"	28/Out/1821	Joana Catarina	Marvão
158	"	16/Out/1821	Maria de Torres	Marvão
159	"	09/Set/1821	Joaquim Marques	Marvão
160	"	08/Set/1821	Manuel Pires Gaio	S. Julião
161	"	24/Abr/1821	José Gonçalves Florêncio	Marvão

162	"	27/Fev/1821	Clara Maria	Marvão
163	"	14/Fev/1821	Joaquina Rosa	Marvão
164	"	10/Fev/1821	Cecília Maria	Marvão
165	"	04/Fev/1821	António Reis	Stº Antº das Areias
166	"	03/Fev/1821	Raimundo João Bastos	Marvão
167	"	20/Dez/1820	Joaquim Marques	Marvão
168	"	10/Out/1820	Isabel Maria Cordas	Marvão
169	"	08/Out/1820	Francisco Viegas	Marvão
170	"	17/Set/1820	Manuel Lopes da Mata	Galegos
171	"	05/Set/1820	Isabel Maria	S. Julião
172	"	05/Set/1820	António Rico	Stº Antº das Areias
173	"	30/Jul/1820	Francisca Josefa	Marvão
174	"	17/Mai/1820	Inácio Gavana	(Stº Antº das Areias) Montinho
175	"	07/Mai/1820	José Luis da Mota	Marvão
176	"	10/Abr/1820	José Gonçalves	Marvão
177	"	07/Abr/1820	José Bernardo	Galegos
178	8	02/Abr/1820	António José Pires	Marvão
179	"	22/Mar/1820	Teresa Carrilha	Marvão
180	"	16/Mar/1820	Maria de Torres e António José Leitão	Marvão
181	"	15/Mar/1820	Inácio Gonçalves Javara	Stº Antº das Areias
182	"	05/Jan/1820	Domingos António Cotão	Marvão
183	"	17/Out/1819	Manuel Gonçalves Picado	Marvão
184	"	24/Set/1819	Inácio de Matos Bonacho e Maria Mourata	Marvão
185	"	24/Mai/1819	Maria dos Prazeres	Marvão
186	"	31/Mar/1819	Joana da Mata	Porto da Espada
187	"	03/Mar/1819	Ana Gonçalves	Marvão
188	"	01/Fev/1819	Joana da Mata	Porto da Espada
189	"	18/Jan/1819	António Rosa	S. Julião
190	"	03/Jan/1819	António Rosa	S. Julião
191	"	31/Dez/1819	Teresa Carrilha	Marvão
192	"	18/Set/1818	Joana Maria	S. Julião
193	"	12/Set/1818	João Carrilho Ribeiro	S. Salvador d'Aramenha
194	"	20/Ago/1818	Manuel Rodrigues Viegas	Barretos
195	"	05/Abr/1818	Francisco Simões	Marvão
196	"	03/Abr/1818	Angélica Rosa da Estrela	Marvão
197	"	06/Jan/1818	Catarina do Menino Jesus Ramilo	Marvão
198	"	04/Jan/1818	Maria da Estrela	Marvão
199	"	01/Dez/1817	Teresa Maria	Marvão
200	8	09/Out/1817	Catarina Maria	Escusa
201	9	31/Out/1817	Eugénia Maria	Marvão
202	"	25/Ago/1817	Francisco Velez Mexia	Marvão
203	"	24/Ago/1817	Manuel Fernandes Mourato	Escusa
204	"	25/Jun/1817	Catarina Maria	Marvão

205	"	05/Jun/1817	Ana Gonçalves	Marvão
206	"	31/Mai/1817	Isabel Carrilha	Pitaranha
207	"	27/Mai/1817	Maria do Rosário	Marvão
208	"	16/Mai/1817	José Maria	Barretos
209	"	10/Mai/1817	Florentino da Silva e Maria Mendes Gorgulho	S. Julião
210	"	20/Mar/1817	João Pires Raposo	S. Julião
211	"	07/Mar/1817	Manoel Antunes	Escusa
212	"	14/Nov/1816	Rosa Maria	Galegos
213	"	21/Mai/1816	Francisco Mourato	Marvão
214	"	17/Mar/1816	Maria Mendes	S. Julião
215	"	11/Abr/1816	Genoveva Maria	S. Julião
216	"	03/Abr/1816	Manuel Cardoso	S. Julião
217	"	05/Mar/1816	Maria Gonçalves	S. Salvador Aramenha
218	"	01/Mar/1816	Maria da Mata	Porto da Espada
219	"	18/Fev/1816	António Pires Pinto	Marvão
220	"	12/Fev/1816	Pedro Lopes e Josefa Maria	Marvão
221	"	31/Jan/1816	Miguel Joaquim Marouco	Ecusa
222	9	07/Jan/1816	Maria da Estrela	Marvão
223	"	30/Dez/1815	Ana Joaquina	Escusa
224	"	20/Nov/1815	Miguel Vicente Gonçalves	Marvão
225	"	08/Jul/1815	Hipólito José	Marvão
226	"	02/Jul/1815	Rosa Maria	Barretos
227	"	30/Jun/1815	Pedro Lopes da Mata	Porto da Espada
228	"	06/Jun/1815	Matias Mourato	Marvão
229	"	31/Mai/1815	António da Silva Ferro	Marvão
230	"	24/Mai/1815	Águeda Maria	Salvador Aramenha
231	"	04/Mar/1815	José António Serpa e Maria Mourata	Marvão
232	"	27/Fev/1815	Teresa de Torres	Marvão
233	"	02/Fev/1815	Francisco Lourenço	Marvão
234	"	24/Jan/1815	Rosa Maria	Stº Antº das Areias
235	"	26/Nov/1814	Raimundo João Bastos	Marvão
236	"	06/Nov/1814	Maria Teresa da Mata	Marvão
237	"	24/Set/1814	Felix Correia	Marvão
238	"	21/Set/1814	Teresa de Jesus	Marvão
239	"	08/Set/1814	Manuel Carrilho Garção Roma	Marvão
240	"	23/Ago/1814	Joaquim d'Oliveira	Marvão
241	"	04/Jul/1814	Maria Casimira Torres Fazenda	Marvão
242	"	02/Jun/1814	Manuel Gonçalves Sarzedas	Escusa
243	"	24/Abr/1814	Rita Maria	Marvão
244	"	10/Mar/1814	António do Rosário	Marvão
245	9	08/Mar/1814	Teresa de Jesus	Marvão
246	"	24/Fev/1814	António Belo	Marvão
247	"	15/Fev/1814	Pedro Lopes e Josefa Maria	Marvão
248	"	21/Jan/1814	Maria dos Remédios	Barretos
249	"	15/Jan/1814	Maria dos Remédios	Barretos

250	"	13/Out/1813	Maria do Rosário	Barretos
251	"	23/Jun/1813	Maria José	Marvão
252	"	26/Jul/1813	Matias Gonçalves	Marvão
253	"	06/Jul/1813	José Mourato Beja	Marvão
254	"	11/Jun/1813	Manuel de Jesus Torres	Cabeçudos
255	"	18/Mai/1813	Catarina Carrilho	Marvão
256	"	09/Mai/1813	Manuel Correia Niny	Marvão
257	"	19/Abr/1813	Teresa de Jesus	Marvão
258	"	05/Mar/1813	Maria Martins	Galegos
259	"	01/Mar/1813	José Gonçalves Naqueiro	Cabeçudos
260	"	23/Fev/1813	Joaquim Simões	Marvão
261	"	22/Jan/1813	Manuel Castanho	S. Julião
262	"	10/Jan/1813	Isabel Maria Cordas	Marvão
263	"	17/Dez/1812	Joaquim Carvalho	Marvão
264	"	30/Nov/1812	Mariana Joaquina	Marvão
265	"	28/Nov/1812	Helena Maria	Marvão
266	"	15/Nov/1812	José Pedro Tristão	S.º Ant.º das Areias
267	"	14/Set/1812	Tomás Nunes de Gusmão	Marvão
268	9	12/Jul/1812	António José Pires	Marvão
269	"	12/Jul/1812	Manuel Carrilho Gil	Marvão
270	"	10/Jul/1812	José Antunes	Escusa
271	"	02/Mai/1812	João Pires Raposo e Francisca Maria	Marvão
272	"	28/Abr/1812	José Maria Delicado	Marvão
273	"	14/Abr/1812	Manuel da Costa	Marvão
274	"	13/Abr/1812	Joana Candeias	Marvão
275	"	28/Mar/1812	Joana Maria	Galegos
276	"	29/Dez/1811	Manuel Pires	Marvão
277	"	23/Dez/1811	Rosa do Sacramento	Portagem
278	"	04/Dez/1811	Catarina Nunes	Marvão
279	"	11/Out/1811	Manuel Gonçalves Bicho	Galegos
280	"	10/Out/1811	Margarida Rosa	Marvão
281	"	24/Ago/1811	Maria do Rosário	Marvão
282	"	12/Ago/1811	Manuel do Nascimento Velez	Marvão
283	"	06/Ago/1811	Cecília dos Prazeres Calado	Marvão
284	"	09/Ago/1811	Francisco Gonçalves Ruivo	Marvão
285	"	27/Ago/1811	Isabel Vaz	Marvão
286	"	17/Ago/1811	Francisco Maria	Marvão
287	"	29/Jul/1811	Teresa Estaça	Marvão
288	"	25/Jul/1811	Francisco da Costa	Marvão
289	"	14/Jul/1811	Maria do Sacramento	Marvão
290	"	08/Jul/1811	José António Botelho e Teresa Maria	Marvão
291	9	12/Jun/1811	Teresa de Jesus	Marvão
292	"	09/Jun/1811	Josefa da Trindade	S. Julião
293	"	12/Mar/1811	Manuel Gonçalves Bicho	Galegos
294	"	11/Mar/1811	Matias Luís Marvão	

295	"	11/Mar/1811	Matias Luís	Marvão
296	"	05/Mar/1811	Bartolomeu Carrilho Biscaia	Marvão
297	"	19/Fev/1811	Maria Teresa	Marvão
298	"	18/Fev/1811	Manuel Antunes Morgado	Marvão
299	"	29/Jan/1811	João Matias Mourato	Marvão
300	"	22/Dez/1810	Manuel dos Prazeres Leitão	Marvão
301	"	04/Nov/1810	Teresa Maria de Jesus	Marvão
302	"	20/O/1810	Mateus Viola e Ana Joaquina	Marvão
303	"	16/Out/1810	Narcisa Maria	Marvão
304	"	13/Out/1810	Maria Pires	S. Julião
305	"	30/Set/1810	Manuel da Silva	S. Julião
306	"	17/Set/1810	Francisca Maria	S. Julião
307	"	07/Set/1810	Catarina Maria	Pitaranha
308	"	06/Set/1810	Maria Teresa da Mota	Marvão
309	"	05/Set/1810	João Martins Mourato	S. Julião
310	"	01/Set/1810	Manuel Ribeiro	S. Julião
311	"	15/Ago/1810	Francisco José de Matos Magalhães	Marvão
312	"	29/Jul/1810	Francisco José Pires Raia	Marvão
313	"	22/Jul/1810	Francisco Gonçalves Picado	Pitaranha
314	9	17/Jul/1810	Teresa de Jesus	Marvão
315	"	25/Jun/1810	Rita Maria	Barretos
316	"	03/Jun/1810	António Pires Vermelho	Teixinha
317	"	04/Mai/1810	Clara Maria	Escusa
318	"	24/Abr/1810	Domingos Gonçalves Cachaço	Galegos
319	"	02/Abr/1810	José Gonçalves Bugalhão	Marvão
320	"	28/Mar/1810	José Gonçalves Calha e Luzia Joaquina	S. Julião
321	"	26/Mar/1810	Maria Teresa Colaça	Fagundas
322	"	30/Jan/1810	Maria da Encarnação	Escusa
323	"	22/Nov/1809	Inês Maria	Marvão
324	"	28/Out/1809	Manuel Rodrigues Pantaleão	Marvão
325	"	19/Out/1809	Maria da Assunção	Marvão
326	"	08/Set/1809	Isabel Teresa	Escusa
327	"	02/Set/1809	Angélica Florida	Marvão
328	"	22/Ago/1809	Felícia Maria	Marvão
329	"	22/Ago/1809	Águeda Maria	Marvão
330	"	13/Mar/1809	Catarina Bela da Mota	Marvão
331	"	21/Jul/1809	Isabel Maria	Marvão
332	"	25/Jan/1809	Maria Inácia	Marvão
333	"	16/Jun/1809	João Gonçalves Serrano	Marvão
334	"	14/Mai/1809	Joaquina Jacinta Mourato	Marvão
335	"	05/Mai/1809	José Cardoso	S. Julião
336	"	03/Fev/1809	João Nunes	Galegos
337	9	27/Fev/1809	João Gonçalves Ramilo	Barretos
338	"	12/Fev/1809	José Joaquim Courinha	Marvão
339	"	06/Dez/1808	Maria d'Alegria	S. Julião

340	"	05/Out/1808	Isabel Mourato	Marvão
341	"	22/Set/1808	Manuel Fernandes Mourato	S. Julião
342	"	04/Jun/1808	João Gonçalves Ramilo	Barretos
343	"	18/Mai/1808	Maria da Graça	Marvão
344	"	29/Abr/1808	Manuel Dias Carvalho	Carvalhos
345	"	01/Abr/1808	Maria Rosa	Marvão
346	"	25/Mar/1808	Maria da Estrela	Marvão
347	"	10/Fev/1808	José Maria	Rabaça/S. Julião
348	"	07/Fev/1808	Catarina Gonçalves	S. Julião
349	"	04/Jan/1808	João Morgado Serrão	Marvão
350	"	01/Dez/1807	Manuel Luís Forte	Marvão
351	"	16/Nov/1807	Rosa Joaquina	S.º Ant.º das Areias
352	"	04/Nov/1807	Margarida Rosa	Marvão
353	"	09/Out/1807	Francisca Josefa	Marvão
354	"	12/Set/1807	Maria do Carmo	Marvão
355	"	11/Set/1807	Maria da Estrela	Marvão
356	"	09/Set/1807	Viteal Rodrigues	Marvão
357	"	26/Ago/1807	Manuel Rodrigues Pantaleão e Maria d'Alegria	Marvão
358	"	01/Ago/1807	João de Matos Magalhães	Marvão
359	9	22/Jul/1807	José Cardoso	S. Julião
360	"	09/Jul/1807	Teresa Sanches	S. Julião
361	"	02/Jun/1807	Teresa Sanches	S. Julião
362	"	29/Mai/1807	Tomásia Maria	Marvão
363	"	23/Mai/1807	Maria da Cruz Gadelha	Galegos
364	"	22/Abr/1807	Isabel Gonçalves	Marvão
365	"	22/Abr/1807	Manuel da Costa	Escusa
366	"	06/Abr/1807	Ana Pires	Marvão
367	"	01/Abr/1807	Mateus Fernandes Marouco	Escusa
368	"	06/Abr/1807	Maria Teresa	Marvão
369	"	27/Mar/1807	Joana Maria	Marvão
370	"	09/Mar/1807	Francisco d'Almeida	Barretos
371	"	08/Mar/1807	Mateus Fernandes Marouco	Marvão
372	"	05/Fev/1807	Ana Joaquina	Porto da Espada
373	"	05/fev/1807	Nicolau de Matos	Marvão
374	"	03/fev/1807	Maria Pires	Marvão
375	"	23/jan/1807	Águeda Maria d'Oliveira	Marvão
376	"	23/Jan/1807	Maria Pires	Marvão
377	"	19/Jan/1807	Isabel Vaz	Marvão
378	"	07/Jan/1807	Maria Moreira Neves	S.º Ant.º das Areias
379	"	06/Jan/1807	Ana Joaquina	S. Julião
380	"	06/Jan/1807	Maria Teresa	Marvão
381	"	09/Dez/1806	Francisca Teresa d'Alva Ruivo	Marvão
382	9	09/Out/1806	Francisco Fernandes Antunes	Marvão
383	"	22/Out/1806	Maria da Estrela	Barretos
384	"	17/Out/1806	Joaquim Rodrigues Janeiro	S. Julião
385	"	06/Out/1806	Manuel Gonçalves	Escusa

386	"	06/Out/1806	Maria Teresa	Galegos
387	"	04/Out/1806	João Roma	Marvão
388	"	26/Set/1806	José Álvares Freire	Escusa
389	"	23/Set/1806	José Martins	S. Julião
390	"	23/Set/1806	Isabel Carrilho Lousa	Escusa
391	"	06/Set/1806	Francisco Vaz	Marvão
392	"	06/Set/1806	Tomásia Maria	Portagem
393	"	04/Set/1806	Inês Maria	Marvão
394	"	04/Set/1806	José Álvares Freire	Escusa
395	"	04/Set/1806	Isabel Carrilho	Marvão
396	"	05/Set/1806	João Roma	Marvão
397	"	30/Ago/1806	Joaquim Vaz Castanho	Galegos
398	"	25/Ago/1806	Isabel Maria	Marvão
399	"	23/Ago/1806	Francisco Gonçalves	Marvão
400	"	22/Ago/1806	Eugénia Maria	Marvão
401	10	13/Ago/1806	Maria Gonçalves	Marvão
402	"	21/Ago/1806	Jacinta Maria	Ramila
403	"	15/Ago/1806	Maria Teresa	Cabeçudos
404	"	06/Ago/1806	Manuel Pires Tormenta	Marvão
405	10	27/Jul/1806	Teresa de Jesus	Marvão
406	"	03/Jun/1806	Ângela Margarida de Oliveira	Marvão
407	"	02/jun/1806	Catarina Maria da Fonseca	Marvão
408	"	31/Mai/1806	Matias Gonçalves	Bardos
409	"	31/Mai/1806	Maria de Cáceres	S. Julião
410	"	19/Mai/1806	Manuel Carrilho	Marvão
411	"	27/Abr/1806	Miguel Dias Mão Cheia	Marvão
412	"	18/Abr/1806	Manuel Nunes Morgado	Galegos
413	"	07/Abr/1806	Manuel Rodrigues Dourado	Marvão
414	"	07/Abr/1806	Maria Catarina	Marvão
415	"	07/Abr/1806	Francisco Belo	Marvão
416	"	06/Mar/1806	Joana Tereza	Arranjinha
417	"	14/Fev/1806	Tereza Maria	Escusa
418	"	05/Fev/1806	João António Ruivo	Marvão
419	"	05/Jan/1806	Simão Pires	Marvão
420	"	05/Jan/1806	Tomás Nunes	Marvão
421	"	04/Jan/1806	Francisco Almeida	Barretos
422	"	29/Dez/1805	Teresa Maria de Jesus e António dos Reis	Marvão
423	"	12/Dez/1805	Francisca Teresa	Marvão
424	"	29/Nov/1805	João Gonçalves Gavanha	Cabeçudos
425	"	26/Nov/1805	José Viegas Mourato	Barretos
426	"	04/Nov/1805	Jacinto Tavares	Marvão
427	10	30/Out/1805	João Gonçalves Gavanha	Cabeçudos
428	"	15/Out/1805	João António Ruivo	Marvão
429	"	11/Out/1805	João Ribeiro	S. Julião
430	"	25/Set/1805	Manuel Rodrigues Dourado	S. Julião
431	"	10/Set/1805	Maria da Cruz	Galegos

432	"	13/Ago/1805	Manuel Martins Gonçalves	Escusa
433	"	26/Jul/1805	Manuel Rodrigues Dourado	S. Julião
434	"	04/Jun/1805	Teresa Catarina Mourato	Marvão
435	"	02/Jun/1805	João Nunes	Galegos
436	"	25/Mai/1805	Manuel Pires	Pitaranha
437	"	21/Mai/1805	António José de Carvalho	Marvão
438	"	15/Mai/1805	Francisca Teresa Ramila	Marvão
439	"	15/Mai/1805	António José de Carvalho	Marvão
440	"	14/Mai/1805	Francisca Teresa Ribeira	Marvão
441	"	18/Abr/1805	Francisco Carrilho Leitão	Marvão
442	"	28/Fev/1805	Manuel Gonçalves	Marvão
443	"	26/Fev/1805	Francisco Dias	(Maceira) — Marvão
444	"	07/Fev/1805	Manuel Ribeiro	Rabaça
445	"	03/Jan/1805	Mariana Pires	S. Julião
446	"	29/Dez/1804	Estêvão Carrilho	Cabeçudos
447	"	04/Dez/1804	João Gonçalves Rijo	Porto da Espada
448	"	14/Nov/1804	Francisco Dias	(Maceira) — Marvão
449	"	19/Out/1804	João Batista Mourato	(Alcaide) — Marvão
450	10	17/Out/1084	Maria Teresa	(Margarida) — Marvão
451	"	14/Set/1804	Inácio Correia	Marvão
452	"	17/Ago/1804	Francisco da Silva Roma	Marvão
453	"	09/Ago/1804	Isabel Maria	Cabeçudos
454	"	26/Jul/1804	Isabel Maria	Cabeçudos
455	"	13/Jul/1804	Inácio Correia	Marvão
456	"	02/Jul/1804	Dr. João Rodrigues Ramilo	Marvão
457	"	13/Mai/1804	Maria de S. João	Marvão
458	"	28/Abr/1804	Maria Dias	Escusa
459	"	27/Abr/1804	Manuel Carrilho Leitão	S.º Ant.º das Areias
460	"	24/Abr/1804	Isabel Gonçalves	S. Julião
461	"	16/Abr/1804	Maria de Oliveira	Marvão
462	"	08/Abr/1804	João Cotão	(A. de Cuba) — Marvão
463	"	09/Mar/1804	António Belo	(M. Serrana) — Marvão
464	"	13/Fev/1804	Maria Aparicia	Marvão
465	"	19/Jan/1804	Domingos Gonçalves	Marvão
466	"	11/Dez/1803	Ana Maria	Cabeçudos
467	"	06/Nov/1803	Maria Teresa Tavares	Marvão
468	"	04/Nov/1803	João de Torres Alfaia	Marvão
469	"	31/Out/1803	Josefa Maria	Escusa
470	"	30/Out/1803	Maria Dias	Cabeçudos
471	"	26/Out/1803	João Pires Morgado	Escusa
472	"	19/Out/1803	João Vaz	Galegos
473	10	09/Out/1803	Nicolau de Matos	Marvão
474	"	04/Out/1803	João Torres Alfaia	Marvão
475	"	30/Set/1803	José Pires	S. Julião
476	"	05/Ago/1803	Francisca Teresa	Marvão
477	"	23/Jun/1803	Maria Carrilho	Marvão
478	"	20/Jun/1803	Teresa Catarina Mourato	Marvão

479	"	24/Mai/1803	Manuel Gonçalves	(Torrão) — Marvão
480	"	20/Mai/1803	Maria de Cáceres	Marvão
481	"	09/Mai/1803	Teresa Rodrigues	Marvão
482	"	20/Abr/1803	Matias Pires	S ^{te} Ant ^o das Areias
483	"	25/Mar/1803	Maria de S. João	Marvão
484	"	21/Mar/1803	Francisco Carrilho Leitão	Marvão
485	"	05/Mar/1803	Manuel Vaz	Porto da Espada
486	"	03/Mar/1803	José da Silva	S. Julião
487	"	16/Fev/1803	Teresa Rodrigues	Marvão
488	"	16/Fev/1803	Nicolau Rodrigues	Marvão
489	"	24/Out/1802	João Ceia	(Arranginha) — S. Julião
490	"	23/Out/1802	Francisco Pires Pinto	(Reveladas) — S. Julião
491	"	13/Set/1802	Francisco Marques Prezado	(Barreirão) — S. Julião
492	"	02/Set/1802	João Gonçalves Folgão	Marvão
493	"	23/Ago/1802	José Leandro	Marvão
494	"	21/Ago/1802	João Pedro Miranda	Porto da Espada
495	"	07/Ago/1802	António Dias Loureiro	Marvão
496	"	19/Jul/1802	João Pires	Marvão
497	"	13/Jul/1802	Maria do Rosário	S. Julião
498	"	10/Jul/1802	Simão Fernandes	Marvão
499	"	02/Jul/1802	Plácido José Pereira	Marvão
500	"	01/Jun/1802	Francisco Fernandes	Marvão
501	"	01/Mai/1802	Catarina Graça	Marvão
502	"	23/Mar/1802	Manuel Vaz de Carvalho	Porto da Espada
503	"	16/Mar/1802	João Rodrigues Calado	Marvão
504	"	15/Mar/1802	Agostinho Serrano	Marvão
505	"	20/Fev/1802	Antonio Dias Loureiro	Marvão
506	"	17/Fev/1802	José Pires	S. Julião
507	"	02/Fev/1802	Manuel Francisco	Escusa
508	"	04/Dez/1801	Manuel António	Porto da Espada
509	"	06/Nov/1801	Joaquim Rosa Miranda	Marvão
510	"	20/Out/1801	Dr. João Rodrigues Ramilo	Marvão
511	"	20/Out/1801	José Dias Bicho	Marvão
512	"	15/Out/1801	João Rodrigues Canelas	Barretos
513	"	29/Set/1801	Manuel Ribeiro e Francisca Rosa	S. Julião
514	"	25/Set/1801	Isabel da Graça	Marvão
515	"	07/Set/1801	João Gonçalves Calha	S. Julião
516	"	31/Jul/1801	Maria Jacinta	Marvão
517	"	29/Jul/1801	Manuel de Andrade	Marvão
518	"	22/Jul/1801	João Pires	Marvão
519	10	14/Jul/1801	Manuel Fernandes Marchão	S. Julião
520	"	07/Jul/1801	João Martins Cavaco	Marvão
521	"	06/Jul/1801	João Mourato	Marvão
522	"	28/Mai/1801	João Mourato	Marvão
523	"	16/Mai/1801	Mariana Teresa	Barretos
524	"	11/Mar/1801	Jacinta Tavares	Marvão
525	"	06/Mar/1801	Manuel António da Ramila	Marvão

526	"	01/Fev/1801	Mateus Ribeiro	Marvão
527	"	19/Jan/1801	Maria Pires	Galegos
528	"	18/Jan/1801	Teresa Pires	Galegos
529	"	29/Dez/1800	Catarina Sanches	Marvão
530	"	30/Nov/1800	Pedro Curiano	Marvão
531	"	18/Nov/1800	Veríssimo Vaz Crato da Silveira	Marvão
532	"	02/Nov/1800	Maria Velez	Marvão
533	"	20/Out/1800	Manuel Carrilho Salgado	Marvão
534	"	20/Out/1800	Manuel Carrilho Salgado	Marvão
535	"	17/Out/1800	Mateus Viola e Ana Joaquina	Marvão
536	"	20/Set/1800	Francisca Dias	Escusa
537	"	10/Set/1800	Francisca Teresa	Porto da Espada
538	"	06/Set/1800	José António de Almeida	Barretos
539	"	09/Ago/1800	Faustina Teresa	Porto da Espada
540	"	28/Jul/1800	Catarina Maria	Marvão
541	"	03/Jul/1800	Lourenço Justiniano	
			Carrilho Salgado	Marvão
542	10	14/Jun/1800	Francisco da Silva	S. Julião
543	"	11/Jun/1800	Vicente Marques	Ramila
544	"	30/Maio/1800	José Galvão da Silva	Marvão
545	"	30/Maio/1800	Manuel Correia Neves	Marvão
546	"	5/Março/1800	Margarida da Conceição	Escusa
547	"	03/Abr/1800	Maria Tavares	Pitaranha
548	"	20/Mar/1800	Natália de Jesus	Marvão
549	"	24/Fev/1800	Catarina Nogueira	Escusa
550	"	14/Fev/1800	João Pedro Miranda e	
			Teresa Martins	Porto da Espada
551	"	03/Jan/1800	Veríssimo Vaz Crato da Silveira	Marvão
552	"	29/Jan/1800	Joaquim Nunes Morgado	Galegos
553	"	30/Out/1799	André Gonçalves Garção	Marvão
554	"	13/Set/1799	Pedro da Silva	Escusa
555	"	13/Set/1799	Francisca Teresa	Escusa
556	"	12/Set/1799	Teresa do Rosário	Marvão
557	"	15/Jul/1799	Francisca Teresa	Marvão
558	"	24/Mai/1799	Maria do Rosário	Marvão
559	"	15/Mai/1799	Violante de Torres	Marvão
560	"	01/Mai/1799	Ana Pires	S. Julião
561	"	26/Abr/1799	D. Maria de Matos Mouzinho	Marvão
562	"	20/Abr/1799	António Botellheiro	Arranginha
563	"	15/Abr/1799	Ana Maria Gonçalves	S. Julião
564	"	15/Abr/1799	Maria da Estrela	Marvão
565	10	15/Abr/1799	João da Costa	Escusa
566	"	20/Mar/1799	Teresa Maria	Marvão
567	"	17/Mar/1799	Joana Maria	Marvão
568	"	26/Fev/1799	João Gonçalves Polgão	S. Julião
569	"	28/Jan/1799	Padre João Sanches	Marvão
570	"	24/Dez/1798	Catarina Sanches	Marvão

571	"	12/Nov/1798	Maria da Esperança	Marvão
572	"	07/Out/1798	Catarina Pires	Escusa
573	"	28/Set/1798	João da Silveira Garção	Marvão
574	"	07/Ago/1798	Romão António	Marvão
575	"	06/Ago/1798	Manuel Gonçalves Bicho	Marvão
576	"	03/Ago/1798	João Carrilho Gil	Arraginha
577	"	31/Jul/1798	Manuel Gonçalves da Conceição	Galegos
578	"	09/Jun/1798	Inês Maria	Marvão
579	"	25/Fev/1798	Felícia Maria d'Assunção	Marvão
580	"	20/Jan/1798	Brás Nunes Serigado	Marvão
581	"	09/dez/1797	Manuel Gonçalves Botelho	Porto da Espada
582	"	06/Nov/1797	Teresa das Candeias	Marvão
583	"	23/Out/1797	Isavel Carrilha	Escusa
584	"	02/Set/1797	Brites da Conceição	Marvão
585	"	30/Ago/1797	Manuel Gonçalves Escaraméia e Maria Dias	Marvão
586	"	28/Ago/1797	Tereza Antónia da Mata	Marvão
587	"	19/Jul/1797	Brites da Encarnação	Escusa
588	"	11/Jul/1797	Tomé Vaz	Barretos
589	"	10/Mai/1797	Manuel Rodrigues Anselmo	Marvão
590	"	03/Abr/1797	Manuel Marques	Marvão
591	"	07/Jan/1797	Domingos Lourenço	Marvão
592	"	05/Out/1796	João Batista Fronteira e Felícia Maria	Marvão
593	"	14/Jul/1796	Micaela Teresa	Marvão
594	"	29/Jun/1796	Micaela Teresa	Marvão
595	"	13/Mai/1796	João Pires e Maria Fernandes	Marvão
596	"	07/Abr/1796	José Viegas Mourato	Marvão
597	"	29/Fev/1796	António Pires Salano	Marvão
598	"	22/Jan/1796	Inácio de Matos Mouzinho	Marvão
599	"	20/Jan/1796	Inácio de Matos Mouzinho	Marvão
600	"	05/Jan/1796	Domingas Joaquina Amatildes	Barretos
601	11	13/Dez/1795	Helena Maria	Arraginha
602	"	08/Out/1795	Maria de S. João	Barretos
603	"	25/Mai/1795	Catarina Rodrigues Morgado	Galegos
604	"	21/Abr/1795	Violante Gonçalves	Marvão
605	"	23/Jan/1795	Maria de Matos e marido	Marvão
606	"	02/Jan/1795	José Inchado e Natália de Jesus	Marvão
607	"	09/Dez/1794	Maria Pires	Marvão
608	"	28/Out/1794	Francisco Carvalho e Teresa Maria	Marvão
609	"	20/Out/1794	Maria Teresa Cardoso	Marvão
610	11	07/Out/1794	Manuel Belo	S. Julião
611	"	28/Set/1794	João Batista	Marvão
612	"	07/Ago/1794	Maria do Rosário	Marvão
613	"	23/Jul/1794	Francisco Marques Gabriel	Escusa
614	"	21/Jul/1794	Ana Maria	Barretos
615	"	31/Mai/1794	João Carrilho Freire	Escusa

616	"	02/Mai/1794	Ana Maria	Marvão
617	"	06/Abr/1794	António Nunes Serigado	Marvão
618	"	18/Nov/1793	Maria Inácia Teresa da Conceição	Marvão
619	"	07/Nov/1793	Teresa Gonçalves	Marvão
620	"	24/Out/1793	Diogo Francisco	Escusa
621	"	01/Out/1793	Francisco Gonçalves Botelho	Marvão
622	"	09/Set/1793	Francisco Gonçalves Pelegão e Josefa da Trindade	Marvão
623	"	17/Ago/1793	João Ribeiro e Maria d'Alegria	S. Julião
624	"	06/Jul/1793	Maria Gonçalves	Marvão
625	"	28/Jun/1793	Joana d'Alegria	Marvão
626	"	09/Jun/1793	Margarida Josefa	Marvão
627	"	03/Jun/1793	Isabel Carrilha	Marvão
628	"	13/Mai/1793	Domingos Martins	Escusa
629	"	03/Mai/1793	Maria Rodrigues Morgado	Marvão
630	"	01/Mai/1793	José Lourenço	Marvão
631	"	08/Abr/1793	Maria do Sacramento	Marvão
632	11	03/Abr/1793	Francisco Viegas Mourato	Barretos
633	"	17/Mar/1793	Francisco Viegas	Barretos
634	"	07/Mar/1793	Manuel Pires	Marvão
635	"	03/Mar/1793	Simão Lourenço e Isabel Maria	Porto da Espada
636	"	25/fev/1793	Domingos Rodrigues	Rabaça
637	"	22/Dez/1792	Maria Rita	Marvão
638	"	23/Out/1792	João Dias Picado	Marvão
639	"	22/Out/1792	José Fernandes	Escusa
640	"	11/Out/1792	Rosa Maria	Escusa
641	"	23/Set/1792	Rosa Maria	Escusa
642	"	13/Ago/1792	Maria Gonçalves	Marvão
643	"	09/Jul/1792	Pedro Carrilho	Escusa
644	"	24/Mai/1792	Brites Maria	Marvão
645	"	14/Mai/1792	Ana Maria	Marvão
646	"	28/Mar/1792	Francisco Gonçalves	Marvão
647	"	20/Nov/1791	Maria Figueiredo	Marvão
648	"	19/Out/1791	Vicente Lopes	Marvão
649	"	08/Out/1791	Maria da Conceição	Escusa
650	"	15/Set/1791	Teresa Rodrigues	Barretos
651	"	03/Jul/1791	Josefa Carrilho	Marvão
652	"	19/Mai/1791	Ana Joaquina	Marvão
653	"	10/Mai/1791	Josefa Maria	S. Julião
654	11	26/Mar/1791	Pedro dos Reis	Marvão
655	"	13/Mar/1791	Manuel Nunes	Marvão
656	"	11/Fev/1791	Domingos Lourenço	Marvão
657	"	07/Jan/1791	Maria Graça	Marvão
658	"	19/Dez/1790	Vicente Gonçalves	Marvão
659	"	06/Dez/1790	José Castanho	Marvão
660	"	15/Out/1790	Manuel Pires Solano	S. Julião

661	"	28/Set/1790	António Gonçalves Guedelha e Marciana Pires	Teixinha
662	"	28/Set/1790	Catarina Viegas	Marvão
663	"	01/Set/1790	Ana Maria	Porto da Espada
664	"	01/Set/1790	Manuel Carrilho	Galegos
665	"	20/Ago/1790	Catarina Sanches	Marvão
666	"	15/Ago/1790	Maria de São João	Marvão
667	"	07/Ago/1790	Manuel Pires Marçal e Maria Gonçalves	Marvão
668	"	04/Ago/1790	António Pires Raposo	Galegos
669	"	20/Mai/1790	Estêvão Carrilho	Arranginha
670	"	21/Abr/1790	Teresa Caetana Mexia	Marvão
671	"	07/Abr/1790	Micaela Teresa	Marvão
672	"	27/mar/1790	Manuel Carrilho Lebre	Escusa
673	"	11/Mar/1790	Maria dos Santos	Marvão
674	"	27/Fev/1790	Ana Catarina Viegas	Marvão
675	"	07/Jan/1790	Maria d'Alva	Marvão
676	11	07/Out/1789	Maria Martins	Marvão
677	"	07/Out/1789	João Rodrigues Calado	Marvão
678	"	02/Set/1789	Maria Dias	Marvão
679	"	11/Ago/1789	António F. Barroqueiro	Marvão
680	"	05/Jul/1789	João Rodrigues Calado	Marvão
681	"	06/Mai/1789	Isabel Maria dos Reis	Marvão
682	"	08/Abr/1789	Josefa Garção	Marvão
683	"	21/Mar/1789	João Luís	Marvão
684	"	17/Mar/1789	Tomás Fernandes Leitão	Marvão
685	"	27/fev/1789	Manuel da Costa	Marvão
686	"	03/Fev/1789	Vicência dos Prazeres	Marvão
687	"	11/Set/1789	Catarina Rodrigues	Marvão
688	"	11/Dez/1788	Maria d'Alva	Marvão
689	"	21/Nov/1788	Francisca Teresa	Marvão
690	"	10/Out/1788	João Pires Vermelho	Marvão
691	"	20/Set/1788	Catarina Maria	Portagem
692	"	20/Set/1788	Catarina da Mota	Marvão
693	"	09/Set/1788	Rosa Maria	Barretos
694	"	27/Ago/1788	António de Matos	Marvão
695	"	15/Ago/1788	Francisco Carrilho Marouco	Marvão
696	"	18/Mai/1788	António Gomes	Marvão
697	"	04/Out/1788	António Vaz	Galegos
698	"	15/Mai/1788	José Antonio Gaio	Marvão
699	11	01/Jan/1788	Francisco Pires Raposo	Galegos
700	"	20/Dez/1787	Isabel dos Santos	Marvão
701	"	07/Dez/1787	Maria Correia	Marvão
702	"	14/Out/1787	Francisco Marques	Marvão
703	"	24/Out/1787	António Pires Gaio	Marvão
704	"	03/Ago/1787	Maria Gonçalves	Marvão
705	"	25/Jul/1787	Maria Teresa	Marvão

706	"	07/Jun/1787	Simão Fernandes	Marvão
707	"	22/Mai/1787	Teresa da Cruz	Galegos
708	"	17/Mai/1787	Maria de Vasconcelos	Marvão
709	"	13/Abr/1787	Antónia Maria	Marvão
710	"	03/Abr/1787	João Luís	Marvão
711	"	01/Abr/1787	Manuel José Bonacho	Marvão
712	"	11/Mar/1787	Cristóvão Lourenço	Marvão
713	"	08/Mar/1787	Marcos Gonçalves Picado	Galegos
714	"	07/Mar/1787	Manuel da Silva	Marvão
715	"	20/Fev/1787	Maria Gonçalves Bicho	Marvão
716	"	12/Fev/1787	António Segueira da Mota	Marvão
717	"	01/Fev/1787	João Pires Tromenta	Marvão
718	"	19/Jan/1787	João Pires Tromenta	Marvão
719	"	20/Set/1786	Manuel Rodrigues	Arranginha
720	"	25/Ago/1786	Manuel Gonçalves	Marvão
721	"	06/Jul/1786	Domingos Antunes	Marvão
722	11	29/Mai/1786	Teresa de Jesús	Galegos
723	"	04/Mai/1786	António Gonçalves Pelegão	Marvão
724	"	22/Abr/1786	Vitória Maria	Marvão
725	"	12/Abr/1786	António Gonçalves	Marvão
726	"	27/Mar/1786	Maria Pires Bela	Marvão
727	"	26/Mar/1786	José Tavares	Barretos
728	"	18/Mar/1786	Maria Pires Belas	Marvão
729	"	17/fev/1786	Francisco Marques Gabriel	Escusa
730	"	08/Jan/1786	José Carrilho Ribeiro	Escusa
731	"	02/Jan/1786	Manuel dos Santos e Maria de Matos	Marvão
732	"	12/Nov/1785	Catarina Gonçalves	Galegos
733	"	09/Dez/1785	Estêvão Carrilho	Arranginha
734	"	06/Dez/1785	Joana Gonçalves	Marvão
735	"	02/Dez/1785	Cecília Maria	Marvão
736	"	31/Out/1785	Bernarda Maria	Marvão
737	"	12/Out/1785	Teresa de Jesus	Marvão
738	"	18/Ago/1785	Francisco Dias	Escusa
739	"	27/Jul/1785	Manuel Miranda	Marvão
740	"	24/Jul/1785	Teresa de Jesus	Marvão
741	"	04/Jul/1785	Margarida Faustina	Marvão
742	"	09/Jun/1785	Padre João Viegas Serrão	Marvão
743	"	03/Jun/1785	João Lopes Fajardo	Marvão
744	"	10/Jun/1785	Isabel Pires	Arranginha
745	11	06/Mai/1785	Mariana do Sacramento	Marvão
746	"	18/Abr/1785	Maria Nunes	Galegos
747	"	12/Abr/1785	João Carvalho	Porto da Espada
748	"	05/Mar/1785	Maria da Mata	Marvão
749	"	27/Dez/1784	Timóteo Nunes	Galegos
750	"	17/Dez/1784	João Nunes Gamboa	Galegos
751	"	02/Set/1784	João Agostinho	Galegos

752	"	03/Ago/1784	João Lourenço Cardio	Barretos
753	"	17/Jul/1784	Maria dos Santos	Marvão
754	"	14/Jul/1784	Maria Marques	Marvão
755	"	20/Jun/1784	Padre Francisco Xavier Tavares Cid Delicado	Marvão
756	"	09/Jun/1784	Maria Gonçalves do Rosário	Marvão
757	"	22/Set/1783	Teresa Maria	Marvão
758	"	19/Set/1783	Teresa Rodrigues	Marvão
759	"	07/Ago/1783	Ana Maria	Marvão
760	"	22/Mar/1783	Catarina Rodrigues	Marvão
761	"	08/Mar/1783	Ana Maria	Montinho
762	"	02/Nov/1782	Maria Teresa	Marvão
763	"	22/Ago/1782	Francisco Soares	Marvão
764	"	16/Ago/1782	Catarina de S. Pedro	Marvão
765	"	06/Ago/1782	Ana Carrilha	Barrêtos
766	"	29/Jul/1782	Teresa de Jesus	Marvão
767	11	04/Jul/1782	Vicente Ferreira Rolo	Marvão
768	"	26/Jul/1782	Maria Antunes	Marvão
769	"	11/Jun/1782	Maria da Conceição	S. Julião
770	"	31/Mai/1782	Ana Maria	Marvão
771	"	13/Mai/1782	Maria Dias	Marvão
772	"	21/Mar/1782	Manuel Lourenço	Marvão
773	"	05/Fev/1782	Padre João Sanches	Marvão
774	"	17/Jan/1782	Helena Tavares	Arranginha
775	"	08/Jan/1782	Josefa Maria da Encarnação	Marvão
776	"	06/Jan/1782	Francisca Gonçalves	Marvão
777	"	05/Jan/1782	Maria Vaz	S. Salvador
778	"	08/Dez/1781	Francisco Gonçalves	Marvão
779	"	06/Nov/1781	José Marques	Marvão
780	"	05/Out/1781	Catarina Garção	Marvão
781	"	20/Ago/1781	João Fernandes Leitão	Marvão
782	"	15/Ago/1781	Josefa Maria da Encarnação	Marvão
783	"	06/Ago/1781	Maria Velez	Rabaça/S. Julião
784	"	15/Mar/1781	António Brás de Torres	Marvão
785	"	20/Jan/1781	João Garção de Matos	Marvão
786	"	29/Dez/1780	Francisco Gonçalves e Catarina Lopes	Marvão
787	"	27/Dez/1780	Manuel Gonçalves Calhe de Severa	Marvão
788	"	27/Out/1780	Faustina Maria	Marvão
789	11	16/Out/1780	Isabel Carvalho	Porto da Espada
790	"	17/Set/1780	Maria da Conceição	Marvão
791	"	18/Ago/1780	Silvestre Aparicio	Marvão
792	"	04/Ago/1780	Manuel Gonçalves Cachaço	Marvão
793	"	03/Jun/1780	António Ceia	Barretos
794	"	05/Abr/1780	Catarina Maria	Marvão
795	"	20/Mar/1780	Maria Dias	Marvão

796	"	03/Mar/1780	Manuel R. Sanches	Marvão
797	"	01/Mar/1780	João Batista Patrão	Marvão
798	"	08/Fev/1780	Francisco Xavier de Matos	Marvão
799	"	10/Jan/1780	Manuel Gonçalves	Marvão
800	"	23/Nov/1779	Teresa Nunes Salgueira	Marvão
801	12	01/Nov/1779	Isabel Maria	Arranginha
802	"	28/Out/1779	Joana Batista	Marvão
803	"	19/Set/1779	Maria da Chagas	Marvão
804	"	04/Set/1779	Maria Dias	Marvão
805	"	23/Ago/1779	Pedro Dias Barradas e Luísa do Rosário	Marvão
806	"	31/Jul/1779	João Gonçalves de Carvalho	Marvão
807	"	10/Abr/1779	Ana Rodrigues	S. Julião
808	"	26/Dez/1778	Domingos Antunes Cardes	(Arranginha) — Marvão
809	"	03/Dez/1778	Tomé João	Marvão
810	"	18/Out/1778	Inês Marques	Arranginha
811	12	04/Out/1778	Miguel Gonçalves	Marvão
812	"	31/Ago/1778	Joana Martins	Barretos
813	"	23/Jul/1778	Simão Fernandes	Marvão
814	"	14/Mar/1778	Joana Marques	Barretos
815	"	09/Mar/1778	Simão Gonçalves Meira	Marvão
816	"	09/Mar/1778	Isabel Rodrigues	Marvão
817	"	01/Mar/1778	Francisco Videira	Marvão
818	"	23/Fev/1778	Maria Paula	Marvão
819	"	13/Dez/1777	João Rodrigues	Galegos
820	"	05/Dez/1777	Helena Teresa	Marvão
821	"	18/out/1777	Catarina Gonçalves	Marvão
822	"	11/Out/1777	João Marques	Marvão
823	"	06/Out/1777	Francisca Mourato	Marvão
824	"	06/Set/1777	António Pires da Inácia	Marvão
825	"	29/Ago/1777	Agostinho Fernandes	Porto da Espada
826	"	27/Jul/1777	João Pires Reia	Marvão
827	"	06/Out/1776	Catarina Dias	Teixinha
828	"	17/Dez/1776	Batolomeu Fernandes Carapeto	Escusa
829	"	03/Nov/1775	Catarina Mouzinho	Marvão
830	"	23/Set/1775	Matias Tavares	Marvão
831	"	26/Jun/1775	João Nunes Serigado	Arranginha
832	"	10/Abr/1775	Josefa da Encarnação	Marvão
833	"	08/Fev/1775	Catarina Dias	Marvão
834	12	18/Jan/1775	Manuel de Faria Frausto	Marvão
835	"	27/Nov/1774	Manuel da Costa Pereira	Escusa
836	"	14/Nov/1774	Maria Martins	Porto da Espada
837	"	04/Set/1774	Maria de Ascensão	Porto da Espada
838	"	09/Out/1774	Maria Martins	Porto da Espada
839	"	31/Ago/1774	Maria de Ascensão	Porto da Espada
840	"	10/Abr/1774	João Pires Branco	Marvão
841	"	05/Abr/1774	Catarina da Alva	Marvão

842	"	06/Fev/1774	Isabel da Rosa	Marvão
843	"	01/Fev/1774	Amaro Gonçalves	Marvão
844	"	07/Set/1773	Catarina Rodrigues	Marvão
845	"	14/Jun/1773	Catarina Margarida	S. Julião
846	"	18/Mai/1773	António José Ramilo	Escusa
847	"	03/Mar/1773	João Lopes Curvelo	Marvão
848	"	20/Fev/1773	João Rodrigues Castelo	Marvão
849	"	09/Jan/1773	Padre Manuel Lourenço	Marvão
850	"	06/Jan/1773	António Ribeiro	S. Julião
851	"	06/Jan/1773	Frei António Carrilho Semedo	Marvão
852	"	15/Jul/1772	Francisco Carrilho Marouco	S ^{te} Ant ^o das Areias
853	"	01/Jun/1772	Francisco Gonçalves Borregas	Marvão
854	"	01/Jun/1772	Teodora Maria	Marvão
855	"	07/Mai/1772	Isabel Maria	Marvão
856	"	06/Mai/1772	Francisco Carrilho Mil Homens	Marvão
857	12	01/Fev/1772	José Viegas	Porto da Espada
858	"	23/Dez/1771	Maria Dias	Reveladas
859	"	14/Out/1771	Francisco Pires Marouco	Portagem
860	"	25/Mai/1771	Catarina Vaz	Escusa
861	"	04/Nov/1770	Catarina de Espírito Santo	Marvão
862	"	03/Nov/1770	Rosa Maria	Marvão
863	"	27/Out/1770	Maria Teresa	Marvão
864	"	01/Out/1770	Maria Aparícia	Marvão
865	"	26/Set/1770	Francisco Rodrigues Rolo	Marvão
866	"	05/Set/1770	José Rodrigues Castilho	Marvão
867	"	17/Jan/1770	Maria Dias	Marvão
868	"	22/Nov/1769	Manuel Fernandes Seco	Marvão
869	"	16/Jul/1769	Manuel Fernandes Cordeiro	Marvão
870	"	03/Jun/1768	José Carvalho	Marvão
871	"	23/Abr/1768	Manuel Lopes	Escusa
872	"	03/Abr/1768	Manuel Pires Salano	S. Julião
873	"	21/Dez/1767	Margarida Josefa da Encarnação	Marvão
874	"	06/Dez/1767	Maria Dias	Porto da Espada
875	"	11/Mar/1767	Maria Garção	Marvão
876	"	02/Jan/1767	Fernando José Monteiro da Mota Mouzinho	Marvão
877	"	15/Dez/1766	Julião Pires	S. Julião
878	"	22/Jul/1766	Isabel Dias	Escusa
879	"	20/mar/1766	Catarina Gonçalves	Marvão
880	12	23/Abr/1766	Maria da Conceição	Barretos
881	"	01/Fev/1766	Manuel Gonçalves Bastos	Marvão
882	"	30/Ago/1765	Padre Manuel de Matos Fajardo	Marvão
883	"	18/Mar/1765	Teodora de Jesus	Marvão
884	"	01/Mar/1765	Maria dos Anjos	Marvão
885	"	21/Fev/1765	Isabel Maria	Marvão
886	"	20/Set/1764	Catarina Gonçalves	Marvão
887	"	16/Set/1764	Catarina Carvalho	Porto da Espada

888	"	18/Jun/1764	Francisca Maria	Marvão
889	"	17/Abr/1764	Sebastião Gonçalves	Marvão
890	"	13/Abr/1764	Francisco Carrilho Biscaia	Marvão
891	"	03/Dez/1763	Catarina de Jesus	Marvão
892	"	09/Nov/1763	Manuel Afonso	Marvão
893	"	01/Set/1763	José Fernandes	Porto da Espada
894	"	04/Ago/1763	Manuel Gonçalves Branco	Barretos
895	"	25/Jul/1763	Maria de Matos	Marvão
896	"	13/Mai/1763	Francisco Pires Vermelho	S. Julião
897	"	03/Mai/1763	João Mourato Sanelus	Marvão
898	"	01/Mai/1763	Teresa de Jesus	Marvão
899	"	20/Abr/1763	Antónia Correia	S. Julião
900	"	10/Abr/1763	Antónia Correia	S. Julião
901	"	20/Mar/1763	António Nunes Serigado	Arranginha
902	"	23/Fev/1763	Maria Nunes	Marvão
903	12	26/Jan/1763	Josefa Maria	S. Julião
904	"	17/Jan/1763	Isabel Rodrigues	Marvão
905	"	13/Jan/1763	Mateus Gonçalves	S. Julião
906	"	11/Jan/1763	Manuel Gonçalves	Marvão
907	"	31/dDez/1762	Manuel Rodrigues Carvalho	Marvão
908	"	15/Dez/1762	João Gonçalves	Barretos
909	"	06/Dez/1762	Josefa Maria de Matos	Marvão
910	"	29/Nov/1762	Domingos Dias	S. Salvador
911	"	22/Out/1762	António Pires Raposo	Marvão
912	"	02/Out/1762	Catarina de Jesus	Marvão
913	"	23/Ago/1762	Manuel Rodrigues	Marvão
914	"	12/Jun/1762	Maria Dias Roma	Marvão
915	"	05/Jun/1762	Isabel Rodrigues	Marvão
916	"	15/Mai/1762	Manuel Freire	Escusa
917	"	07/Mai/1762	Simão Gonçalves Teixeira	Escusa
918	"	28/Jan/1762	Maria Martins	Marvão
919	"	25/Nov/1761	Rosa Maria	Marvão
920	"	04/Nov/1761	Isabel Martins	Marvão
921	"	09/Set/1761	Roque Carrilho	S. Salvador
922	"	27/Mai/1761	Padre Francisco Carrilho Salgado	Marvão
923	"	21/Mai/1761	Manuel da Silveira	Marvão
924	"	06/Mai/1761	António Carrilho	Marvão
925	"	30/Abr/1761	Maria de Torres	Marvão
926	12	06/Abr/1761	Antónia Maria	Marvão
927	"	03/Abr/1761	Maria Dias	Marvão
928	"	09/Jan/1761	António Gonçalves Miguéns	Marvão
929	"	27/Out/1760	Manuel Vaz de Carvalho	Porto da Espada
930	"	14/Out/1760	Domingos Gonçalves Ramilo	Escusa
931	"	29/Ago/1760	Manuel Pires	Marvão
932	"	06/Ago/1760	Padre Manuel Gonçalves Sanches	Marvão
933	"	07/Jul/1760	Francisca Dias	Marvão
934	"	18/Jun/1760	Francisca Maria	Marvão

935	"	04/Jun/1760	João Rodrigues	Marvão
936	"	13/Mai/1760	Francisca Maria	Marvão
937	"	06/Mai/1760	António Gonçalves Borregas	Escusa
938	"	08/Abr/1760	Brites Flores	Marvão
939	"	31/Ago/1759	Manuel Francisco	Escusa
940	"	27/Ago/1759	Pedro Vaz	Barreiros
941	"	13/Mai/1759	Isabel Garção	Marvão
942	"	20/Abr/1759	Brites Álvares	Marvão
943	"	08/Abr/1759	Joana Martins	Marvão
944	"	07/Abr/1759	Joana Gonçalves	Marvão
945	"	04/Abr/1759	Maria Gonçalves	S. Julião
946	"	07/Mar/1759	Catarina Martins	Marvão
947	"	01/Fev/1759	Sebastiana Sanches	Marvão
948	"	15/Jan/1759	Joana Gonçalves	S. Salvador
949	12	27/Nov/1758	João de Torres	Marvão
950	"	11/Nov/1758	Maria de Jesus	Marvão
951	"	07/Set/1758	Maria de Matos	Marvão
952	"	15/Jul/1758	João Gonçalves Carrilho	Porto da Espada
953	"	06/Jun/1758	Rosa Maria	Marvão
954	"	03/jun/1758	Francisca Nunes Ganhão	Marvão
955	"	16/Mai/1758	Manuel Gonçalves Ramilo	Escusa
956	"	29/Mar/1758	Teresa da Trindade	Marvão
957	"	15/Mar/1758	Domingos Rodrigues	Marvão
958	"	26/Fev/1758	Maria Rodrigues Rola	Marvão
959	"	01/Fev/1758	Maria Rodrigues	Marvão
960	"	19/Nov/1757	Isabel Carrilha	Marvão
961	"	09/Nov/1757	André Gonçalves	Marvão
962	"	19/Out/1757	André Gonçalves	Marvão
963	"	24/Ago/1757	Inês Joana	Marvão
964	"	04/Ago/1757	Manuel Rodrigues	Marvão
965	"	18/Jul/1757	João Antunes	Marvão
966	"	30/Nov/1756	Inês de Torres	Marvão
967	"	18/Nov/1756	Catarina Martins	Marvão
968	"	16/Ago/1756	Isabel Carrilho	Marvão
969	"	25/Jul/1756	Dr. Domingos Vaz Rego	Marvão
970	"	23/Jul/1756	Ana Mendes	Marvão
971	"	07/Jul/1756	Faustina Martins	Marvão
972	12	20/Mai/1756	Ana da Mota	Marvão
973	"	12/Abr/1756	João Rodrigues Ramilo	Marvão
974	"	17/Mar/1756	Ana Maria	Marvão
975	"	13/Mar/1756	Catarina Vicente	Marvão
976	"	09/Mar/1756	Catarina Martins	Marvão
977	"	03/Dez/1755	Isabel Rodrigues	Marvão
978	"	20/Nov/1755	António Pires	Marvão
979	"	09/Nov/1755	Maria Serrana	Marvão
980	"	03/Nov/1755	João Rodrigues	Marvão
981	"	20/Out/1755	Josefa da Silva Roma	Marvão

982 "	17/Out/1755	João Lopes	Porto da Espada
983 "	06/Ago/1755	Manuel Rodrigues	Marvão
984 "	28/Jul/1755	Manuel Gonçalves Carvalho e Maria Marques	Marvão
985 "	06/Jul/1755	Manuel Dias	Marvão
986 "	28/Jun/1755	António Rodrigues Aparício	Marvão
987 "	14/jun/1755	Teresa da Cruz	Porto da Espada
988 "	27/Abr/1755	Rosa Maria	Barretos
989 "	06/Abr/1755	Bartolomeu Dias Mota	Marvão
990 "	29/Jan/1755	António Dias Panasco	Marvão
991 "	02/Out/1754	Manuel Gonçalves Picado	Marvão
992 "	30/Ago/1754	Ana Gonçalves	Marvão
993 "	26/Ago/1754	Ana Gonçalves	Marvão
994 12	16/Ago/1754	Manuel Martins	Marvão
995 "	25/Jun/1754	Francisco Gonçalves	Marvão
996 "	07/Jun/1754	Pedro Dias	Marvão
997 "	26/Mar/1754	António José Custódio	Marvão
998 "	22/jan/1754	Maria de Almeida	Escusa
999 "	08/Nov/1753	Manuel Mourato Sanches	Marvão
1000 "	30/Out/1753	Manuel Dias	Marvão
1001 "	24/Set/1753	Maria Francisca de Matos	Marvão
1002 "	10/Set/1753	Ana Mendes	S. Julião
1003 "	30/Mai/1753	Padre Miguel Rodrigues Viegas	Marvão
1004 "	09/Mai/1753	Maria Serrana	Marvão
1005 "	16/Abr/1753	António Gonçalves	S. Julião
1006 "	26/Mar/1753	Catarina Mourato	Marvão
1007 "	29/Jan/1753	Maria Dias Condessa	Marvão
1008 "	27/Jan/1753	Ana Fernandes	Marvão
1009 "	01/Nov/1752	Pedro Rodrigues	Marvão
1010 "	24/Set/1752	Maria Lopes	Marvão
1011 "	20/Set/1752	Francisco Xavier Barros	Marvão
1012 "	03/Set/1752	Francisca Torres	Marvão
1013 "	21/Mai/1752	Manuel Fernandes	Marvão
1014 "	02/Mar/1752	Padre Manuel de Andrade Pereira	Marvão
1015 "	28/Jan/1752	Luís Fernandes Botelho	S. Salvador
1016 "	18/Nov/1751	Maria Alves	Marvão
1017 12	03/Out/1751	Ana Vaz	Marvão
1018 "	07/Set/1751	Maria Lopes	Marvão
1019 "	29/Ago/1751	Padre António Rodrigues Sanches	Marvão
1020 "	24/Ago/1751	Manuel Vivas Raposo	Marvão
1021 "	11/Ago/1751	Manuel Carvalho	Marvão
1022 "	02/Ago/1751	António Gomes	Marvão
1023 "	22/Abr/1751	Manuel Fernandes	Marvão
1024 "	16/Jan/1751	Manuel Rodrigues Luiz	Marvão
1025 "	10/Nov/1750	Maria Carrilho	Marvão
1026 "	09/Nov/1750	Francisco Pires Ramilo	Marvão
1027 "	30/Jul/1750	Pedro Rodrigues	Marvão

1028	"	17/Jul/1750	Maria Garção	Marvão
1029	"	13/Mai/1750	António Nunes	Marvão
1030	"	20/Abr/1750	Ana Fernandes	Marvão
1031	"	07/Abr/1750	Manuel Fernandes	Barretos
1032	"	15/Fev/1750	Agostinho de Miranda	Marvão
1033	"	25/Jan/1750	Ana Gonçalves	Marvão
1034	"	23/Nov/1749	Maria da Chagas	Marvão
1035	"	13/Nov/1749	Maria Serrano	Barretos
1036	"	02/Set/1749	Domingos Fernandes	Marvão
1037	"	09/Mai/1749	Maria da Conceição	Marvão
1038	"	06/Mai/1749	António Carrilho	Marvão
1039	"	19/Jan/1749	Manuel Rodrigues Raposo	Marvão
1040	12	04/Jan/1749	Brites Lopes	Marvão
1041	"	26/Nov/1748	António Sanches Mourato	Marvão
1042	"	09/Ago/1748	Maria Fernandes Morgado	Marvão
1043	"	07/Ago/1748	Maria Rodrigues	Marvão
1044	"	02/Ago/1748	Ana Fernandes	Marvão
1045	"	14/Jul/1748	Maria Gonçalves	Marvão
1046	"	10/Jul/1748	Maria de Torres	Marvão
1047	"	21/Jun/1748	Maria de Torres	Marvão
1048	"	08/Mai/1748	Isabel Dias	Marvão
1049	"	05/Out/1747	Ana Dias	Marvão
1050	"	06/Set/1747	Isabel Mourato	Marvão
1051	"	04/Set/1747	Catarina Dias Alpalhoa	Marvão
1052	"	30Jun/1747	João Martins Carapeto	Marvão
1053	"	08/Abr/1747	Pascoal Gonçalves	S. Salvador
1054	"	07/Set/1746	Catarina Marques	Marvão
1055	"	07/Abr/1746	Manuel Martins Ruivo	Marvão
1056	"	01/Abr/1746	Isabel Rodrigues	Marvão
1057	"	13/Mai/1746	Maria Carrilha	Marvão
1058	"	10/Mai/1746	Francisco Gonçalves Ramilo	Marvão
1059	"	26/Dez/1745	Francisco Mourato	Marvão
1060	"	11/Dez/1745	João Dias Toureiro	Marvão
1061	"	13/Out/1745	Maria de Mena	Marvão
1062	"	05/Set/1745	Manuel Fernandes	Marvão
1063	"	30/Ago/1745	Pedro Fernandes	Marvão
1064	"	04/Ago/1745	Belchior Cardoso	Marvão
1065	"	12/Mai/1745	Maria Vaz	Galegos
1066	"	19/Abr/1745	Maria Marques	Marvão
1067	"	10/Mar/1745	Isabel Pires	Marvão
1068	"	05/Fev/1745	Manuel Jorge	Marvão
1069	"	04/Fev/1745	Maria Martins	Marvão
1070	"	07/Jan/1745	Manuel Pires Pinto	Olhos d'Água
1071	"	04/Out/1744	Manuel Afonso	Marvão
1072	"	05/Jan/1744	Manuel Rodrigues	Marvão
1073	"	09/Set/1743	Domingos Gonçalves	Marvão
1074	"	07/Mai/1743	Sebastião Brito	Marvão

1075	"	07/Abr/1743	Maria da Mota	Marvão
1076	"	27/Dez/1742	Maria de Torres	Marvão
1077	"	14/Nov/1742	Pedro Dias	Marvão
1078	"	30/Out/1742	Esperança Marrtins	Marvão
1079	"	26/Ago/1742	Maria Rodrigues	Marvão
1080	"	08/Jun/1742	Catarina Dias	Galêgos
1081	"	22/Abr/1742	João Gonçalves Botelho	Marvão
1082	"	19/Mar/1742	Manuel Pires Marques	Marvão
1083	"	19/Fev/1742	Ana Gonçalves	Marvão
1084	"	02/Jan/1742	Violante Carrilha	Marvão
1085	"	13/Nov/1741	José Lopes	Marvão
1086	"	31/Out/1741	André Gonçalves	Marvão
1087	"	04/Out/1741	João de Andrade	Marvão
1088	"	16/Jun/1741	Pedro Nunes	Marvão
1089	"	08/Jun/1741	Ana Estaça	Marvão
1090	"	28/Abr/1741	Manuel da Costa Vicente	Marvão
1091	"	20/Nov/1740	Manuel Gonçalves	Marvão
1092	"	10/Out/1740	Ana Maria	Marvão
1093	"	30/Jun/1740	Francisco Antunes Salgado	Marvão
1094	"	20/Jun/1740	João Marques	Marvão
1095	"	25/Nov/1739	Maria Dias	Marvão
1096	"	07/Set/1739	Maria Carrilho	Marvão
1097	"	15/Ago/1739	Pedro da Mata	Marvão
1098	"	07/Ago/1739	Domingos Fernandes	Marvão
1099	"	15/Abr/1739	Padre Manuel Lourenço	Escusa
1100	"	04/Abr/1739	Maria da Reia (contas do testamento)	Marvão
1101	13	04/Mar/1739	Maria da Reia	Marvão
1102	"	09/Dez/1738	Ana Mourato	Marvão
1103	"	11/Out/1738	Domingo Rodrigues	Marvão
1104	"	17/Mai/1738	Manuel Carrilho	Marvão
1105	"	23/Abr/1738	Inês Nogueira	Escusa
1106	"	18/Abr/1738	Manuel Brás	Marvão
1107	"	11/Abr/1738	Catarina Gonçalves	Marvão
1108	"	03/Abr/1738	António Antunes	Escusa
1109	13	04/Nov/1737	João Martins Alcains	Marvão
1110	"	15/Ago/1737	Maria Pires	Marvão
1111	"	23/Jul/1737	Catarina Rodrigues	Marvão
1112	"	14/Jul/1737	Francisco Rodrigues Salutário	Marvão
1113	"	24/Jun/1737	Maria Gonçalves Borrega	Marvão
1114	"	20/Mai/1737	Aleixo Rodrigues (contas do testamento)	Marvão
1115	"	19/Mai/1737	Catarina Lopes Graça	Marvão
1116	"	11/Abr/1737	João Luís	Marvão
1117	"	09/Abr/1737	Manuel Francisco	Marvão
1118	"	04/Abr/1737	Manuel Marques	Marvão
1119	"	24/Mar/1737	João de Videira	Marvão

1120	"	21/Jan/1737	Joana de Faria	Marvão
1121	"	27/Nov/1736	Bernardo Viegas	Marvão
1122	"	28/Set/1736	Domingos Martins Fino	Marvão
1123	"	15/Ago/1736	Manuel Dias	Marvão
1124	"	08/Jan/1736	Bernardo Viegas	Marvão
1125	"	26/Dez/1735	Ângela Maria	Marvão
1126	"	08/Dez/1735	João Gonçalves Martins e Isabel Domingues	S ^{te} Ant ^o das Areias Marvão
1127	"	27/Out/1735	António Álvares	Marvão
1128	"	27/Out/1735	Manuel Pires Serigado (traslado. do testamento)	S. Julião
1129	"	21/Ago/1735	Francisco Mendes e Beatriz Nogueira (traslado do testamento)	Marvão
1130	13	08/Jun/1735	Catarina Dias	Marvão
1131	"	27/Mai/1735	Manuel Martins	S. Julião
1132	"	17/Mai/1735	Francisco Rodrigues Tavares	S ^{te} Ant ^o das Areias
1133	"	03/Mai/1735	Domingas Pires	Marvão
1134	"	12/Abr/1735	Maria Ribeiro dos Anjos	Marvão
1135	"	05/Abr/1735	Belchior Álvares	Marvão
1136	"	23/Mar/1735	Clara Maria	Marvão
1137	"	03/Dez/1734	João Martins	Marvão
1138	"	28/Set/1734	Beatriz Rodrigues Serigado	S. Julião
1139	"	17/Mar/1734	Maria Francisca Salgado	Marvão
1140	"	02/Mar/1734	Francisco Mendes e Beatriz Nogueira	Marvão
1141	"	18/Fev/1734	Antónia Ferandes	Marvão
1142	"	14/Fev/1734	Maria Garção	Marvão
1143	"	13/Fev/1734	Manuel Rodrigues Raposo	Marvão
1144	"	24/Jan/1734	Maria Gonçalves	S. Julião
1145	"	23/Jan/1734	Manuel Rodrigues Sanches	Marvão
1146	"	29/Dez/1733	Manuel Rodrigues Marques	Marvão
1147	"	18/Dez/1733	Domingos Gonçalves Caçador	Marvão
1148	"	23/Nov/1733	Isabel Fernades	Marvão
1149	"	09/Nov/1733	Sebastião Rodrigues Fajardo	Marvão
1150	"	18/Out/1733	Ana Dias	Marvão
1151	"	14/Ago/1733	António Lourenço e Catarina de Jesus	Porto da Espada
1152	13	31/Jul/1733	António Pires Amorim	Marvão
1153	"	08/Jun/1733	Maria Garçoa	Marvão
1154	"	04/Jun/1733	João Antunes	Marvão
1155	"	23/Mar/1733	Joana Gonçalves	Marvão
1156	"	16/Jan/1733	Catarina Maria	Marvão
1157	"	13/Dez/1732	Isabel Rodrigues	Marvão
1158	"	22/Nov/1732	Aleixo Rodrigues	Marvão
1159	"	16/Nov/1732	Rosa Maria de Matos	Marvão
1160	"	30/Ago/1732	José Fernandes	Porto da Espada
1161	"	13/Jul/1732	Catarina Lopes Garçoa	Marvão

1162	"	01/Jul/1732	Domingos Fernandes	Galegos
1163	"	18/Abr/1732	João Garção Ruivo	Marvão
1164	"	04/Jan/1732	Manuel Martins Calisto	Marvão
1165	"	07/Out/1731	Apolónia Marques	Marvão
1166	"	30/Set/1731	Maria Videira	Marvão
1167	"	18/Set/1731	Manuel Lopes da Castelhana	Marvão
1168	"	15/Ag/1731	Manuel Fernandes	Marvão
1169	"	28/Abr/1731	António Serrano	Marvão
1170	"	02/Abr/1731	Esperança Rodrigues	Escusa
1171	"	31/Mar/1731	Sebastião Fernandes Inchado	Marvão
1172	"	09/Fev/1731	Belchior Cardoso e Maria Vaz	Marvão
1173	"	15/Jan/1731	Maria Gonçalves Delgado	Marvão
1174	"	07/Jan/1731	Manuel Gonçalves	Marvão
1175	13	03/Jan/1731	Manuel de Faria Fajardo	Marvão
1176	"	21/Jun/1730	Ana Carvalho	Carreiras
1177	"	19/Dez/1729	Manuel Estaço	Marvão
1178	"	18/Dez/1729	Maria Gonçalves	Marvão
1179	"	24/Nov/1729	Manuel Dias Bravo	Marvão
1180	"	19/Out/1729	Maria Marques	Marvão
1181	"	06/Out/1729	Manuel Carrilho	Marvão
1182	"	07/Ago/1729	Amaro Carrilho	Marvão
1183	"	23/Jul/1729	Manuel Marques Barreto	Marvão
1184	"	06/Jul/1729	Domingos Gonçalves	Carreiras
1185	"	23/Abr/1729	Micaela Pinto	Marvão
1186	"	19/Abr/1729	Manuel Rodrigues Farrapo	Marvão
1187	"	09/Mar/1729	Manuel Gonçalves	Escusa
1188	"	08/Fev/1729	Inês Nogueira	Escusa
1189	"	08/Out/1728	Ana Dias	Marvão
1190	"	02/Mai/1728	Manuel Gonçalves	S. Salvador
1191	"	01/Abr/1728	João Gonçalves Marques	Marvão
1192	"	01/Jan/1728	António Estaço	Marvão
1193	"	01/Out/1727	Domingos Antunes	Marvão
1194	"	20/Ago/1727	Manuel Dinis	Marvão
1195	"	26/Abr/1727	Manuel Pinto	Marvão
1196	"	19/Abr/1727	Manuel Martins	Marvão
1197	"	07/Abr/1727	Maria Rodrigues a Velha	Marvão
1198	13	24/Mar/1727	Catarina Sannches	Marvão
1199	"	03/Mar/1727	Domingos Rodrigues	Marvão
1200	"	17/Nov/1726	Maria Aparícia	Marvão
1201	"	20/Ago/1726	António Brás de Torres	Marvão
1202	"	05/Ago/1726	Simão Ferreira	Marvão
1203	"	06/Jul/1726	Manuel Joaquim Duarte	Marvão
1204	"	26/Abr/1726	Manuel Gonçalves Roxo	Marvão
1205	"	13/Abr/1726	Isabel Pires	Marvão
1206	"	08/Abr/1726	Maria Mourato	Marvão
1207	"	09/Dez/1725	Tomé Cardoso	Marvão
1208	"	01/Dez/1725	Manuel Gonçalves Ramilo	Marvão

1209	"	02/Nov/1725	Diogo Gonçalves Botelho	Marvão
1210	"	11/Mai/1725	António Gonçalves Alpalhão	Marvão
1211	"	07/Mar/1725	Catarina Vaz	Marvão
1212	"	29/Jan/1725	Maria da Mota	Marvão
1213	"	12/Jan/1725	Joaquim Francisco	Marvão
1214	"	30/Dez/1724	Manuel da Mota	Marvão
1215	"	20/Nov/1724	Domingos Fernandes Capucho	Marvão
1216	"	22/Set/1724	Antónia Marques	Marvão
1217	"	05/Ago/1724	Silvestre Gonçalves	Marvão
1218	"	03/Jul/1724	Beatriz Miguéns	Marvão
1219	"	19/Mai/1724	Margarida Pires	Marvão
1220	"	23/Fev/1724	Manuel Rodrigues	Marvão
1221	13	15/Fev/1724	Maria Pires	Marvão
1222	"	14/Jan/1724	Manuel Rodrigues	Marvão
1223	"	09/Dez/1723	Manuel de Torres	Marvão
1224	"	08/Dez/1723	António Lopes Botelho	Marvão
1225	"	23/Set/1723	António Semedo	Marvão
1226	"	16/Ago/1723	Isabel Dias	Marvão
1227	"	18/Mai/1723	Maria Dias Serigado (Contas do Testamento)	Marvão
1228	"	03/Dez/1722	João Martins Coelho	Marvão
1229	"	04/Out/1722	Manuel Pinto	Marvão
1230	"	02/Set/1722	Maria Gonçalves	Marvão
1231	"	02/Ago/1722	Catarina Mendes	Marvão
1232	"	04/Abr/1722	Manuel Pires Serigado	Marvão
1233	"	02/Fev/1722	Águeda Marques	Marvão
1234	"	04/Mai/1722	Maria Lourenço	Marvão
1235	"	02/Mai/1722	Domingas de S. José	Marvão
1236	"	29/Abr/1722	Catarina Gonçalves	Marvão
1237	"	06/Nov/1721	Padre Manuel Fernandes Roma	Marvão
1238	"	01/Set/1721	Ana Carrilha	Marvão
1239	"	29/Jun/1721	Maria Nunes	Marvão
1240	"	02/Out/1720	Maria Mendes Fidalgo	Marvão
1241	"	11/set/1720	Catarina Carrilha	Marvão
1242	"	15/Ago/1720	Manuel Gonçalves	Marvão
1243	13	22/Mai/1720	Joaquim Martins Repenicado	Marvão
1244	"	29/Fev/1720	Manuel Fernandes	Marvão
1245	"	18/Jan/1720	António Dias Marouco	Marvão
1246	"	04/Nov/1719	Francisco Soares	Marvão
1247	"	05/Ago/1719	Inês Nogueira	Marvão
1248	"	21/Mai/1719	Isabel Rodrigues	Marvão
1249	"	20/Abr/1719	Maria Lopes Garção	Marvão
1250	"	27/Fev/1719	João Dias	Marvão
1251	"	11/Fev/1719	Isabel Lopes	Marvão
1252	"	06/Nov/1718	Maria Serrão	Marvão
1253	"	05/Ago/1718	Maria Lopes Garção	Marvão
1254	"	01/Jul/1718	Mariana Pinto	Marvão

1255	"	17/Jun/1718	Joana Aparício	Marvão
1256	"	10/Jun/1718	Isabel Garçoa	Marvão
1257	"	04/Jun/1718	Mariana Gonçalves Fratel	Marvão
1258	"	26/Mai/1718	Manuel Gonçalves	Marvão
1259	"	10/Mai/1718	Maria Gonçalves Ramila	Marvão
1260	"	21/Abr/1718	Beatriz Gonçalves	Marvão
1261	"	01/Set/1717	Francisca Gonçalves	Marvão
1262	"	04/Abr/1717	Manuel Gonçalves Roxo	Marvão
1263	"	01/Fev/1717	Sebastião Mourato	Marvão
1264	"	18/Set/1716	Catarina Carrilha	Marvão
1265	13	26/Ago/1716	Francisca Teresa	Marvão
1266	"	11/Jun/1716	Margarida Fernandes	Marvão
1267	"	22/Dez/1715	Manuel Pires André	Marvão
1268	"	17/Set/1715	João Rodrigues dos Santos	Marvão
1269	"	18/Mai/1715	Domingos Rodrigues Marques	Marvão
1270	"	23/Abr/1715	Maria Martins	Marvão
1271	"	23/Jan/1715	João Ribeiro	Marvão
1272	"	06/Dez/1714	Margarida Fernandes	Marvão
1273	"	08/Nov/1714	Catarina Pires	Marvão
1274	"	04/Jul/1714	Beatriz Mendes	Marvão
1275	"	02/Abr/1714	Pedro Fernandes	Marvão
1276	"	17/Fev/1714	João Garção Seixo	Marvão
1277	"	16/Fev/1714	Isabel Fernandes	Marvão
1278	"	09/Jan/1714	Maria Álvares	Marvão
1279	"	21/Dez/1713	Julião Pires	Montinho
1280	"	07/Out/1713	Mateus Alfaiate	Marvão
1281	"	03/Ago/1713	João Gonçalves Botelho	Marvão
1282	"	01/Ago/1713	Isabel Fernandes	Marvão
1283	"	30/Jun/1713	Teresa Sanches	Marvão
1284	"	12/Mai/1713	Catarina Fernandes	Marvão
1285	"	21/Abr/1713	Maria Pires	Marvão
1286	"	06/Abr/1713	Antónia Fernandes	Marvão
1287	"	18/Mar/1713	Isabel Rodrigues	Marvão
1288	13	17/Jan/1713	Salvador Gonçalves	Marvão
1289	"	09/Dez/1712	Josefa Carrilho	Marvão
1290	"	22/Jan/1712	Manuel Gonçalves Mota	Marvão
1291	"	17/Jan/1712	João Viegas	Marvão
1292	"	11/Jan/1712	Manuel Vaz Ruivo	Marvão
1293	"	14/Dez/1711	Manuel Furtado	Escusa
1294	"	06/Dez/1711	Catarina Fernandes	Marvão
1295	"	06/Dez/1711	Maria Dias	Marvão
1296	"	12/Jun/1711	Inês Gonçalves	Marvão
1297	"	08/Abr/1711	Antónia Aparícia	Marvão
1298	"	10/Nov/1710	Maria Garção	Marvão
1299	"	18/Jun/1710	Maria Fernandes	Marvão
1300	"	06/Nov/1708	Luísa Gonçalves	Marvão
1301	"	04/Set/1708	Maria Fernandes	Marvão

1302	"	25/Jan/1708	Isabel Garção	Marvão
1303	"	11/Nov/1707	Isabel Fernandes	Marvão
1304	"	03/Set/1707	Catarina Pires	Marvão
1305	"	28/Ago/1707	Maria Gonçalves	Marvão
1306	"	04/Mar/1707	Manuel Rodrigues	Marvão
1307	"	24/Out/1706	Álvaro Rodrigues	Marvão
1308	"	11/Abr/1706	Maria Fernandes	Marvão
1309	"	05/Abr/1706	João Ribeiro	Marvão
1310	"	06/Fev/1706	Manuel Fernandes (inventário)	Marvão
1311	13	01/Dez/1704	Manuel Carvalho	Marvão
1312	"	01/Set/1704	Maria Rodrigues	Marvão
1313	"	29/Ago/1704	Francisco Fernandes Carvalho	Marvão
1314	"	11/Ago/1704	Maria Martins	Marvão
1315	"	07/Ago/1704	Domingos Carrilho	Marvão
1316	"	30/Jul/1704	Fernandes André	Marvão
1317	"	31/Ago/1703	Manuel Rodrigues Rolo	Marvão
1318	"	06/Ago/1703	Manuel Martins	Marvão
1319	"	13/Fev/1703	Manuel Pinto	Marvão
1320	"	05/Fev/1703	Manuel Fernandes André	Marvão
1321	"	11/Nov/1702	António Carrilho	Marvão
1322	"	05/Out/1702	Antónia Aparícia	Marvão
1323	"	28/Ago/1702	João Ribeiro Rebelo	Marvão
1324	"	12/Abr/1702	Manuel de Almeida	Marvão
1325	"	12/Mar/1702	Maria Brás	Marvão
1326	"	07/Fev/1702	Manuel Marques	Marvão
1327	"	05/Fev/1702	Manuel Antunes	Marvão
1328	"	24/Nov/1701	P ^e Domingos Rodrigues Sanches	Marvão
1329	"	31/Mar/1701	Maria Dias	Marvão
1330	"	14/Dez/1700	Maria Pires	Marvão
1331	"	30/Nov/1700	Manuel Brás	Marvão
1332	"	19/Out/1700	António Fernandes	Marvão
1333	"	06/Mar/1700	Manuel Pires Mourato	Marvão
1334	13	16/Dez/1700	Manuel de Andrade	Marvão
1335	"	30/Set/1699	Maria Marques Serigado	Marvão
1336	"	11/Jul/1699	Beatriz Dias	Marvão
1337	"	03/Jan/1699	Maria Pires	Marvão
1338	"	10/Ago/1698	Isabel Colaço	Marvão
1339	"	17/Abr/1695	Maria Gomes Colaço	Marvão
1340	"	18/Jan/1694	Eugénia d'Assunção	Marvão
1341	"	08/Fev/1693	Manuel Vaz	Marvão
1342	"	28/Jun/1692	Gregório Fernandes	Marvão
1343	"	05/Abr/1680	Francisco Martins Viegas	Marvão
1344	"	25/Nov/1658	Antónia Nunes	Marvão
1345	"	02/Mar/1654	Manuel Rodrigues	Marvão
1346	"	16/Jan/1653	Antónia Mouzinho	Marvão
1347	"	22/Fev/1641	Isabel Gonçalves	Marvão
1348	"	04/Nov/1636	Maria Mendes Roma	Marvão

O CONTRABANDO NA ZONA DE VALÊNCIA DE ALCÂNTARA-SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS

*Vários autores — Colectivo**



O contrabando foi a actividade característica das zonas fronteiriças que não nasceu do ócio, mas da necessidade de fazer negócio.

BREVE ESTUDO

Vivemos numa zona rural e fronteiriça, afastada (por vezes esquecida) dos grandes centros urbanos e, portanto, dos sítios onde se tomam as decisões políticas e económicas dos dois países. Nos anos difíceis, sem indústria, nem serviços, a única saída era o trabalho no campo. Mas este estava mal remunerado e, por mais que se trabalhasse, não dava para alimentar famílias inteiras. Era necessário recorrer a actividades marginais que ajudassem, não a encher despesas, mas sim temperar estôma-gos... O contrabando foi a actividade característica das zonas fronteiriças que não nasceu do ócio, mas da necessidade de fazer negócio.

O trabalho consistia em passar mercadorias de um lado para o outro da fronteira, evitando a legalidade das taxas que encareciam os produtos. Nele participavam todos os homens, mulheres e crianças, isto é, famílias inteiras.

Foi o facto da actividade do contrabando ter sido uma constante durante muitos anos, nesta zona e a vontade de duas comunidades escolares (E.B.I. de Santo António das Areias e I.E.S. de Valência de Alcântara) de trabalharem em projectos transfronteiriços que juntam zonas tão próximas, acabando com as fronteiras políticas, que nos levou a trabalhar este tema. Foi um facto comum a ambos os países, e faz parte do passado recente e da memória colectiva destas gentes. Teve também uma vertente de solidariedade e companheirismo. Quise-mos ainda homenagear estas pessoas

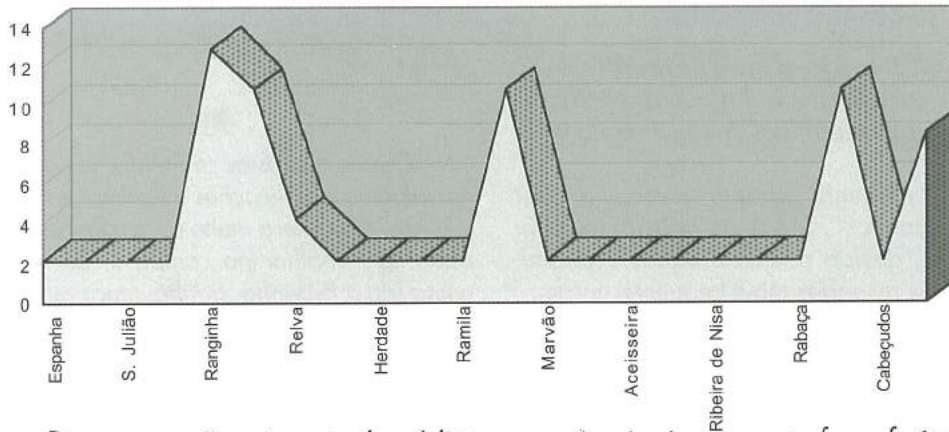
que foram obrigadas a actuar de costas para a lei, exercendo uma actividade que hoje ninguém se atreveria a qualificar como ilegal.

Iniciámos este trabalho por um questionário que nos servisse de guia e, ao mesmo tempo, de base para posteriormente o desenvolvermos. As duas escolas trabalharam a partir deste questionário, e as perguntas elaboradas tiveram a intenção de poderem ser feitas num e noutro lado da fronteira. Não pretende-mos fazer um trabalho que permitisse conhecer o contrabando através da perspectiva de um espanhol ou de um português, mas sim, através da de um raiano, que conhece os dois lados da fronteira.

Embora este estudo fosse efectuado em conjunto, é de salientar que ambas as escolas trabalharam de maneira diferente. Os alunos de Santo António das Areias preencheram o questionário por escrito; os de Valência de Alcântara realizaram várias entrevistas com a ajuda de um gravador. Algumas destas entrevistas vão aparecer transcritas neste trabalho.

Dos inquéritos realizados em Santo António das Areias podemos fazer a seguinte leitura: trabalhámos com um total de 46 inquéritos, realizados pelos alunos dos 2º e 3º Ciclos, entre as populações de: Santo António das Areias, Cabeçudos, Beirã, Galegos, Barretos, Pitaranha, São Julião, Ranginha, Aires, Portagem, Asseiceira, Ribeira de Nisa, Marvão e Rabaça, como aparecem nos seguintes gráficos.

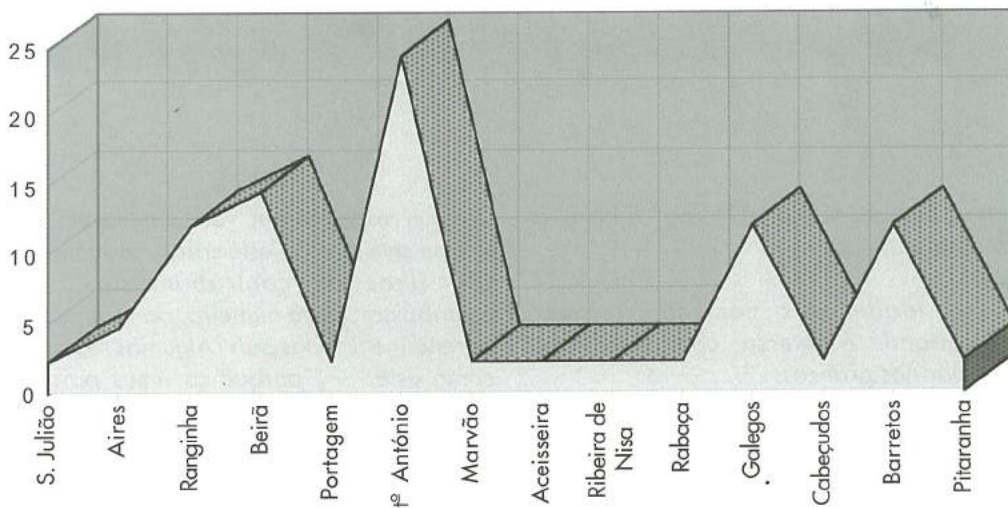
LOCALIDADE ONDE VIVIAM NA ÉPOCA DO CONTRABANDO



Da comparação entre estes inquéritos e as informações obtidas na zona de Valência de Alcântara, este grupo de trabalho tirou as seguintes conclusões, respeitando sempre a ordem das perguntas do inquérito.

A primeira pergunta faz referência à idade dos entrevistados, idade esta que oscila entre os quarenta e oitenta anos. É de salientar que quase todas as pessoas questionadas foram homens. Assim o nosso informador tipo seria uma pessoa de sexo

LOCALIDADE ONDE VIVEM NA ACTUALMENTE



masculino, com 58 anos aproximadamente e, em muitos casos, reformado.

Quanto à localidade de residência são 41 as pessoas inquiridas que responderam e aparecem repartidas da seguinte maneira:

À pergunta "porque começou a fazer contrabando?", todas as pessoas responderam "devido a necessidades económicas". As respostas mais frequentes foram:

- "Porque havia muita necessidade"
- "Porque eram anos de fome"
- "Porque era a única maneira de ganhar alguma coisa"
- "Porque havia muita pobreza"

— "Para ganhar dinheiro para sustentar a família"

— "Porque fazia falta o dinheiro para comer"

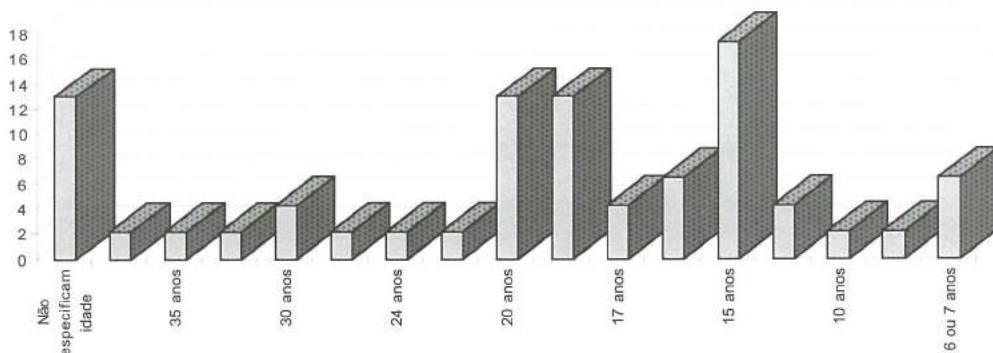
etc...

Outras respostas são explícitas e dão-nos algumas explicações interessantes:

— "A vida era muito dura, ganhava-se pouco a trabalhar no campo e, às vezes, numa ida a Espanha, ganhávamos mais do que numa semana a trabalhar no campo".

Em resumo, o contrabando é uma actividade que nasce da necessidade e que

QUANDO COMEÇARAM A FAZER CONTRABANDO



tem como objectivo principal ajudar a economia familiar.

A idade para começar a fazer contrabando é diversa, como podemos apreciar nos gráficos:

De uma maneira geral começavam muito novos, muitos deles ainda crianças.

Dos que responderam, vários iniciaram com seis ou sete anos. Neste casos, costumavam ser filhos de contrabandistas, que contribuíam, desta maneira, para aumentar os rendimentos dos pais. Algumas respostas como esta: — "porque os meus pais me obrigavam" dão-nos a entender que era comum, naquele tempo as crianças ajudarem os seus pais em actividades tais como: as tarefas do campo, guardar ovelhas, ajudar

nas pocilgas, etc... Outras praticavam aquelas que eram proibidas, como é o caso do tema em questão. Podemos afirmar que começavam a trabalhar no contrabando desde criança, se tivermos em conta respostas como esta: "porque conseguia-mos passar mais despercebidos no meio do mato, durante o dia, enquanto os pais trabalhavam no campo".

Noutros casos começavam adolescentes, e eram filhos de famílias não contrabandistas, que, assumindo um risco individual, viam nesta actividade uma forma de aumentar os rendimentos.

Também são vários os que começaram com vinte anos e, nestes casos, a necessidade de alimentar a família e a dificuldade de encontrarem para o fazer na legalidade, levaram-nos a assumir a responsabilidade e o risco.

As respostas a esta pergunta dependem muito do tempo em que começavam a fazer contrabando; obvia-mente a situação em que se vivia nos anos quarenta nada tinha a ver com o princípio dos anos sessenta.

Outra das perguntas que fizemos foi: —"Com quem começavam a fazer contrabando?", e as respostas foram igualmente diversas, mas nunca discordantes. Se eram crianças, começavam com familiares, vizinhos ou amigos dos pais, e geralmente, em grupos de mulheres. Costumavam ir em regime de custódia e sempre acatando e respeitando as ordens do grupo.

Se começavam com uma certa idade, faziam-no acompanhados, normalmente por pessoas de confiança (irmãos, primos, vizinhos, amigos...). Raramente o faziam sozinhos. Deviam ir em grupo de homens, se eram rapazes, e de mulheres, se eram raparigas.

Apenas sete de um total de 46 pessoas responderam que actuavam sozinhos. O resto actuava em colaboração com alguém. Deduzimos, com isto, que o contrabando era uma actividade agre-gária, que necessitava da colaboração de outras pessoas para conseguir os objectivos propostos. Estas pessoas eram da confiança dos contrabandistas. Se alguém do grupo era apanhado por algum elemento da Guarda, as perdas dos produtos apreendidos eram repartidas entre todos. Podemos falar da solidariedade da necessidade. As multas, sem embargo, eram pagas individualmente.

Outras vezes tratava-se de um contrabando organizado. Nestes casos, trabalhava-se também em grupo, mas sem autonomia. O grupo cumpria uma função que cobrava, normalmente em dinheiro e raramente em produtos. Neste tipo de contrabando havia pessoas a orientar a distribuição dos produtos, pessoas que, na sua maioria, recebiam um salário e tinham uma maior responsabilidade e também lucros, mas que, no geral desconheciam o nome do dono das mercadorias.

Este desconhecimento era a melhor maneira de salvaguardar a verdadeira identidade do último anel da cadeia, que possivelmente era considerado como um

empresário modelo aos olhos das autoridades.

No caso do pequeno contrabando não havia chefes nem supervisores, era o hábito e a confiança nas pessoas que marcavam o comportamento.

A forma de concluir as actuações também era diferente: em alguns casos, os produtos eram descarregados num mesmo sítio e depois era feita a distribuição. Noutros, os contrabandistas distribuíam-nos de casa em casa, abastecendo os clientes que já eram fixos. Assim, o contacto era mais importante, pois, além de concluir uma actividade, começava-se logo outra, uma vez que o cliente encomendava outros produtos que lhe eram necessários. Formava-se assim um círculo fechado, onde não havia descanso e onde a confiança e a clientela eram a chave da sobrevivência.

A origem e o destino dos produtos dependia do lugar de partida do contrabandista. Assim, de Portugal para Espanha, transportava-se preferencialmente café, cortiça, ovos, lã de ovelha, tabaco e, também sabão, linhas, lençóis, toalhas, etc... De Espanha para Portugal, transportava-se chocolates, bacalhau, sapatos, vestuário, tecidos, relógios de pulso, condimentos para enchidos, loiças de esmalte, pneus, azeite, etc...

Muitos dos nossos entrevistados quando lhes perguntámos se ainda se lembravam do último trabalho que fizeram, respondiam que não, e os que respondiam positivamente, faziam-no de uma maneira muito incerta. Poucos explicaram com

detalhes. Apresentamos os seguintes exemplos:

—“Sim, fui levar uns porcos a Valência de Alcântara e até me fugiram três”

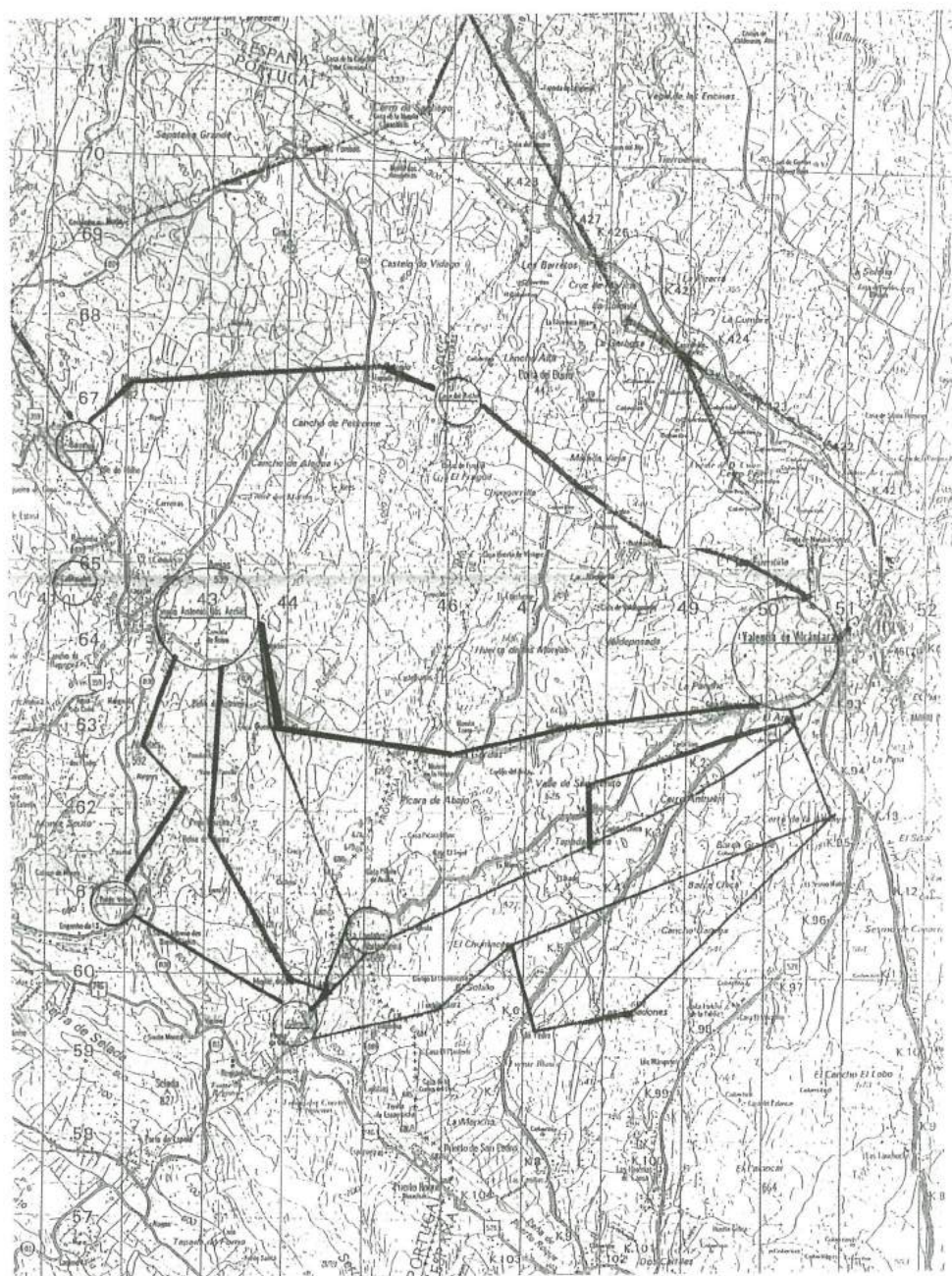
—“Sim transportava volfrâmio”

—“O último trabalho que fiz foi ir buscar uma carga de cominhos a arraia. Tinha quarenta anos”.

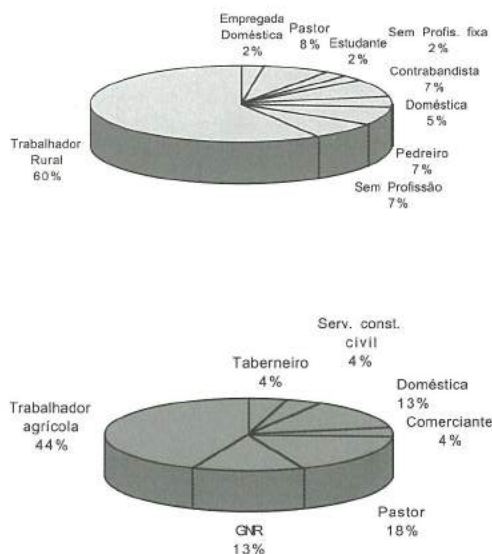
Na pergunta número onze, pedimos aos nossos entrevistados que nos dissessem o percurso utilizado e, se este era sempre o mesmo. Aqui as respostas foram múltiplas, e, os caminhos, obviamente, não eram sempre os mesmos. Não costumavam ir por caminhos, mas sim atravessando o mato. Mudavam as rotas com muita frequência e era a presença da Guarda ou notícias que tinham sobre a situação desta que determinavam o caminho a seguir.

Através dos inquéritos, encontramos uma série de lugares que se repetiram com muita frequência, pelo que nós pensamos que estes deviam ter uma especial importância para os contra-bandistas, e foram os nomes dados por eles que serviram para elaborar uma série de rotas utilizadas. Estas rotas aparecem marcadas num mapa do exército es-panhol, escala 1:50 000, com o objectivo de ilustrar o nosso trabalho:(Ver página ao lado).

Os obstáculos e perigos que recordavam, as pessoas entrevistadas, como os mais difíceis, eram principal-mente atravessar o rio Sever, especial-mente quando levava cheia. Transcre-vemos parte das duas respostas que parecem esclarecedoras:



Mapa das rotas de contrabando



Análise através dos inquéritos dão os seguintes dados:

No primeiro gráfico, representado em cima estão as Profissões na Época do Contrabando; no gráfico seguinte aparecem as profissões actuais.

—“O rio era o maior problema, às vezes, nas noites mais chuvosas e frias, a água atingia-nos quase até à cintura, era nessas noites que a Guarda Fiscal dava um pouco de tréguas.”

—“A água do rio às vezes, dava-me por cima da barriga, e eu, com a roupa à cabeça, atravessava o rio.”

Atravessar o rio Sever era o principal problema, até da Guarda Fiscal e da Guarda Civil.

As searas molhadas, a chuva, o frio, o calor das tardes de Verão, os animais à solta,

os obstáculos naturais imprevistos, etc..., são também respostas que coincidem.

É curioso salientar como quase todos os entrevistados temiam mais a corrente do rio do que a própria guarda, talvez porque com a Guarda estava em jogo a carga das mercadorias, e com o rio já se punha em risco a própria vida.

A grande maioria dos entrevistados fazia contrabando a pé. Isto tem lógica, se tivermos em conta que, na maioria das vezes, atravessavam o mato. Só alguns afirmavam que, eventualmente, utilizavam animais ou bicicletas.

Perguntámos também se alguma vez tiveram de esconder a mercadoria e todos responderam afirmativamente. A partir das respostas dadas, deduzimos que os lugares mais frequentes eram: atrás das paredes, os buracos naturais, no meio do mato, entre os canchos, entre as giestas, em cima das árvores, nos buracos dos troncos das árvores, etc...

As respostas à pergunta:—“Que acontecia se fossem presos?”, foram diversas. Dependia de muitos factores: da quantidade transportada, do tipo de produtos (o contrabando de alguns produtos era mais penalizado do que outros), também da frequência com que eram detidos, ou dos antecedentes penais que tinham por realizarem a actividade. Tinha muita importância quem fosse o detentor, pois havia guardas que eram temidos pelos contrabandistas. Dependendo destes factores e de muitos outros, as penas iam desde a apreensão das mercadorias ou a reprimenda até às multas, julgamentos em tribunal e, inclusivé, prisão e trabalhos

forçados. Também temos conhecimento de que alguns contrabandistas foram vítimas de maus tratos, especialmente durante os interrogatórios. Como testemunha trans-

crevemos as seguintes respostas: "multas, julgamentos, interrogatórios violentos", "íamos para a prisão e, quando acabava o tempo que nos tinha sido dado, éramos soltos

e lá voltáva-mos nós a fazer contra-bando outra vez", "éramos julgados, e a família tinha de pagar uma fiança". "...no caso do contrabando organizado, os chefes ou os encar-regados deviam pagar as multas para libertar os homens que trabalhavam para eles".



A grande maioria responderam que sentia a solidariedade da população. Eles sentiam-se protegidos, quer pela população portuguesa, quer pela espanhola. Esta situação pode-se explicar pelo facto de esta ser uma actividade enraizada nesta zona, uma vez que era rara a família que não tivesse tido algum membro ou amigo contrabandista.

Se, por um lado, é verdade que sentiam a solidariedade da população, por outro, também é certo que reconheciam a existência e o temor aos delatores. As respostas dadas acerca da identidade dos mesmos são as seguintes:

...sentiam a solidariedade da população, por outro, também é certo que reconheciam a existência e o temor aos delatores.

—“Pessoas que não gostavam dos donos das mercadorias”

—“Os donos das terras por onde passávamos”

—“Pessoas que queriam fazer negócio, porque recebiam parte da carga apreendida”

—“Por outros contra-bandistas”

—“Por pessoas invejosas”

—“Pessoas que não concordavam com o nosso trabalho”

etc...

Em relação à hora da realização desta actividade, os contrabandistas costumavam sair de noite ou de madrugada, especialmente os grupos de homens, pois, as mulheres saíam sempre de dia.

Costumavam comer em lugares escondidos, sempre atentos, se o caminho era longo, e se não havia nenhuma suspeita que o impedisse. Comiam preferencialmente produtos da época ou enchidos caseiros como: farinheira, morcela, chouriço ou tucinho e também pão, azeitonas, conservas, migas de pão, queijo, etc... Se o percurso era mais curto comiam em casa, antes ou depois de terem o trabalho concluído.

O descanso era relativo: se o percurso era curto, descansavam em casa, uma vez terminado o trabalho. Quando o caminho era longo, faziam paragens de tempos a tempos, em sítios pré-combinados, situação mais frequente no contrabando organizado.

O vestuário era sobretudo roupa velha, escura e larga. O calçado, eram sapatilhas de pano, atadas à perna que,

além de serem cómodas, não faziam barulho.

Os benefícios, como já foi dito, era ajudar o orçamento familiar. Gastava-se tudo na alimentação e, às vezes, não chegava. Raramente dava para poder comprar um terreno ou fazer uma casa. Excepcionalmente algumas pessoas desta zona enriqueceram com esta actividade.

Muita importância tinham, nesta actividade, as contra-senhas: saltar uma parede com o braço no ar, levar o chapéu de lado, cantar como os cucos, sinais com pedras e ramos, assobios a imitar os sapos, objectos metálicos que comprimidos nos dedos davam pequenos estalos a imitar o cantar do grilo-toupeira (o ralo). Estes eram os sinais que avisavam a presença da Guarda, e, também da ausência de perigos. Mas as contra-senhas eram secretas e variáveis, códigos fechados que serviam para informar uns e despistar outros.

Para terminar transcrevemos algumas histórias que alguns inquiridos nos contaram:

—“Foi quando vim com uma carga de cortiça de Espanha para Portugal, ainda corri aí uns 100 metros dentro de Portugal que um polícia correu atrás de mim e eu não pude correr mais. Então peguei numa pedra em cada mão, o polícia foi-se embora, e, eu trouxe a cortiça.

Era custoso, mas eu tenho muitas recordações.

—“Um dia, ainda de noite, assim que passámos o rio, no meio de umas pedras, caí numas físgas, mas até calhou bem,

porque havia um cantoneiro mais à frente e não me viu. Eu fiquei escondido.

—“Uma noite de muito vento, pela uma hora da manhã, ao atravessar uma serra com muito mato, a bóina voou-me nunca mais a vi, e ia, com 34 Kg de pneus às costas, ter a uma estrada onde deveria estar o carro para carregar o produto, às duas da manhã. Quando chegámos à estrada, estivemos muito tempo à espera e o carro não chegava. Começou a chover e fomos para um “secadeiro” e, mais tarde, chegou um “portador” a dizer que a mercadoria não saía, que tinha que ficar bem escondida, porque estava a guarda na estrada. Tivemos que voltar no outro dia, à uma hora da manhã, para entregar a mercadoria, para ganhar um escudo por cada quilo de pneus.”

—“Um dia, eu ia levar bonecos de barro a Espanha e comecei a ver guardas. Escondi os bonecos no mato e fugi. Esperei uns minutos, fui buscar os bonecos, mas os guardas descobriram o sítio onde eles estavam e levaram-me os bonecos todos. E lá fiquei eu sem eles”.

—“Uma vez, andávamos a transportar sacos de feijão verde, e trazíamos os sacos à “formiga”. Eu levava um saco junto a uma parede e entregava-o a um companheiro que estava do outro lado da parede e fui dando todos os sacos que havia. Não vi que do outro lado da parede era um guarda que lá estava. Depois fugi”.

—“Uma vez tive de esconder os produtos entre as rochas, mas os guardas viram-me. Quando eles se foram embora,

eu não conseguia de lá tirar os produtos do meio das rochas, até que vieram outros guardas e eu pedi-lhes ajuda. Eles tiraram os produtos do meio das rochas e depois foram-se embora, porque tinham pena de mim, pois eu estava toda suja e com a roupa toda rota”.

—“A história mais engraçada foi que uma vez fui apanhada pelos guardas a transportar batatas e chorei tanto que os guardas tiveram pena de mim e não me tiraram nada”.

—“Um dia, perto da meia-noite, quando íamos a passar perto do monte, um cão começou a correr atrás de mim, e eu caí num charco, ficando todo sujo, e o cão ficou com a mercadoria”.

“Levantei-me às 22 horas, reuni-me com os meus colegas para levar e trazer o contrabando. Ao afastar-me deles, caí para dentro de uma barroca cheia de silvas. Prendi o saco da farinha num pau e rompeu-se, entornando-a toda, e só fui capaz de sair de lá no outro dia”.

“Ia no meio do caminho, com mercadorias às costas e, de repente, vi giestas a mexerem-se e pensei que fossem guardas, mas afinal eram cães”.

—“Íamos perto de Espanha e levávamos as mercadorias às costas. Saltámos uma tapada onde havia vacas. Tivemos de deixar as mercadorias, porque as vacas começaram a correr atrás de nós.”

—“Uma vez vínhamos carregados e um colega pôs a mão em cima de uma pedra para se apoiar, e agarrou um lacrau

que o picou. Mas ele não se apercebeu do que tinha acontecido, sacudi a mão junto ao bolso do casaco, e o lacrau entrou para dentro do bolso. Mais tarde, quando iam a caminho, meteu a mão no bolso e foi picado novamente, mas não ligou. Quando chegou a casa meteu, mais uma vez a mão no bolso para tirar o lenço e foi picado outra vez. Apercebeu-se só neste momento e sacudi o casaco”.

—“Uma vez, quando vinha de volta, apareceu-me a Guarda e estive duas horas no alto de uma árvore, para não ser visto”.

—“Estando nós a descansar, fomos apanhados pela Guarda Fiscal, mas como tínhamos o contrabando escondido noutra sítio, nada puderam fazer. Quando a guarda abalou, foi um contrabandista espreitar os guardas. Uma vez fora de perigo, continuámos a nossa marcha”.

—“Certo dia, ia para o contrabando com os meus vizinhos, e tinham-me avisado de que a Guarda andava a fazer a ronda, mas nós fomos espertos, pois em vez de trazermos só produtos de contrabando, trouxemos também fruta. Quando vínhamos de regresso, encontramos a Guarda, que nos quis revistar os sacos. Dois dos homens que vinham comigo, distraíram-nos, enquanto nós escondíamos o contrabando, mostrando só a fruta. Eles mandaram-nos seguir o nosso caminho. Apanhámos a fruta e os sacos do contrabando, mas não tivemos sorte, pois à frente, havia mais guardas e fomos obrigados a pagar multa e a deixar o contrabando com eles, para não sermos presos.”

—“Um dia, ia eu carregada de café. Levava café atado no corpo e às pernas. No meio do caminho encontrei a Guarda Civil e saí a correr. O medo era tanto que consegui entrar para uma pocilga cheia de porcos. Para entrar não tive problemas, mas para sair tive de tirar todo o café que levava no corpo, pois não conseguia passar pela fisga por entre tinha entrado”.

—“Estávamos já em Valência de Alcântara, numa rua muito estreita, mesmo à entrada da vila, quando encontramos a Guarda Civil. Íamos um grupo de oito mulheres, aproximada-mente, e saímos a correr, cada uma para seu lado. Três de nós subimos para cima de um telhado, mas o telhado não estava muito bom e caímos para dentro da casa. Eu caí na cozinha e uma das minhas colegas caiu num quarto, onde estavam a dormir duas miúdas. As miúdas assustadas começaram aos gritos, e o pai delas veio ter connosco. A nossa sorte foi que o dono da casa conhecia-nos e não avisou os guardas. Mesmo assim tivemos de lhe pagar a reparação do telhado que, naquela altura, para nós era muito dinheiro.”

TRANSCRIÇÃO DE ALGUMAS DAS RESPOSTAS AOS INQUÉRITOS

Idade: 58 anos

Localidade: Beirã

Profissão na época do contrabando:
Trabalhador do campo.

1. Quando começou a fazer contrabando?

—Não sei bem, mas a sério, por volta dos vinte anos.

2. Porquê?

—A vida era muito dura, ganhava-se muito pouco a trabalhar no campo e, às vezes, numa ida a Espanha ganhávamos mais do que uma semana a trabalhar no campo.

3. Com quem?

—la com outros homens. Alguns grupos também levavam mulheres, mas nós éramos só homens. Chegávamos a ser doze, comandados por um mais velho e mais experiente que ia sempre à frente, distanciando de nós.

4. Qual a localidade onde vivia?

—Vivia na Beirã.

5. Trabalhava sozinho ou em colaboração com alguém?

—Sempre em colaboração. Havia alguns que faziam o trabalho sozinhos, mas eram poucos, porque eram maiores os riscos e os perigos.

6. Havia alguém a orientar a distribuição dos produtos?

—Havia sempre, quer do lado espanhol, quer do lado português.

7. Em que consistia o seu trabalho na organização?

—Era o carregador. Carregava às costas a carga. Para lá levávamos umas coisas e para cá trazíamos outras.

8. Qual a origem dos produtos?

—Eram de várias origens. Para lá levávamos café, sabão, etc..., para cá trazíamos cortiça, bombazinas, sapatilhas, relógios e até vestidos de noiva, quando encomendados.

9. Qual o destino?

—Tínhamos locais combinados para trocar as mercadorias. Era chegar, trocar e não demorar muito.

10. Recorda o último trabalho que fez?

—Claro que recordo, foi um grande carregamento de cortiça.

11. Explique, com detalhe, o percurso utilizado. Era sempre o mesmo?

—O percurso nunca era o mesmo. Era feito por veredas nos locais onde as camionetas passavam. Às vezes, as pegadas ficavam na lama e tínhamos medo de sermos apanhados à vinda.

12. Quais os obstáculos que tinham que ultrapassar?

—O rio era o maior problema. Às vezes, nas noites muito chuvosas e frias, a água atingia-nos até quase à cintura. Era nessas noites que a Guarda Fiscal dava um pouco de tréguas...

13. Qual o meio de transporte utilizado?

—Era a pé que íamos. Claro que havia camionetas a levar a mercadoria para locais combinados, mas era a pé que fazíamos a travessia às costas.

14. Quais eram os perigos?

—Eram tantos... O tempo: como o frio, a chuva, o vento, as cheias do rio; a Guarda Fiscal, os Carabineiros...

15. Alguma vez teve de esconder a mercadoria?

—Algumas, sim.

16. Onde?

— Em covas ou debaixo das rochas.

17. Que acontecia se fossem presos?

— Era terrível, as multas eram sempre muito pesadas.

18. Tinham a solidariedade da população?

Espanhola — Portuguesa

— Tínhamos, sim senhor. Em Espanha, alguns residentes portugueses que trabalhavam no caminho de ferro, na estação, foram verdadeiros amigos, pois até comer nos levavam. Os espanhóis até não eram maus, claro que havia excepções.

19. Corriam o risco de serem denunciados?

— Sim, corríamos, até porque os denunciantes recebiam parte do valor da carga apanhada.

20. Por quem?

— Funcionários da alfândega, Guarda Fiscal e até vizinhos.

21. Faça o relato de um dia de trabalho:

21.1. A que horas se levantavam?

— Dormíamos sempre de dia, se não trabalhássemos no campo, normalmente para não levantar suspeitas. Partíamos quase sempre por volta das dez horas e regressávamos de madrugada. Muitas vezes íamos trabalhar no dia seguinte sem dormir.

21.2. Onde comiam?

— Pelo caminho. Às vezes com paragens muito rápidas.

21.3. O que comiam?

— Pão com queijo, azeitonas, toucinho e, quando estávamos mais desafogados e tínhamos feito matanças, carnes de porco, enchidos...

21.4. Quando descansavam?

— Não descansávamos quase nunca. Só quando chegávamos. Não nos podíamos dar a esse luxo. Claro que se havia complicações era tudo alterado.

21.5. Como se vestiam?

— Roupas fortes: bombazines era o tecido utilizado para calças e camurcines. Calçávamos sapatilhas, porque eram cómodas e também usávamos gorras bascas, pretas ou azuis.

22. Que destino davam ao ganho do contrabando?

— Nós, os carregadores, comprávamos roupa, comida e juntávamos dinheiro para uma casinha: o sonho de todos. Alguns fizeram fortuna e arranjaram quem fizesse o trabalho por eles. Esses eram os da cortiça, café... Coisas grandes.

23. Usavam senhas para comunicar?

— Sim.

24. Quais eram?

— Imitar o canto dos pássaros era a mais utilizada, mas também deixávamos pedras ou ramos.

25. Qual o sentido?

— Era passar mensagens: se havia guardas perto, se já tínhamos passado todo o carregamento, se devíamos evitar tal sítio..., era conforme.

CONTE ALGUMA HISTÓRIA ENGRAÇADA DA ALTURA

Um dia, fomos buscar um carregamento de cortiça, permanecemos mais de duas horas escondidos e dispersos à espera da camioneta que iria passar. Estávamos em Espanha. O medo de que nos apanhassem era muito, porque a carga levaria muito tempo a descarregar e a ser colocada às costas. Tinha de ser ágil e rápido.

Quando a camioneta surgiu, era noite fechada, já todos se dirigiam confiados para ela. Foi então que num ápice, ficámos parados quando vimos que trazia dois Carabineiros. Antes que reagíssemos, ouvimos dois gritos: "no

temais, nosotros somos amigos" (não temam, somos amigos). Eram mesmo. Talvez até irmãos na dificuldade de conseguir dinheiro extra.

Idade: 66 anos

Localidade: Ranginha

Profissão actual: Trabalhador rural

Profissão na época do contrabando:
Contrabandista

1. Quando começou a fazer contrabando?

— Quando tinha 40 anos.

2. Porquê?

— Porque não havia mais nada para trabalhar, e nós tínhamos de nos alimentar e também alimentar as nossas famílias.



Os perigos eram os guardas...

3. Com quem?
— Com um grupo de amigos.
4. Qual a localidade onde vivia?
— Eu vivia em Ranginha.
5. Trabalhava sozinho ou em grupo?
— Trabalhava em grupo.
6. Havia alguém a orientar a distribuição dos produtos?
— Havia um encarregado que nos orientava.
7. Em que consistia o seu trabalho na organização?
— Consistia em pôr a carga às costas e ir levá-la pelos caminhos mais escuros, onde os guardas não nos vissem.
8. Qual a origem dos produtos?
— Eu para lá levava café, e para cá trazia cominhos.
9. Qual o seu destino?
— Depois os produtos iam para a casa dos comerciantes.
10. Recorda o último trabalho que fez?
— O último trabalho que fiz foi quando fui buscar uma "carrada" de cominhos à "arraia". Tinha 45 anos.
11. Explique, com detalhe, o percurso utilizado. Era sempre o mesmo?
— O percurso variava conforme as ordens que o encarregado nos dava.
12. Quais os obstáculos que tinham de ultrapassar?
— Os obstáculos eram: atravessar o mato e evitar sermos vistos pela Guarda.
13. Qual o meio de transporte utilizado?
— As sapatilhas espanholas.
14. Quais eram os perigos?
— Os perigos eram os guardas.
15. Alguma vez teve de esconder a mercadoria?
— Sim, várias vezes.
16. Onde?
— Normalmente debaixo das pedras.
17. Que acontecia se fossem presos?
— Íamos responder e ficávamos sem o contrabando.
18. Tinham a solidariedade da população?
— Tínhamos a solidariedade dos contrabandistas espanhóis e portugueses.
19. Corriam risco de serem denunciados?
— Sim, mas nunca pelos contrabandistas, pois eles faziam o mesmo que nós.
20. Por quem?
— Pelos donos dos terrenos por onde passávamos, por vezes pisando searas e outros cultivos.
21. Faça um relato de um dia de trabalho:
21.1. A que horas se levantavam?
— Levantávamo-nos às 4 da manhã.
- 21.2. Onde comiam?

—Comíamos quando chegávamos a casa. Aqueles que iam mais longe, levavam comida.

21.3.O que comiam?

—Pão com azeitonas.

21.4.Quando descansavam?

—Tínhamos sítios certos para descansar.

21.5.Como se vestiam?

—Umas sapatilhas, um fato leve e um pau comprido para ajudar a subir as paredes e os montes.

22.Que destino davam aos ganhos do contrabando?

—Serviam para comer e, muitas vezes, não chegava. Os que tinham melhores condições guardavam-nos.

23.Usavam senhas para comunicar?

—Não, quando um se perdia do grupo, a quem nós dávamos o nome de "cordão", este assobiava como os sapos e, os restantes, respondiam-lhe também, assobiando como os sapos.

Idade:42 anos

Localidade:Beirã

Profissão actual:Sargento ajudante da Guarda Nacional Republicana

Profissão na época do contrabando:Trabalhador rural

1.Quando começou a fazer contrabando?

—Logo aos seis ou sete anos de idade.

2.Porquê?

—Porque conseguíamos passar mais despercebidos no meio do mato, durante o dia, enquanto os pais trabalhavam no campo.

3.Com quem?

—Sozinho muitas das vezes, outras com a minha irmã mais velha, outras ainda com diversos familiares (pai, mãe, tio...)

4.Qual a localidade onde vivia?

—Na Beirã, tal como agora.

5.Trabalhava sozinho ou em colaboração com alguém?

—Colaborava com os meus pais. Enquanto eles iam trabalhar, eu ia a Espanha levar dúzias de ovos, alguns quilos de café em grão, etc...

6.Havia alguém a orientar a distribuição dos produtos?

—Não, eu não pertencia a "patrões" do contrabando organizado.

7.Em que consistia o seu trabalho na organização?

—Já respondi em 5.

8.Qual a origem do produto?

—Origem directa, produção caseira ou aquisição em mercearias da localidade por preços bastante mais baixos do que os preços da venda, no acto da entrega em Espanha... Evidentemente.

9.Qual o seu destino?

—Não sei, eu entregava onde me indicavam em Espanha.

10. Recorda o último trabalho que fez?

— Já foi há tantos anos que, sinceramente não me recordo.

11. Explique, com detalhe, o percurso utilizado. Era sempre o mesmo?

— Não, não era sempre o mesmo. Havia vários percursos: da Beirã para o Bátan, ia pela horta da Anta, Pereirinha, Bola de Cera, Ribeiro do Lobo e Bátan ou Manuel Bravo. Das Amendoeiras ia pela Tapada do Cavalo, Ribeiro do Lobo e Bátan ou Manuel Bravo.

Também fui, algumas vezes, da Beirã pela Cabeçuda, Herdade dos Pombais, Tiracalzas e Tierra Vendida, já em Espanha.

12. Quais os obstáculos que tinham de ultrapassar?

— Ir sempre atentos a todos os obstáculos que podiam ocultar as patrulhas da Guarda Fiscal, silêncio absoluto, caminhar sem fazer barulho, evitar os trilhos ruidosos, ocultar imediata-mente, mal notasse algo suspeito, transpor barrocas, ribeiros e rios fora de locais normais de passagem.

13. Qual o meio de transporte utilizado?

— A pé.

14. Quais eram os perigos?

— A Guarda Fiscal, principalmente, do lado de Portugal e a Guarda Civil, mal se passava a fronteira e se entrava em Espanha.

15. Alguma vez teve de esconder a mercadoria?

— Sim, algumas vezes.

16. Onde?

— No meio do mato, entre penedos, nos silvados, etc...

17. O que acontecia se fossem presos?

— Muitos problemas: Multas, julgamentos em tribunal... às vezes interrogatórios violentos, etc...

18. Tinham a solidariedade da população?

Espanhola — Portuguesa —

Sim, até porque nesta região quase toda a população fazia contrabando para sobreviver, quer em Portugal, quer em Espanha.

19. Corriam o risco de serem denunciados?

— Sim, às vezes por outras como retaliação ou por vingança.

20. Por quem?

— Por indivíduos com quem se tinha qualquer questiúncula.

21. Faça um relato de um dia de trabalho.

21.1. A que horas se levantavam?

— Madrugada, às cinco ou seis da manhã, eu. Os contrabandistas profissionais saíam de casa ao cair da noite.

21.2. Onde comiam?

— No meio do campo.

21.3. O que comiam?

— A merenda: pão, toucinho, queijo, azeitonas...

21.4. Quando descansavam?

— Em locais pré-combinados e de quatro em quatro horas.

21.5. Como se vestiam?

— Com roupas escuras.

22. Que destino davam aos ganhos do contrabando?

— Sustentar a família e pouco mais.

23. Usavam senhas para comunicar?

— Sim.

24. Quais eram?

— Assobios a imitar aves, objectos metálicos que, comprimidos entre os dedos, davam pequenos estalos a imitar os grilos-toupeiras (ralos), etc...

25. Qual o sentido?

— Encontrarem-se em qualquer lugar de reunião onde deviam entregar as cargas, avisar de qualquer perigo, orientar algum camarada que, eventualmente, andasse perdido no mato, etc...

CONTE ALGUMA HISTÓRIA ENGRAÇADA DA ALTURA

— Há muitas centenas de histórias interessantes que conheço, outras que vivi. Por onde começar?

— Aquela situação dos relógios de pulso, transportados debaixo das asas dos perus?

— Ou aquela outra do papel de fumar?

— Ainda a tal que...

Fiquemos por aqui...

PROJECTO TRANSFRONTEIRIÇO

G.N.R.

A Guarda Nacional Republicana teve, e tem, como objectivo, a defesa e protecção do Estado Português em geral e, a do cidadão em particular.

Até à abertura das fronteiras, era esta corporação que tinha o dever de as defender de qualquer perigo.

Na época do contrabando, tanto a G.N.R. como a Guarda Fiscal levaram a cabo, e para isso recebiam as instruções, um sem número de patrulhamentos ao longo da fronteira, de apreensões de contrabando, de detenções daqueles que, muitas vezes por dificuldades económicas, eram obrigados a contrabandear.

Tal como fizemos um questionário para o contrabando, os alunos da Escola Básica Integrada de Santo António das Areias, elaboraram um questionário para a G.N.R., com um total de 15 perguntas.

Do total dos 12 inquéritos realizados, foi possível ao grupo de trabalho tirar as conclusões que se seguem, tendo em atenção sempre a ordem de perguntas que foram feitas aos inquiridos.

À primeira pergunta "Há quantos anos pertence à G.N.R.?", passamos a discriminar as respostas dadas:

— 1 inquirido - 30 anos (entre 1963-1993). Situação actual reformado.

— 1 inquirido - 25 anos na Guarda Fiscal. Situação actual: reformado há 17 anos.

— 1 inquirido - 24 anos. Situação actual: continua no activo.

—1 inquirido - mais de 23 anos. Situação actual: reformado.

—1 inquirido - 22 anos. Situação actual: desconhecida.

—2 inquiridos - 21 anos. Situação actual: continuam no activo.

—1 inquirido - 20 anos. Situação actual: desconhecida.

—2 inquiridos - 16 anos. Situação actual: continuam no activo.

—1 inquirido - 1 ano.

—1 inquirido - 8 meses. Situação anterior: tinha pertencido à Guarda Fiscal.

Na questão seguinte, "Participou alguma vez na detenção de contrabandistas?", 6 indivíduos responderam que sim, tendo um salientado que deteve dois, e, outro que deteve vários. Os restantes 6 responderam que não fizeram nenhuma detenção.

À pergunta "Como era a estratégia para impedir o contrabando?", todos os inquiridos responderam que faziam a vigilância, patrulhamento, fiscalização de pessoas e bagagens nos comboios e veículos nas fronteiras. O patrulhamento era feito pelos caminhos e atalhos. A vigilância ou o patrulhamento eram feitos tanto de dia como de noite, ao longo das fronteiras.

Nas respostas em questão "Quais eram as vossas fontes de informação?", foram das mais variadas: denúncias; vestígios deixados pelos contrabandistas; Interpol. Um inquirido afirmou que não havia fontes de informação.

Outra pergunta feita foi "Como sabiam das rotas utilizadas?", de uma

forma geral, disseram conhecidas por toda a população e também pelo conhecimento que tinham (a G.N.R.) da zona.

À pergunta se "Eram ajudados pela população?", a maioria dos inquiridos respondeu que não eram ajudados. Mas 5 dos inquiridos responderam que foram ajudados algumas vezes.

Nas questões se "Fizeram, alguma vez, a "vista grossa" à actividade do contrabando?" e "Porquê?", 6 das pessoas inquiridas responderam que sim (uma afirmou que muitas vezes fez "vista grossa"), e, as restantes 6 disseram que não. Aqueles que responderam sim, foi porque sabiam que era contrabando feito por pessoas pobres, para a sua subsistência e que era em pequenas quantidades. Os que responderam não, só um inquirido respondeu, porque não conhecia os contrabandistas.

À pergunta se "As pessoas envolvidas eram conhecidas?", a maioria dos inquiridos (9) responderam que sim; enquanto que, os restantes responderam negativamente.

Na questão nº 10, "Tinham amigos ou familiares contrabandistas?", 10 dos inquiridos responderam afirmativamente; um, respondeu que não tinha nenhum amigo ou familiar contrabandista, e, uma pessoa simplesmente não respondeu à pergunta.

"Quais eram as suas relações com eles?", 11 dos inquiridos responderam que

eram boas, normais; e uma pessoa não respondeu à pergunta.

"Quais as penas aplicadas aos contrabandistas apanhados?": Nesta pergunta, a maioria dos inquiridos respondeu que as penas eram a multa e a prisão. Um indivíduo referiu que as penas podiam ser diversas o que dependia do valor da mercadoria, a quantidade da mesma e o meio de transporte utilizado.

À pergunta "Qual o destino dos produtos apreendidos?", a maioria respondeu que o destino dos produtos apreendidos era a Alfândega, para leilão público (o leilão era feito a favor da Fazenda Pública); um inquirido referiu que os produtos eram vendidos ou destruídos.

Outra das perguntas era "Além do vencimento, tinham algum prémio por apanharem o contrabando?", 5 inquiridos disseram que não tinham ou não sabiam de ter existido algum prémio; uma pessoa não respondeu; e, 6 responderam que sim, havia uma percentagem de 10% por cada apreensão realizada até ao limite do vencimento anual; um destes inquiridos falou num prémio "emolumentos" que era dividido por toda a corporação.

Finalmente, perguntava-se se "Alguma vez foi contrabandista?" 8 dos inquiridos responderam que sim (um referiu que até quando era Guarda), para o sustento da família e quando eram adolescentes, 3 dos entrevistados responderam que nunca tinham sido contrabandistas, e 1 simplesmente não respondeu.

PROJECTO TRANSFRONTEIRIÇO

FESTAS

Um dos aspectos característicos da vida de ambas as regiões é o das festas, aspecto este fundamental, que não podíamos esquecer para tentar conhecer os hábitos sociais destas populações fronteiriças.

Com este fim, foi realizado um inquérito que conta em anexo, com um total de 17 perguntas relativas ao tema que nos vai permitir também comparar os nossos usos e costumes com os da região espanhola vizinha.

A partir de 14 inquéritos realizados pelos alunos do 2º e 3º Ciclos da Escola Básica Integrada de Santo António das Areias, junto da população, este grupo de trabalho chegou à conclusão de que existiam festas, tanto religiosas, como pagãs, sendo as primeiras muito mais frequentes.

Uma vez recolhidos os inquéritos, verificámos um total de 7 festas importantes no Concelho de Marvão:

FESTA DO CASTANHEIRO, FEIRA DA CASTANHA, celebrada nos dias 12 e 13 de Novembro.

É uma festa pagã que teve o seu início há 12 anos na vila de Marvão onde, para além de se juntarem as pessoas da "terra", vêm também pessoas de todo o país, e até, do país vizinho.

Assam-se castanhas pelas ruas da vila e bebe-se a chamada "água-pé", oferecida pela Câmara Municipal.

São também instalados "stands" de artesanato e de produtos alimentares da região.

Para terminar a festa, à noite, há uma amostra de cantares populares.

Seguindo a ordem do calendário, temos a FESTA DE SÃO BRÁS, no dia 2 de Fevereiro.

Recebemos pouca informação acerca desta festa. Sabe-se que tinha um carácter religioso, pois começava com uma missa. A seguir, havia procissão e, mais tarde, eram leiloados os ramos que já tinham sido benzidos na Igreja.

À tarde, as pessoas juntavam-se para comer: uns traziam a comida de casa, em cestos de verga, e outros iam petiscar nas tabernas. De seguida havia um baile, animado com concertina e descrito como "alegre e bem feito".

"Os homens iam vestidos com fatos da época e as mulheres usavam vestidos de chita, o vestuário normal dos dias de festa".

Uma das festas mais importantes deste Concelho é a FESTA DE SÃO MARCOS, realizada em Santo António das Areias, no dia 25 de Abril.

Organizada pelos festeiros que não eram sempre as mesmas pessoas, esta festa começava com uma missa e, de seguida, havia uma procissão e um leilão de ramos benzidos.

O ritual desta festa foi bem descrito pelo Sr. Vidal, pessoa conhecida por todos

os que pertencem a este Concelho e não só, e a quem agradecemos a sua colaboração, bem assim como, a todas as pessoas entrevistadas que nos prestaram o seu testemunho.

São Marcos é o padroeiro dos lavradores. Há uma história curiosa a esse respeito. De facto, antigamente, nesta festa, quando algum lavrador achava que tinha algum bezerro que não era manso, levava-o à festa. De manhã, o lavrador trazia o animal enfeitado com flores e fitas nos chifres; dava voltas em redor da Igreja até que viesse o padre celebrar a missa. De seguida, o sacerdote benzia-o com água benta e dizia: "Entra Marcos!" e o touro era levado até junto do andor do padroeiro. Assim se dizia que ficava manso. Por vezes o lavrador oferecia o touro que era leiloado em honra do santo.

As pessoas de Santo António das Areias "guardavam o melhor que tinham" para a festa. Ainda hoje isso acontece: junta-se dinheiro para gastar na festa de São Marcos. Esta festa durava três dias. Antigamente, na avenida que é actualmente designada por 25 de Abril, não existia nenhuma casa e, onde se encontra a fábrica do Sr. Sequeira, havia um enorme sobreiro com uma fonte por baixo. As pessoas de fora vinham à romaria em carroças, enfeitadas com arcos de flores. Traziam cestos de verga onde vinham as merendas dentro de marmitas ou de recipientes de esmalte. Estas merendas eram depois comidas debaixo do sobreiro ou nos canchos. Era debaixo do enorme sobreiro que se juntavam todos os que vinham de fora. Mais tarde, jogava-

-se à "barra" ou à "malha". Dessa forma, as pessoas pas-savam a tarde.

Havia também touradas à vara larga. Naquela época não existia ainda a praça de touros, sendo feita, a tourada, no largo da Igreja que era vedado com carroças e carros.

Em relação ao vestuário utilizado, algumas mulheres iam vestidas com saias de veludo encarnado, as chamadas saias de "casteleta". Esta designação tinha origem no facto de o tecido vir de Castela. Estas mulheres cantavam e dançavam, em honra do padroeiro, os chamados "passos direitos de São Marcos". Outras levavam um "cachiné" bem colorido, normalmente atado por cima de um chapéu de homem, mesmo com um fato de festa, blusas de seda e saias muito compridas.

O homem lavrador, em norma, usava uma jaqueta curta com corte de três quartos e calças com boca de sino. Usavam também os fatos de serrobeco, tecido grosso de lã, fabricado primitivamente em Zaragoza (Espanha), e chapéu de aba larga com uma borla na ponta. Estes fatos eram confeccionados pelos alfaiates e costureiras. Como não existiam figurinos, eram eles que ditavam a moda na terra. é por isto que cada terra tinha os seus próprios costumes.

A esta festa vinham, para além das pessoas da terra, gentes das terras mais próximas e, também, muitos espanhóis. Estes últimos vinham para ver entrar o bezerro na Igreja e, é curioso, que na zona de Valência de Alcântara, ainda hoje, a localidade de Santo António das Areias é chamada de São Marcos.

Vinha-se a pé pelas veredas, com sapatilhas atadas à perna, as chamadas "sapatilhas espanholas". Algumas mulheres traziam sapatos de salto alto dentro de um saco. Quando chegavam a Santo António, perto da actual praça de touros, onde existia um regato, aí lavavam os pés, calçavam os sapatos novos e penteavam-se para estarem prontas para a festa.

À noite, havia um arraial e um baile, animado por uma banda de música ou por um tocador de harmónica ou de acordeão.

A visita a esta festa originou uma grande aproximação entre famílias: espanhóis que casaram com portuguesas e vice-versa. Na realidade, rara é a família arenense ou valenciana que não tenha um parentesco espanhol ou português.

Oito dias após a festa de São Marcos, era celebrado o BAILE DAS ROSAS. A este baile só iam pessoas convidadas, da aldeia, pessoas com dinheiro e com "maneiras distintas".

As mulheres levavam o melhor vestido que tinham e compravam uma rosa em tecido, que era colocada no vestido.

Durante o baile, um botão de rosa era dedicado a um casal, ou a uma moça. A partir desse momento, a rosa era arrematada e entregue à pessoa que desse mais dinheiro.

No recinto do baile havia duas filas de bancos: na fila detrás sentavam-se as mães e, na da frente, as filhas. Em frente

às mulheres, e em pé encontravam-se os jovens que, antes de começar a tocar a peça para o baile, faziam um sinal às moças para saber se alguma queria dançar. Uma vez começado o baile, os pares tinham que dançar ao redor do salão para serem vistos pelas mães que estavam a "vigiar" as suas filhas.

Em meados de Maio, na encosta de Marvão, numa localidade chamada Abegoa, realiza-se a FESTA DE SANTA TERESINHA. É uma romaria que começa com uma missa, seguida de uma procissão.

Segundo nos foi dito, em tempos também haveria um desfile de aventais. Cada pessoa fazia o seu avental para a exposição. Os aventais eram expostos numa corda onde o júri tinha a oportunidade de escolher qual o melhor. Estes aventais eram feitos com tecidos "normais", alguns com remates e gregas nos bolsos e peitilho.

De tarde, as pessoas comiam o seu lanche debaixo das árvores. A merenda era transportada em cestos de verga. Algumas pessoas também passavam a tarde, por exemplo, a jogar à "malha".

Ao fim do dia, havia baile.

O vestuário dos homens era composto por fatos de serrobeco, camisa de riscado e chapéu. As mulheres levavam vestidos de seda e sapatos de tacão.

A esta festa, vinham as pessoas das terras mais próximas e, normalmente, faziam-no a pé.

Em Junho, no dia 13, é a FESTA DO SANTO ANTÓNIO, em Santo António das Areias.

Nesse dia de manhã, chegava a banda filarmónica de Marvão que percorria as ruas todas da localidade parando à porta dos festeiros que tinham recebido o pendão do ano anterior. Esta banda era recebida por toda a família com grande alegria e ofereciam-lhes bolos e bebidas. A banda seguia e, mais tarde, tocava à volta da Igreja. Por volta das 12h30m realizava-se uma missa solene, celebrada por dois padres e um pregador, Terminada a missa, saía a procissão com todas as imagens, seguindo, em último, o padroeiro. Após a procissão, procedia-se à arrematação dos ramos, oferecidos com muita fé, pelas pessoas da terra e arredores. Tem ainda lugar a bênção do pão de Santo António (pãezinhos que alguém tem a devoção de oferecer) e, que depois é distribuído por todas as pessoas que se aproximam do altar para o receber.

Também é da tradição toda a família comer um pedacinho deste pão bento e ainda, guardar uma pequena parte que se conserva sem se estragar, até ao ano seguinte, altura em que se deita aos animais e se substitui por outro pãezinho da festa desse ano.

À tarde, havia tourada à vara larga, no largo junto à Igreja vedado por carroças. Depois da tourada, os festeiros iam entregar o pendão ao festeiro do ano seguinte. Este tinha de improvisar um verso para recitar ao receber o pendão na sua casa.

À noite dançava-se na rua. A mocidade divertia-se e as mães sentavam-se em bancos, guardando as filhas. E, no final, era costume acenderem-se fogueiras para homenagear o santo, reunindo-se os familiares e vizinhos para partilhar a ceia.

Na Beirã, no dia 17 de Julho, comemora-se o dia de NOSSA SENHORA DO CARMO. É uma festa religiosa que se celebra desde 1943, ano em que foi criada a freguesia da Beirã e a respectiva paróquia, em honra da padroeira.

Nos primeiros anos da fundação, quando ainda existia Seminário em Marvão, os jovens seminaristas vinham ajudar com cânticos litúrgicos, o que engrandecia as celebrações.

Pela manhã, por volta das 9 horas, realizava-se a procissão com a imagem do Menino Jesus de Praga que, por ser pequenino, era transportado por crianças.

A procissão, em louvor da padroeira, realizava-se pelas 10 horas, aproximadamente. O andor é de talha dourada, muito pesado, sendo transportado por homens da aldeia.

Vinham à festa, quer pessoas da terra quer de mais longe, em carroças, burros, a pé e, mesmo de comboio.

Para esta ocasião, os homens utilizavam muito a bombazine e as mulheres o veludo; talvez devido à proximidade da fronteira, tinham a possibilidade de adquirir os tecidos no contrabando. Anteriormente, usavam-se os fatos de serrobeco. É de salientar que

por volta dos anos 40, a Beirã viveu o apogeu de uma freguesia rica, porque havia muitos funcionários públicos, oriundos das várias partes do País. Eram os funcionários da C.P., da Alfândega e da Guarda Fiscal.

Nesta festa, o manjar era feito pelas mulheres da aldeia e, geralmente, confeccionava-se caldeirada de cabrito ou sopa de cabrito e arroz doce sem ovos.

As pessoas não levavam merenda; quando o faziam, a mesma era transportada em recipientes de barro ou em esmalte espanhol.

A última festa, recolhida pelos nossos alunos através dos inquéritos, é a de NOSSA SENHORA DA ESTRELA, em Marvão, no dia 8 de Setembro. A esta festa vinham pessoas dos arredores fazer oração à padroeira.

Alguns vinham a pé e outros vinham em burros para assistir à romaria. Esta tinha o seu começo com a celebração de uma missa fazendo-se, de seguida, a procissão. À tarde, realizava-se a tourada. Esta festa terminava com um baile e um arraial que começava, aproximadamente, pelas 24 hrs.

As mulheres, para assistirem à festa, usavam vestidos compridos e mantilhas e, os homens, os famosos fatos de serrobeco.

Os alunos do "Instituto de Ensenanza Secundaria", de Valência de Alcântara, recolheram, do outro lado da fronteira, um total de seis narrativas de festas realizadas na "comarca", que são as seguintes:

—“Los Mayos”, realizada no dia 1 de Maio.

—“Las Cruces Floridas”, realizada no dia 3 de Maio.

—“San Isidro”, realizada no dia 15 de Maio.

—“Feria de San Bartolomé”, realizada entre 23 e 28 de Agosto.

—“Los Remedios”, realizada no primeiro Domingo de Setembro.

—“San Pedro de los Majarretes”, realizada no dia 19 de Outubro”.

Descrição de cada uma das festas segundo a recolha feita pelos nossos alunos:

No primeiro dia de Maio, temos a tradicional festa de “LOS MAYOS”. neste dia, colocam-se, nas ruas de Valência de Alcântara, bonecos de trapo, cheios de palha, cuja única finalidade é a crítica, em forma de paródia, de qualquer acontecimento actual. Supõe-se que esta festa tenha a sua origem na “Guerra de la Independencia”, quando o povo espanhol parodiava com franceses e os “afrancesados”. Esta é uma marca de expressão popular.

São os vizinhos de cada rua que fazem os bonecos que vão permanecer expostos quase todo o dia para que possam ser observados por todos.

A festa das “CRUCES FLORIDAS” realiza-se no dia 3 de Maio e consiste em instalar, também nas ruas, cruces feitas de flores e rodeadas de objectos que formam parte da decoração tradicional das casas desta zona; como, de instrumentos destinados ao trabalho do campo. Estas cruces são colocadas em cima de bonitas

colchas que muitas famílias guardam só para esta ocasião. Esta festa é uma mostra da etnografia desta vila.

De tarde, na Praça de Espanha, as associações culturais e desportivas instalam alguns “stands” com comida, bebidas e exposições de artesanato. Há também uma quermesse e, no fim da tarde, um baile popular.

O “SAN ISIDRO” é o padroeiro dos lavradores. Trata-se de uma romaria que se celebra no dia 15 de Maio e, é curioso verificar, é sempre realizada pelas ruas da povoação.

Começa com uma missa, hoje celebrada no jardim e, a seguir, há uma procissão de carroças enfeitadas com arcos, flores e objectos que simulam as cozinhas tradicionais, bem como a matança do porco, tão típica nesta terra. Além das carroças, outras pessoas vão de burro ou a cavalo, bem enfeitadas.

Pelas ruas por onde passa a procissão, as janelas são enfeitadas com lenços regionais e com bandeiras da região e do país.

Mulheres, homens e crianças vestem-se com trajes regionais.

As mulheres levam o “júbon” (blusa) de veludo preto e o “refajo” (saia) de pano bordado amarelo, verde, vermelho ou azul. Debaixo desta saia usam outras saias brancas gregas e folhos, usam também os “pololos” (uma espécie de calção) também brancos. Por cima do “jubon” vestem um avental de veludo preto e uma algibeira

atada à cintura. Nos ombros põem um lenço de lã. Calçam sapatos pretos e meias brancas de linho bordado. Quando assistem a alguma cerimónia, usam uma mantilha de veludo que combina com a cor do "Júbon".

Os homens usam colete, calças pretas, e uma faixa de pano vermelho à cintura por cima de uma camisa branca. Calçam sapatos pretos e meias brancas de linho. Estes são os fatos de festa, tanto do homem como da mulher.

Existia ainda um outro traje, que ainda hoje se utiliza nesta festa, que é o de trabalho: as mulheres vestem uma camisa branca, uma saia às flores e umas sapatilhas brancas. Na cabeça, levam um lenço da cor da saia, debaixo de um chapéu de palha.

O homem traça uma camisa branca e uma calça clara, normalmente de cor bege, com parte inferior voltada para cima. Calçam sapatilhas brancas, usam uma faixa de pano preto à cintura e um chapéu de palha.

Terminada a procissão, as pessoas vão almoçar, umas a casa, e outras petiscam nos bares e restaurantes.

À tarde, há tourada na praça de touros e todas as pessoas vestidas com os trajes regionais entram gratuitamente.

À noite, há um baile que, antigamente, era animado por uma banda de música ou por um tocador de acordeão; hoje, é animado por uma orquestra.

Entre os dias 23 e 28 de Agosto, realiza-se a feira de "SAN BARTOLOMÉ". É uma feira com muita tradição nesta comarca: conta com um amplo programa de actividades e com a presença de muitos portugueses e de pessoas da terra que se encontram fora.

Durante todos os dias da feira, existem atracções para as crianças, funcionando desde manhã até à noite. É hábito também trazer sempre alguém famoso como atracção para os adultos e, à noite, há bailes até de madrugada.

No primeiro Domingo de Setembro é celebrada a festa de "LOS REMEDIOS", em honra da padroeira "Nuestra Señora de los Remedios".

Neste dia fazem-se muitas oferendas à Virgem (vasos com flores, doces, cabritos, galinhas, produtos do campo, artesanato local e, inclusivé, dinheiro e algumas jóias) que as pessoas começam a levar para a ermida desde manhã cedo.

De tarde, há uma romaria até à ermida e faz-se o leilão das oferendas (o dinheiro arrecadado chega, às vezes, ao milhão de pesetas). De seguida, é celebrada a missa, e na procissão trazem a Virgem até à Praça de Espanha. Mais tarde, é levada a uma outra Igreja que existe na vila, onde permanecerá durante uma semana para ser venerada por todos. No Domingo a seguir, é levada novamente para a sua ermida.

No fim do dia, costuma haver uma actuação do rancho folclórico. "Juéllega

Extremeña" e um baile, às portas da Câmara Municipal.

Em Outubro, no dia 19, comemora-se a festa de "SAN PEDRO DE LOS MAJARRETES", numa pequena aldeia que pertence à "comarca" de Valência de Alcântara, chamada San Pedro.

Antigamente, havia uma romaria e as pessoas iam a cavalo e a pé até esta pequena aldeia, onde existe um convento, da ordem franciscana e, segundo consta, foi aqui que tomou os hábitos, em 1515, San Pedro de Alcântara.

As pessoas iam em peregrinação, como penitentes, até este convento. Hoje e, em 1994, já conseguiram juntar umas 100 pessoas que fizeram a peregrinação, sempre a pé até ao convento.

Há festa todo o dia e conta-se com as actuações dos ranchos folclóricos de Santo António das Areias e de Valência de Alcântara.

À noite, há um baile animado por um tocador de harmónica.

A maioria das pessoas entrevistadas sobre este tema mencionaram que, hoje, já nada é igual. As festas comemoram-se, mas o que nos resta daquele ritual, em quase todas elas, é a missa e a procissão. Nem sequer há pessoas que venham assistir a estas festas, ao contrário de antigamente que juntavam gente de todas as terras próximas.

Pretendemos, com esta pequena resenha das festas existentes em ambas as zonas, dar uma visão dos hábitos e costumes de duas regiões tão próximas, sempre unidas por laços familiares e de amizade. Visão esta que nos permite descobrir muitas coisas em comum e, como alguém referiu: "Portugal não é Lisboa, nem Espanha é Madrid, as realidades são bem diferentes".

Autoria da parte espanhola:

Professor Antonio Trinidad e os alunos, Jorge Carnerero, Jesús Rodríguez, Ismael Janeiro, David Silva, Montaña Pantrigo, Antonia Morato, José M^a González e Joaquim Diéguez, do Instituto de Enseñaza Secundaria de Valência de Alcântara.

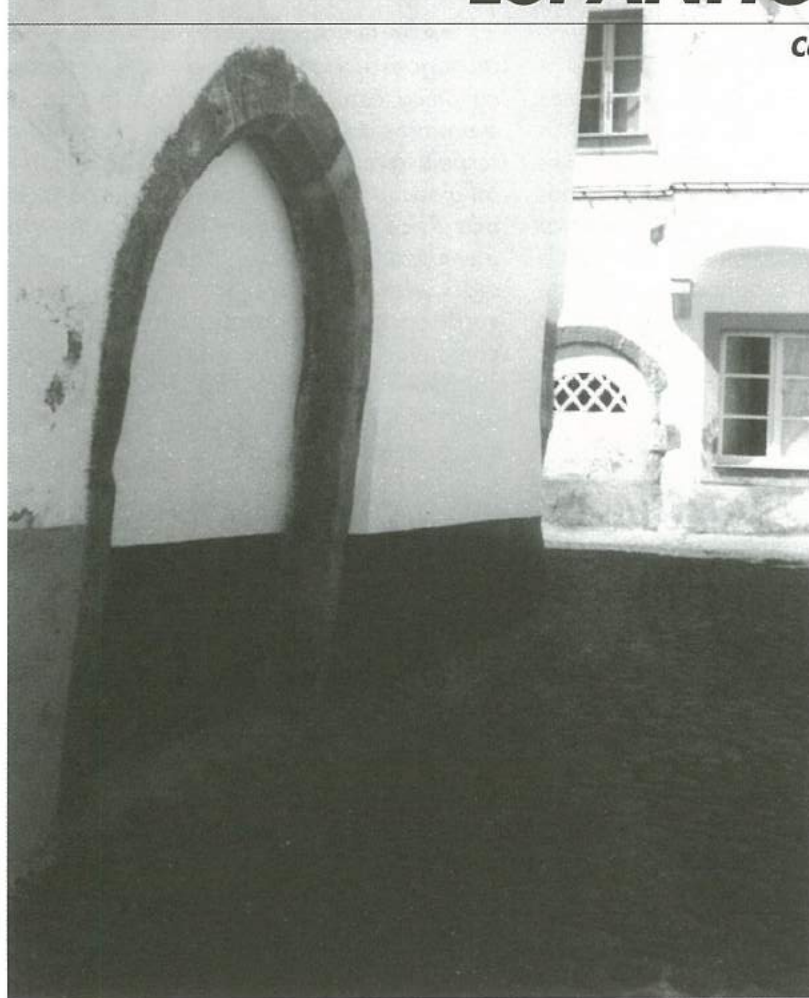
Autoria da parte portuguesa:

Professor Rosa Maria Nabais Morgado e os alunos do 2^o e 3^o Ciclos da EBI de Santo António das Areias.



MARCAS DE SIMBOLOGIA RELIGIOSA JUDAICA E CRISTÃ - PARA UM LEVANTAMENTO PRÉVIO EM POVOAÇÕES DA RAIA PORTUGUESA E ESPANHOLA (I).

Carmen Balesteros



*Porta da
Sinagoga
Medieval
de Évora*

É objectivo do levantamento prévio que agora apresentamos, contribuir para a preservação de um legado patrimonial que julgamos remeter-nos para o mundo das representações simbólicas judaicas e cristãs ou cristãs-novas.

A preservação e protecção desta rica herança cultural começam, naturalmente, pela sua divulgação, passo fundamental no início da maior parte das acções de defesa patrimonial.

No contexto da investigação que temos vindo a desenvolver sobre os testemunhos da presença judaica em povoações portuguesas e espanholas, no Sul, tivemos já oportunidade de estudar alguns vestígios medievais destas comunidades no interior de alguns aglomerados urbanos da raia. Esta investigação tem vindo a ser alargada à zona Norte do país pelo que, se apresentam agora os dados obtidos no levantamento realizado.

Começámos a nossa investigação pela vila de Castelo de Vide, onde sabíamos que a documentação escrita fazia remontar à 2ª metade do século XIV, o mais antigo testemunho da presença judaica.¹ Documentação concelhia provava que também no século XV, os judeus faziam parte da população daquela zona².

O conjunto urbano conhecido como a judiaria da vila implantara-se na encosta nascente da vila, fora dos muros protectores da fortificação, ainda que organizado em torno de um dos eixos fundamentais de comunicação como castelo. O desenho de Castelo de Vide, visto da banda de sudeste,

feito por Duarte de Armas³, permite-nos ter uma perspectiva da antiga judiaria da vila que, certamente, nas primeiras décadas da centúria de quinhentos, não conhecera ainda grandes alterações. Esta judiaria ter-se-á desenvolvido e crescido sobretudo durante os séculos XIV e XIV, tendo em conta o tecido urbano em que se desenvolveu, donde se salienta o grande número de portadas ogivais em cantaria, atribuíveis às centúrias de quatrocentos e de quinhentos.

Até D. Afonso IV a legislação portuguesa, ao contrário da legislação canónica, assumiu uma atitude de tolerância e promotora da integração, no que diz respeito à relação da cristãos com a minoria religiosa judaica. Em Portugal, no período pós-Reconquista é mesmo frequente identificar judeus que se movimentam nas mais elevadas esferas sócio-políticas, verificando-se, portanto, um afastamento consciente no que diz respeito às normas conciliares que, desde 1215 com o Concílio de Latrão, previam a separação dos judeus da restante cristandade.

Com D. Afonso IV, e daí em diante, num crescendo, que viria a terminar pela expulsão dos judeus de Portugal em 1496, a legislação portuguesa viria a denotar a cada vez maior dificuldade da sociedade portuguesa na aceitação da minoria religiosa. Provavelmente, a mais significativa das medidas no sentido da segregação objectiva, prendeu-se com o facto de a partir de 1361, se terem empurrado os judeus para bairros próprios, verdadeiras zonas de exclusão, delimitados por portas que se abriam e fechavam ao nascer e ao pôr-do-sol.

A partir desta altura, os judeus residentes em Castelo de Vide, passaram a ocupar preferencialmente o seu próprio bairro, à semelhança do que acontecia por todo o país, se bem que pontualmente se

tenham verificado excepções por privilégios concedidos pelo rei.

É provável que a comunidade judaica medieval de Castelo de Vide, tivesse

possuído mais do que uma sinagoga, sobretudo após a expulsão dos judeus de Espanha em 1492, dado a vila localizar-se bastante próximo da fronteira de Marvão e, naturalmente, aí se terem acolhido algumas famílias em fuga.

Guarda a memória popular a existência de pelo menos uma sinagoga que se terá localizado na Rua da Judiaria, num edifício de dois pisos, com acesso também pela Rua da Fonte. Ainda que os trabalhos arqueológicos⁴ não nos permitam confirmar, sem margem para dúvida, tal hipótese, existem no entanto alguns indicadores que nos levam a considerá-la como provável. Estes indícios prendem-



ALBUQUERQUE, CALLE DERECHA. O portal apresenta uma marca na mezuzah.

se, por um lado, com o facto de todo o edifício pela sua monovolumetria e extensão, se destacar das construções envolventes, por outro, por este parecer não ter apresentado uma chaminé na construção de raiz e por outro, pelo facto de existirem indícios do edifício ter sido abandonado entre os inícios do século XVI e a primeira metade do século XVIII, balizas cronológicas que coincidem com os momentos mais altos da actuação da Inquisição em Portugal, e consequente perseguição às minorias religiosas.

Para além das questões referidas no que diz respeito à provável identificação de uma sinagoga no edifício da Rua da Judiaria, acresce ainda o facto de se denominar a divisão que lhe está adjunta como Escola. Esta questão reveste-se de algum significado, sabendo nós que, tradicionalmente, se desenvolveram e desenvolvem, junto às sinagogas, espaços de ensinamento dos mais jovens, de estudo e de reflexão sobre os textos sagrados.

Durante o estudo do edifício verificámos que este apresentava na ombreira direita de uma das suas portas, aberta no granito, uma concavidade de cerca de 10 cm de altura por 2cm de largura e outros tantos de profundidade. Concavidades semelhantes podem ser identificadas na porta do edifício que lhe é fronteiro, na Rua da Judiaria, na Ruína da Judiaria na porta do edifício que se julga ter servido de habitação ao arrabi da comunidade, bem como na porta do edifício nº 41 da Rua da Fonte. Nesta última podem mesmo identificar-se duas con-cavidades, uma acima da outra.

A razão mais provável para a existência destas marcas nas ombreiras das portas poderá prender-se com a tradição judaica de gravar nas mezuzot, ou ombreiras das portas, a adesão ao culto monoteísta e à fé judaica. Este costume terá assim dado origem ao que vulgarmente se conhece como a marca na mezuzah.

Estas concavidades destinavam-se a conter no seu interior um pequeno rolo de papel ou de pergaminho onde se inscreviam algumas das palavras do Shemá, uma das mais significativas orações do culto judaico, elaborada a partir das palavras de Deuterónimo 6,4-9; 11,13-21 ou de Êxodo 13,1-10,11-16:

*"Ouve, ó Israel: lahweh nosso Deus é o único lahweh! Portanto, amarás a lahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração. Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; **tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas**". Dt 6,4-9 (Bíblia de Jerusalém).*

A marca na mezuzah funcionava assim como um símbolo de carácter religioso, mas também como um amuleto no qual se inscreviam nomes de anjos, procurando-se deste modo, granjear a sorte e a protecção para as casas e seus habitantes.

A poucos quilómetros da vila portuguesa de Ouguela, do outro lado da fronteira, ergue-se a fortificação de



Identificação das povoações próximas da raia portuguesa e espanhola onde se registam marcas da simbologia religiosa judaica e cristã.

1. Valência de Alcântara (Espanha); 2. Castelo de Vide; 3. Santarém; 4. Évora; 5. Albuquerque; 6. Castelo Branco; 7. Covilhã; 8. Almeida; 9. Trancoso; 10. Castelo Rodrigo; 11. Freixo de Espada-à-Cinta; 12. Miranda do Douro; 13. Marvão; 14. Montemor-o-Novo; 15. Monsaraz; 16. Sabugal; 17. Olivença (Espanha); 18. Alpalhão; 19. Nisa.

Albuquerque donde era originária Brites Nunes, mãe do filho natural de Fernão de Orta e a quem se colocou o nome de Jorge de Orta. Depois do decreto de Expulsão dado pelos Reis Católicos em Março de 1492, Brites Nunes e seu filho Jorge de Orta fixaram-se em Elvas onde o último foi siseiro, e Fernão de Orta refugiou-se em Castelo de Vide trazendo consigo outra castelhana, de nome Leonor Gomes com a qual casou e da qual teve quatro filhos entre os quais o famoso

naturalista português, Garcia de Orta. Jorge de Orta, era assim, pela parte do pai, irmão de Garcia de Orta, cujos restos mortais foram alvo da perseguição inquisitorial em Goa. Dessa perseguição não se livraram também suas irmãs acusadas de pela Inquisição de judaizar.

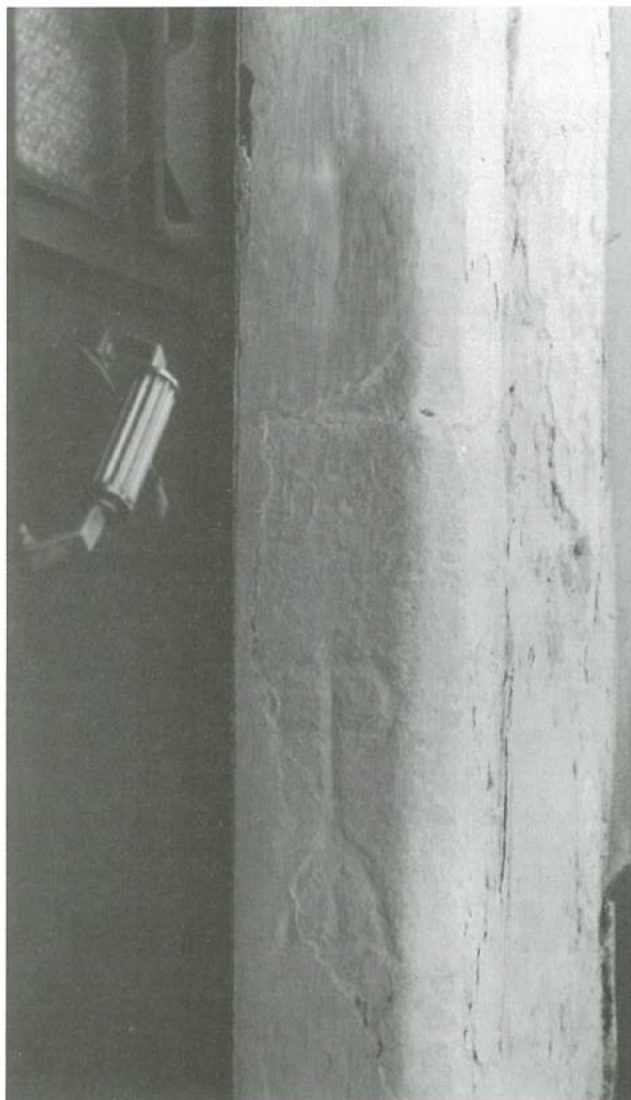
É pois de crer que os pais de Garcia de Orta tivessem sido judeus fugidos de Espanha em 1492 e obrigados à conversão em Portugal já em 1496.

Supomos que uma semelhante ligação ao judaísmo deve ter tido Brites Nunes, natural de Albuquerque e trazida para Portugal por Fernão de Orta, dado que as relações dentro das comunidades

judaicas tendem a estabelecer-se de forma endogâmica.

Partindo do pressuposto de que poderíamos encontrar testemunhos

semelhantes de semelhantes realidades religiosas, do outro lado da fronteira, efectuámos um primeiro estudo dos vestígios da presença judaica ainda visíveis em Albuquerque. Nesta fase do nosso estudo não identificámos ainda um número muito significativo de marcas de simbologia religiosa que possam testemunhar da presença judaica na vila. Identificámos, contudo, na Calle Derecha, gravada num portal granítico onde podem identificar-se também interessantes marcas de canteiro, uma marca na mezuzah, em tudo semelhante às identificadas em Castelo de Vide, em Évora, quer na sinagoga, quer em edifício próximo à antiga Porta Nova dos Judeus⁵, e também na vila de Monsaraz. Em Albuquerque, a imponência do portal leva-nos a pensar que o patrocinador da construção tivesse significativas posses económicas. Se a casa se destinou a servir de habitação a um judeu ou a um judeu converso, este ocupou, certamente, na sociedade de então, posição de proeminência.



ALPALHÃO. Ombreira de porta com cruz de base e braços decorados



ALMEIDA. Cruz gravada numa das portas da fortificação

Ainda na Calle Derecha, desta vila espanhola, logo no seu início, de um e outro lado da rua, pudémos ainda identificar um conjunto de marcas nas ombreiras das portas, diferentes das acima referidas, mas semelhantes a um outro conjunto também identificado em Castelo de Vide, bem assim como noutras localidades portuguesas que referiremos de seguida.

Tratam-se estas marcas de rasgos longitudinais de pequena profundidade e largura mas cujo comprimento pode oscilar dos 10 cm até aos 50 cm.

A tradição, em Castelo de Vide, atribui estas marcas às sovelas dos sapateiros que terão rasgado o granito ao serem afiadas. Contudo, dado o grande número de registos que possuímos desta realidade na vila⁶, somos levadas a pensar que a atribuir aos sapateiros a exclusiva responsabilidade destas marcas, a quantidade de artesãos existente ultrapassaria largamente as necessidades da região.

Julgamos que estas marcas possam ser uma continuação da tradição religiosa que manda inscrever nas ombreiras das portas as palavras do Shemá e que tenham sido produzidas já em época de

perseguição quando importava, naturalmente, dissimular todos os sinais externos de obediência à Lei Velha. Mesmo aceitando que estas marcas

pudessem ter sido provocadas pela necessidade dos sapateiros afiarem as suas sovelas, é interessante verificar que no quadro de análise sócio-profissional



Castelo de Vide. A casa que se anexa à Anta dos Coureiros IV apresenta uma cruz gravada na ombreira da porta.

apresentado por Borges Coelho⁷ a partir de 62 % da totalidade dos processos da Inquisição de Évora, cujo braço pesou sobre o Nordeste Alentejano, 25% das profissões identificadas correspondem às profissões de sapateiros, mercadores e lavradores. Destes 25%, 11,22% correspondem à profissão de sapateiro, 8,36% à de mercadores, e como seria de esperar apenas 5,36 num total de 5382 profissões identificadas, correspondem à profissão de lavrador.

Para além de Castelo de Vide e Albuquerque identificámos marcas longitudinais gravadas nas ombreiras das portas, também em Évora, na porta do Museu da cidade, na porta da Universidade, ao lado da Igreja do Espírito Santo, e na Rua de Alcoutim que se localiza na antiga judiaria medieval da cidade. Este género de marcas identificam-se ainda em Marvão nas ombreiras da porta da Câmara Velha, ou nas ombreiras da porta da casa onde viveu Branquinho da Fonseca.

Identificámo-las também em Montemor-o-Novo, no nº4 da Rua do Sacramento. Localiza-se esta bastante próximo da Rua das Farizes, cujo topónimo é deveras sugestivo. Estaremos perante uma corruptela

de Fariseus ou Fariseias? A continuação da investigação poderá, eventual-mente, trazer-nos algumas respostas.

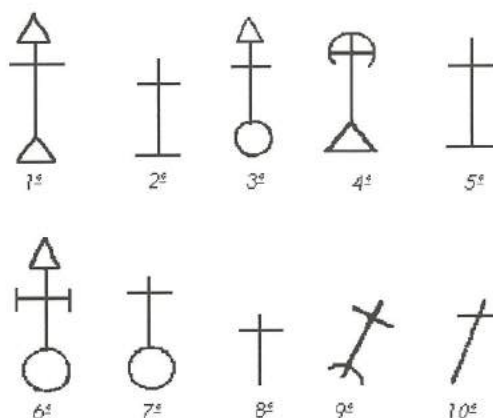
Gravações longitudinais do mesmo tipo das referidas identificámo-las ainda em Alpalhão e em Nisa onde, à semelhança do que aconteceu em Castelo de Vide, realizámos já um levantamento exaustivo das gravações existentes⁸.

Percorrendo a zona próxima da raia portuguesa para norte do país verificámos a existência destas gravações longitudinais, também em Castelo Branco, na Rua dos Ferreiros e em Freixo de Espada-à-Cinta. Importante será referir que nas povoações portuguesas, tanto em Castelo de Vide, como em Évora, Nisa, Castelo Branco, Freixo de Espada-à-Cinta, Montemor-o-Novo ou Marvão existiram comunas judaicas⁹. Presumimos que o mesmo possa ter acontecido em Alpalhão e em Albuquerque, esta última do outro lado da fronteira.

Identificámos até agora dois tipos de gravações que julgamos poder remeter para o mundo das representações simbólicas da religião judaica, nomeadamente as marca nas mezuzot e as gravações longitudinais nas ombreiras das portas e cuja explicação ancestral poderá encontrar-se nos livros do Antigo Testamento. Estudaremos agora um terceiro tipo de gravações em ombreiras de porta ou janela, caso de Évora, onde a mensagem religiosa é mais facilmente identificável porque mais próxima do nosso ambiente cultural, mas igualmente informados de uma mensagem de cariz religioso.

Este terceiro tipo de marcas, maioritariamente em ombreiras de porta, consistiu na gravação cruzeis latinas, de maior ou menor elaboração estética. Julgamos que neste caso possamos estar perante um fenómeno que também colha as suas origens na tradição judaica de marcar o seu monoteísmo religioso nas ombreiras das portas. Parece também provável que em alguns casos, e com maior probabilidade em Valência de Alcântara, estas cruzeis possam ter sido feitas por cristãos-novos, necessitando afirmar a todo o custo a sua adesão ao novo credo.

Deste terceiro tipo de marcas, identificámos em Castelo de Vide, na casa que se adossou à Anta dos Coureiros IV, uma cruz gravada na ombreira da sua porta. Uma gravação semelhante identificámos em Évora na janela de uma habitação próxima à Igreja da Sé. Também em Nisa pudemos registar a existência de cruzeis gravadas nas ombreiras de algumas portas de casas



localizadas no interior do espaço fortificado.

Alpalhão e Valência de Alcântara constituem dois dos núcleos mais importantes no que diz respeito a esta riqueza patrimonial¹⁰. Na povoação



CASTELO DE VIDE. Ombreira de porta onde se identificam gravações longitudinais

espanhola o trabalho inicial de levantamento destas marcas foi feito por Francisco Bejarano que em 1992 publicaria no Guia Oficial da Feira de S. Bartolomeu, a seguinte tipologia das cruzes identificadas no Barrío Gótico:

Para além do conjunto de marcas referidas por Bejarano, julgamos ter aqui identificado outras que hesitamos em remeter para o primeiro ou para o último tipo das marcas que fazem parte deste levantamento. Tratam-se de marcas nas mezuzot, posteriormente cristianizadas, e que identificámos na Calle de S. Pedro.

O importante núcleo de marcas deste terceiro tipo

aqui identificadas, cruzes católicas, poderá relacionar-se com o facto da vila ter possuído uma judiaria, necessariamente expurgada dos seus sinais heréticos, aquando do casamento de D. Manuel I com a Infanta espanhola D. Isabel em Outubro de 1497 e que teve lugar em Valência de Alcântara.

A vila de Alpalhão poderá rivalizar com Valência de Alcântara na quantidade e na qualidade estética das cruzes que rasgam as ombreiras de muitas portas nas ruas próximas ao local onde se terá erguido o castelo, mas de entre as povoações onde pudemos identificar a existência de cruzes a marcar as

ombreiras das portas salientamos a vila de Trancoso. Aqui não registámos a existência de marcas do primeiro ou do segundo tipo, mas em compensação a quantidade de ombreiras de porta marcadas com cruzes, no interior da judiaria, leva-nos a concluir sobre a sua capacidade demográfica, bem como sobre o forte impacto que a perseguição aos judeus possa ter assumido a partir de 1536.

Deste terceiro tipo de marcações pudemos ainda identificar testemunhos numa das portas da fortificação de Almeida, em Castelo Rodrigo, no Sabugal¹¹, em Miranda do Douro, e em Santarém. Nesta última cidade, a cruz regista-se na ombreira de



ALPALHÃO. Cruz gravada em ombreira de porta

um portão na Rua do Maestro Luís Silveira a qual corta transversalmente a antiga Rua da Judiaria. Por informação prestada pelo Dr. Jorge Oliveira, a quem agradecemos, sabemos também da existência de cruzes marcadas em várias

ombreiras de porta da Rua de Sta. Maria na cidade da Covilhã, onde igualmente terá existido uma comunidade judaica.

Também em Marvão podemos identificar uma cruz gravada na ombreira da porta da casa nº2 da Travessa dos

Marroios. Em Olivença, hoje do outro lado fronteira, registam-se cruzes gravadas na ombreira da porta da casa nº9 da Calle de Santiago bem como no nº12 da Calle de S. Juan. Ainda que não possuamos muitas informações sobre a comunidade judaica de Olivença, sabemos que em 1531, aqui foram queimados cinco cristãos-novos acusados de judaizar¹².

Para terminar referiremos ainda um outro tipo de marcações de simbologia religiosa, este nitidamente católico e que no caso específico pode ter tido o



MARVÃO. As ombreiras da porta da casa da Câmara Velha apresentam várias gravações longitudinais.

objectivo de cristianizar um espaço conotado com o local de culto ou habitação de judeus. Trata-se da marcação das letras A M — abreviatura provável de *Avé Maria* — na porta de um dos edifícios da Rua da Sinagoga em Castelo Rodrigo. Na mesma rua identificámos também, como já referimos

marcações de cruzes em ombreiras de porta. O facto da toponímia local guardar a informação de que nesta rua se terá localizado a sinagoga da comunidade local, leva-nos a considerar estas marcas como testemunhos da cristianização de um antigo espaço judaico.

CONCLUINDO:

Apresentámos neste trabalho o levantamento prévio das marcações de simbologia religiosa judaica e cristã em povoações próximas da raia portuguesa e espanhola. Até agora registámos dezassete localidades onde pudemos identificar diferentes tipos de marcações que julgamos terem origem no fundo cultural do Antigo Testamento. Neste conjunto de marcações, algumas

parecem ser originariamente judaicas, outras cristãs-novas, e outras já católicas, pelo que elaborámos uma tipologia de quatro elementos:

- 1º As marcas nas mezuzot
- 2º As marcas longitudinais
- 3º As cruzes católicas
- 4º As abreviaturas católicas

Notas

- ¹- Diamantino Sanches Trindade, *Castelo de Vide — Subsídios para o Estudo da Arqueologia Medieval*, Lisboa, Assembleia Distrital de Portalegre, 1979, p. 40.
- ²- Idem, p.39.
- ³- Duarte de Armas, *Livro das Fortalezas, Fac-Símile do Ms. 159 da casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Introdução de Manuel da Silva Castelo-Branco*, Lisboa, Edições Inapa, 1990.
- ⁴- Carmen Balesteros e Jorge Oliveira, «A Judiaria e a Sinagoga de Castelo de Vide», *Ibn Maruán revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº3, 1993, pp. 124-152.
- ⁵- Carmen Balesteros, «A Sinagoga Medieval de Évora», *A Cidade de Évora, Nova Série*, 1995 (no prelo).
- ⁶- Carmen Balesteros e Jorge Oliveira, *idem*.
- ⁷- António Borges Coelho, *Inquisição de Évora — dos promórdios a 1668*, «Colecção Universitária», Vol. I e II, Lisboa, Editorial Caminho, 1987.
- ⁸- Carmen Balesteros, «A tradição das Gravações de Simbologia Religiosa Judaica e Cristã-Nova em Ombreiras de Porta», *Actas do 2º Encontro de História Regional e Local de Portalegre*, 1994, (no prelo).
- ⁹- Maria José Pimenta Ferro Tavares, *Os Judeus em Portugal no Século XV*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1982, p. 75.
- ¹⁰- Carmen Balesteros, «A Tradição das Gravações de Simbologia Religiosa Judaica e Cristã-Nova em Ombreiras de Porta», *ob. cit.*; Carmen Balesteros e Jorge Oliveira, «A Sinagoga de Valência de Alcântara — Cáceres (elementos para o seu estudo)», *Ibn Maruán Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº4, 1994, pp.115-139 ; Francisco Bejarano, *Inventário de las Portadas del Llamado Barrio Gótico de Valência de Alcântara*, Valência de Alcântara, Ayuntamiento de Valência de Alcântara, 1993.
- ¹¹- Agradecemos ao nosso amigo dr. Fernando Marques, a informação, bem como a cedência de material fotográfico.
- ¹²- J. Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, 3ª ed., Clássica Editora, 1989, pp. 71-72.

NÚCLEO DOCUMENTAL DO MUSEU DE AMIEIRA DO TEJO (NISA)

Sérgio Gorjão e João Liberata Machado

À semelhança de muitos fundos documentais espalhados pelo país, a maioria deles conservados em mau estado e raríssimas vezes manuseados com a devida atenção, fomos encontrar no "Museu de Amieira do Tejo" (instalado no edifício anexo à igreja paroquial) um espólio relativamente pequeno, mas interessante para o estudo da região, mais concretamente sobre a Misericórdia desta vila, sobre a Misericórdia de Arês e sobre a confraria de S. João da freguesia de S. Matias.

A origem deste fundo, distribuído por nós em dois núcleos relativos às instituições originárias (a Paróquia de Amieira), é-nos desconhecida. Mais não sabemos do que nos foi referido pelo Senhor João Sena, antigo provedor da Santa Casa desta vila, ou seja, que a documentação esteve durante muitos anos numa água-furtada, sofrendo grande parte da sua degradação actual, motivada pelas variações de temperatura, pela humidade e pela instalação de fungos. Foi com a "constituição" do museu que se transferiu este corpo documental, bem como alguns outros documentos¹, para o actual espaço de exposição, tentando-se, desta forma, uma melhoria das condições de preservação.

Ao visitarmos o "museu" de Amieira deparámos com uma situação um tanto insólita, mas talvez menos gravosa do que a maioria dos casos, ao vermos todo este manancial de informação disposto sobre um estrado de madeira, misturado com livros impressos de diversas épocas (desde o século XVI ao século XX), ou simplesmente empilhados numa pequena estante. Pedimos então para os observarmos, tentando daí colher algumas informações que se coadunassem com a documentação referida por Tude Martins de Sousa e Francisco

Vieira Rasquilho, na sua obra *A Amieira do Antigo Priorado do Crato*². No entanto ficámos com algum interesse e propusemos às senhoras que têm o encargo de zelar pelo "museu" uma estruturação daquelas fontes, ideia que foi bem recebida.

Nas restantes oportunidades que tivemos em visitar o dito "museu" e, a partir de agora, também "arquivo" (apesar de nenhum deles estar assim institucionalizado legalmente), fomos organizando a documentação, na medida do possível, distribuindo-a por 22 caixas arquivadoras, com uma ordenação que tentou ser cronológica, mas que é bastante imperfeita. apesar de tudo cabe referir que as condições deste espaço são muito precárias, sobretudo pelo deficiente isolamento térmico e de humidade, devendo-se realizar as obras necessárias se prosseguirem as boas intenções de criar um museu local.

Ainda sobre este assunto, convém referir que o "Museu de Amieira do Tejo" não é, verdadeiramente, um museu, mas sim uma amostra de algumas obras (sobretudo de arte), que aí se encontram depositadas. O seu funcionamento é, também bastante irregular, visto contar apenas com a boa vontade de algumas senhoras da terra mas, acaso o município, a junta de freguesia, a diocese e a paróquia estabelecerem uma base de trabalho, será viável e relativamente fácil criar um polo museológico de grande interesse, visto a população estar sensibilizada e aberta a acções de dinamização deste género.

O museu poderá desenvolver-se em diversas áreas, não só sobre arte (antiga ou sacra), mas sobretudo no campo da

etnologia e tradições, factores ainda vivos no quotidiano local, mas com fortes tendências a morrer.

No caso do "Museu de Amieira", bastará um espaço, algumas condições básicas de segurança (anti-intrusão e reguladores de temperatura e humidade), podendo ainda servir de veículo de ocupação de pessoas idosas ou de jovens, numa terra em que oportunidades deste género escasseiam. Além disso a vila ficaria dotada de um polo de atracção turístico e assumiria, no contexto do município de Nisa, um papel de relevo.

Assim apresenta-se a público este pequeno trabalho, que visa assinalar mais uma porta para quem deseje enveredar pela investigação de temas locais, tentando, ao mesmo tempo, ajudar a Câmara Municipal de Nisa a realizar um esforço no sentido de aprofundar ainda mais os seus conhecimentos e investimentos na área do património cultural concelhio e esperando, sinceramente, que surjam mais trabalhos, mesmo que muito restritos, que nos vão dando conta do muito e do pouco que existe espalhado pelo país fora, em muitas gavetas, sótãos, arcas, arrecadações e sacristias sem condições.

Dedicamos, deste modo, ao Museu de Amieira do Tejo este nosso modesto esforço, desejando que em breve alcance o estatuto de "Museu" institucionalizado, e agradecemos em especial à Senhora D. Belmira Rasquilho que, desde o início, se prestou a ajudar facilitando o acesso à documentação.

Documentos em propriedade da
paróquia de Santiago Maior de Amieira do
Tejo

CAIXA 1

Número 1

Livro de receitas e despesas da
confraria de S. João de freguesia de S.
Matias, filial da matriz de Nisa

1758 — 1888

96 fl.; papel; capa em pergaminho.

Nota: com selos do bispo e correições
de visitas.

Número 2

Livro de fazenda (das casas, terras e
foros) da Santa Casa da Misericórdia da vila
de Arês

1714 — 1872

39 fl.; truncado; papel; capa em
pergaminho.

Número 3

Livro de receitas e despesas da Santa
Casa da Misericórdia da vila de Arês

1748 — 1815

47 fl.; truncado; papel; capa em
pergaminho.

Número 4

Livro de arrematações e foros da Santa
Casa da Misericórdia da vila de Arês

1750 — 1789

38 fl.; truncado; papel; capa em
pergaminho.

Número 5

Livro de receitas e despesas da Santa
Casa da Misericórdia da vila de Arês

1755 — 1798

48 fl.; truncado; papel; capa em
pergaminho.

CAIXA 2

Número 1

Livro de eleições da Santa Casa da
Misericórdia da vila de Arês

1757 — 1849

39 fl.; truncado; papel; capa em
pergaminho.

Número 2

Livro de fazendas e foros da Santa
Casa da Misericórdia da vila de Arês

1786 — 1838

30 fl.; truncado; papel; capa em
pergaminho.

Número 3

Livro de arrematações e foros da Santa
Casa da Misericórdia da vila de Arês

1794 — 1808

50 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 4

Livro de arrematações e acordãos da
Santa Casa da Misericórdia da vila de Arês

1819 — 1860

88 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 5

Livro de receitas e despesas da Santa
Casa da Misericórdia da vila de Arês

1842 — 1861

98 fl.; papel; s/ capa.

Número 6

Livro de arrematações da Santa Casa
da Misericórdia da vila de Arês

1843 — 1856

49 fl.; papel; capa em cartão.

Número 7

Macete de documentos e fragmentos
solto da Santa Casa da Misericórdia da vila
de Arês

46 documentos.

Documentos em propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Amieira do Tejo (e a ela referentes)

CAIXA 3

Número 1

Livro de receitas e despesas

1611 — 1612

42 fl.; papel; s/ capa.

Número 2

Livro de eleições e arrematações

1626 — 1628

58 fl.; truncado; papel; capa em pergaminho.

Nota: a capa contém um documento.

Número 3

Livro de eleições, sessões e contas

1653 — 1664

95 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 4

Livro de eleições

1678 — 1694

77 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 5

Livro de arrematações

1687 — 1689

25 fl.; truncado; papel; capa em cartolina.

Número 6

Livro de eleições, sessões e contas

1963 — 1906

89 fl.; truncado; papel; capa em pergaminho.

CAIXA 4

Número 1

Livro de contas

1708 — 1723

166 fl.; truncado; papel; capa em pergaminho.

Número 2

Livro de termos e eleições

1724 — 1738

115 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 3

Livro de arrematações

1739 — 1758

115 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 4

Livro de termos e eleições

1763 — 1778

116 fl.; papel; capa em cartolina.

CAIXA 5

Número 1

Livro de receitas e despesas da confraria do Santíssimo Sacramento de Amieira

1763 — 1800

80 fl.; truncado; papel; s/ capa.

Número 2

Livro de arrematações

1765 — 1786

120 fl.; truncado; papel; s/ capa.

Número 3

Livro de termos e eleições

1778 — 1789

117 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 4

Livro de receitas e despesas

1780 — 1801

147 fl.; papel; capa em pergaminho.

CAIXA 6

Número 1

Livro de arrematações

1787 — 1815

142 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 2

Livro — 1799

139 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 3

Livro de termos e eleições

1799 — 1808

100 fl.; papel; capa em cartolina.

CAIXA 7

Número 1

COMPROMISSO DA MISERICÓRDIA
DE LISBOA

Lisboa, impresso por Pedro
Craesbeedk, 1619.

[Livro de grande raridade referido na
monografia A Amieira do Antigo Priorado
do Crato, o. c.].

Número 2

Livro de assentos dos Irmãos, traslado
do livro antigo e mais os presentes e suas
obrigações

1720

231 fl.; papel; capa em pergaminho.

CAIXA 8

Número 1

Livro das fazendas da Misericórdia e
da capela de N. Sr.^a da Sanguinheira

1800

150 fl.; papel; metade da capa em
pergaminho.

Nota: contém a cópia do alvará de D.
João IV fazendo concessão das fazendas da

capela de N. Sr.^a da Sanguinheira à
Misericórdia de Amieira.

Número 2

Livro de receitas e despesas da
Misericórdia e da capela de N. Sr.^a da
Sanguinheira

1802 — 1837

140 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 3

Livro de termos

1808 — 1832

199 fl.; papel; capa em pergaminho.

CAIXA 9

Número 1

Livro de fazendas da Misericórdia e da
capela de N. Sr.^a da Sanguinheira (rol de
bens)

1822

65 fl.; papel; capa em cartão.

Nota: contém a cópia do decreto da
princesa regente D. Isabel Maria, fazendo
mercê às casas e ao hospital da Misericórdia.

Número 2

Livro de termos e eleições

1832 — 1846

100 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 3

Livro de arrematações e fazendas da
Misericórdia e das capelas de N. Sr.^a da
Sanguinheira, Divino Espírito Santo, Santo
André e Salvador do Mundo.

1835 — 1842

102 fl.; papel; capa em pergaminho.

Nota: os bens de cada capela vão
lançados individualmente.

Número 4

Livro de receitas e despesas

1842 — 1850

50 fl.; papel; capa em cartão.

Número 5

Livro das fazendas (registo de todos os bens móveis e imóveis)

1843

40 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 10

Número 1

Livro de arrematações dos géneros agrícolas

1843 — 1853

89 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2

Livro das dívidas activas e passivas

1843 — 1856

48 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3

Livro das despesas da capela de N. Sr.^a da Sanguinheira e suas festividades

1844 — 1868

45 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 4

Livro de termos e eleições

1846 — 1857

100 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 5

Livro de assentos dos Irmãos (da Misericórdia)

1848 — 1888

50 fl.; papel; capa em cartolina.

Nota: contém apenas um ofício do Crédito Predial Português, datado de 1867 e com o selo branco da Misericórdia.

Número 6

Livro de obrigações dos Irmãos (da Misericórdia)

1849 — 1852

40 fl.; papel; capa em cartolina.

Nota: Contém cópias de documentos, entre os quais alguns alvarás régios.

Número 7

Livros de receitas e despesas

1849 — 1856

93 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 11

Número 1

Livro de arrematações

1854 — 1893

188 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2

Livro de actas das sessões

1857 — 1863

96 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3

Livro de receitas e despesas

1859 — 1870

167 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 12

Número 1

Livro das dívidas activas e passivas

1861 — 1871

105 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2

Livro de actas das sessões

1863 — 1881

148 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3

Livro das despesas com os doentes
pobres admitidos no hospital da Misericórdia
1866 — 1902
100 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 13

Número 1

Livro de receitas e despesas das
festividades de N. Sr.^a da Sanguinheira
1869 — 1894
202 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2

Livro de resumo das contas (receitas e
despesas) da Irmandade da Misericórdia
1870 — 1895
200 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 14

Número 1

Livro de acórdãos e eleições
1869 — 1880
100 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2

Inventário dos bens móveis e imóveis
1870 — 1942
97 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3

Livro das dívidas activas e passivas
1873 — 1894
99 fl.; papel; capa em cartão.

Número 4

Livro de cópias de correspondência
expedida
1877 — 1892
50 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 15

Número 1

Livro de actas das sessões
1883 — 1925
150 fl.; papel; capa em pergaminho.

Número 2

Livro de dívidas activas
1895 — 1913
100 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3

Livro de receitas e despesas
1896 — 1922
100 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 16

Número 1

Livro de assentos dos artigos
requisitados para o Hospital da Misericórdia
1905 — 1939
50 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2

Livro das despesas do Hospital da
Misericórdia
1915 — 1920
90 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3

Livro de receitas e despesas
1923 — 1954
150 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 17

Número 1

Livro de actas das sessões
1925 — 1956
100 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2
Livro de registos clínicos diários do
Hospital da Misericórdia
1930 — 1946
100 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3
Inventário dos bens
s.d.
12 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 4
Inventário dos bens
1931
24 fl.; papel; capa em cartolina.

Número 5
Inventário dos bens
1940
12 fl.; papel; capa em cartolina.

CAIXA 18

Número 1
Livro de cópias de correspondência
expedida
1931 — 1942
100 fl.; papel; capa em cartão.

Número 2
Livro de receitas e despesas
1932 — 1942
95 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3
Livro de receitas e despesas
1939 — 1944
50 fl.; papel; capa em cartão.

CAIXA 19

Número 1
Livro de cópias de correspondência
expedida
1942 — 1956
100 fl.; papel; s/ capa.
Nota: contém documentos avulsos.

Número 2
Livro de registos clínicos diários do
Hospital da Misericórdia
1946 — 1964
90 fl.; papel; capa em cartão.

Número 3
Livro de registos clínicos de baixas do
Hospital da Misericórdia
1949 — 1964
100 fl.; papel; capa em cartão.
Nota: contém documentos avulsos.

CAIXA 20

Número 1
Macete contendo papeis diversos da
Misericórdia de Amieira
77 documentos
Nota: de entre outros destacam-se: o
modelo de compromisso das Misericórdias,
uma acta de sessão da mesa administrativa
da Santa Casa, registos de listas e votações
de candidatos à mesa administrativa, rol de
propriedades, etc.

Número 2
Macete de documentos diversos
relativos ao Hospital da Misericórdia
42 documentos
Nota: de entre outros destacam-se:
boletins de alta, correspondência e circulares
do Ministério do Interior e do Ministério da
Saúde e Assistência, regulamento interno do

Hospital da vila de Amieira, registo de vacinados, etc.

Número 3

Macete de documentos relativos aos processos de eleições e dos mandatos da mesa administrativa.

13 documentos relativos aos anos de: 1908-09, 1909-10, 1911-12, 1912-13, 1913 14, 1916-17, 1917-18, 1918-19, 1919-20, 1920-23, 1923-26, 1926-2 9 e 1929-32.

Nota: entre estes destacam-se: editais, cópias de correspondência expedida, relações dos irmãos da Misericórdia, etc.

CAIXA 21

Número 1

Correspondência recebida
47 documentos.

Nota: as datas são muito diversas, indo do final d século XIX a meados do século XX.

Número 2

Documentação diversa
130 documentos.

Nota: de entre outros destacam-se: cópias de correspondência expedida, registos financeiros, registos de irmãos.

Número 3
Registo de contas
13 documentos datados de 1914 a 1929.

Número 4
Registo de contas
17 documentos datados de 1949, 1950, 1952, 1953, 1954 e 1956.

Número 5
Registo de contas (documentos diversos)
20 documentos.

Nota: de entre outros salientam-se: recibos e contas da festa da Senhora da Sanguinheira.

CAIXA 22

Número 1

Documentos diversos
Dossier com documentos datados entre 1958 e 1963.

Nota: de entre outros salientam-se: registos de contas, cópias de documentação expedida e documentos administrativos.

Notas:

¹ Estes documentos, curiosamente, são referentes à Misericórdia de Arês e à Confraria de S. João de S. Matias, mas por alguma acaso do destino e, em condições que de forma alguma conseguimos apurar ou

compreender, vieram parar à paróquia de Santiago Maior de Amieira.
² 1ª edição, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1936; 2ª edição, fac-simile, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.



MEMÓRIAS DE CONTRABANDO

Testemunhos de João Gonçalves da Mata

Carlos Marques



O conhecimento das vivências dos habitantes das zonas de fronteira contribui de forma importante para a descoberta socio-económica de uma determinada sociedade, específica de locais de osmose entre dois países vizinhos que se visitam marginalmente em busca de formas de subsistência pela troca de produtos ou pelo comércio clandestino desses mesmos produtos. A dificuldade em obter determinados bens de um dos lados da fronteira, pelas mais diversas razões, ou a possibilidade de os obter mais baratos para, em seguida, serem comercializados, motiva a sua passagem clandestina, fora do controle das alfândegas. Este trabalho que agora divulgamos tem como personagem principal João Gonçalves da Mata, natural de Porto de Espada que, com os seus testemunhos, permite recordar tempos difíceis não só àqueles que conheceram a dura realidade dos contrabandistas, mas também aos mais jovens no sentido de conhecerem um pouco da forma de vida de algumas populações raianas. Ao perfil biográfico deste homem juntaremos os seus testemunhos procurando compôr um quadro tão real quanto possível.

ESBOÇO BIOGRÁFICO

João Gonçalves da Mata Mutelo, nasceu em Porto de Espada, concelho de Marvão, distrito de Portalegre em 23 de Setembro de 1922. Frequentou a escola até aos doze anos e teve como professor Manuel de Matos Godinho. Durante os anos da escola, ia todos os dias, após as aulas, às Fontanheiras, um lugar espanhol, buscar pão para a família e algum também para vender.

Começa aqui a sua vida ligada ao contrabando, cuja vertente iremos conhecer melhor nos episódios que serão publicados em seguida.

João da Mata andou descalço até sair da escola e teve o seu primeiro par de botas num dia de S. Lourenço, comprado em Castelo de Vide por seu pai com dinheiro que a avó lhe dera.

Depois de deixar a escola foi trabalhar para o campo e para o negócio de contrabando. No campo começou a trabalhar por conta do Sr. Francisco Carlos, com uma mula que carregava de cântaros para regar as oliveiras, trabalho de difícil execução, "não queira saber, caro leitor, o meu sacrifício para conseguir tirar e pôr os cântaros na mula, porque eram muito grandes e, além disso, a mula nunca estava quieta, mas enfim, lá consegui regar as oliveiras novas ao patrão.

Fui então, na primeira semana a ganhar seis escudos por dia, e os homens já feitos no serviço ganhavam sete escudos. Resulta que na segunda semana, quando todos fomos receber lá na taberna do meu patrão; diz assim o patrão para todos: — «Hoje o João da Mata já ganha pelo preço dos homens». Eu, na realidade, fiquei muito contente com o procedimento do meu patrão. (...) Por vezes, tínhamos de andar hora e meia a pé, para chegarmos ao nascer do sol ao trabalho, porque trabalhávamos de sol a sol. Como ganhava pouco e não havia onde trabalhar, eu à noite quando largava o trabalho, e como em Espanha era tudo mais barato, eu ia lá comprar arroz, açúcar, massa, azeite, pão, para nós comermos e vender alguma coisa. O pior

era quando aparecia a Guarda Fiscal que nos tirava tudo quanto trazíamos e nós ficávamos a chorar.

Malhei ferro quatro anos a fazer ferraduras. Começava o serviço às quatro da madrugada, até fazer setenta e duas ferraduras (...). Normalmente, acabávamos o serviço, ou seja, a tarefa, como lhe chamávamos, às uma ou duas da tarde. Desde o começar, até ao acabar era sempre um banho de suor, e quando largava o trabalho ainda ia o resto do dia trabalhar para o campo. (...) Nesta altura já eu ganhava nove escudos por dia. Nunca fui estragado nem malandro, nem fumador, nem bêbedo, nem jogador (...).

João da Mata conta que "em determinada altura houve uma grande crise de trabalho no Porto de Espada, que era a minha aldeia", foi então, com outros homens procurar trabalho a Marvão, directamente ao Presidente da Câmara da altura, o Sr. Manuel Vivas, o qual lhes deu vinte escudos e uma carta a cada quatro homens para serem distribuídos pelos lavradores da zona, mas ao fim de uma semana voltaram a ficar sem trabalho. O contrabando surgiu então como alternativa ao desemprego. São algumas destas passagens que João da Mata nos conta mais adiante e que mostram a vida de sacrifício, os sustos, o medo e o aventureirismo de homens que procuravam alternativas à vida difícil a que estavam sujeitos pela crise que imperava na altura.

Por conta do Sr. Manuel Martins trabalhou João da Mata em herdades do concelho de Arronches e de Elvas. "Começávamos a ceifar ainda de noite, alta madrugada, ao nascer do sol comíamos a

bucha, pão com azeitonas; às dez horas era o almoço, que era a respectiva açorda: água quente, poejo pisado com alho, sal e colorau, azeite, as sopas de pão de trigo; também fazia parte do almoço um queijo pequenino, mas muito duro e bom. À uma hora da tarde lá vinha o respectivo gravanço, bem cozido e bem temperado, com azeite e carne de porco, era uma bóia de toucinho, outra de chouriço e outra de farinheira a cada um de nós. Eu não conseguia comer tudo, guardava a minha bóia de toucinho para comer à merenda com o gaspacho que era água fria, poejo pisado com alho e colorau, vinagre e as tais sopas de pão de trigo, tipo caseiro e azeite, isto às dezoito horas.

Comíamos sempre no descampado Hotel Estrela, no meio da herdade à torrina do sol ardente. Também dormíamos no restolho junto ao trabalho. Por vezes chovia e havia trovoadas, nós fazíamos uma cabana com os molhos de trigo, sentíamos a água a passar por baixo de nós e éramos iluminados pelo clarão das faíscas que caíam. Só largávamos o trabalho alto serão. Tínhamos então duas horas de descanso, à hora da sesta, da uma ou das duas até às quatro horas.

As nossas camisas eram mais duras que os encerados das camionetas, por causa do salitre do suor do nosso corpo.

O patrão não nos obrigava a fazer serão, mas o manageiro é que nos obrigava, para depois no fim ganhar a gorjeta à nossa custa".

Aos dezoito anos foi a primeira vez para Lisboa, trabalhar num armazém de castanha, batata, pevide, tremoços, etc.. Por

lá estive dois anos, mas acabou por voltar para a sua terra. Aí, voltou ao trabalho do campo e ao contrabando. Entretanto veio a tropa, o que o levou a assentar praça em Lisboa, no Regimento de Engenharia nº 2, situado no Campo Vinte e Oito de Maio, actual Campo Grande. Após alguns dias foi enviado para o Destacamento na Estrada Militar da Damaia, onde estive três meses. Depois adoeceu e estive internado no Hospital Militar da Estrela; quando teve alta, chegou ao quartel e mandaram-no embora com a instrução perdida e com a indicação para voltar no ano seguinte. Voltou então e, depois de jurar bandeira, transitou de novo para o Destacamento, agora como cozinheiro da messe. Quando terminou o serviço militar, conta-nos, com graça, João da Mata que "muito me admirou, foi eu ter sido sempre cozinheiro e quando fui licenciado, na minha caderneta, vinha a especialidade de sapador mineiro, e eu nunca vi as minas nem tive tais instruções". Este episódio motivou a seguinte quadra:

"Na tropa fui cozinheiro
Comi carapau do alto,
No fim do meu cativoiro
Era sapador de assalto".

Depois de sair da tropa foi convidado a trabalhar numa firma de Lisboa, situada no antigo Largo Silva Albuquerque, próximo da Praça da Figueira, um armazém de frutas verdes e secas. Aí começava a trabalhar às cinco da manhã e só parava já a noite já avançada. O trabalho consistia em carregar cabazes com fruta para distribuir pelos clientes. Dada a dureza do trabalho, João da Mata diz: "só lá estive vinte dias, sempre debaixo de carga, sem saber quanto ganhava. Foram vinte dias sem fazer a

barba, por não ter vagar, até que fui obrigado a pedir contas e sair. O patrão disse que se saísse sem ser no fim do mês não me pagava, e eu disse que não fazia mal, pois já não era a primeira vez que dava esmolos do meu suor aos ricos, mas lá me pagou a vinte escudos por dia".

De volta à terra casou em Santo António das Areias, na igreja de S. Marcos, com Felícia Carrilho, mas ficou a morar em Porto de Espada, onde nasceram as duas filhas mais velhas, Maria Joaquina, actualmente com 51 anos e Maria Teresa com 45 anos. Mais tarde, nasceu uma terceira filha, Maria João, agora com 39 anos. Das três filhas nasceram seis netos, quatro meninas e dois rapazes. A filha mais velha tem três filhos; a Elisabete, é já professora do Ensino Secundário, enquanto a irmã Carla está a terminar a licenciatura em Economia e o irmão mais novo está a frequentar também o curso de Economia. Da segunda filha nasceu o Humberto, que trabalha numa fábrica de moldes e estuda à noite e da terceira filha nasceram mais duas meninas, a Tatiana que frequenta o 5º ano de escolaridade e a Inês que está no 2º ano de escolaridade.

Até chegar a Pombal, onde reside actualmente, João da Mata ainda passou pelas minas de volfrâmio de um lugar chamado Ramila, perto de Porto da Espada. Nas minas começou por ganhar dezoito escudos por dia, mas depois passou a ganhar vinte escudos porque entrava uma hora mais cedo para pôr os motores a trabalhar para tirar a água dos poços. Mas, rapidamente esta exploração acabou e viu-se de novo obrigado a recorrer ao contrabando. O cansaço desta actividade associado à doença provocada pelo desgaste físico, fizeram com que procurasse uma nova

actividade tendo então começado a vender peixe. O peixe chegava de Lisboa por intermédio de um seu amigo chamado António Batista Gonçalves e João da Mata andava então com um burro apregoando o peixe por caminhos velhos, actividade que manteve durante dez anos.

Os tempos difíceis por que passou levaram-no a seguir o conselho do seu amigo José da Conceição Baldeiras, um alfaiate que

era de Porto de Espada e tinha trespassado uma alfaiataria em Pombal. Depois de alguma insistência, aceitou o convite para ir até Pombal, tendo ficado hospedado em casa de seu amigo. João da Mata conta que "calhou a ir em dia vinte e cinco, que era dia de feira e segunda-feira dia de mercado. Havia tanta gente como se fosse uma feira anual. Eu na altura fazia farturas em feiras e mercados lá na minha terra e vendia peixe

ambulante. Quando vi tanta gente pensei que só cada dez pessoas se comprassem uma fartura já era muita coisa, porque não havia cá ninguém que se dedicasse a esse ramo. Eu disse então ao meu amigo e senhor Baldeiras para ver se me conseguia arrendar cá uma casa barata para eu vir experimentar, arrendou a casa e escreveu-me a dizer que já podia vir que estava tudo arranjado."

Em Março de 1961, primeiro com a esposa e, ao fim de oito dias, com as filhas, João da Mata partiu para Pombal. "Encontrei em Pombal um povo aberto, franco, muito hospitaleiro, que em todos os sentidos me ajudou. Depois a minha vida em Pombal, foi durante oito meses, a minha mulher



a fazer faturas em casa e eu com um tabuleiro de alumínio à frente da barriga com uma correia ao pescoço a apregoar e vender faturas de porta em porta." No fim desse ano comprou a loja que ainda hoje mantém, onde vende mercearia e vinhos do Porto. Em tempos vendeu também bastante presunto. Chegou a ter empregadas, mas actualmente queixa-se de ver reduzido o comércio devido à concorrência das grandes superfícies.

Este é, em traços largos, o retrato de um homem que sempre lutou pela vida, sempre se manifestou solidário com os outros e, isso mesmo se reflecte na sua preocupação constante de desejar que todos consigam uma vida melhor, diz-nos ele: "não sou rico, mas o meu maior desejo era que toda a gente deste mundo vivesse como eu!". Esta preocupação é notória também nos muitos poemas que escreveu e escreve ainda, alguns deles publicados em jornais de Pombal, Leiria, Coimbra, Montijo, Portalegre e também na Revista IBN MARUÁN.

Depois desta breve apresentação de João Gonçalves da Mata, será certamente mais fácil entender as histórias de contrabando que publicamos em seguida. Nestas histórias compreenderemos melhor a luta pela sobrevivência de uns, o aproveitamento de situações por outros; encontrar-se-ão, porventura, pistas para um entendimento do que era a vida das populações fronteiriças e das suas relações de cumplicidade, em que as linhas de demarcação não passavam de riscos nos mapas, perfeitamente ignorados no terreno.

Por fim, resta dizer que, tal como nas citações biográficas já apresentadas,

também nas histórias de contrabando se manterá a escrita de João Gonçalves da Mata, apenas com pequenos ajustamentos para uma melhor compreensão do sentido.

CONTRABANDO - AVENTURA E MODO DE VIDA

"Quer o leitor saber passagens do contrabando? Começo por lhe dizer que com quinze anos de idade, eu era um magricela e cheio de fome. Apareceu-me um patrão para eu ir fazer uma viagem de contrabando de três dias e três noites, sempre carregado com trinta quilos às costas. Sabe o leitor quanto se ganhava? Sessenta escudos por viagem.

Um cunhado do meu patrão, quando me viu tão pequeno e tão magrinho disse-lhe: «olha compadre, tens de arranjar uma pele para as costas, outra para os pés deste garoto», e disse para mim: «se chegares ao destino ganhas um prémio que eu te dou, mas tu não és capaz». Éramos duzentos e cinquenta homens, todos carregados com café e peças de pano cru, a caminho de Espanha. Atravessámos um grande rio chamado Os Três Arroios. Para o passarmos, primeiro seguia um homem a nado com uma corda à cintura que depois atava a uma árvore, bem esticada, para todos passarmos agarrados a ela. Era inverno e muito frio, tínhamos que nos despir e colocar a roupa no alto da carga, à cabeça, para nos vestirmos enxutos do outro lado do rio. Resultou, meu caro leitor, quando já muitos se encontravam do outro lado do rio, outros a meio e ainda os últimos se preparavam para entrar no mesmo, apareceram os carabineiros aos tiros. Foram horas de

aflição!... Muitas pessoas só apareceram em casa ao fim de oito dias e outras não voltaram a aparecer. Eu consegui chegar ao meu destino, o que me valeu o prémio prometido pelo compadre do meu patrão.

Tínhamos que descer e subir grandes serras, de noite pelo escuro, muitas vezes a chover. A meio caminho as sapatilhas estragavam-se e tínhamos que percorrer o resto da viagem descalços. Íamos a uma distância uns dos outros de cerca de vinte e tal metros, por vezes a malta perdia-se na escuridão da noite. A instrução que nos davam era cantar como as corujas para, através do som conseguirmos encontrar os camaradas. Tudo se passou debaixo de grande sofrimento.

Vou contar outra passagem de contrabando que ocorreu ainda antes das tais viagens longas, tinha eu catorze anos.

Eu e mais quatro homens íamos todas as noites a um lugar espanhol junto à fronteira, buscar vários artigos, porque não tínhamos trabalho e nós tínhamos de comer. Acompanhava-nos também uma senhora de um lugar chamado Alvarrões e íamos a casa da mesma pessoa. Nós trazíamos pão, açúcar, arroz, mel, azeite, ferramentas para trabalhar no campo, calçado, etc. Resulta que aquilo era já no fim da guerra e os espanhóis ainda estavam a vender muito barato, o que lhes fazia já muita falta e a prova é que ao fim de pouco tempo, começámos a transportar para lá os mesmos artigos, mas muito mais caro. Ora bem, o homem onde íamos todas as noites carregar já não conseguia arranjar mercadoria para tanta gente, por isso, uma bela noite disse à senhora que nos acompanhava para ver se conseguia arranjar-se por outro lado, pois

ele já não tinha para mais. Resultou que a dita senhora, chateada com o caso, foi pessoalmente denunciar-nos às autoridades espanholas que naquele tempo eram os falangistas e os carabineiros.

Na noite seguinte fomos todos apanhados à saída, algemados e conduzidos para Valência de Alcântara. Eu sabia que havia lá uma lei que não me podiam prender por só ter catorze anos e a lei era aos quinze. Quando disse que apenas tinha catorze levaram-me para casa do chefe dos carabineiros, deram-me de almoço, comemos todos juntos em família, no fim o chefe chamou-me para o escritório, mandou-me sentar numa cadeira à frente da secretária e começou a fazer-me perguntas, se eu queria inscrever-me no terço, era o nome que davam a uma frente de batalha a favor do General Franco. Eu como não queria ir, disse que não o compreendia. Depois disse-me que, pela noite, viriam os falangistas buscar-me para Portugal, fiquei muito duvidoso, mas não disse nada. Junto ao sol posto, lá estavam dois Falanges, cada um com a sua espingarda; mira bengal para cá el portuguesito. Lá fui com eles, cheio de medo, mas não me trataram mal, ao chegarmos perto da fronteira mandaram-me embora para Portugal.

Não queiram saber, quando cheguei ao cimo da serra que pus os pés em terra portuguesa, cresci e respirei fundo. Depois os meus pais agarrados a mim a chorar diziam - nunca mais vais a Espanha, nem que a gente morra de fome. Ora!... pois não, foi só na noite logo a seguir. O meu pai não tinha trabalho, éramos cinco pessoas em casa cheios de fome e eu tive de seguir.

Fiz várias viagens longas a Espanha; uma bela ocasião, éramos talvez uns doze homens (...) quando no fim de três dias e três noites de viagem já muito cansados, avistámos a casa onde íamos destinados e vimos a senhorita da casa à porta com um lenço branco a fazer sinal para voltarmos para trás, porque estavam dois carabineiros à nossa espera. Estava meia porta aberta e meia fechada e eu fui para me encostar à porta para perguntar o que se passava. Logo vi os dois carabineiros para me agarrarem, mas eu agaichei-me e fugi. Eles começaram a correr atrás de mim aos tiros. Ou não me acertaram ou não me quiseram matar. Os meus companheiros quando viram aquilo, fugiram todos e as cargas lá ficaram. Já naquele tempo custava cada carga à volta de dois contos. Fugimos tanto à frente dos carabineiros que um rapaz já deitava sangue pela boca.

Depois passou por nós um espanhol que tinha ido levar leite a um povo chamado Lizeda, montando uma égua. Quando ele passou pelos carabineiros, um deles tirou-lhe a égua e montou-se nela para nos apanhar. Naquela altura já íamos a andar devagar, porque já íamos longe e cansados, mas quando ouvimos os tropelos da égua e vimos o carabineiro a galopar, fugimos novamente. Nesta altura o carabineiro deu um tiro, a égua espantou-se cravou com ele no chão e fugiu, foi então a nossa sorte, de contrário ele apanhava ou matava algum.

Fugimos então para Portugal, com aquele dinheiro todo perdido, que triste vida a nossa, no fim de tanto sofrer.

No meio de toda esta luta, é bem provável que alguém se lembre de perguntar,

se nós tínhamos armas, eu digo a todo o leitor amigo, que eu não tenho conhecimento desse caso, e se alguém as tinha, que eu visse nunca as usou. Quer o leitor saber qual é arma que eu usava e que ainda hoje é a minha arma? É a arma da prudência e do respeito pelo próximo.

Deixa o ódio e o rancor
E não queiras perecer,
Por que a arma do Amor
Ninguém a pode vencer.

Certo dia ao nascer o sol, eu mais um meu cunhado, íamos no alto de uma serra chamada Serra de São Braz, cada um de nós levava pouco peso, era apenas uns metros de fazenda para vestuário, íamos os dois conversando ao lado um do outro, qual o meu espanto quando senti o mato a mexer, olhei e vi um guarda fiscal quase a agarrar-me as calças, digo para o meu cunhado, foge que está ali um guarda, mas o guarda era um rapaz novo e abriu detraz de mim que me obrigou a correr mais de quatro quilómetros. Eu corri por uma barroca abaixo muito aprumada e o guarda atraz de mim aqui te apanho além te alcanço.

Quando atravessamos a estrada que segue para Espanha, da parte de baixo havia uma grande barroca que a água tinha feito através dos anos e toda cheia de silvas. Eu conhecia bem o terreno e marquei o salto, caí lá do outro lado e continuei a fugir. O senhor guarda quiz fazer o mesmo, mas não foi capaz e caiu no meio das silvas ficando todo arranhado nas mãos e cara. Eu chego lá abaixo onde lhe chamam o ribeiro da Laginha olhei para trás e vejo novamente o guarda a correr, abri novamente, chegando mais à frente onde havia uma parede alta

com uma curva, e ao passar a curva, sem o guarda me ver, saltei para dentro do quintal, deitei-me lá no meio do milho alto que lá havia. O guarda passou a correr que parecia um relâmpago e foi dar volta a todas as casas que havia mais à frente num povo chamado a Pitaranha, porque ele pensou

que eu me tinha escondido naquelas casas. Mas o que pensa o gato, pensa o rato, eu já sabia o que ele ia fazer e ali me escondi.

No dia seguinte encontrei o guarda sentado a uma mesa numa taberna, todo arranhado na cara e nas mãos por ter caído



nas silvas, eu sabia que ele não me tinha chegado a conhecer e disse-lhe: «o senhor parece que andou à briga com os gatos». O senhor guarda que era lá de chima e falava achim, disse-me: «o chenhor chabe lá o que me aconteceu ontem aí na cherra? Encontrei-me com um chacaninha que o tipo parecia que voava, ele marcou um chalto numa grande distância e eu quiz fazer o mesmo e caí no meio das silvas». Ali estivemos de copos, eu paguei para ele, ele pagou para mim e assim foi. Mas por grande azar para mim, dali por oito dias ele correu novamente atrás de mim. Por exemplo, eu ia direito à fronteira subindo uma serra e o guarda avistou-me a uma certa distância e correu para me sair à frente. Mas nós que éramos quatro, conseguimos cortar a frente primeiro e chegámos a Espanha a uns dez ou quinze metros para lá da fronteira e parámos. Então o guarda quando chegou à parede da fronteira parou e conheceu-me: «Ah! então o chenhor é que era o tal!... Eu hei-de cachá-lo!...» Mas dali por pouco tempo o tal guarda foi nomeado para outro lado, então nunca mais o vi até hoje, e nem saudades.

Dirá ou dirão alguns leitores, esta gente eram grandes transgressores da Lei. Eu porém digo a todos: nós éramos muito humildes e apenas passadores de fome. Porque na minha aldeia havia vários abastados, os quais nós no Verão através do fraco ordenado que eles nos davam, lhes enchíamos os celeiros e nós no Inverno passávamos muita fome, tínhamos que recorrer ao contrabando.

Se com esta conversa eu ofender a dignidade de algumas autoridades, eu apresento as minhas respeitadas desculpas.

Um outro episódio de contrabando aconteceu num lugar chamado o Porto do Roque, ali próximo da fronteira. Éramos quatro contrabandistas e naquela altura tínhamos ido levar uma carga de ovos cada um. Já vínhamos de volta com o nosso dinheiro no bolso, quando nos aparece uma patrulha de carabineiros que nos mandou parar. Nós parámos, não trazíamos nada e eles queriam que lhe dêssemos o dinheiro das cargas e que dissêssemos onde tínhamos ido levar os ovos, que era para eles lá irem prender o outro espanhol. Entre nós havia um camarada chamado João das Éguas que entrou com ele um fogo de energia que conseguiu desarmar os dois carabineiros e nós fugimos com as armas para Portugal. Eles corriam atrás de nós, pedindo que lhe dêssemos as armas, mas nós só depois de entrarmos em Portugal aí uns cinquenta metros, é que deixámos ali as armas e fugimos. Nós não queríamos roubar as armas, mas sim defendermos de nos darem algum tiro.

Noutra altura, fui apanhado à mão por um primo meu que era guarda fiscal, que por sinal já morreu. Quando me apanhou não sabia que era eu, assim como eu não sabia que era ele, pois era de noite. Quando me reconheceu, disse-me: «Ó primo então és tu?», «—É verdade primo, veja se me deixa ir embora.»; diz-me ele assim: «olha primo, tu ajudas-nos a levar estas cargas que já temos aqui, até à porta do posto e depois levas a tua e mais alguma que te dou eu». Eu disse: «O primo veja lá o que vai fazer?!», ele disse: «Fica descansado!». Assim aconteceu: fui com eles e depois deram-me a minha carga e mais alguma coisa.

"O bacorinho manso, mama a sua e a alheia!"

"Havia naquele tempo um grande negócio de contrabando, que era trazer cortiça de Espanha para Portugal às costas das pessoas. Era lá comprada por sete ou oito escudos cada arroba e cá vendida por dez ou doze escudos. Era negócio de matar gente e de grande miséria, mas naquela altura não havia grande sobrevivência.

Transportávamos às nossas costas de um modo geral quatro arrobas de cortiça que são sessenta quilos, numa distância de cinco quilómetros, mais ou menos. Fazíamos isto duas vezes por dia, uma de manhã outra de tarde, mas era subir e descer serras, que o leitor se lá passar hoje sem nada, fica admirado como nós os pobrezinhos daquele tempo, conseguíamos tanto sacrifício.

E quando aparecia a guarda fiscal!... tiravam tudo aos desgraçados, que depois tínhamos de pedir algum emprestado para começarmos novamente.

Os guardas fiscais tinham uma coisa, muito boa a nosso favor, só prendiam alguém se lhe faltassem ao respeito. Eles também eram conhecedores da miséria que havia em toda a região.

Houve muita gente que apanhou várias doenças, por fazer tanta força e tão mal alimentados, eu até sou dos que apanhei angina de peito e espondilose, tenho a espinha torta por carregar demasiado e ganhar tão pouco".

Ficam por aqui estes episódios de contrabando, certamente muitos dos que os leram, passaram por experiências semelhantes ou têm conhecimento de histórias muito próximas daquelas que João da Mata nos contou, outros entendê-las-ão como uma descoberta. Esperamos, com a divulgação destes testemunhos, ter contribuído para que outros venham a público, ajudando a compreender este fenómeno típico das regiões fronteiriças.

Outubro de 1996



AS LINHAS NA PELE DO VIAJANTE

Simone Saveressig

PARA JOSÉ SARAMAGO

Para compreender o Viajante, era preciso amar a palavra "caminho" em todas suas derivações; todas as sendas estreitas, auto-estradas, passeios ensombrecidos de verde, veredas em campos de cultivo e trilhas que tangenciam caprichosos cursos d'água. O conheci em certa festa natalina. Me disseram que era um famoso explorador e experiente andarilho, como se fosse uma curiosidade a mais na imensa casa dos Souza. Tardamos cinco minutos para organizar um bando e sair do benéfico aborrecimento, dispostos a consumir toda cerveja e uísque dos bares da cidade.

Noitadas como aquelas repetiram-se com frequência quando o Viajante estava em Porto Alegre, coisa rara por aqueles tempos. Chegava sem avisar, às três ou quatro da manhã, em algum rebocador, ou em simples ônibus, forma rara de viajar para quem ia tão longe. Às vezes vinha directo à minha casa, às vezes me telefonava para que nos encontrássemos em algum bar pouco recomendável. Pela noite saíamos, buscando música e bebidas, mulheres e solidão compartilhada. Era a loucura das prostitutas e das mulheres de bem. Às primeiras, tratava como às segundas e às segundas como às primeiras e possivelmente mantinha a todas, satisfeitas. Circulava à boca pequena que trazia a pele coberta de tatuagens. Dele dizia-se muitas coisas, porque falar é fácil e as palavras são gratuitas, quando desprovidas de significado. Posso apenas garantir o que vi e sei de sua

boca: tinha, de facto, o corpo recoberto de tatuagens de vários tipos e procedências, entrelaçando-se em seu dorso, como serpentes em disputa de cada milímetro de pele sã. Não eram apenas as de cores, embora estivessem presentes, mas também as que formavam um oco em sua pele, as de relevo, as formadas por pontos e queimaduras terríveis. Eram recordações emborráveis que me causaram repulsa e fascínio desde o primeiro instante que as vi. Não havia uma única figura conhecida. Nem uma palavra legível. Explicou-me, mas estávamos tão bêbados, e a gente ao redor era tão ruidoso, a que não creio que o tenha compreendido bem. Havia tatuado os caminhos por onde andara. O Alto Volta, Chad, Zaire, Ilhas Fidji, metade da Europa, boa parte da China, Índia e Tibete. Cada trilha anotada na pele segundo a tradição das terras por onde andara. Assim não me perco, dizia entre risadas.

Dasapareceu de minha vida durante anos, período que usei para esgotar todas as possibilidades de inveja que pudesse sentir. Em minha primeira tentativa de viajar por lugares exóticos, desisti a meio caminho de Machu Pichu e voltei para casa sem nem mesmo ter cruzado a fronteira peruana. Minha nau singrava outras distâncias, e meu amor pela palavra caminho limitava com a semântica à leste e a gramática à oeste, com caminheiro ao norte do dicionário, e caminologia ao sul, substantivo que, por certo, é palavra feminina que designa a arte de construir chaminés, e não, como se pode deduzir erroneamente numa primeira leitura, ciência que estuda o traçado e o desenrolar das trilhas formadas pelo passar humano em terras nunca dantes caminhadas; esta é caminotecnica, que tampouco é ciência, mas,

antes arte. As palavras, desde logo, são a traição feita verbo.

Voltamos a nos encontrar certa noite em que fui até ao Mercado para comprar cigarros. Tentava embebedar-se inutilmente com uma garrafa de rum em um boteco sujo e ao reconhecer-me por um momento pareceu o velho companheiro de noites promíscuas. Declaramos nossa independência às 4:30 da madrugada, e nos fomos à sua casa com outras duas garrafas de rum embrulhadas na primeira edição da Zero Hora. Não fui capaz de reconhecer a Rua da Praia, mesmo vendo ao fundo a praça da Alfândega com os jacarandás cobertos de flores roxas, obedecendo à folhinha de novembro. Entramos por uma porta caiada de verde e nos ajudamos a subir os dois lances de escada estreita e velha, aparentemente capaz de desfazer-se sob os nossos pés. Era um edifício anciano, cheirando a mofo e manteiga rançosa, que rangia e estalava ao nosso redor como um velho insone. O minúsculo apartamento se encontrava no fundo do corredor, repleto de coisas: vasos chineses, estatuetas hindús, lanças africanas, cerâmica marajoara, caixas de música suecas. Quinquilharias internacionais de fama e renome em qualquer aeroporto, e criações artesanais únicas, de rusticidade e preço incalculáveis. Estavam cobertas de cores e combinações estrangeiras, de tonalidades imigrantes e cheiravam a distâncias, sóis e céus que eu jamais haveria de contemplar.

Bebemos e conversamos até às seis horas, quando a cidade começou a despertar ao nosso redor. Era uma boa hora para um café forte e puro que tinha trazido de Haiti, convidou-me. Me confessou que em

todos aqueles anos, a cozinha nunca fora seu maior dom e que a limpeza tampouco estava entre seus passatempos prediletos. De qualquer forma, disse ao por a água aos poucos no coador de papel, isso teria de mudar. E por que, eu quis saber. Porque vou sentar os pés e fixar residência. E por que, segui, ainda mais surpreso. a estrada cansa? A estrada nunca cansa, quem cansa é o homem, mas meu problema, não é cansaço, é ter perdido o caminho. Que bobagem, como pode um viajante perder o caminho? Me levaram as tatuagens. Quem. Uma mulher. Ninguém pode levar tatuagens, a não ser que te arrancassem a pele.

O Viajante não respondeu. Tirou a camisa para que eu visse com meus próprios olhos. A pele desnuda, macia, lisa, sem um único traço, sem cicatrizes, sem pontos que ligassem o Zaire ao Quênia, sem linhas vermelhas que descrevessem a trilha pelo Himalaia. Era nua e limpa, aquela pele, desnuda e imoral, e eu me enchi de vergonha.

Parou junto à fonte e descansou os sacos que levava em ombros sobre as florzinhas de mimoso lilás. Dos sapatos duros, puxou pés andarilhos, que estirou baixo o jorro frio com um gemido de dor. Tinha canelas sólidas, como solidificadas pelo contínuo andar eram as pernas debaixo da saia surrada. A blusa continha desesperança um robusto par de seios, quase que nascidos debaixo do pano escuro. As mãos, longas terminações de uns braços igualmente longos, mergulharam no jorro cristalino e a concha cor de cedro trouxe a água até ao rosto e o rosto mergulhou na água das mãos, como quem mergulha no oceano. Uma gota gorda e brilhante deslizou

pelo pescoço, acariciando a pele, desaparecendo na profundidade do sulco mal amparado pelo degote roto. Seria a gota que se levou o olhar, ou os olhos de negra aridez que se fixaram nos dele, que lhe disseram quem era aquela mulher? Frias íris negras engastadas em veludo quase dourado, a boca grande, de finos lábios, cabelo azeviche mal seguro no coque quase desfeito.

O homem parado do outro lado da fonte chegara logo depois dela. Entabulou conversa, que bom dia faz. Que calor. Sim. A água está fresca. Está. Os pés dela bailaram sob o jorro frio sem dar importância ao ar sedento dele. Tinha algo, aquele homem, algo que não sabia o que era, mas sabia que queria. Ele perguntou se havia um lugar para passar a noite. Tem sim, disse ela, onde, ele quis saber, lá em cima.

Desde ali, o alto do monte era mato e pedras, mas se via que as pedras tinham ordem, e que a ordem construía uma muralha.

E isso, o que é. É a vila onde eu moro, minha tia tem quartos para alugar, quarto é que não falta, a cidade está quase vazia. Veio uma pausa, como uma lufada de vento, que se levanta e se vai. Como se chama, ele quis saber. Marvão. Que nome raro para uma mulher. Não é o meu nome, é o nome da vila.

O homem parou desconcertado. Pelo sotaque não era de Portugal, nem de Espanha. Ela tirou os pés da água e os meteu nos sapatos rotos. Levantou-se, tomou os fardos e começou a subir a trilha mal traçada. Olhou sobre o ombro e ele ainda

estava ao pé da fonte. Você vem, perguntou sem parar de andar. Ele titubeou, a sede apertava, mas ela já ia longe e teve de escolher depressa e escolheu subir em seu encaço. Debruçadas na margem, as flores destroçadas choravam pétalas lilases sobre a corrente fresca.

Tentou puxar conversa. Disse que a vila não aparecia no mapa, e ela não estranhou. Encolheu os ombros como quem não se importa, mas brilhou um pouco de raiva na aridês negra. Íngreme e curvilínea, a trilha só fazia subir. Desde ali, as muralhas pareciam negar-se ao caminhante.

Entraram pelo antigo portal, e o casario silencioso o fitou desde suas janelas. Depois, ao sabê-lo bem acompanhado, voltou a contemplar a distância verde e azul, principalmente azul. O homem sentiu-se acolhido. À volta redonda da cidade, a muralha de pedra a abraçava com delicadeza, sem chegar a tocá-la, parecia servir mais de balcão onde debruçar-se para ver o céu. Eram as seis e um sino de voz rouca repicava sem ecoar. Subiram pelas escadas, que eram o caminho, e perto do som de lata entraram numa cozinha limpa e cheirosa, que ainda abria a janela na esperança de que o largo anoitecer deixasse escapar um raio de sol. A dona da casa era velha e alegre, sem dar-se por aludida. Sem rir, deixava escapar visíveis gargalhadas pelos olhos claros e gentis. Serviu um grande copo de água ao visitante sedento e lhe deixou escolher o quarto que queria. A casa era grande e estava vazia. O preço passava por razoável.

Abandonado o saco de viagem junto a uma janela que dava para uma igual do

outro lado da rua calçada e quieta, espelho de cal branca, o Viajante baixou titubeando algumas quadras, até a uma praça de onde contemplava-se a planície de pedras por onde tinha andado todo o dia. Douradas eram as sombras debaixo da árvore no centro da praça, avantajada e redonda, como outras de sua espécie. No silêncio podia ouvir o vento passando sem tocar em nada, soprando como quando encontra apenas céu e nuvem e horizonte. No silêncio podia ouvir a respiração dela, muito antes do seu corpo estar ao seu lado. Os pensamentos da mulher, no entanto, não estavam ali, vagavam no seio da brisa dourada.

Quando a noite veio, sombra da curva terrestre, levantou-se uma bruma fria dos alicerces da muralha, que penetrou na terra e aspirou o vento. O mundo desapareceu sob um manto de névoa ondulada, embranquecido de lua crescente. Às vezes se esgarçava uma das leves balsas, e se podia ver o solo. O Viajante diria que não era o mesmo, mas estava escuro, e escuro continuou, até que num dos rombos viu uma mancha de luz que deslizava serena na escuridão. As luzes cintilavam fracas e desapareciam debaixo da muralha engolidas pela quilha de pedra. As nuvens voltaram a se fechar ali para abrir-se em outro ponto qualquer e um sino, que não o das horas, dobrou, assombrado, muito abaixo deles.

Era Portalegre, disse a mulher da fonte. Agora já sabe porque Marvão não aparece em nenhum dos seus mapas.

O Viajante não entendeu, ou não quis entender, ou fez que não entendeu para que

ela lhe explicasse. Pela noite a cidade flutua como um pássaro e cada manhã despertamos em outro lugar, em outro monte em outra serra, às vezes em Espanha, às vezes em Portugal. Não acredito, os pássaros não flutuam, voam, e as cidades não se erguem nas nuvens como se fossem sonhos. Ah, não? Então venha ver.

Ela virou-se resoluta e se foi e ele teve de segui-la. Estava vestida de branco e o luar fraco a transformava numa sombra. Andava rápida e leve, como se fosse um fantasma deslizando pela rua, e o medo o envolveu depressa. Que lugar será esse, quem será essa mulher, como é que se chama, mas já tinha desistido de perguntar e a verdade é que o nome não tinha o menor interesse. Desceram pela rua baixo a mirada caolha e louca do relógio do Paço do Conselho, até a muralha, e daí, seguindo a rua à esquerda, até as portas por onde tinham entrado naquela tarde. Ali a bruma, mais espessa, parecia revolta, como água borbulhante. Não se via o caminho. Da porta para baixo, eram nuvens e vento e lua. Ela se ajoelhou no chão sob o arco mais externo e mergulhou a mão onde deveria haver solo firme. Viu, perguntou olhando para ele, o braço até o cotovelo enterrado na bruma. O sopro do vento gemia como se carregasse o mundo, movendo-se e movendo algo junto com ele. O Viajante aproximou-se pensando que sonhava, e ao contrário dela, deitou-se de bruços, e mergulhou o rosto no algodão frio que cheirava a humidade e terra molhada.

Não viu nada. Dentro da nuvem era escuro como os olhos da mulher, escuridão sem esperança. A lua somente vestia de branco a pele do corpo vaporoso e diáfano

que sustentava as muralhas. Mas como tudo o que é diáfano se rasga, em um momento de dura lucidêz a bruma se abriu e ele viu o solo centenas de metros abaixo, vultos suaves cheios de luar, a mancha luminosa ainda passando, sem pressa, as ruas de Portalegre, o vulto semi-derruído do castelo, a igreja enorme, branca, dominando a praça central, a conversa da gente subindo até ele num murmúrio próximo ao da música, depois de debater-se pelas ruas de pedra, de mesclar-se, confundir-se, transformar-se em coisa outra que palavras. O Viajante debateu-se à beira do abismo desenraizado que abria a goela voraz baixo as raízes do que crera sólido; mesmo as pedras têm o direito de sonhar.

A mulher o levou pela mão, até a casa da tia, e o amparou trêmulo, até o quarto. Ele lhe suplicou que fechara a janela e corra as cortinas, dizendo que dificilmente poderia suportar ver outra vez o céu e as estrelas e a lua boiando tão insana quanto a cidade; que as alturas já não poderiam enganá-lo, todas eram vazias; que os abismos já não poderiam convencê-lo, todos eram vorazes; que o solo já não poderia contê-lo: tudo o que é impossível flutua no ar, e as nuvens são, assim, o país das impossibilidades. Impossível eram aquelas muralhas, impossível aquela mancha de luz, impossível o fantasma que o guiara até o portal, impossível o cheiro de madeira de cedro que emanava das mãos secas dela e a impassibilidade dos olhos quase de ébano. Então ela sentiu piedade pela primeira e última vez na vida, colheu-lhe a mão com firmeza e prendeu-a com as suas duas palmas morenas contra o peito, aberta, trêmula, suada, e disse, olha, sente só, eu sou real, isso não é um sonho, não tenho

culpa se Marvão flutua pelas noites, vai ver que foi um feitiço, quem sabe foi um quebrante que lhe puseram, a história que se aprende é outra, a vila foi importante um dia, foi moura, espanhola e portuguesa, agora pertence ao céu, o que é que se vai fazer?

O Viajante abraçou-a com desesperado desejo, como um homem que cai ou se afoga, e caíram sobre a cama e se afogaram nas bocas, e se mesclaram na luz e na sombra, e se Marvão não flutuasse naquele instante, certamente haveria se desprendido da terra onde repousasse. Muito tempo depois, quando puderam falar frases inteiras sem que as bocas se interrompessem mutuamente, ela perguntou, e esses desenhos no teu corpo, o que são? Tatuagens. E isso o que é? Uns desenhos que os homens fazem com agulha e tinta, às vezes, às vezes de outra forma, e que uma vez feitos, nunca mais saem. E que desenhos são, que não vejo casas, nem essas coisas que se desenha, ah, isso não é o que parece, isso são os caminhos que eu percorri, mandei fazer um mapa dos lugares por onde andei na própria pele, para não me esquecer deles. Assim que essas linhas são os caminhos, as estradas por onde andaste, e ele respondeu, sim, e ela soube o que era que tanto queria. O Viajante estava ao borde do sono como estivera ao borde do abismo, quando ouviu ela dizer, não existe nada que a agulha de um homem faça, que a agulha de uma mulher não possa desfazer. Então ele deixou-se cair no único esquecimento do qual se volta, e quando estava profundamente adormecido, ela levantou-se, tirou da bainha do vestido uma agulha que sempre tinha ali, guardada para uma emergência, e pacientemente levantou a primeira estrada

que ele tinha andado, um grosso fio vermelho que ele traçara originalmente com seus passos. Uma gota de sangue escorreu por um lado, uma única gota de sangue, e ela começou a desfilar a vida dele lentamente, e enrolar os fios um a um num novelo pesado e colorido. Ainda não amanhecera de todo, quando terminou. Vestiu-se em silêncio, saiu do quarto levando a bola de cores como quem leva um tesouro e, ao passar pela cozinha, cumprimentou a tia que tinha acabado de levantar. Onde estaremos hoje, comentou a mulher, e seus olhos claros não tinham alegria nenhuma, hoje estaremos em casa, onde estaremos sempre de hoje em diante, respondeu a mulher e a tia a fitou estranhada, mas essa sobrinha era estranha por si só, fazia coisas estranhas, punha e tirava mau-olhado quando queria, afastava sempre as tempestades, sobretudo porque era esse seu principal trabalho, afastar as tempestades do caminho que seguia a vila pela noite. Era ela quem, parada na ponta mais alta da torre do castelo gritava "Santa Bárbara bendita, lá no céu está escrita, num papel com água benta, livre-nos desta tormenta, que a leve lá para bem longe, prá onde não haja pão nem vinho, nem flor de rosamarinho, nem mulheres com meninos, nem vacas com bezerrinhos, já os galos cantam, já os anjos se levantam, já o Senhor está na cruz, para sempre, amém, Jesus" às nuvens enfurecidas, ao vento que ameaçava com soprá-la ao nada debaixo da cidade. E ainda que não houvessem vacas em Marvão, e embora o último pé de rosamarinho houvesse secado quando a sobrinha era pequena, e os galos já não cantassem, a tempestade retrocedia, abria passo, e Marvão passava inteirinha para o outro lado da fronteira, que lado não

importava que sempre passava para o lado oposto, toda noite. Tampouco nasciam meninos em Marvão. A única que esperava um filho era Rosa Maria, grávida há anos, decidida a dar à luz somente no dia em que a cidade pousasse para sempre em algum chão. Tudo isso pensou a tia quando a sobrinha passou com aquele novelo estranho e lhe disse essa coisa esquisita, "hoje estaremos em casa". Depois, coisa ainda mais estranha, sorriu um sorriso maravilhoso, e disse que lhe queria muito bem.

Fora ainda era madrugada. O céu se clareava à leste, e a manhã prometia-se ao sol e ao céu azul, virgem, que toda a madrugada é virgem, até que o sol irrompa dentro dela. A mulher desceu as ruas e escadarias, quase sem empurrar o novelo, que, redondo, descia sozinho. Na praça do Pelourinho, parou um momento pensando que o melhor era não precipitar-se. Sentou-se sob a árvore que arfava como ela, e lembrou da noite anterior com um estremecimento de prazer. Depois foi quando o sol sangrou o horizonte, e a terra tremeu de leve baixo os alicerces e a bruma subiu rapidamente para o céu, virou nuvem e se foi. Desde o Pelourinho, Maria das Graças, a benzedeira, contemplou a paisagem cheia de colinas arredondadas, de montes verdes,

de terra larga, e decidiu que estava bem. Que Marvão podia ficar ali. Que ela bem podia ir-se — finalmente!

Foi a primeira a pisar a terra desde o portal, e debaixo de sua pegada nasceu uma estrada curvilínea. Colheu a ponta do novelo, enfiou na agulha para emergências e, desde a pedra do portal, ao redor de toda a muralha, cozeu com as estradas do Viajante, a cidade nômade ao chão. Quando terminou, atirou a agulha para longe, sacudiu os ombros como quem se livra de um fardo, e sob o choro agudo de um recém-nascido, baixou o caminho todo cantando. Desde então nunca mais foi vista.

O Viajante despertou depois do meio-dia. Lhe doía o corpo e recordava a vertigem junto ao portal como um pesadelo distante. Percebeu que perdera as tatuagens quando foi lavar-se. Tentou lembrar-se dos caminhos que percorrera, não lhe restara nenhum. Como quem perde o sentido da vida, recolheu suas coisas, pagou o pernoite e baixou o caminho que nunca subira. Quando chegou à estrada mais larga, parou um momento e suspirou. Da pele lisa emanava um perfume de cedro e ébano. A estrada nua e infinita, parecia imoral.

POEMAS

António Gonçalves

*"Um dia sem noite,
uma noite sem dia."
Joan D. Vinge*

MORTOS DORMEM (ALGUNS) OBJECTOS

1

Reconheço os objectos
eu dormia na cama de meu avô.

Porque insistes em perdoar-me?

Nasce algo em oriente
um monstro um enorme peixe monstruoso.

Não rio em oriente
não visto esta roupa negra desde o princípio.

Ninguém entra na minha casa
ninguém vigia na noite.

2

O monstro ergue-se
os avós devoram os avós.

Na casa de meu avô os
objectos
velhos inabaláveis.

Porque vieste?

3

Agora digo morrer
é onde se é mais preciso.

Estamos porém longe de sermos o
que nos destinámos a ser.

4

Filha minha morrer são os calendários
farsas intencionais para medir o
tempo certo.
Quem o duvida?

5

Na casa de meu avô reconheço os objectos
fantasmas suspensos
em tardes sólidas cor de tijolo.

E tu vens desta saudade interrompida
trazes a sombra do teu pensar
espero.

Deixa-me morrer agora.

6

Este animal grotesco respira pela cauda
tem muitos olhos e
bocas e
garras e
dentes sobressaídos
é feio minha filha não o olhes.

7

— Os objectos são figurações inesquecíveis
da memória —

Seres de uma outra dimensão
(crescendo em oriente).

8

Neste instante um homem cresce.

Alimenta-se de pequenos répteis e crianças.

Cresce cresce assustadoramente.

9

Somos inimigos fixos xeque-mate. Criei-te
para meu lazer xeque
mate. Sim, morrer
é beber as palavras que crescem em oriente,
impôr a mestria do
espanto.

*Eu dormia na cama de meu avô
também lá estavas tu
minha filha.*

10

*Os objectos transitam numa
esfera familiar dão-se a conhecer num
espaço re
conhecível.*

*Os caminhos entrelaçam-se pelo óbvio das
noites*

Porque insistes em perdoar-me?

11

*Não não rio
sabes que estou pronto para morrer.*

*Os calendários são farsas não
existem segundos nem minutos nem
horas nem dias nem meses nem anos
nem décadas nem séculos nem milénios.*

*Morte é o nome da casa de meu avô
a cama onde eu dormia.*

12

*Um guarda-fatos Um relógio de parede
Uma banquinha de cabeceira. Uma cama
Uma arca de madeira
Os objectos que dormem mortos.*

13

Quem cresce em oriente?

Digo-te filha minha: um monstro

*um monstro disforme e repugnante
girando para trás deste erro eterno.*

14

*Com o meu corpo às avessas a
vida sustentando-se na penumbra.*

*Liberta-me com os teus dedos trabalhando na
noite*

15

Não entrarás nunca na minha casa.

*Nunca repousarás nunca
devorarás o espanto dos meus olhos ruínas
sobre ruínas e mais ruínas
homenagem de Deus à Natureza necessário
tributo à vida o preço das noites
às portas da morte é certo. Sim.*

16

*Em tardes sólidas cor de tijolo os
objectos
todos velhos. Eu dormia
na cama de meu avô, minha
filha cor de tijolo.*

*Objectos pertencentes a uma outra dimensão
seres de uma trama inextricável.*

17

Uso. Pó há muito acumulado.

18

O tempo não se mede ó monstro oriental.

19

Reconheço os objectos eu dormia na cama de
meu avô
expandindo-me em comunicação até ao fim
da

memória — (memória, memória) — máquina
reconhec(ível)edora da
transitoriedade.

20

Os jogos divertidos brincámo-los depois.
Outrora.

Jogos para matares o teu tédio eterno a
longínqua quietude dos mortos.

21

Depois diz-me que o universo não tem fim diz-
-me

que ninguém vigia na noite ninguém
entra na minha casa.

22

Os mortos os mortos entre o nascer e o morrer.

Eu dormia na cama de meu avô
reconheço os objectos.

Deixa-me um abraço na partida.

FÁBULA

1

Caminho pelo nevoeiro pela ir
respirável beleza dos objectos com
uma crueldade cheia de paixão

Esculturalmente insolitamente

percorrendo essa nova
velha solidão de formas palpitantes e
secretamente
inúteis — vida vida.

2

Lenta áspera metamorfose o inextricável
silêncio guiando-nos
de encontro aos rochedos da dolo
rosa pesada sabedoria humana.

3

Como se tudo fosse demais sendo tão pouco.

E as ruas as casas as
cidades as pessoas as
coisas que — tudo me dói.

4

Imensa a nossa tristeza a
nossa liberdade desejo de
permanecer jovem dizemos.

Este foi o suicídio impotente este o
de ficar preso a chamas apagadas em
ocultas candeias feitas de gente.

5

Da minha crassa primeira
juventude a
paisagem outonal cinzento
enredar de formas brusca
mente volúveis.

Ou uma bruma um assombro.

Que saudade é esta?

6

Ventre transformado em mágico segredo só
este o mo(vi)mento como
quem aflora com a boca um corpo nervoso e
frágil.

7

Que viesse o mar babado de riso me
desse a voz o sangue tudo: de
fôlego em fôlego
— com um golpe duro
forte e premeditadamente ágil.

Que eu fosse uma ferida de água envenenada
uma cópula enchendo a respiração.

Que sob(re) os meus olhos a fenda breve do
medo
acordasse em mim um terror silencioso
que um grito fêmea se apossasse da minha
garganta.

8

Assim: um
espasmo uma ir
reduzível mentira.

9

Chamas — que arda tudo.

As labaredas dessa inevitável e
subversiva
colaboração com o mundo — palavra

Palavra entrando-nos pelos ouvidos dentro
(a mágoa que nos foi solicitada)
como um vulcão assombrando
nos essas faíscas transparentes que nos
excedem.

10

Para além do nosso fardo que é o medo
somos aqui:
vestígios pré-históricos da in
fértil imaginação de Deus

(Nessa ânsia fugaz que por vezes cria heróis).

11

A pavorosa sensibilidade luminosa do
amor
(drama ou covardia?) sobre a
qual erigimos a nossa vivência as
nossas perguntas angustiantes.

13

Acompanhando-nos a nostalgia doce ideia da
morte.

14

Liberdade essa em que
estamos reduzidos a ser l-n-f-l-n-l-t-a-m-e-n-t-e
homens
essa (des)crença bárbara
essa herança do depois.

15

Somos como pedras apagadas
mudas

Consustancialmente
construtores do nada.

VISÃO PERTO, VISÃO LONGE

1

*Carregas o silêncio que as
aves
transportam ao re
colherem na*

noite.

*Transportas o silêncio que
as aves carregam.*

Recolhes a ti.

2

*Outras são as aves outro
o silêncio ainda mais (do) que ele mesmo.*

3

*O silêncio que trazes con
tigo esperando as aves na*

noite.

*Do dia a noite carrega o silêncio o re-
colher do dia transportando
aves
para além do silêncio.*

4

Virá o dia

Por ele saberás aguardar.

JAZZ/BLUES

1

*Tábuas vermelhas sem
fim a estrada uma
velha camioneta*

*Os negros trabalhando
vermelha a terra
vermelho o suor
quente a terra*

*E pelo fim de tarde nos
campos a música
negra*

negro o blues.

2

*Caves cinzentas talento(s) sem
fim improvisando o som ritmo
pelos pés e cabeças amparado*

Não acabando a festa

*Caves cinzentas suor
gin e cerveja
o jazz
o jazz es
correndo dos corpos.*

O ERRO

1

*Rectângulo 70 cm X 50 cm janela
Rectângulo 1, 80 m X 50 cm porta
Quadrado 80 cm X 80 cm janela.*

2

Uma chávena de café
redonda.

Preto o café

Pintura.

Smiths e a mãe a chegar.

3

Engana
se quem me dizz "nunca
lá chegarás".

4

Eu já (cá) estou:
P-o-e-s-l-a
quadrado ou rectângulo não importa.

5

Poeta do século XXI fernando
(quase) pessoa
eu sou.

(Demais o pretensionismo. Aparte.)

Só poeta
felizmente.

6

Fica a intenção.

(Do inferno cheio está)
etc etcétera amen.

7

Casa minha casa minha
— Casa de meus pais certo.

Quadrado Rectângulo.

Um erro.

8

O erro que (me) habita.

PARA A ANA

1

Lenta arde
a pesada herança do teu corpo.

2

Quando novamente o sol?

1

Aqui a vergonha ultra
passa os séculos que nos
comeram pêssegos
com cérebros exultantes de vida pomos
uma pedra nas nossas sepulturas ainda
vazias gastas pelos séculos comidos pela
vergonha de sermos pequenos tanta
a pôlpa fresca e sumarenta.

2

Séculos sobre séculos vamos com
eles em direcção a
nada (sabemo
lo tão bem — não estamos

inocentes — somos tão grandes tão exigentes no nosso querer) pois o sabor dos pêsegos não é dizível vivos pela memória ultra passada da vergonha aqui sofremos rimos lutamos com as sepulturas sempre à espera vidas de séculos adiadas e é bem possível que pelo fim do dia é bem possível que bebamos um sumo de pêsego coragem bebamo lo sem perguntar de onde veio quem o trouxe às nossas bocas.

3
Apenas a vergonha aqui (?) ultra passada pelos séculos que nos vão comendo somos tão antigos velhos como a esperança já tarde vamos dormir e não esquecer: todos somos uma pedra qualquer numa qualquer sepultura.

4
Porque a vergonha que nos habita é mais sumarenta que o próprio tempo.

HABITAÇÃO DO VENTO

Este é o meu crime:
transformar tudo em poesia

1
Estou morto. Viagem à londres de charles dickens com templo atônito o meu cadáver.

2
Volto a este lugar creio
que nunca daqui saí. A História não existe.

Porque habitas os meus sonhos?
Que procuras?

Tinta azul ou tempo de
romãs — serás tu um deus solitário?

3
Raiz de dor este meu corpo tão
próximo do teu. Sacro ódio sacra arte.

Volto a este lugar. Estamos reduzidos aos
gestos vidros espalhados em forma de U.

Prenúncio de renúncia vieste.

4
Tu habitas o rio.

Voo cristalizado na morte
— processo alquímico.

Volto a este lugar em
bebido em metal borbulhante.

Que queres tu? Bem vês a História não existe.

5

Louvaremos o século XXI — azul e
negro — riremos alegria sem
limites errático jogo de poder.

Ouro líquido — ó deus alquímico —
sol nas ruas móveis.

Subversão de ti os olhos entre.

6

Amontoado de detritos homem
magro homem gordo — que
destróis tu?

Equilíbrio, respondes, equilíbrio.

7

A História nunca existiu.
Só estas mãos, moínhos de
água, estas mãos simiescas
— audácia de mulher flor
aguada. Vieste.

8

No inverno os mártires secam
são às dezenas

Fetichismo das marionetas inocentes.

Porque invades assim o meu pensamento?

9

Quem sou eu para ser eu?

10

(Ou ainda — onde amar o amor?)

11

Só acreditarás no que te disser:
Luz — cair tenso de neblina.

Cansaço muito.

Irónica postura da sobrevivência histórica.

12

Arte. Sacro ódio.
Que deus habita em mim?

13

Aqui nunca daqui saí. Este
lugar habitação dos dias rudimentar
gesto de ternura vento por
que me chamas?

Fogo sem fumo?

14

Por vir
Pro criação
até ao fim a célebre miséria quotidiana.

15

(De dia as estrelas não se vêem porque estão
a dormir)

16

Volto a este lugar
(dickens? Londres?)
ossos
ossos das mãos regendo
se por leis (des) conhecidas ao próprio
corpo.

E o vento?

17
O vento sim o
vento no vento *ah* lembro-me estamos a
caminho do
inferno.

18
Estes olhos receptáculos de
lágrimas em procissão. Palhaço sem
circo

este tempo habitação de Deus.

Porém digo-te: reduzo
te a esquema matemático flor
aguada demais é este lugar ou este rio.

Esquecê-lo.

19
Mão vestígio em papel. Herança do
tempo que se (re) concilia.

E agora agora mesmo
esgotámos todas as mentiras possíveis.

20
Lábios de mulher sob
re lábios de mulher — primavera
primavera rompendo em dor pelo ânus da
terra.

Esqueçam-se depressa de tudo isto.

21
Erotismo do devir o vento torna
possível a dor do re
nascimento — habitação,
habitação do poder se assim o quiseres.

22
Poderosa dança esta fundindo
se feminino em masculino mortal
fidelidade ao destino.

Dançarinos poderosos, estes.

Porque vieste? Responde
me depressa responde.

23
Sem regresso fiquei sepultado na
infância olho atônito o meu cadáver.

É fácil de ver que (já) estou morto.

24
Digo: todo o vocabulário é inútil.

E no entanto.

Porque não frente a frente, célebre
inimigo oculto?

25
Vens com o vento.

Mas isto já eu o sabia.

Habita-lo.

26
Já disse a História não existe. Existe
outrossim o

envelhecimento biológico progressivo processo
alquímico.

27
(Ah é verdade um poema é sempre um poço
sem fundo)

28
Voltarei a este lugar a
companhado das bruxas célebres femi
ninas sedutoras entre o sonho entre
a ponte da morte e da vida.

Esse foi experimental período meta
físico animal que caminhas no escuro.

29
O eterno retorno.
Aqui. Este lugar.
A habitação do vento.

E os dias que deles fazer?

30
É óbvio que no sonho há uma mulher há
sempre uma mulher na
infância ou na longa foice da morte.

Porém a História não existe e
eu sou uma criança fugitiva
fugaz
pedra fixa de uma rua qualquer da
londres de charles dickens.

31
É preciso aprender o sigilo delicado da
dor do medo interno aprender o
interior e a magia do terror.

É importante (saber) caminhar nas trevas.

Mas tu sabe-lo bem.

32
Luz sombra luz sombra luz
sombra: aprender a falar com as
sombas dirias tu.

Viver a magia. Tu, ó Deus?

E a luz?

33
A luz no poema.
Aqui. Neste lugar.

Agora estou morto.

**ACERCA DA FRASE DE HERBERTO
HELDER: "MEU DEUS, FAZEI COM QUE
EU SEJA SEMPRE UM POETA OSCURO"**

1

Era uma princesa uma princesa para
afastar dragões para assustar dragões e
monstros menos civilizados era uma princesa
com muitos quartos lá vivia um pequeno
rapazinho
pagem da princesa num dos quartos do castelo
onde
vivia a princesa que assustava dragões e outros
monstros.

2

Era um povo um povo para assustar pequenos
rapazinhos um povo que amava a princesa e
a princesa entregou o seu pagem a esse povo
e
enforcaram-no era uma princesa que matou
um
dragão atou um rapazinho era um povo feliz
uma princesa um pagem enforcado na praça
pública um pequeno rapazinho que tocava com
os dedos os sonhos dos dragões e os amava.

3

Era uma princesa um povo feliz um pagem
um pequeno rapazinho a princesa ficou sem
pagem e os dragões? Os dragões?

A MORTE VESTIDA DE BRANCO

Constróis os cavalos da infância a uma
velocidade nunca inferior à velocidade
da memória cavalo dando voltas sobre
si mesmo círculos que nunca se repetem
sendo sempre o que outrora foram.

A minha vida não sou eu.
Tudo se perde tudo se volta a encontrar.
Que procurava Siddartha?
Que procuram no outono na primavera as
árvores?

Começo a contabilizar os mortos.
Começamos todos a morrer há
muitos anos atrás quando ainda estávamos
inocentes quando ainda não se sabia que
morrer seria assim.

Heróis do mar nobre povo
contra os canhões marchar marchar.

E de repente o silêncio da noite invadindo-me
a culpa.

2

O outrora é a mudança o que fica é
igual ao que partiu constróis tudo
o que me darás o que me deste foi há
muito tempo constróis futuro à
velocidade do passado e o presente? O
presente quem habita? Quem o suporta
assim tão pesado tão lento tão lento
cavalo a passo.

Viver será sempre (?) o enigma de viver.
Que procuravam Goldmundo e Blimundo?
Heraclito meu amigo gosto de te ver aqui
nascem morrem estações só os segredos
permanecem só as árvores os detêm e não
os revelam queimar-me-ia não morreria de pé.
A minha vida não sou eu.

Contabilizo os mortos.
Os mortos não têm nomes mas
"conhecem o futuro" contabilizados todos
eles mortos mortos morrer é assim.
Heróis do mar nobre povo
contra os canhões marchar marchar.

Porque canta de noite o rouxinol?

O PADRE

1
Era uma vez um padre
que foi à caça de poetas.

2
Dizia o padre: "morte
aos poetas que espalham loucuras."

3
Esse padre ardeu no inferno.

4
Paz á sua alma.

1
Que podemos fazer?

2
Guardar no coração o silêncio das
palavras dos outros escutar a voz
dos mortos fingir que estamos sós
estranhos no nosso próprio silêncio
escondidos nas palavras escutando o
silêncio até ao fim é isto isto
apenas o que podemos fazer.

3
Depois será talvez possível escrever um
poema como se fosse o último como se
fosse sempre o primeiro afogar-nos no
crepúsculo líquido dos nossos olhos
pousar por um momento as mãos no
coração enquanto lá fora a vida a
vida à espera esperando o dia em
que a esperança caia é isto
tudo o que podemos fazer.

13 DE MARÇO DE 1989

1
Hoje escalei uma montanha
e lá em cima chorei chorei chorei.

2
Hoje falei com Deus
Hoje Deus obrigou-me a descer uma
montanha.

3
Hoje encontrei-me
perdi-me
(re) encontrei-me.

OS PÁSSAROS

1

Paro no lugar onde os pássaros habitam.

Começo a matar os pássaros. Deles só fica a minha sede. Os pássaros sirvo-os conforme posso caçador de ninhos.

2

Alegro-me na frescura desta água a descoberta da selvagem sintonia dos pássaros a sincronizada disposição das suas asas dispondo a arma para os matar.

3

Mato os pássaros com todo o amor que me resta pois disseram-me que tudo fica preto quando se ama. Mais não faço que secar feridas sulcos inevitáveis na violação dos ninhos inocente de mim. Só assim poderia olhar as minhas mãos culpadas coerentes na precisão do disparo.

4

Paro no lugar onde os pássaros habitam só fica a minha sede morta pelos pássaros.

O TEU CORPO

1

Primaveril queimadura o teu corpo re pousando entre as minhas coxas.

2

Linha visitada de branco dis

posição do poeta ejaculando
poemas entre as tuas coxas.

3

Soldado desconhecido rebelde ou bandido alcançando o teu corpo primaveril queimadura entre as minhas coxas entre a linha branca do poema.

1

Em noites como essas éramos invencíveis.

2

Trazíamos às costas a ébria felicidade de estarmos vivos com as mãos tocando mãos colados às coisas mais evidentes imagens vivas de felicidade os nossos olhos perdendo se na imensidão do desejo

EM NOITES COMO ESSAS ÉRAMOS INVENCÍVEIS.

1

Minha mãe hoje posso contar-te como foi. Foi assim:

2

Meu pai nessa noite bebemos um palhete de 14,8 graus quase quinze pensava eu sete homens para nove litros de vinho vês como me lembro? Mas é preciso dizer mais é preciso dizer que nessa noite estávamos inocentes — meu pai bebemos um palhete nessa noite 15 graus — celebrávamos o último dia do ano morte e ressurreição e estávamos limpos todos digo-te estávamos sete homens completamente inocentes e

bêbados nenhum depois meu pai fomos para
a casa materna filho e pai retomando o
tempo mordido pelo tempo mãe perdoa
nos hoje é o último dia do ano amanhã é outro.

EPITÁFIO DE UM DESCONHECIDO

1
Não tenho camisas nunca
acreditei em nenhum homem.

2
E terei que fazer exigências a
quem me queira salvar depois
quero falar em inglês just me
and nobody else.

3
Nunca acreditei em poetas.

4
Tive uma única vez um amigo falava
uma língua que eu não conhecia.

5
Continuo a ser romântico.

VINTEQUATRO

1
Escrevo um poema por trás dos anos que
são vintequatro porque o que está atrás
nunca será sempre igual ao que está à frente.

2
Alternativas: ser dócil singelo simples como

a vida que me deram tão bom escrever um
poema
às portas da morte assoar-me aos lenços
usados
não mais recorrer à minha dignidade ser o
homem que nunca sonhei ser incógnita
felicidade esta de escrever um poema por
trás dos anos vintequatro.

3
Porque tudo é breve até a flor desabrochando
na manhã (sobretudo essa) porque tudo é
breve vintequatro anos breves porque há
sempre alguém atrás alguém à frente e
tudo porquê? Porque os segredos ainda não
foram contados e crescer é assim acaso pro
ximidade com a morte contrato assinado o
luto de escrever um poema por
trás dos anos vintequatro.

1
Plural e singular reunidos diz
me como é que somos?

2
Este jogo esteve sempre viciado
— (tempo, tempo) —
ouço as horas uma a uma noite após noite.

3
requiem por este jogo viciado
herdeiros da fraternidade diz
me como é que somos?

1
Ouve vamos embora?
Ensina-me a cantar.

2

E as palavras?
As palavras deixamo
las espalhadas pelos livros as
palavras correm nos túneis estriados
das bocas correm no silêncio dos olhos
nas artérias das mãos desembocam nos papéis.

3

É como se tivesses vivido sempre um
pouco inclinada sobre os teus cabelos
(des) prendida e ausente suavemente con
fundida em estado de graça colhendo
imagens vivendo palavras todas elas de
poetas vindas.

4

Ensina-me a cantar.
Ouve vamos embora?

A FÁBULA DOS OLHOS E DO RISO PERDIDO

1

Esta é uma história em que falarei de uma
criança perdida e de um anjo de asas negras.

Esta é uma história em que falarei do
Homem-Que -Perdeu-O-Riso e da Fada-Dos-
Olhos-Tristes.

2

Sempre lhe haviam dito que tinha uns
olhos bonitos e ele nunca se havia perguntado
porquê. Mas devia ser assim — se todos lho
diziam — e ele continuava sentado na inocente,
feliz ideia de que tinha uns olhos bonitos.

Um dia disseram-lhe que os seus olhos
estavam doentes e ele, que não sabia nada, que
nunca vira nada, perguntou porquê e ninguém
lhe respondeu.

No dia seguinte acordou sem olhos e foi
então que começou a aperceber-se de toda a
luz que havia espalhado dentro do mundo, dentro
das coisas e das pessoas.

A partir desse dia e contrariamente ao
que todos lhe diziam, o homem que tinha os olhos
bonitos ficou ainda mais ignorante, pois nunca
ninguém lhe disse por que acordou ele um dia
sem olhos — e nunca ninguém lhe disse por que
os havia tido. Desde esse dia nunca mais o
ouviam rir.

3

O Homem-Que-Perdeu-O-Riso está
sentado em cima dos cogumelos venenosos.
Atraçoaram-no e ele planeia uma guerra em
grande escala. Perdeu todas as cartas do jogo
— nunca as teve — está sozinho e ninguém o
ouve.

Ele vive no medo. Acabará por perder
todos os gestos, ficará mudo. É cego, não tem
olhos. Ninguém o poderá ouvir. O Homem-Que-
Perdeu-O Riso sabe todas estas coisas e todas as
coisas que hão-de vir. Ele é patético. Pergunta,
sentado nos cogumelos venenosos, porquê?
Porquê? e tem medo de nunca vir a saber a
resposta. Está sozinho no meio do segredo de
Tudo. O anjo de asas negras abandonou-o.

4

Gigantescas as sombras projectadas
nestes muros, nestas paredes brancas.

Aqui é o meu túmulo, disse o poeta. Que poeta?, Perguntarão. Pois, o poeta do esquecimento, aquele que perdeu os olhos e nunca mais os encontrou.

A distância que o separa da morte é a mesma que o separa da vida. É uma criatura sonhando sombras gigantescas em forma de anjos de asas negras.

Encostou-se ao seu medo tentando escutar o que o espera do outro lado. O lado onde perdeu os olhos. Está sentado nos cogumelos venenosos tentando encurtar as distâncias. Não sabe nada do que espera nem nada daquilo que o destino lhe destinou. Sonha. O sonho é, para ele, o segredo último da esperança.

Ele prepara-se pois sabe que esta é uma história verídica de terror, esta que vos estou a contar. Ele sabe que o anjo das asas negras virá e que o momento é breve e não se repete: "o seu curso é fixo".

5

A Fada-Dos-Olhos-Tristes chegou e encontrou a criança. Disse-lhe a fada: Viste por aí os olhos do Homem-Que-Perdeu-O-Riso?

Não, respondeu a criança, aqui só estou eu em cima destes cogumelos venenosos, esperando a morte e alimentando-me do meu ódio. Viste a Morte no teu caminho?

Vi, respondeu a Fada-Dos-Olhos-Tristes, mas ainda terás que esperar muito, muito muito tempo. Vens comigo entretanto ajudar-me a encontrar os olhos do Homem-Que-Perdeu-O-Riso?

Vou, disse ele.

E lá foram. Nunca mais ninguém os viu.

PELA RAIZ

1

Exigir perguntar pelo motivo das palavras. Assaltar as ideias continuamente.

2

Dizer: "um urso de peluz faz parte da minha memória". Isto é, um urso de peluz — o urso de peluz — existe na minha fantasia memorial.

3

As mulheres quando estão juntas, nuas. Nuas e juntas.

Produzem cintos de ligas. Os pêlos das vaginas são vermelhos.

4

Podia-se falar das mãos. Vamos falar dos ossos das mãos: uma parede branca, um aparelho de raios X, um bigode que fala. Um bigode inteligente que fala.

5

... já de outra referência temporal, como se de repente as reticências marcassem uma fronteira inteligível, real. Inteligível com dois tês.

6

Oprimir por uma não-evidência evidente. Trocar. Mistificar. Pela raiz.

1

Eu vi. Passeavam lentos sob os ulmeiros
bordados
em linhas de inesperada sofreguidão
peristáltica.

Diz-se que pelo canto do olho adivinhavam a
altura
dos ciprestes eram estátuas devoradas pela
inocência
do fogo e a mansidão das suas pupilas
lavrando o ouro
frio das searas era como um velho sentado em
forma de
cabeça de cão.

Hibridamente.

2

É o próprio inverno. Por isso aconteceu-lhes o
acaso
talhado na evidência telúrica das rosas
aconteceu
lhes o trigo dentro dos nomes.

Mas é assim que as camisas ficam molhadas
ao pé dos
cemitérios. Eles respiram aí. Dentro da areia
do que
se torna humano.

Parabolicamente.

3

Querem com isso dizer que o cheiro da chuva
ensina nos
dedos o doce sossego do cancro e movem-se
dentro das
abas das mesas.

Escrevem-se assim as paráfises que sustentam
o sol.

4

Traziam dentro dos cestos os frutos exoftálmicos
sustentando a cor da primavera fendida pelos
nervos coroados do aço.

Anatomicamente.

5

Ah dizia-se que exorcizavam as cerejas dentro
dos glóbulos cinzentos da dor. Construíam poros
dentro do mundo.

E era pela força do seu terrível poder vocal
que bombeavam a noite pelo sangue adentro.

6

Como um sopro que queima tudo dentro de
um tubo ligeiramente musical eles atreviam-se a
espiar os dias dentro do seu labor e as abelhas
roçavam as palavras que lhes sobravam por en-
tre os destroços das bocas.

Até à exaustão. Como um vômito de potencial
alegria múltipla.

7

Era sabido que respiravam dentro dos astros e
a sua voz era bela e temível — inventaram o
lirismo no meio das entranhas — eram um
ralâmpago menstrualmente vivo.

Eu vi.

INSÓNIA

Para a minha amiga Inma cantar

*Hoje o coração não canta,
fica calado no peito,
e sozinha no meu leito
acaricio a garganta.*

*A quem pertence esta voz
que te dizia "meu bem"?
Que pau, que ferro a sustém,
se eu e tu não somos nós.*

*Não tenho sono nem fome,
fumo cigarros a fio,
escrevo cartas e rio,
a noite é longa e não some.*

*O tamanho da tristeza,
meu amor, nem imaginas.
Ando encostada às esquinas,
morta de frio e surpresa.*

*A quem pertence esta voz
que te dizia "meu bem"?
Que pau, que ferro a sustém,
se eu e tu não somos nós.*

Pedro L. Cuadrado

LISBOA, LISBOA

*Tantos sonetos como ahora escribo
y nada tengo para ti, Lisboa;
se me olvidan los versos de Pessoa
y el tiempo es el único motivo.*

*Diez años, doce años que han pasado
y tus pendientes calles, tus olores,
el río casi mar, y tus colores,
vuelven así, sin mas, de ese pasado.*

(1992)

*Pasa más tiempo, y aquí estás, soneto,
con las alas cortadas, incompleto,
esperando que al fin yo te remate.*

*Veinte años, luego veintidós tenía...
Hoy repito tu nombre y eres mía,
aunque torpe memoria te maltrate.*

(1995)

Pedro L. Cuadrado

A MARVÃO

O Sever beija-te os pés,
No Paraíso - Portagem!
No Alentejo palmarés
Da fresca, verde folhagem!

As tuas encostas agrestes,
Pelos Invernos lavadas,
Exalam cheiros campestres,
Melhores que as pomadas.

Subir à tua dignidade,
Por entre castinçais,
Respirar tua virgindade,
Nas muralhas medievais.

'Inda no ventre contida,
Dominando horizontes,
Desse granito parida,
choram contigo as fontes.

Janeiro de águas mil
E a brancura de um nevão.
Brisa florida, em Abril,
Amenas noites de Verão.

Nuvens que em ti descansam,
No mês do Menino Jesus,
São capas de esperança,
São caminhos para a luz.

Primaveras, alegria.
Verões festivos do povo.
Sempre que aí passo um dia,
Fico cheio como um ovo...

Através de soutos, granitos,
De pinhais e giestas,
No Outono soam gritos
Dos teus matizes em festa.

Co'as fábricas de Areias,
Santa Maria Pedrosa,
Aramenha das terras cheias,
... Vais até à Fadagosa.

Miras Espanha de frente.
Rosto sereno, sem igual.
Transmites àquela gente
Os amores de Portugal.

Não sou poeta a valer.
A rima nasce confusa...
Só esta saudade-querer
Desperta, em mim, a musa.

Perdoa, Marvão querido,
Este poema, por tão pobre.
Crê que é bem mais sentido
Que todas dádivas de um nobre.

Vendas Novas, Jan/74
Joaquim Casa Nova

POESIA POPULAR

Recolha de José Garraio Afonso

S ALVADOR CARRILHO MORAIS — Poeta Popular — Natural da freguesia do Reguengo — Concelho de Portalegre e residente no Monte do Rei da mesma freguesia.

Apesar das poucas habilitações literárias é um homem de fino trato e um excelente conversador, com um profundo e perfeito conhecimento da vida social da região onde vive, bem como das localidades mais próximas.

Faz parte da geração de poetas espontâneos, que sem produzirem obras valiosas dignas de figurarem em selecções de poetas eruditos, podemos pela sua espontaneidade, sentir nos seus versos o viver e o carácter das gentes do nosso meio rural, que ele, vezes sem conta, sobretudo em rodas de amigos, soube interpretar e improvisar de maneira magnífica.

Muita da sua poesia é feita de improviso, nada ficando escrito, e naturalmente muita se perdeu. Do que consegui obter, sem dúvida uma pequena amostra, mas que pela ligação que o poeta Moraes tem com o concelho de Marvão e os seus poetas populares, pode eventualmente contribuir para um melhor conhecimento da poesia popular da nossa região, prestigiando pela sua divulgação para a posteridade, a revista cultural Ibn Maruán.

José Garraio Afonso

O POETA POPULAR E AS FESTAS

MOTE

Não prometo colaboração
Não pretendo participar
Sem que haja consideração
Pelo poeta popular

I

Não sou poeta afinado
Mas sei o que mereço
Não me entrego a qualquer preço
Para ir a qualquer lado
Sempre que seja convidado
Já não dou decisão
Sem saber se sim ou não
Vale a pena comentário

Em sentido contrário
Não prometo colaboração

II

Não aceito convites por favor
Porque o favor é meu
Quem faz o favor sou eu
Se sou eu o orador
Hoje quero aqui propor
Um ponto a apreciar
Que resposta vamos dar
A convites feitos assim
Eu quanto a mim
Não pretendo participar

III

Convite em cima da hora
após programa já feito
É uma falta de respeito
É abuso da memória
O poeta não decora
A obra na ocasião
Só com a escrita na mão
Diz tudo correctamente
Eu não sou mais concorrente
Sem que haja consideração

IV

Vem o artista que canta
Por vezes nem é sua a letra
Come e cobra alta receita
Abala, vende-nos a manta
O poeta nem janta
Se não tiver por onde pagar
A gente o melhor é parar
Sem que haja uma promessa
Visto que ninguém se interessa
pelo poeta popular

25 de Agosto de 1990
Salvador Carrilho Morais

AO POETA SERAFIM — REGUENGO

MOTE

JÁ QUE SERAFIM ME DEIXOU
A CHAVE DO SEU ARQUIVO
QUERO VER SE CAPAZ SOU
CONSERVAR O SEU ACTIVO

1ª

Alguém me veio contar
Que perguntaram ao Serafim
Quando chegar o teu fim
Quem deixas em teu lugar
Capaz de conservar
Obra que tanto brilhou
A resposta que soltou
Salvador o mais capaz
Hoje represento o As
JÁ QUE SERAFIM ME DEIXOU

2ª

Fui um poeta curioso
Sem me julgar grande autor
Para ser o sucessor
Dum poeta tão famoso
Sinto-me orgulhoso
Dizendo poemas ao vivo
Mas triste pelo motivo
De já nunca estar presente
Quem deixou para sempre
A CHAVE DO SEU ARQUIVO

3ª

Poeta que sempre conseguiu
Defender o nosso fado
ainda hoje é louvado
Por quem o ouviu
Só apenas desistiu
Quando a morte o sentenciou
Foi quando me nomeou
Para erguer seu brasão
Por ter o mesmo condão
QUERO VER SE CAPAZ SOU

4ª

Desejo sinceramente
Manter o seu nível
Mas parece-me impossível
Por me sentir velho e doente
Mas não desisto à boamente
Isso seria um castigo
Para o ente grande amigo
Amigo de todos nós
Então prometo de viva-voz
CONSERVAR O SEU ACTIVO

1-5-92

Salvador Carrilho Morais

HOMENAGEM A SERAFIM MARTINS BAPTISTA

MOTE

Serafim já morreu
Já não nos faz companhia
Já para sempre se perdeu
A flor da poesia

I

Com oitenta anos de idade
Findou sua jornada
Deus fez-lhe a chamada
Foi para a eternidade
Deixou muita saudade
A quem o conheceu
Todos dizem como eu
Grande perda para o país
É triste quando se diz
Serafim já morreu

II

Traçou bem as suas metas
Serafim Martins Baptista
Foi quem formou a lista
Da assembleia dos poetas
Suas obras estão correctas
Pelo jeito como as dizia
Toda a gente o aplaudia
Com enorme ovação
Hoje já debaixo do chão
Já não nos faz companhia

III

Esta excelente criatura
Poeta de geração
Honrou bem o seu brasão
Até à sepultura
Foi uma grande figura
O tempo que viveu
Como poeta sempre ergueu
O símbolo do improvisado
Este elemento tão preciso
Já para sempre se perdeu

IV

Não sabia uma letra
Este poeta de gema
Logo que lhe dessem um tema
A resposta era feita
Mas a morte que não respeita
Nem admite simpatia
Pressionou-o neste dia
À qual não resistiu
Para sempre caíu
A flor da poesia

01-05-1992

O POETA SALVADOR CARRILHO MORAIS

MOTE

Adeus poeta que te vais embora
Para baixo da terra fria
Deixaste teu nome na história
No alvo da poesia

I

Foste um anjo pequenino
Foste um jovem crescido
Foste um homem desenvolvido
Sem que te dessem ensino
Honraste o teu destino
Até à última hora
Momento que tudo chora
Pelo grande amigo meu
No meu pranto digo eu
Adeus poeta que te vais embora

II

Já deixaste as tuas quadras
Tuas décimas e sestilhas
Dos momentos que assistias
Às belas pangalhadas
Alguma horas bem passadas
Quando a Assembleia reunia
Até que chegou o dia
Que te separaste de nós
Levas contigo a tua voz
Para debaixo da terra fria

III

Levas uma coroa de flores
Que a Assembleia te oferece
Comprovando que não te esquece
Vás tu para onde fores
Levas muitos louvores
Pela tua grande memória
Gozaste muita vitória
Por tudo quanto fizeste
Em toda a área terrestre
Deixaste teu nome na História

IV

Se soubesses escrever
De certo terias escrito
Um livro bem bonito
Bem digno de se ler
Para se não perder
Tanta obra de valia
Como a tua primasia
Que chegou à campa parou
Apenas o nome ficou
No alvo da poesia

01-05-1992

O POETA SALVADOR CARRILHO MORAIS

A Ana Meira Mendes Fé é uma jovem poetisa natural e residente no lugar de Alvarrões — da Freguesia de Aramenha — Marvão, com um bom jeito para coisas de poesia, mas por timidez não tem feito quanto as suas capacidades lhe permitem.

O CONCELHO DE MARVÃO

A vila de Marvão
É a vila mais nobre
Nela vive toda a gente
O rico e o pobre

A vila de Marvão
Ficou na nossa história
É a vila mais antiga
Que ficou na nossa memória

Tem um lindo castelo
Um museu de apreciar
Um lar para os velhinhos
Para todos confortar

Com seu casario branco
Com suas ruas de pedra
Um jardim engraçado
No castelo uma cisterna

Convido toda a gente
Marvão vir visitar
Também tem uma pousada
Para quem queira pernoitar

Tem majestosa igreja
Nossa Sr^a da Estrela a padroeira
Para aí juntar os fiéis
E toda a gente que queira

À beirinha da estrada
Está um chafariz
Para matar a sede a quem passa
E a outros lavar o nariz

Do alto do castelo
Alegra-se o olhar
Avista-se o campo de golf
Para quem queira jogar

Tudo em seu redor
É deslumbramento sem par
Na Portagem a piscina
Para quem se queira banhar

Marvão é concelho
Alvarrões é lugar
Aramenha é freguesia
O Prado é de admirar

Com o campo de golf
Concelho de Marvão vai melhorar
Vai atrair os turistas
E pôr muita gente a trabalhar

Temos boas escolas
Bons transportes a funcionar
Empregos para os jovens
É que é preciso arranjar.

Alvarrões, 5 de Maio de 1996
Ana Meira Mendes Fé



VISÃO À BEIRA-SEVER

*Sabe o rio onde vão as suas águas
e que o mar tem sabor de aniversário?*

*Do outro lado do palco bate palmas
alguém na escuridão
Quem é que olha para mim?*

E por baixo da ponte o rio flui.

Pedro L. Cuadrado



Ilustração de carlos abafa

SEVER, RIO INTERNACIONAL

O Rio Sever e a Portagem, aos pés do Castelo de Marvão, são aqueles sítios frescos para onde corremos a refugiar-nos do calor sufocante de mais um Verão Interior...

Estou-vos a falar de uma Catedral da Natureza, um daqueles sítios que se transformam em sinais. Em lugares sagrados onde os povos se banham, numa comunhão dos corpos com as águas, com os ventos, com a natureza. Estamos, pois, sôfregos da natureza, mascarada de turismo de massas...

Estou-vos a falar de uma nave de humidade e de vida mineral, que se prolonga paredes meias com a falésia abrupta de Marvão, e desliza nos céus infinitos, azuis imensos revolidos por nuvens e névoas.

•

Esta Portagem é uma das portas deste Velho Portugal. Por aqui se entra, e por aqui se sai! Aqui havia, por aqui passava uma Fronteira. A Portagem com o seu Rio Sever, o seu Castelo de Marvão, e as suas pontes, são tudo sítios mágicos. Por excelência. Falo por experiência própria, pois já experimentei ver trajectos luminosos de estrelas cadentes nos céus de Marvão, daqui das margens do Sever...

•

Sou um turista (sempre!) da minha Terra, sou um turista dos sentidos ocultos nas paisagens que sobrevivem, às vezes perigosamente ameaçados por uma súbita vontade de... destruição. Temos que estar vigilantes nas margens do Sever!

•

Marvão erguido no meio dos astros, Marvão visto do Sever; ó rochedo enorme, à tua volta deviam peregrinar multidões em silêncio. A teus pés na Portagem, abrem-se as comportas e passa o Sever direito a Espanha. Abrindo à força um sulco de água na ressequida Espanha Estremenha.

Os rios estimulam a imaginação, quando passam interrogamos o seu destino. Mesmo que seja o Sever, "rio da minha aldeia"...

Os rios, por muito pequenos que sejam, fertilizam também as áridas terras ressequidas das mentes. Há sempre um rio que corre quando se fala de uma história e de uma civilização. O rio é de lado nenhum. O rio passa. Nos rios, nas suas margens, entrecruzam-se gentes, dão-se flutuações luminosas. Miragens que se vão perdendo à medida que chegam as camionetas de turistas ávidos de clareiras abertas em quotidianos sufocantemente rotineiros.

•

É preciso ressuscitar com o poder dos lugares. Nem que seja à custa de uma Arquitectura de Fragmentos. De ruínas que despontam, aliás, por aqui e por ali nas margens do Sever. Ruínas de Templos Romanos. Tempos Antigos em que se celebram, em lajeados agora trazidos à luz do dia, deuses e rituais pagãos. Deuses da Eternidade e da Felicidade. Deuses do Devir. E da tragédia eminentemente humana.

•

Falar, para mim do Sever e da Portagem, é, como já disse, falar de intervenções pontuais de Arquitectura. Como o volume das instalações sanitárias da Portagem, pretexto para uma seta apontada e em contraponto com as muralhas de Marvão. Eu queria projectar um Marco Fronteiriço. Uma Porta de Entrada. Uma Porta do Reino da Utopia, que começaria aqui. Ingenuidades não me abandonem. Desejos absolutos. Senão, deixa de fazer sentido existir, se não for para cumprir uma Grande Missão de engrandecermos a região que habitarmos à altura. "Pátria minha de fundos desenganos" ¹

•

Numa destas noites de Lua Cheia, quero estar debruçado da ponte que atravessa o Sever na Portagem. E quero acreditar que toda esta geometria não foi em vão.

Falar do Sever... é um falar sem fim como o rumorejar das águas distantes. É tão raro por aqui esta frescura. Esta inocente energia de águas que correm. Oásis no extremo norte deste Deserto. Alentejo.

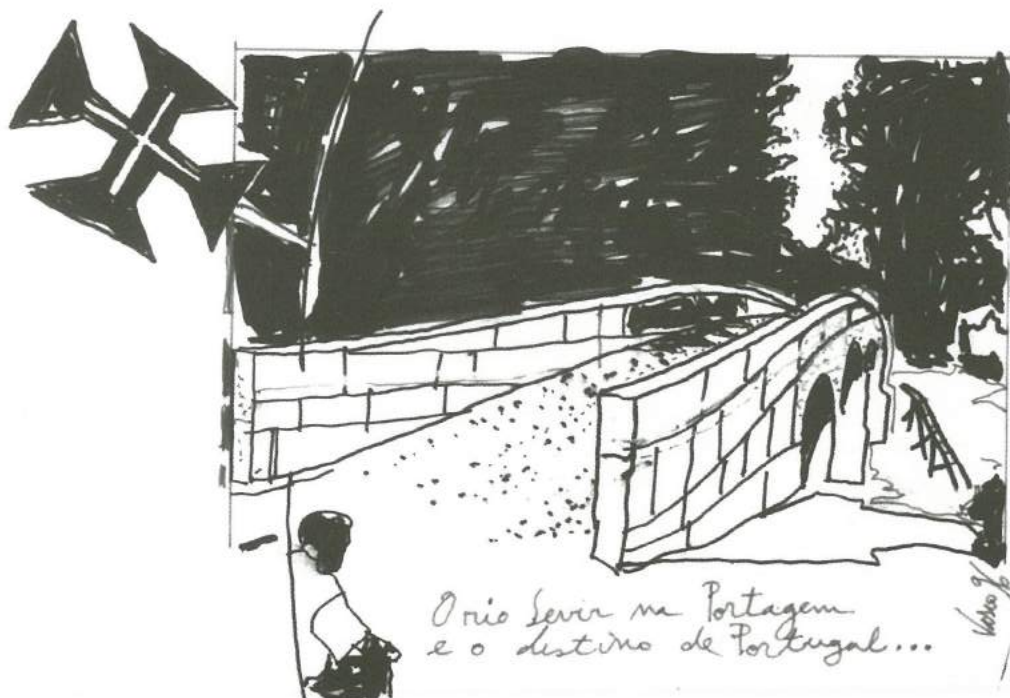
•

O Rio Sever, debaixo da Ponte da Portagem, forma com as comportas fechadas uma piscina natural. Está-se bem na esplanada de comes e bebes junto à Ponte Romana. E à sombra da copa de grandes árvores que querem chegar tão alto como Marvão, lá ao fundo.

Sever, rio da minha aldeia chamada Norte Alentejo. Rio de Marvão. Rio de Portugal a fazer-se por Espanha adentro. A banhar os pés de poetas que às suas margens profundas se recolhem. Dum lado e do outro da Fronteira. Que, para os rios nunca houve fronteiras.

•

O traçado deste Rio Sever, devia ser filmado, melhor fotografado fotograma a fotograma. Desde os monumentos megalíticos até às cidades romanas, até aos nossos dias, feitos de uma realidade rural em mudança... Esta região, foi sítio de eleição para



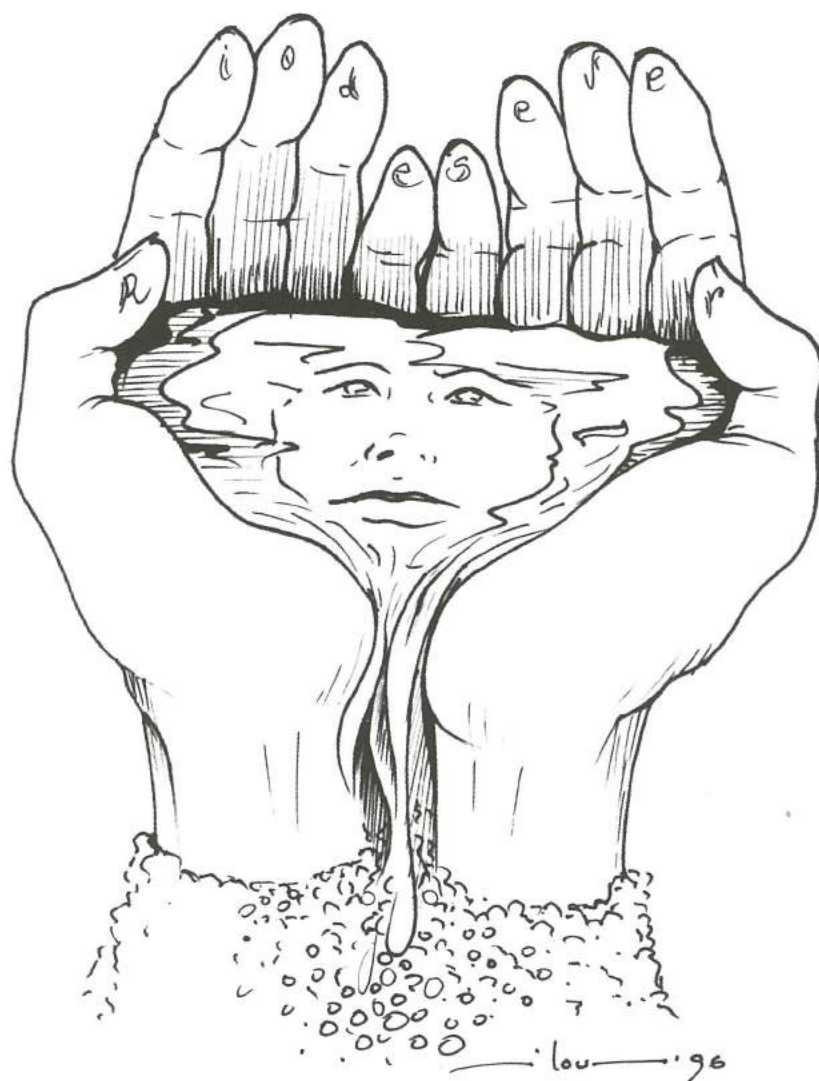
tribos e civilizações. Era, isto que vinha insistindo crónicas atrás no “O PREGÃO”, e que começa agora a ser comprovado na prática, no terreno.

E cá estão, para não me desdizerem, os arqueólogos que chegam, e os velhos caçadores de fósseis...

Falar do Sever é para mim falar da Portagem virada para Marvão. É falar dum anfiteatro (mais um!) que tenho projectado, abrindo-se como um leque para o Castelo, o rochedo de Marvão, à noite cravejado de luzes. Holofotes, acção sobre este cenário. O passado irrompe no presente. O futuro, por muito estranho que pareça, passa então por AQUI! Sever, rio internacional...

Vasco da Câmara Pestana

¹ Eugénio de Andrade — “Onde me levas rio que eu cantei”



Desenho de Francisco Bilou

LENDA DO RIO SEVER

Parece que em remota época um numeroso e escolhido cortejo de ilustres damas e cavaleiros que se deslocavam a Castela resolveram descansar das fadigas da viagem junto à margem do rio. Quando as damas se estavam a arranjar para prosseguir viagem, foi com enorme desgosto que não encontraram um espelho para alisar os seus cabelos. Compreendendo o desespero que isso trouxe às damas, chegando algumas a lançar lágrimas furtivas, um moço gentil e cavaleiro da comitiva disse-lhes que não havia motivo para se entristecerem pois que, para substituir o espelho, tinham elas ali bem perto um belo rio de SE VER.

Como agradecida homenagem e para comemorar a gentil lembrança do cavaleiro, puseram então as damas ao sítio onde estiveram a pentear-se o nome de Porto dos Cavaleiros, nome que ainda hoje se conserva e que a liga a esta remota lenda.

LENDA DO RIO SEVER (PORTAGEM)

... e as suas lágrimas furtivas, um moço gentil e covado...

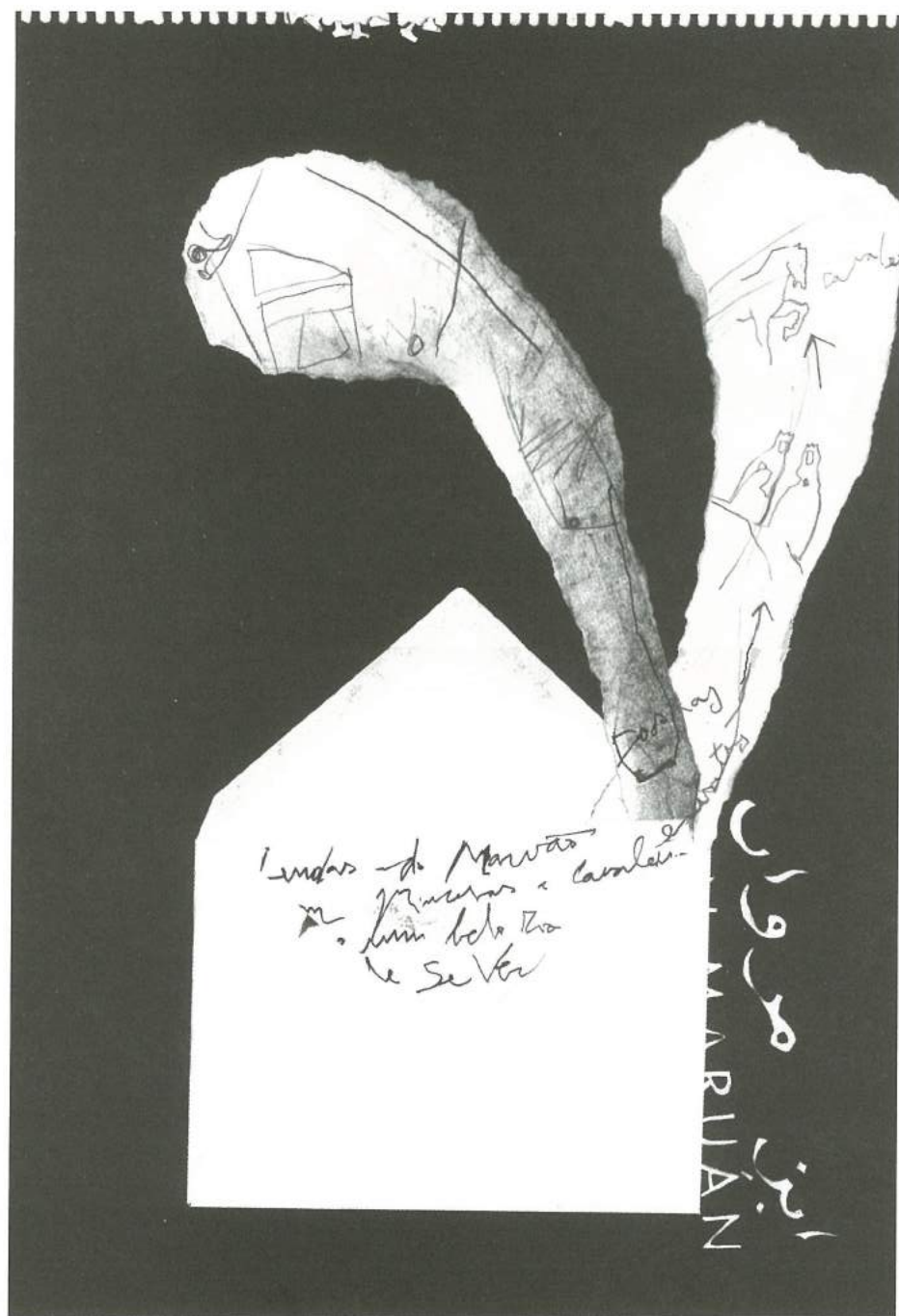


... e as suas lágrimas furtivas, um moço gentil e covado...
para se entristeceram pois que, para substituir o espelho tinham elas ali um rio de SE VER.
um belo rio de SE VER.

Desenho de Amélia Alexandre



Desenho de Amélia Alexandre



Desenho de Amélia Alexandre

LENDA DO SEVER

Conta a lenda...

Havia já alguns dias que a comitiva em que seguia Estefânia se pusera a caminho com rumo a Castela.

Os ventos secos dificultavam a viagem, trazendo de sul o ar abafado, quase sufocante, que o Alentejo não perdoa. O calor, misturado com a poeira das estradas ressequidas e estaladas pelo sol, abrasava os cavalos e cavaleiros e molestava o corpo das damas que não conseguiam de todo habituar-se ao sacudir incerto e constante das carruagens.

De quando em quando, o grupo de viajantes parava para cozinhar as rações adquiridas nas localidades que iam ultrapassando ou simplesmente para descansar um pouco e dar de beber aos cavalos.

A última paragem fora perto de um rio que corre em direcção ao norte, empurrado pela água de pequenas ribeiras e dos enxurros das quebradas da serra que se avista mais a sul...

Enquanto os cavaleiros desemparelham os animais, é preparada pelas criadas a refeição de todos os viajantes. Estefânia e as irmãs tentam, quase em vão, recompor-se das últimas horas de viagem. O pó dos caminhos entranhara-se nas rendas dos vestidos e misturara-se com o suor formando uma fina película em torno dos braços e do pescoço das raparigas; os penteados, que já pouco se pareciam com os que traziam no início da jornada, não passavam agora de um emaranhado de cabelos e poeira; nos seus rostos são visíveis os traços de cansaço que há muito substituíram as feições de contentamento aquando da notícia da futura viagem que as levaria ao reino de Castela. Aproveitam a água que toca a margem do rio para se refrescarem, enquanto tentam coordenar novamente os movimentos das pernas saturadas da posição em que vêm nos bancos pouco confortáveis da carruagem.

Mas os suspiros de alívio das irmãs continuam a misturar-se com as interjeições de desalento de Estefânia que, com o entusiasmo de ter sido incumbida dos preparativos da viagem, se esquecera de colocar um espelho dentro das bagagens. Um dos mais jovens cavaleiros da comitiva, que segurava pelas rédeas dois cavalos para que matassem

a sede na água do rio, movido pela curiosidade aproximou-se das donzelas e questionou Estefânia acerca do seu aparente descontentamento. Surpreendida pela pergunta, ela explica com um pouco de vergonha que, embora as raparigas se ajudassem mutuamente a escovar os cabelos, era depois difícil retocarem os seus penteados sem a ajuda de um espelho e não se perdoava o facto de o ter deixado em casa. O jovem cavaleiro, não querendo deixar escapar aquela oportunidade de agradar às damas, prontamente lhes aponta uma solução: mesmo em frente delas tinham a solução — o rio para se ver — bastando que se debruçassem sobre a água.

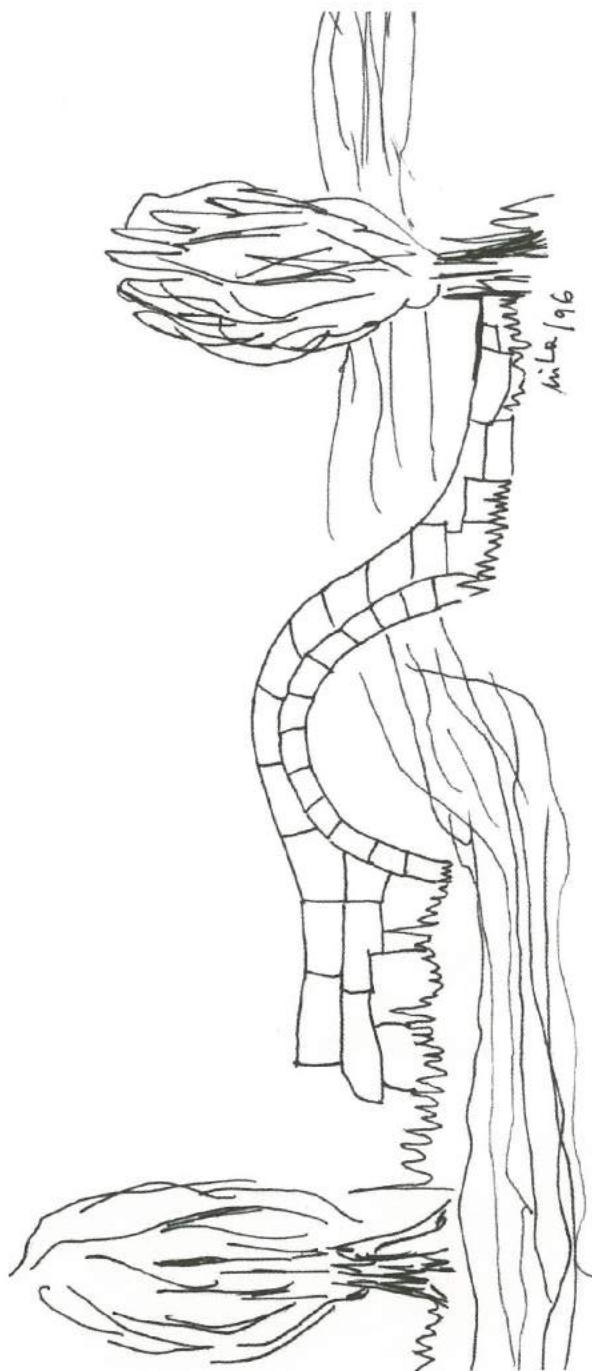
...Assim ficou baptizado aquele rio com o nome de Sever e aquele local perto da margem como Porto de Cavaleiros, em homenagem ao gentil cavaleiro que as ajudou.
Mena Teles





Desenho de Filomena Mimoso

"Sever...
ponto de encontro,
ponte de passagem,
fronteira da amizade."



Desenho de Mila Machado

VARIACIONES SOBRE EL RIO SEVER

*Apenas una sombra ondeando
en el verde profundo de la tarde,
acaso un haz de escamas
y un arrullo de algas como lecho...*

*Argumentos de vida
suben hasta mis labios
y por las venas fluyen
los dedos del torrente.
Pinceladas de líquenes afirman
la pupila en el aire,
en el breve contorno de la brisa
hecha tinta,
o la tinta hecha brisa enamorada...*

*Ay, lugar de torcaces rumorosas,
dulce abismo donde me dejo ir
por los canchales,
de orilla a orilla
— hispana o portuguesa —,
de cantos en el alma
y cantos encantados en tu fondo...*

*¿En dónde desbrozar los sentimientos
para calmar la ausencia
y allanar los recuerdos
hasta alzarnos al filo de la espuma?*

*(Echo al agua el poema
y ya soy río
jugando con el cauce de la historia).*

May Sierra

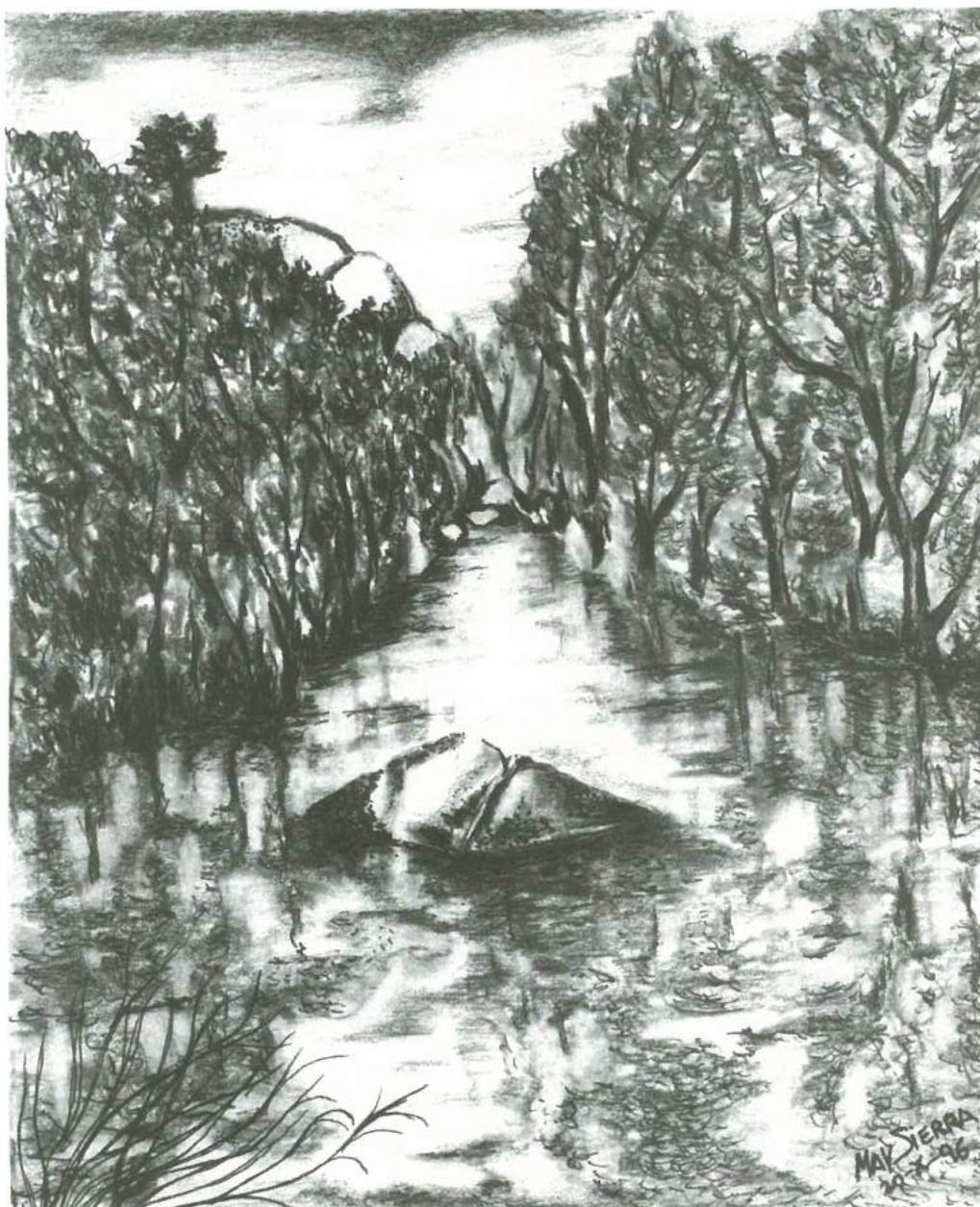
(Valencia de Alcántara)



Desenho de May Sierra



Desenho de May Sierra



Desenho de May Sierra

Gosto do Rio porque
Gosto de molhar os pézinhos.
Às vezes imagino-o cheio de flores
à minha espera!

Xana





Desenho de Miguel Turnino



MEMÓRIAS I

No dia 31 de Março de 1917, um Aeroplano Farman , pilotado pelos aviadores Paiva Simões e Barata Valente, foi obrigado a fazer uma aterragem de emergência no cimo do Cabeço da Urra, junto à aldeia da Escusa, no Concelho de Marvão. Ainda que o Aeroplano ficasse bastante danificado, como se pode ver pelas fotografias, sabe-se que o piloto Paiva Simões sofreu pequenas escoriações e que o seu companheiro saiu ileso deste acidente. Desta ocorrência ficaram duas fotografias do Cliché Costa Pinto, gentilmente cedidas pelo Sr. Dr. Joaquim Canário.



MEMÓRIAS II

Festa sem tourada não era festa. Desde sempre assim foi, diz-se!

O concelho de Marvão não era a excepção à regra e continua a não ser.

Memórias de touradas de outros tempos aqui se revelam, na Escusa (1944).



1944 — Tourada à vara larga na Escusa

ÍNDICE CRÍTICO DOS TEMAS INCLUÍDOS NA REVISTA IBN MARUÁN DE 1991 A 1995

Carlos Marques

O presente trabalho tem como objectivo permitir uma rápida consulta dos números da revista IBN MARUÁN publicados até ao fim de 1995. Todos os títulos publicados foram agrupados por temas e, dentro destes, por título do artigo, seguido do nome do autor ou autores, número da revista e página. Após o índice temático surge um índice por autores.

Alguns dos artigos tornaram difícil um enquadramento temático pela variedade de assuntos que versam, pelo que optámos por aquele que nos pareceu mais evidente.

Uma vez que se trata de um índice crítico poderão algumas informações não corresponder, em rigor, à linha de pensamento e/ou de produção dos seus autores pelo que estamos abertos a críticas e sugestões para ressalvas que sejam consideradas necessárias.

ANTROPOLOGIA/ETNOGRAFIA

- Ritos de Passagem do Nordeste de S. Mamede — João Nunes Vidal, nº 1 p. 67.

Evocação de usos e costumes do concelho de Marvão referentes à gravidez, ao parto e ao baptizado, e que se encontram em vias de extinção. O autor pretende não só dar a conhecer, mas também fixar na memória colectiva estes usos e costumes.

- A Festa de S. Marcos e a Religiosidade Popular - Rui Arimateia, nº 2, p. 15.

Historial sobre a Festa de S. Marcos em Santo António das Areias, Concelho de Marvão, com referências à mesma festa noutras localidades. Neste trabalho, o autor desenvolve um estudo sobre as características da festa e a religiosidade popular confundida entre o sagrado e o profano. O artigo é acompanhado por vasta bibliografia.

- As Caleiras da Escusa — Emília Mena, nº 2, p. 131.

Descrição da forma de recolha e fabricação tradicional de cal na povoação de Escusa. As caleiras fazem actualmente parte da Arqueologia Industrial. Os caleiros e as mulheres que lhes levavam as refeições serviram como tema à poesia popular da zona conforme algumas transcrições de quadras populares feitas pela autora. O artigo é completado com duas fotografias.

- O Tópico da "Despedida" na Poesia Rural do Concelho de Marvão — Manuel Ramiro Salgueiro, nº 2, p. 137.

Artigo de referência para o estudo do tópico da despedida na poesia popular. Neste artigo encontra-se poesia de Joaquim Mariano que serve de motivação ao trabalho

de Manuel Ramiro Salgueiro. Nele encontramos também referências de carácter histórico e, em especial, de carácter literário sobre o verso-a-mote, com explicação exhaustiva desta forma de poesia popular.

- Saudação a Marvão — Manuel Ramiro Salgueiro, nº 2, p. 162.

A história deste poema musicado é explicada por Manuel Ramiro Salgueiro, cuja cópia manuscrita de autor anónimo foi feita pelo Sr. João Manuel Marquez Santa Cruz, chegou à mão do autor através de sua mãe Júlia da Conceição Ramiro.

- Nossa Senhora das Dores e os Três Devotos — Manuel Cebolas, nº 3, p. 85.

Notas sobre a Padroeira de Porto de Espada e a procura de três devotos de nome Manuel para transportar o andor na procissão de Nossa Senhora das Dores.

- Da Cantiga para a Moda — Manuel Ramiro Salgueiro, nº 3, p. 89.

Extenso artigo sobre a cantiga popular e a moda. Apontamentos musicais e literários sobre estas formas de expressão popular.

- O Mito de S. Marcos — Rui Arimateia, nº 3, p. 111.

Conferência efectuada pelo autor no lançamento do número três da revista IBN MARUÁN sobre o Mito de S. Marcos e a religiosidade popular com especial referência para a festa de Santo António das Areias.

- Instrumentistas, Bandas e Conjuntos Musicais do Concelho de Marvão — I - Jorge de Oliveira, nº 4, p. 15.

Divulgação de instrumentistas, bandas e conjuntos musicais do Concelho de Marvão, onde se encontram fotografias, cartazes e cantigas.

- Breve Romanceiro dos Concelhos de Marvão e Portalegre — Ruy Ventura, nº 4, p. 43.

Apresentação de uma recolha de composições do romanceiro tradicional, das quais treze apresentam um teor completamente inédito, efectuada nos concelhos de Portalegre e Marvão.

- A Conservação das Culturas Regionais — Joaquim Cerqueira, nº 4, p. 141.

Artigo que versa a necessidade de preservação da pequena agricultura característica de cada região, como forma de preservação de espécies agrícolas que, de outro modo, poderão extinguir-se.

- A Representação da Mulher e do Homem na Poesia Popular do Sul da Beira Interior — Francisco Henriques e João Carlos Caninas, nº 5, p. 113.

O conhecimento físico e psico-social do homem e da mulher através da poesia popular. O artigo apresenta vasta bibliografia.

ARQUEOLOGIA

- A Lápide Árabe da Serra de S. Mamede — A. J. Caria Mendes e Artur Goulart, nº 1, p. 59.

Localização da Estação Arqueológica do Pinoco de S. Mamede, descrição do fragmento de lápide árabe aí encontrado e a sua importância no conjunto lapidar muçulmano existente em Portugal.

- A Estátua Romana da Escusa (Aramenha-Marvão) — Jorge de Oliveira, nº 1, p. 85.

Referências à pesquisa efectuada com vista à descoberta e identificação da estatuária romana, a partir de um texto escrito em castelhano por D. José de Viu, editado em 1852. O artigo apresenta bibliografia sobre o tema.

- A Anta dos Pombais-Beirã-Marvão — Jorge de Oliveira, nº 2, p. 51.

História, localização, descrição e escavação do monumento. O artigo é acompanhado de inventário e desenhos do material arqueológico encontrado e de fotografias de alguns momentos da escavação.

- Menorot em Cabeceiras de Sepultura Medievais de Marvão — Carmen Balesteros, nº 2, p. 113.

Estudo de duas cabeceiras de sepultura medievais decoradas com o candelabro judaico, existentes no Museu Municipal de Marvão. O artigo apresenta bibliografia.

- A Judiaria e a Sinagoga de Castelo de Vide — Carmen Balesteros e Jorge de Oliveira, nº 3, p. 123.

Estudo monográfico no sentido de localizar a judiaria e a sinagoga de Castelo de Vide. São apresentados resultados de uma escavação feita no edifício identificado como a sinagoga. O artigo apresenta bibliografia

- A Gravação das Carreiras-Portalegre — e Tradições Lúdicas no Alto Alentejo — Luis Miguel N. Carolino, nº 4, p. 83.

O artigo descreve a gravação de elementos relacionados com o jogo em pedras de granito, soleiras de porta, bancos, etc., explica algumas regras e formas de

jogar em ambiente rural e urbano e refere a importância do jogo como elemento de cultura popular. No artigo é apresentada bibliografia sobre o tema.

- Um Conjunto de Placas de Xisto Gravadas do Nordeste Alentejano — João Carlos Caninas e Francisco Henriques, nº 4, p. 147.

Descrição e interpretação de um conjunto de placas de xisto gravadas com motivos de acentuado carácter antropomórfico. O artigo apresenta alguns desenhos das placas em referência e extensa bibliografia sobre o tema.

- Os Mosaicos Romanos do Garrianchos Beirã — Marvão - Isabel Cristina Fernandes e Jorge de Oliveira, nº 5, p. 13.

Apresentação destes mosaicos romanos a partir de fotografias e informações obtidas junto do Sr. José Gomes Esteves. O artigo apresenta mapas de localização, fotografias e bibliografia sobre o tema.

- A Cabeça Zoomórfica do Museu Municipal de Marvão e o Estudo da «Cultura dos Berrões» — Manuel F. S. do Patrocínio, nº 5, p. 25.

Análise formal e estilística acompanhada de interpretação simbólica deste elemento escultórico de carácter zoomórfico localizado no Monte do Seíçal e actualmente exposto no Museu Municipal de Marvão. O artigo apresenta bibliografia.

- A Recuperação do Menir da Meada e o seu Enquadramento Histórico e Geográfico na Bacia do Rio Sever — Jorge de Oliveira, nº 5, p. 59.

Explicação detalhada da escavação e recuperação do Menir da Meada. Excelente

acompanhamento gráfico do artigo. Bibliografia de referência sobre o tema.

FAUNA E FLORA

- Aspectos Florísticos e Faunísticos do Concelho de Marvão — Jorge Madeira Mendes, nº 2, p. 97.

Inventário de algumas espécies de flora e fauna existentes no concelho de Marvão. O artigo apresenta gráficos e bibliografia sobre o tema.

- Clima e Vegetação na Serra de S. Mamede nos Séculos XVI e XVII — Luis Bacharel, nº 2, p. 198.

Confronto de textos do século XVI e XVII, de Frei Amador Arrais e do Padre Diogo Pereira Sotto Maior, com os actuais conhecimentos científicos. O artigo apresenta bibliografia.

FILATELIA

- Marvão e a Filatelia — José Garraio Afonso, nº 2, p. 181.

Os vários acontecimentos históricos representados em selos e a sua relação com Marvão.

- Marvão e a Filatelia — José Garraio Afonso, nº 4, p. 67.

Abordagem das modalidades de filatelia mais praticadas por coleccionadores.

HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL

- Amaia de Ibn Maruán: Marvão — Adel Sidarus, nº 1, p. 13.

Breve historial para a identificação do topónimo Marvão. Referência ao epónimo Ibn Maruán, às várias Amaias e à sua diferenciação onomástica e a toponímia vária dando conta da existência de muitas localidades com o nome de Marvão, de Norte a Sul de Portugal. O artigo apresenta vasta bibliografia sobre estudos árabes.

- *Apointamentos para a História do Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão* — Carmen Balesteros, nº 1, p. 27.

Explicação lendária para a localização do Convento fora das muralhas da vila de Marvão, ligação da Ordem dos Franciscanos ao Convento e actual ocupação por um lar de terceira idade da Misericórdia de Marvão, além de referências ao culto e iconografia da Senhora da Estrela de Marvão. O artigo apresenta bibliografia.

- *Uma Singela Demanda entre os Juizes de Fora de Marvão e Castelo de Vide* — Manuel Inácio Pestana, nº 1, p. 83.

Artigo onde se dá conta de uma questão levantada entre Marvão e Castelo de Vide, em Junho de 1787, a propósito da substituição dos corregedores de comarca pelos juizes de fora.

- *El Origen del Toponimo "Marvão"* — José Bueno Rocha, nº 2, p. 91.

Achegas para o conhecimento da origem do topónimo "Marvão".

- *A Ponte Quinhentista da Portagem - Marvão* — Jorge de Oliveira, nº 2, p. 121.

Comentário às várias opiniões de diferentes autores sobre esta ponte. O artigo apresenta bibliografia.

- *Registos Mineiros na Região de Portalegre no Período Fontista* — Manuel Inácio Pestana, nº 2, p. 208.

Apresentação de alguns registos mineiros encontrados em dois tomos do Senado Portalegrense correspondente ao período da Regeneração Fontista.

- *Plaza Española con Piso Portugués* — Elías Diéguez Luengo, nº 2, p. 221.

Informação sobre a existência de uma praça na localidade de Valência de Alcântara cujo piso foi levado de Portugal segundo um acordo de 1873.

- *Código das Disposições Municipais do Concelho de Marvão* — Jorge de Oliveira, nº 3, p. 15.

Documento importante para o conhecimento do concelho de Marvão na segunda metade do século XIX, nele se encontram as leis que regulamentam as actividades dos cidadãos.

- *O Actual Concelho de Marvão e suas Freguesias nas Memórias Paroquiais de 1758* — J. L. Machado e Sérgio Gorjão, nº 3, p. 51.

Documento precioso que permite conhecer o estado do concelho em 1758, após o terramoto de 1755.

- *O Castelo de Montalvão* — José D. Murta, nº 3, p. 153.

Aspectos do castelo de Montalvão e e proposta de classificação como monumento. O artigo apresenta plantas e fotografias.

- *Rol e Avaliação das Peças com que se mandou fazer um afogador para a Imagem de N.ª Sr.ª da Estrela no Ano de 1956* — Sérgio Gorjão, nº 4, p. 13.

Subsídio para a história do convento de N.º. Sr.ª. da Estrela.

- *El-Rei D. Carlos numa Caçada em Marvão — Afonso Henriques Antunes, n.º 4, p. 33.*

A presença do Rei D. Carlos numa caçada em Marvão em Março de 1907.

- *D. Jorge de Melo em Portalegre — O Bispo, a História e a Arte - Manuel Inácio Pestana, n.º 4, p. 95.*

Esboço biográfico de D. Jorge de Melo, Bispo de Portalegre. Este artigo corresponde à última lição do Dr. Manuel Inácio Pestana, em 26 de Junho de 1993 no Instituto Politécnico de Portalegre onde foi professor. É apresentada bibliografia.

- *A Sinagoga de Valência de Alcântara — Cáceres (Elementos para o seu estudo) — Carmen Balesteros e Jorge de Oliveira, n.º 4, p. 115.*

A relação entre as várias comunidades judaicas de Valência de Alcântara, Castelo de Vide e Tomar. Identificação da sinagoga de Valência de Alcântara.

- *Breve Caracterização da Freguesia da Beirã — 1994 - Maria do Céu Nunes de Almeida Frutuoso, n.º 5, p. 41.*

A freguesia da Beirã caracterizada através de levantamento socio-económico.

- *Um Apointamento Documental para o Estudo Artístico do Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão — Sérgio Gorjão, n.º 5, p. 47.*

Apresentação de documento contributivo para a história do Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão.

- *Por Entre a Ammaia Desconhecida. — Maria Adelaide Pires Martins, n.º 5, p. 51.*

À descoberta de uma região pela história, pela terra, pelos textos. A Ammaia e o seu prestígio no passado. O artigo apresenta bibliografia.

- *O Pensamento e Acção Pastoral do Bispo de Elvas, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho — Francisco António Lourenço Vaz, n.º 5, p. 89.*

Neste artigo pretende o autor dar a conhecer a obra e a acção do Bispo de Elvas, uma das personalidades que permite acompanhar a transição do pensamento económico e político, próprio do absolutismo esclarecido, para uma ideologia liberal.

- *Muros Religiosos de Castelo de Vide — Carmen Balesteros e Jorge de Oliveira, n.º 5, p. 97.*

As zonas de exclusão reservadas às minorias religiosas muçulmana e judaica. O artigo apresenta notas de carácter bibliográfico.

- *A Porta da Vila — José D. Murta, n.º 5, p. 127.*

A porta da vila de Nisa e a sua importância no contexto social do espaço urbano. O artigo apresenta extensa bibliografia.

LIVROS — APRESENTAÇÃO E CRÍTICA

- *Sobre Os Versos que Eu Fiz de J. Silva Máximo — Carlos Marques, n.º 1, p. 137.*

Algumas considerações a propósito da poesia de José da Silva Máximo editada no livro Os Versos que Eu Fiz.

- A propósito de *O Livro de Horas dos Olhos d'Água* de Delmira Maçãs — Jorge de Oliveira, nº 1, p. 142.

Breve apontamento sobre este livro de Delmira Maçãs a recomendar a sua leitura aos estudiosos do concelho de Marvão.

- Sobre o Levantamento Arqueológico da Barragem da Apertadura de Jorge de Oliveira e Carmen Balesteros — José Olívio Caeiro, nº 1, p. 144.

Notas de leitura sobre o Levantamento Arqueológico feito pelos autores antes da conclusão da Barragem da Apertadura.

MEMÓRIAS

- Fotografias de Marvão, nº 1, p. 127.
- Visitas Presidenciais a Marvão — Carmona, Tomaz, Soares, nº 2, p. 293.
- Panfletos, nº 2, p. 305.
- Panfletos de Festas Populares — Recolha de Manuela Andrade, nº 3, p. 201.
- Panfletos de Festas Populares — Recolha de Manuela Andrade, nº 4, p. 211.
- Fotos Antigas de Marvão — Recolha de Jorge de Oliveira, nº 5, p. 237.

PERSONALIDADES

- Depois do Exílio uma Réstea de Sol in "Apátridas" — João Apolinário - Felicidade Sanches Homem Tavares e Emília Lima Mourato Silva, nº 2, p. 261. A presença de Marvão na poesia de João Apolinário e o conhecimento do homem através de uma entrevista concedida por sua esposa em 1992.

- Em Memória do João Luis, *O João da Areia* — Dionísio Gonçalves, nº 2, p. 286.

Pequenas histórias memoráveis de uma personagem típica de Marvão.

- Branquinho da Fonseca — Ruy Ventura, nº 3, p. 195.

A presença de Branquinho da Fonseca em Marvão. Como nota verifica-se que, por erro de impressão, não foi publicado integralmente o texto "Marvão".

- Considerações sobre o Poeta e Prosador Manuel Nunes Cebolas — Mário Elias, nº 4, p. 197.

Na morte de Manuel Nunes Cebolas, algumas referências à sua colaboração em jornais e revistas feita pelo pintor, caricaturista, jornalista e escritor Mário Elias.

- Teofa da Escusa, Músico — Manuel Ramiro Salgueiro, nº 4, p. 199.

Considerações sobre Teofa da Escusa e as músicas e versos que compôs, além de referências de carácter biográfico.

- Manuel Ramiro Salgueiro — O Homem e a Escrita — Carlos Marques, nº 5, p. 161.

Pequena biografia para a compreensão de um homem que tem dedicado a sua vida à descoberta de si e dos outros, no ensino, na terra, na meditação e na escrita.

- Mestre Tempera - o Homem e a Obra — Carlos Abafa, nº 5, p. 173.

A história da vida de um homem autodidacta, barbeiro de profissão, mas dedicado também à pintura e à escultura.

POESIA E PROSA

- Poesia — Júlio Barbas, nº 1, p. 99.
- Poesia — José da Silva Máximo, nº 1, p. 103.
- Poesia — Clara P. F. Oliveira, nº 1, p. 113.
- Poesias Populares — Recolha de João Nunes Vidal, nº 1, p. 117.
- Os Cães — José Caldeira Martins, nº 1, p. 121.
- Poesias — José da Silva Máximo, nº 2, p. 225.
- Marvão Reencontrado — J. P. Castanho, nº 2, p. 227.
- Poemas — Clara P. Oliveira, nº 2 p. 241.
- Poemas e Outros Escritos — Manuel Cebolas, nº 2, p. 245.
- Ninho de Águias — Jaime da Cruz Soares, nº 2, p. 253.
- As Passarinhas — J. Caldeira Martins, nº 2, p. 255.
- Esboços, Engenheiros & Figurações — A. M. V. Gonçalves, nº 3, p. 169.
- A D. Deolinda — J. P. Castanho, nº 3, p. 189.
- A Janela Entreaberta — Vaz Gonçalves, nº 4, p. 159.
- Histórias do Concelho de Marvão — João Gonçalves da Mata, nº 4, p. 173.
- As Raízes — J. P. Castanho, nº 4, p. 177.
- Poemas de Joaquim do Valado — Recolha de José Garraio Afonso, nº 4, p. 185.
- Canção das Reveladas — José Conde, nº 4, p. 193.
- S. Mamede — Vários, nº 5, p. 197.
- Autistamente — António Manuel Vaz Gonçalves, nº 5, p. 227.

TEMAS DIVERSOS

- O Turismo, a Economia e a Felicidade: Marvão e a Arqueologia do Desejo — Francisco Martins Ramos, nº 2, p. 187.
Reflexões sobre turismo em zonas rurais e a preservação dos locais e costumes. O artigo apresenta bibliografia.
- Turismo Cultural em Centros Históricos Fortificados — Libânio Reis, nº 5, p. 109.
Artigo sobre a necessidade de uma política organizada de turismo em locais de carácter histórico com vista à preservação dos espaços e ao seu desenvolvimento económico e cultural.

ÍNDICE DE AUTORES

- ABAF, Carlos — V, 173.
AFONSO, José Garraio — II, 181; IV, 67, 185.
ANDRADE, Manuela — III, 201; IV, 211.
ANTUNES, Afonso Henriques — IV, 33.
ARIMATEIA, Rui — II, 15; III, 111.
- BACHAREL, Luis — II, 198.
BALESTEROS, Carmen — I, 27; II, 113; III, 123; IV, 115; V, 97.
BARBAS, Júlio — I, 99.
- CAEIRO, José Olívio — I, 144.
CANINAS, João Carlos — IV, 147; V, 113.
CAROLINO, Luis Miguel N. — IV, 83.
CASTANHO, J. P. — II, 227; III, 189; IV, 177.
CEBOLAS, Manuel — II, 245; III, 85.

- CERQUEIRA, Joaquim — IV, 141.
CONDE, José — IV, 193.
- ELIAS, Mário — IV, 197.
- FERNANDES, Isabel Cristina — V, 13.
FRUTUOSO, Maria do Céu N. A. — V, 41.
- GONÇALVES, A. M. V. — III, 169; IV, 159; V, 227.
- GONÇALVES, Dionísio — II, 286.
- GORJÃO, Sérgio — III, 51; IV, 13; V, 47.
- GOULART, Artur — I, 59.
- HENRIQUES, Francisco — IV, 147; V, 113.
- LUENGO, Elías Diégues — II, 221.
- MACHADO, J. L. — III, 51.
- MARQUES, Carlos — I, 137; V, 161.
- MARTINS, José Caldeira — I, 121; II, 255.
- MARTINS, Maria Adelaide Pires — V, 51.
- MATA, João Gonçalves da — IV, 173.
- MÁXIMO, José da Silva — I, 103; II, 225.
- MENA, Emília — II, 131.
- MENDES, A. J. Caria — I, 59.
- MENDES, Jorge Madeira — II, 97.
- MURTA, José D. — III, 153; V, 127.
- OLIVEIRA, Clara P. F. — I, 113; II, 241.
- OLIVEIRA, Jorge de — I, 85, 142; II, 51, 121; III, 15, 123; IV, 15, 115; V, 13, 59, 97, 237.
- PATROCÍNIO, Manuel F. S. do — V, 25.
- PESTANA, Manuel Inácio — I, 83; IV, 95.
- RAMOS, Francisco Martins — II, 187.
- REIS, Libânio — V, 109.
- ROCHA, José Bueno — II, 91.
- SALGUEIRO, Manuel Ramiro — II, 137, 162; III, 89; IV, 199.
- SIDARUS, Adel — I, 13.
- SILVA, Emília Lima Mourato — II, 261.
- SOARES, Jaime da Cruz — II, 253.
- TAVARES, Felicidade Sanches Homem — II, 261.
- VAZ, Francisco António Lourenço — V, 89.
- VENTURA, Ruy — III, 195; IV, 43.
- VIDAL, João Nunes — I, 67, 117.

ACABOU DE SE IMPRIMIR EM JULHO DE 1997

Colibri – Artes Gráficas
Faculdade de Letras
Alameda da Universidade
1699 Lisboa Codex
Telef. / Fax 796 40 38



Edições Colibri

Câmara Municipal de Marvão
Edições Colibri